

Mark Twain

O P R Í N C I P E

— e o —

M E N D I G O



EDIÇÕES BESTBOLSO

O príncipe e o mendigo

Mark Twain (1835-1910), cujo verdadeiro nome era Samuel Langhorne Clemens, exerceu grande influência sobre as gerações posteriores de escritores norte-americanos que buscavam revelar seu país a partir da descrição de suas paisagens e dos costumes de seu povo. É autor de outras obras clássicas, como *As aventuras de Tom Sawyer*, *As aventuras de Huckleberry Finn* e *Joana D'Arc*.

Mark Twain

O P R Í N C I P E

— e o —

M E N D I G O

Tradução de
A.B. PINHEIRO DE LEMOS

Ilustrações de
MAURÍCIO VENEZA

2ª edição

EDIÇÕES

BestBolso
Rio de Janeiro – 2010

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T913p

Twain, Mark, 1835-1910

O príncipe e o mendigo [recurso eletrônico] / Mark Twain ; ilustração Maurício Veneza ;
tradução A. B. Pinheiro e Lemos. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Best Seller, 2016.

recurso digital

Tradução de: The prince and the pauper

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-7799-454-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Veneza, Maurício. II. Lemos, A. B. Pinheiro e. III.

Título.

16-36821

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

O príncipe e o mendigo, de autoria de Mark Twain.

Título número 083 das Edições BestBolso.

Segunda edição impressa em maio de 2010.

Texto revisado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título original norte-americano:

THE PRINCE AND THE PAUPER

Copyright da tradução © by Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A. Direitos de reprodução da
tradução cedidos para Edições BestBolso, um selo da Editora Best Seller Ltda. Distribuidora Record de
Serviços de Imprensa S. A. e Editora Best Seller Ltda são empresas do Grupo Editorial Record.

www.edicoesbestbolso.com.br

Design de capa: Rafael Nobre com foto de Per-Anders Pettersson intitulada

“A Cambodian child works on a garbage dump in Phnom Penh, Cambodia” (Getty Images).

Todos os direitos desta edição reservados a Edições BestBolso um selo da Editora Best Seller Ltda. Rua
Argentina 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-7799-454-0

Para
duas meninas comportadas e encantadoras,
Susie e Clara Clemens.

Este livro foi escrito com todo o
carinho pelo pai delas.

A natureza da misericórdia... é duas vezes abençoada;
Enaltece quem dá e quem recebe;
É mais poderosa junto aos poderosos;
E ao monarca no trono adorna mais que a coroa.

O Mercador de Veneza

Vou descrever uma história que me foi contada por alguém que a ouviu de seu pai, o qual ouviu de seu pai, que por sua vez tinha ouvido de seu pai – e assim por diante, retrocedendo até trezentos anos ou mais, os pais contando para os filhos e desse modo preservando-a. Talvez seja uma história real, talvez seja apenas uma lenda, uma tradição. Talvez tenha acontecido, talvez não tenha acontecido; mas poderia ter acontecido. Talvez os sábios e doutos nela tenham acreditado nos tempos antigos; talvez apenas os simples e incultos a tenham amado e lhe dado crédito.

HUGH LATIMER, bispo de Worcester, ao
LORDE CROMWELL, no nascimento do PRÍNCIPE DE GALES
(mais tarde EDWARD VI)

DOS MANUSCRITOS NACIONAIS PRESERVADOS PELO GOVERNO
BRITÂNICO

Mui honrado, *Salutem in Christo Jesu*, e Senhor, aqui estamos nos reunindo e regozijando nas festas pelo nascimento de nosso príncipe, a quem esperamos por tanto tempo, e que nasceu *inter vicinos*, no nascimento de S. J. Batista, como o portador desta, Master Erance, poderá contar. Deus nos concedeu toda a graça e devemos dar graças a Deus Nosso Senhor, Deus da Inglaterra, pois Ele tem de verdade se mostrado Deus da Inglaterra, ou, antes, um Deus inglês, se pensarmos e considerarmos tudo o que tem feito por nós de tempos a tempos. Ele tem nos ajudado em todos os nossos males em Sua Infinita bondade, por isso estamos agora mais do que compelidos a servi-Lo, promover Sua glória, difundir Sua palavra, se o Demônio de todos os Demônios não estiver entre nós. Temos agora o fim dos desejos há tanto acalentados e o raiar das esperanças; vamos todos rezar para que assim seja preservado. E eu, por minha parte, hei de sempre desejar que Sua Graça sempre tenha, desde agora, do princípio, Governares, Instructores e oficiais de julgamento certo, *ne optimum ingenium non optima educatione depravetur*.

Mas que grande tolo eu sou! Muitas vezes a devoção está justamente na discricção! E que o Deus da Inglaterra esteja sempre a seu lado, em todos os seus atos.

Em 19 de outubro.

Sempre seu, H. L. B. de Worcester, agora em Hartlebury.

(Endereçada) Ao Honorável lorde P. Sealle

Sumário

1. O nascimento do príncipe e do mendigo
2. A infância de Tom
3. O encontro de Tom com o príncipe
4. Começam as aflições do príncipe
5. Tom como um fidalgo
6. Tom recebe instruções
7. A primeira refeição real de Tom
8. O problema do sinete
9. O cortejo pelo rio
10. O príncipe sofre
11. Em Guildhall
12. O príncipe e seu salvador
13. O desaparecimento do príncipe
14. “Le roi est mort – vive le roi”
15. Tom como rei
16. A refeição em público
17. Foo-foo primeiro e único
18. O príncipe com os vagabundos
19. O príncipe com as camponesas
20. O príncipe e o eremita
21. Hendon vem em socorro

22. Vítima de traição
23. O príncipe prisioneiro
24. A fuga
25. Hendon Hall
26. Renegado
27. Na prisão
28. O sacrifício
29. Para Londres
30. O progresso de Tom
31. A procissão de reconhecimento
32. O dia da coroação
33. Edward como rei

Conclusão

Posfácio

O nascimento do príncipe e do mendigo

Na antiga cidade de Londres, num certo dia de outono no segundo quarto do século XVI, nasceu um menino numa família pobre, de nome Canty, que não o desejava. No mesmo dia, nasceu outro menino inglês, numa família rica, chamada Tudor, que o desejava. Toda a Inglaterra também o desejava. E a Inglaterra o desejava havia tanto tempo, com tanta ânsia e esperança, rezando fervorosamente por sua chegada, que o povo ficou quase louco de alegria quando finalmente ele nasceu. Simples conhecidos se abraçavam e beijavam, choravam emocionados. Todos tiveram um feriado. Poderosos e humildes, ricos e pobres, todos festejaram, dançaram e cantaram, se confraternizando. E assim continuaram, por dias e noites. Durante o dia, Londres era um espetáculo extraordinário, pendões de cores vivas em todas as sacadas e telhados, desfiles incessantes pelas ruas. De noite, havia outro espetáculo digno de se ver, com fogueiras acesas em cada esquina e foliões dançando ao redor. Não se falava em outro assunto na Inglaterra senão do recém-nascido, Edward Tudor, Príncipe de Gales, aconchegado em sedas e cetins, alheio a tanto alvoroço, sem saber dos grandes lordes e damas que o velavam e guardavam – e sem tampouco se importar. Mas ninguém falou do outro bebê, Tom Canty, em meio a seus trapos miseráveis, exceto a família paupérrima a que viera incomodar e afligir com sua presença.

A infância de Tom

Vamos pular alguns anos.

Londres tinha 1.500 anos de idade e era uma grande cidade... para a época. Tinha cem mil habitantes, alguns achando que já chegava ao dobro disso. As ruas eram estreitas e tortuosas, imundas, especialmente na parte da cidade em que vivia Tom Canty, não muito longe da London Bridge. As casas eram de madeira, o segundo andar projetando-se à frente do primeiro e o terceiro projetando-se além do segundo. Quanto mais altas eram as casas, mais largas se tornavam. Eram esqueletos de vigas cruzadas, com sólido material entre elas, revestidos de argamassa. As vigas eram pintadas de vermelho, azul ou preto, de acordo com o gosto do dono da casa, o que lhes dava um aspecto pitoresco. As janelas eram pequenas, com pequenas vidraças de vidro fosco em forma de losangos, abrindo-se para fora sobre as dobradiças, como portas.

A casa em que o pai de Tom vivia ficava no alto de um beco fétido, que tinha o nome de Offal Court e iniciava na Pudding Lane. Era uma casa pequena, que começava a apodrecer, não muito firme, mas que abrigava muitas famílias miseráveis. A tribo dos Canty ocupava um quarto no terceiro andar. A mãe e o pai tinham um arremedo de cama a um canto; mas Tom, a avó e as duas irmãs, Nan e Bet, não estavam assim confinados, pois tinham o chão inteiro a seu dispor e podiam dormir onde bem lhes aprouvesse. Havia os remanescentes de uns poucos cobertores e alguns feixes de palha velha e imunda. Mas, a rigor, não podiam ser chamados de camas, pois eram chutados numa pilha geral pela manhã, e à noite cada um escolhia o que melhor lhe parecesse.

Bet e Nan eram gêmeas e tinham 15 anos. Eram moças de bom coração, embora sujas, cobertas por farrapos e profundamente ignorantes. A mãe também

era assim. Mas o pai e a avó eram dois viciados. Embriagavam-se sempre que podiam e depois brigavam entre si ou com quem se interpusesse em seu caminho. Estavam sempre praguejando, quer estivessem embriagados ou sóbrios. John Canty era um ladrão e sua mãe, uma mendiga. Fizeram com que as crianças se tornassem mendigas, mas não conseguiram transformá-las em ladras. Entre a ralé infame que habitava a casa, embora dela não fizesse parte, havia um padre idoso e bom, a quem o rei demitira de suas funções, com uma pensão de alguns vinténs. Era esse padre que costumava reunir as crianças e secretamente ensinar-lhes as boas maneiras. O padre Andrew também ensinou a Tom um pouco de latim e a ler e escrever. Teria feito o mesmo com as meninas, mas elas tinham medo das zombarias das amigas, que não lhes teriam perdoado algo tão esquisito.

Toda a Offal Court era, no conjunto, uma colmeia igual à casa em que viviam os Canty. As bebedeiras, os distúrbios e as brigas eram a constante de quase todas as noites, geralmente se prolongando pela madrugada adentro. Naquele lugar miserável, as cabeças quebradas eram quase tão comuns quanto a fome. O pequeno Tom, contudo, não se sentia infeliz. Levava uma existência árdua e miserável, mas não sabia disso. Afinal, todos os meninos de Offal Court viviam do mesmo modo. Assim sendo, Tom achava que era essa a maneira certa e confortável de se viver. Sabia que quando chegasse em casa de noite de mãos vazias o pai iria amaldiçoá-lo e espancá-lo. E depois a terrível avó faria o mesmo, acrescentando alguns requintes. Tom sabia também que, mais tarde, na calada da noite, a mãe faminta lhe entregaria furtivamente o pouco de comida que conseguira salvar pelo simples fato de ela própria se privar de alimento. E a mãe o fazia apesar de ser frequentemente surpreendida pelo marido nesse ato de traição e severamente espancada por isso.

Mas tudo isso não impedia que Tom achasse que sua vida ia muito bem, especialmente no verão. Mendigava apenas o suficiente para salvar-se das surras e sempre com maior cautela, pois as leis contra a mendicância eram rigorosas e as punições, severas. Assim, Tom dedicava boa parte de seu tempo a ouvir

extasiado as histórias e lendas maravilhosas que o bom padre Andrew contava, sobre gigantes e fadas, anões e gênios, castelos encantados, reis e príncipes deslumbrantes. Sentia-se inebriado com esse mundo maravilhoso, que dominava seus pensamentos. Muitas noites, estendido sobre a palha escassa e imunda, na escuridão do quarto, exausto, faminto, o corpo dolorido de uma surra, Tom soltava a imaginação e prontamente esquecia as dores e os sofrimentos, imaginando-se na vida encantada de um príncipe mimado, num palácio real. Não demorou muito para que um desejo o dominasse, a perseguiu-lo dia e noite: o de ver um príncipe de verdade, com seus próprios olhos. Certa ocasião, falou a respeito com alguns companheiros de Offal Court. Mas zombaram e escarneceram dele tão impiedosamente que a partir desse dia Tom achou melhor guardar o sonho exclusivamente para si.

Tom sempre lia os livros antigos do velho padre e depois pedia-lhe que explicasse o que acabara de ler. Os sonhos e as leituras foram pouco a pouco produzindo algumas mudanças em Tom. As pessoas com que sonhava eram tão refinadas que Tom começou a lamentar suas roupas maltrapilhas e sujas; passou a desejar estar sempre limpo e mais bem-vestido. Continuou a gostar de brincar na lama como sempre fizera antes. Mas agora, em vez de entrar no Tâmisia simplesmente para se divertir, começou a encontrar nisso uma vantagem a mais: a limpeza que proporcionava.

Tom sempre descobria algo novo que estivesse acontecendo à volta do *Maypole* (poste alto, decorado com flores e fitas, em torno do qual se dançava nas festas de maio), em Cheapside, e nas feiras. E chegou um tempo em que ele e o restante de Londres volta e meia tinham uma oportunidade de assistir a um desfile militar, quando algum infeliz famoso era conduzido como prisioneiro à Torre, por terra ou de barco. Num dia de verão, Tom viu a pobre Anne Askew e três homens serem queimados na fogueira, em Smithfield. Ouviu também um ex-bispo pregar-lhes um sermão, mas essa parte não o interessou muito. No conjunto, a vida de Tom era de fato variada e agradável.

E cada vez mais as leituras e os sonhos sobre uma vida principesca iam

causando um efeito sempre mais forte sobre Tom, que começou a se comportar como príncipe, inconscientemente. Sua fala e seus modos tornaram-se curiosamente cerimoniosos e corteses, para admiração e divertimento dos companheiros. Mas a influência de Tom sobre eles também começou a crescer e veio um momento em que passaram a encará-lo com respeito, como se fosse um ser superior. Tom parecia saber tanta coisa! E podia fazer e dizer coisas tão maravilhosas! E, ainda por cima, era tão profundo e sábio! Os meninos relatavam a seus pais os comentários e atitudes de Tom. Não demorou muito para que os adultos comesçassem a levá-lo a sério e a considerá-lo como uma criatura extraordinária e bem-dotada. Os adultos levavam suas perplexidades a Tom, à procura de uma solução, ficando muitas vezes atônitos com a sabedoria e perspicácia das decisões do menino. Tom tornou-se um verdadeiro herói para todos que o conheciam, exceto para a própria família, que continuava a não ver nele nada de excepcional.

Algum tempo depois, Tom organizou uma corte real em Offal Court. Ele era o príncipe, seus companheiros, os guardas, camareiros, escudeiros, lordes, damas de honra, a família real. Todos os dias, o príncipe de faz de conta era recebido com honras reais, que Tom imitava de suas leituras. Todos os dias, os grandes problemas do reino de fantasia eram discutidos no conselho real. Todos os dias, Sua Alteza de fantasia emitia ordens reais para seus imaginários exércitos, esquadras e vice-reinados.

Depois da brincadeira, Tom saía pelas ruas a esmolar algumas moedas, comia seu pão duro, levava as pancadas costumeiras e finalmente se estendia sobre o punhado de palha fétida, para retomar os sonhos de grandeza.

E o desejo de olhar um príncipe de verdade, em carne e osso, nem que fosse uma única vez, continuava a aumentar, dia após dia, semana após semana, até que finalmente sobrepôs-se a todos os demais desejos e tornou-se a única razão de sua vida.

Num dia de janeiro, em sua excursão costumeira à procura de esmolas, Tom pôs-se a percorrer, meio desanimado, a área entre a Mincing Lane e a Little East

Cheap, de um lado para outro, hora após hora, descalço e com frio, contemplando as vitrines dos restaurantes e sonhando com as costeletas de porco e outras terríveis invenções que ali estavam expostas. Para ele, eram iguarias feitas para os anjos. Isto é, a julgar pelo aroma, pois jamais tivera a ventura de comer uma que fosse. Caía uma chuva miúda, a atmosfera era úmida, o dia, triste. De noite, ao chegar em casa, Tom estava tão molhado, exausto e faminto que até mesmo o pai e a avó, ao verem-no em estado tão lastimável, não puderam deixar de se comover... à maneira deles, é claro. Assim, deram-lhe apenas uns tabefes rápidos e o mandaram deitar. Durante algum tempo, a dor e a fome, as pragas e brigas na casa mantiveram Tom acordado. Mas, finalmente, os pensamentos vagaram para muito longe, para terras românticas. Tom adormeceu na companhia de príncipes cobertos de joias, que viviam em imensos palácios e sempre tinham criados a fazer-lhes salamaleques e voando para executarem suas ordens. E depois, como sempre acontecia, Tom sonhou que *ele* próprio era um príncipe.

Durante a noite inteira, Tom viveu entre as glórias de seu palácio real, em meio a grandes lordes e damas, luzes feéricas e perfumes inebriantes, absorvendo uma música prazerosa. E toda aquela multidão reluzente fazia reverências e se afastava para dar-lhe passagem, enquanto ele avançava lentamente, sorrindo para um e outro, de vez em quando inclinando a cabeça levemente, num cumprimento real.

Ao acordar pela manhã e olhar para a miséria que o cercava, o sonho teve novamente o mesmo efeito sobre Tom: acentuar e multiplicar por mil a sordidez em que vivia. E depois vieram a amargura, o desespero e as lágrimas.



O encontro de Tom com o príncipe

Tom levantou-se com fome e saiu a vaguar pela cidade, mas com os pensamentos concentrados nas maravilhas fugidias dos sonhos noturnos. Caminhou a esmo pela cidade, mal notando para onde estava indo ou o que acontecia ao seu redor. As pessoas esbarravam nele e o repreendiam asperamente, mas tudo se perdia antes de alcançar a mente do menino imerso em seus sonhos. Não demorou muito para que Tom se encontrasse na altura de Temple Bar, o mais afastado que já estivera de casa, naquela direção. Parou por um momento a fim de pensar no que iria fazer, mas logo voltou a mergulhar em sua imaginação e saiu para o exterior das muralhas de Londres. Naquele tempo, a Strand já deixara de ser uma estrada rural e se tornara simplesmente uma rua, com uma fileira relativamente compacta de casas de um lado. No outro lado, havia apenas algumas construções esparsas, imensos palácios de nobres, com jardins que se estendiam até o rio, outrora serenos e deslumbrantes e que depois foram substituídos por acres e mais acres de tijolos e pedras de incontáveis prédios.

Logo Tom chegou a Charing Village, e ali descansou ao pé de uma linda cruz, construída por um rei dos tempos antigos. Depois, perambulou por uma estrada espetacular, passando pelo imponente palácio do cardeal e seguindo para um palácio ainda maior e mais imponente: Westminster. Tom ficou olhando abismado para a imensa construção, com suas alas compridas, bastiões e torres, colossais leões de granito e outros símbolos da realeza inglesa. Será que o desejo de sua alma iria ser finalmente satisfeito? Aquele lugar só poderia ser o palácio de um rei. Não poderia agora acalentar a esperança de avistar um príncipe, um príncipe de carne e osso, se os céus assim o desejassem?

Nos dois lados do portão dourado havia uma estátua viva. Isto é, um soldado ereto, imponente e imóvel, metido da cabeça aos pés numa armadura de aço reluzente. A uma distância respeitosa, havia muita gente da cidade e do campo, à espera de uma oportunidade de qualquer vislumbre da realeza, por menor que fosse. Esplêndidas carruagens, levando pessoas esplêndidas e guiadas por cocheiros esplêndidos, a todo instante entravam e saíam por outros portões do palácio real.

O pobre Tom, em seus farrapos, aproximou-se do palácio. Estava passando lenta e timidamente diante das sentinelas, o coração batendo depressa, a esperança a estufar-lhe o peito, quando avistou, por entre as barras douradas, um espetáculo que quase o fez gritar de alegria. Lá dentro havia um menino vigoroso, o rosto bronzeado de exercícios e esportes ao ar livre, vestido de seda e cetim, cheio de joias, uma pequena adaga na cintura, botas nos pés, com saltos vermelhos, um boné vermelho na cabeça, com plumas caindo para o lado, presas por uma pedra faiscante. Diversos cavalheiros imponentes estavam por perto. Eram, certamente, os criados dele. Ah, não restava a menor dúvida de que ali estava um príncipe, um príncipe de verdade, em carne e osso! A prece que o menino pobre fizera no fundo de seu coração era finalmente atendida.

A respiração de Tom tornou-se rápida e ofegante, tamanha era sua emoção. Em sua mente, tudo mais desapareceu, restando apenas um desejo: chegar mais perto do príncipe e dar uma boa olhada. Antes de sequer perceber o que estava fazendo, Tom encostara o rosto entre as barras do portão. No instante seguinte, um dos soldados agarrou-o rudemente e afastou-o com um empurrão, fazendo-o cambalear entre a multidão de curiosos e ociosos de Londres.

– Veja como se comporta, seu mendigo de uma figa! – gritou o soldado.

A multidão riu e zombou. Nesse momento, o jovem príncipe aproximou-se do portão, o rosto vermelho e os olhos faiscando de indignação. E gritou para o soldado:

– Mas como se atreve a tratar desse jeito um pobre rapaz? Como se atreve a tratar assim um súdito de meu pai, por mais humilde que seja? Abra os portões e

deixe-o entrar!

A multidão volúvel prontamente mudou de atitude. Todos tiraram os chapéus, em sinal de respeito. E era preciso vê-los a gritarem:

– Vida longa para o Príncipe de Gales!

Os soldados assumiram posição de sentido com suas alabardas e abriram os portões. Tornaram a apresentar armas quando o pequeno Príncipe da Miséria entrou, em seus andrajos, para se reunir ao príncipe da abundância ilimitada.

Edward Tudor disse:

– Você parece cansado e com fome. Venha comigo.

Meia dúzia de cortesãos se adiantaram para... Não sei direito para quê; certamente para interferir. Mas foram contidos por um aceno real e estancaram abruptamente, ficando imóveis, como se fossem estátuas. Edward levou Tom para seus luxuosos aposentos no palácio. Por ordem dele, foi trazida uma refeição como Tom nunca antes vira, só tomando conhecimento de que existiam pelos livros. O príncipe, com uma delicadeza e consideração reais, dispensou os criados, a fim de que seu humilde hóspede não se sentisse constrangido pela presença crítica deles. Depois, sentou-se ao lado e começou a fazer perguntas enquanto Tom comia.

– Qual é o seu nome, menino?

– Tom Canty, ao seu dispor, senhor.

– É um nome estranho. Onde é que você mora?

– Na cidade, senhor. Em Offal Court, na Pudding Lane.

– Offal Court? Mas este nome também é muito esquisito! Tem pais?

– Tenho, sim, senhor. E também tenho uma avó que me é indiferente... que Deus me perdoe se disse alguma ofensa!... e duas irmãs, gêmeas: Nan e Bet.

– Pelo que disse, suponho que sua avó não é muito boa para você.

– Ela não é boa para ninguém, Alteza. Tem um coração perverso e jamais deixa de fazer o mal, por um dia que seja.

– Quer dizer que ela o maltrata?

– Há ocasiões em que a mão de minha avó fica longe de mim... quando ela

está dormindo ou caindo de bêbada. Mas assim que ela se recupera, trata de compensar o tempo perdido dando-me uma surra dobrada.

Uma expressão furiosa se estampou nos olhos do pequeno príncipe.

– O quê? Ela bate em você?

– Bate, sim, senhor.

– E você é tão pequeno e frágil! Mas antes do cair da noite ela estará encarcerada na Torre. O rei meu pai...

– Está esquecendo, senhor, a baixa origem dela. A Torre é somente para os grandes.

– Tem razão. Não tinha pensado nisso. Vou pensar num castigo mais apropriado para ela. E seu pai é bom para você?

– Não mais que vovó Canty, senhor.

– Acho que os pais são todos iguais. O meu também não tem um temperamento dos mais delicados. Tem a mão bastante pesada, mas sempre acaba me poupando. Mas devo dizer que não me poupa com a língua. E como é sua mãe?

– Ela é muito boa, senhor. Não me bate nem briga comigo. Nisso, Nan e Bet são iguais.

– E qual é a idade de suas irmãs?

– Quinze anos, senhor.

– Lady Elizabeth, minha irmã, tem 14 anos. E lady Jane Grey, minha prima, é da minha idade, muito bonita e graciosa. Mas minha irmã lady Mary está sempre de cara amarrada... Ei, suas irmãs também proibem que as criadas sorriam para que o pecado não destrua as almas delas?

– Minhas irmãs? Oh, senhor, por acaso está pensando que *elas* têm criadas?

O pequeno príncipe ficou em silêncio por um momento, contemplando pensativo o pequeno mendigo.

– E por que não? Quem as ajuda a se despirem de noite? E quem as ajuda a se vestirem pela manhã?

– Ninguém, senhor. Queria que tirassem as roupas e dormissem sem nada,

como os animais?

– Mas quer dizer que elas só têm uma roupa cada?

– E para que iriam precisar de mais, Alteza? Afinal, elas não têm dois corpos para vestirem!

– Mas que ideia exótica e maravilhosa! Desculpe por ter rido. Não fiz por mal. Mas, por Deus, prometo que Nan e Bet vão ter muitas roupas e lacaíes em quantidade. Os meus cofres cuidarão disso. Não, não precisa me agradecer. Você fala bem, com fluência e graça. Onde foi que aprendeu?

– Foi o bom padre Andrew quem me ensinou, senhor, pela bondade de seu coração, mostrando-me os livros que possuí.

– E você sabe latim?

– Muito pouco, senhor.

– Pois então trate de aprender, rapaz. Só é difícil a princípio. O grego é mais difícil. Mas acho que nem o grego nem outras línguas são difíceis para lady Elizabeth e minha prima. Devia ouvir as duas falando! Mas fale-me mais a respeito de Offal Court. A vida lá é agradável?

– Na verdade, senhor, é bastante agradável, a não ser quando se está com fome. Tem sempre os espetáculos de Punch-and-Judy¹ e macacos. Que animais grotescos, senhor! São vestidos e brigam até um deles cair morto! E tudo isso custa apenas 1 *farthing*.² O único problema é a gente conseguir arrumar a moeda para entrar.

– Conte mais alguma coisa.

– Nós, meninos de Offal Court, brigamos com porretes, à maneira dos escudeiros.

Os olhos do príncipe voltaram a faiscar.

– Eis algo que não me agrada. Conte mais.

– A gente também corre, senhor, para ver quem é o mais rápido.

– Isso eu gostaria de fazer. Continue.

– No verão, senhor, nadamos nos canais e no rio. Cada um joga água no

outro, a gente mergulha, grita, ri...

– Ah, mas eu seria capaz de dar o reino de meu pai para apreciar isso uma vez que fosse! Por favor, continue.

– Dançamos e cantamos em torno do *Maypole*, em Cheapside. Brincamos na areia, cada um cobrindo inteiramente o outro. E às vezes fazemos bolas de lama... ah, que coisa maravilhosa é a lama! Não existe nada mais delicioso no mundo!... E chafurdamos na lama, senhor, se me perdoa dizer assim.

– Oh, por favor, não diga mais nada! É simplesmente glorioso! Se eu pudesse me vestir numa roupa como a sua, ficar descalço e brincar na lama uma vez... uma só vez, não mais do que isso!... sem ninguém para me proibir ou censurar, seria capaz até de renunciar à coroa.

– E se eu pudesse me vestir com roupas iguais às suas, senhor, apenas uma vez, uma única vez...

– Gostaria mesmo? Então está resolvido! Tire esses farrapos, rapaz, e vista as minhas roupas. Vamos trocar. Será um momento breve de felicidade, mas nem por isso será menos intenso. Vamos nos divertir um pouco e depois voltar a trocar de roupa, antes que apareça alguém para incomodar...

Alguns minutos depois, o pequeno Príncipe de Gales estava vestido com os andrajos de Tom, enquanto o Príncipe da Miséria se empertigava nos trajes reais. Ambos contemplam-se, lado a lado, num espelho grande. E, oh, milagre!, parecia não ter ocorrido qualquer mudança! Os dois se entreolharam, voltaram a mirar o espelho, contemplaram-se novamente. O príncipe, aturdido, finalmente disse:

– O que está pensando?

– Oh, Alteza, não me obrigue a responder! Alguém da minha condição não pode falar uma coisa dessas!

– Pois então falo eu! Você tem os mesmos cabelos, os mesmos olhos, a mesma voz e jeito, o mesmo corpo e estatura, o mesmo rosto e semblante que eu. Aposto que se estivéssemos nus ninguém poderia dizer quem é você e quem é o Príncipe de Gales. E agora que estou vestido como você estava antes, quase que sinto o que deve ter sentido quando aquele soldado brutal... Ei, sua mão não está

machucada?

– Está sim, senhor. Mas não é nada. O pobre soldado...

– Já chega! Foi uma atitude cruel e vergonhosa! – gritou o pequeno príncipe, batendo com os pés. – Se o rei... Não saia daqui até eu voltar! É uma ordem!

Rapidamente, o príncipe pegou e escondeu um objeto de importância nacional, que estava em cima de uma mesa. Depois saiu pela porta e atravessou o palácio correndo, os andrajos a esvoaçarem, o rosto vermelho, os olhos faiscando. Assim que chegou ao portão, segurou as barras e tentou sacudi-las, gritando:

– Abram o portão!

O soldado que maltratara Tom obedeceu imediatamente. Quando o príncipe saiu, meio sem fôlego da raiva real, o soldado acertou-lhe um sonoro tapa no ouvido, fazendo-o cambalear pela estrada.

– Tome isso, seu mendigo miserável, pelo que me fez passar com Sua Alteza!

A multidão desatou a rir. O príncipe levantou-se rapidamente e fitou o soldado com uma expressão furiosa, gritando:

– Sou o Príncipe de Gales! Minha pessoa é sagrada! E vou mandar enforcá-lo por ter encostado a mão em mim!

O soldado colocou a alabarda em posição de apresentar armas e disse zombeteiramente:

– Eu o saúdo, Alteza!

E no mesmo instante acrescentou, a voz impregnada de raiva:

– Suma daqui, seu pirralho maluco!

E nesse momento a multidão zombeteira cercou o pobre príncipe e empurrou-o bem para longe na estrada, vaiando-o e gritando:

– Abram caminho para Sua Alteza Real! Abram caminho para o Príncipe de Gales!



Começam as aflições do príncipe

Depois de horas de tormento e perseguição persistentes, o pequeno príncipe foi finalmente abandonado pela ralé. Enquanto ele se enfurecera com a multidão e a ameaçara realmente, gritando ordens reais que eram motivos para boas gargalhadas, fora um bom divertimento. Mas a partir do momento em que o cansaço finalmente o dominara e o forçara a ficar em silêncio, deixara de ter qualquer utilidade para seus algozes, que foram procurar diversão em outra parte. Só então o príncipe pôde olhar ao redor, mas não conseguiu reconhecer o local em que se encontrava. Sabia que estava dentro da cidade de Londres, e mais nada. Começou a andar a esmo e não demorou muito para que as casas começassem a escassear e os transeuntes fossem se tornando cada vez menos frequentes. Molhou os pés sangrando no córrego que fluía no lugar em que hoje está a Farringdon Street. Descansou por um momento e depois retomou a caminhada, chegando a um grande espaço aberto com umas poucas casas dispersas e uma igreja prodigiosa. Reconheceu a igreja. Havia andaimes por toda parte e enxames de trabalhadores, pois o prédio estava sendo inteiramente reformado. O príncipe prontamente se reanimou, certo de que seus problemas estavam chegando ao fim. E disse para si mesmo:

– É a antiga Igreja dos Franciscanos, que meu pai tomou dos monges e transformou num lar permanente para as crianças pobres e abandonadas, rebatizando-a de Igreja de Cristo. Tenho certeza de que irão atender com a maior alegria ao filho daquele que tão generosamente os tratou. E ainda mais porque o filho do rei se apresenta como pobre em estado tão lastimável quanto todas as crianças que aqui estão abrigadas hoje ou para cá virão no futuro.

Não demorou muito para que o príncipe estivesse no meio de uma multidão

de meninos, a correrem, pularem, jogarem bola, pularem carniça e se divertirem em incontáveis outras brincadeiras, o mais ruidosamente possível. Estavam todos vestidos da mesma maneira, com o traje comum naquele tempo para os criados e aprendizes.³ Cada um tinha na cabeça um boné preto, achatado, do tamanho de um pires, que não era útil como proteção pelas proporções reduzidas e também não servia como adorno. Por baixo do boné, os cabelos caíam sobre a testa e para trás, sendo cortados no pescoço em linha reta. Usavam uma toga azul, justa, descendo até os joelhos ou mais, com mangas compridas, e presa por uma faixa vermelha bem larga. As meias eram amarelas, presas na altura dos joelhos. Os sapatos eram baixos, com imensas fivelas de metal. Era um traje dos mais feios.

Os meninos pararam de brincar e cercaram o príncipe, que lhes disse, com a sua dignidade natural:

– Meus bons rapazes, digam a seu mestre que Edward, Príncipe de Gales, deseja falar-lhe.

Um coro de risadas e gritos saudou a declaração. Um rapaz mais rude indagou rispidamente:

– É por acaso um mensageiro de Sua Graça, mendigo?

O rosto do príncipe ficou vermelho de raiva. A mão direita desceu velozmente para o quadril, mas nada encontrou ali. Houve uma nova tempestade de risadas e um menino comentou:

– Vocês viram? Ele fez menção de sacar a espada. Pensa mesmo que é o príncipe!

A observação provocou novas risadas. O pobre Edward empertigou-se orgulhosamente e declarou:

– Sou o príncipe e não é certo que me tratem assim, visto que usufruem da generosidade de meu pai.

A declaração foi intensamente apreciada, como ficou comprovada pelo coro de risadas. O rapaz que primeiro falara gritou para os companheiros:

– Ei, seus porcos, escravos, agraciados com a generosidade real do pai de Sua

Graça, onde estão seus bons modos? Fiquem de joelhos, todos vocês, e prestem a devida reverência ao príncipe dos andrajos!

Com risadas esfuziantes, todos os meninos se puseram de joelhos, fazendo reverências zombeteiras ao alvo de seu escárnio. O príncipe empurrou com o pé o menino mais próximo e gritou, furioso:

– Esperem até amanhã e voltarei para erguer uma força para todos vocês!

Agora não era mais brincadeira, começava a passar dos limites. As risadas cessaram no mesmo instante e a raiva dominou os meninos. Vários gritaram:

– Vamos expulsá-lo daqui. À força! Onde estão os cachorros? Ei, Leão! Ei, Caninos!

E seguiu-se então uma cena como a Inglaterra jamais presenciara antes: a sagrada pessoa do herdeiro do trono sendo rudemente espancada por mãos de plebeus e atacada e mordida por cachorros.

Quando a noite finalmente chegou, o príncipe estava na parte mais compacta da cidade, o corpo todo machucado, as mãos sangrando, os trapos cobertos de lama. Continuou a vaguear a esmo, cada vez mais aturdido e desorientado, tão cansado que mal conseguia arrastar um pé depois do outro. Deixara de fazer perguntas a quem quer que fosse, uma vez que serviam apenas para atrair-lhe insultos e jamais uma única informação. Volta e meia repetia para si mesmo:

– Offal Court... é esse o nome. Se conseguir encontrar o lugar antes que minhas forças acabem por completo, estarei a salvo. Eles irão me levar para o palácio e provarão que não sou seu filho, mas o verdadeiro príncipe. Voltarei, assim, ao meu lugar.

Ao recordar o tratamento que sofrera nas mãos dos meninos do Asilo de Cristo, o pobre Edward disse para si mesmo:

– Quando eu for rei, eles não terão apenas pão e abrigo, mas também aprenderão o que há nos livros, pois de pouco vale uma barriga cheia quando a mente está faminta e o coração vazio. Que eu jamais me esqueça disso, que as lições deste dia não se percam e que por isso meu povo continue a sofrer. É preciso que todos aprendam a generosidade do coração, que todos pratiquem a

caridade.

As luzes começaram a faiscar, a chuva começou a cair, o vento começou a soprar. Era uma noite fria e inclemente que começava. O príncipe desabrigado, o herdeiro do trono da Inglaterra desabrigado, continuou a seguir em frente, embrenhando-se cada vez mais pelo labirinto de vielas esquálidas, onde se encontravam as colmeias fervilhantes de pobreza e sofrimento.

Subitamente, um bandido embriagado o agarrou e disse:

– Ainda está pelas ruas a esta hora da noite e sou capaz de apostar que não está levando um só tostão para casa! Se é isso mesmo e eu não quebrar todos os ossos desse seu corpo magro e miserável, então meu nome não é John Canty, mas um outro qualquer!

O príncipe conseguiu desvencilhar-se. Inconscientemente, passou a mão pelo ombro profanado, como se o estivesse limpando, e disse ansiosamente:

– Ah, então é o pai dele? Que Deus seja louvado! Poderá agora ir buscá-lo e voltarei para o lugar de onde não deveria ter saído!

– O pai *dele*? Não sei do que está falando, mas sei que sou *seu* pai, assim como você em breve vai ter motivo para...

– Por favor, não vamos mais conversar. Quero terminar tudo o mais depressa possível. Estou exausto, ferido, não aguento mais. Leve-me ao rei meu pai e ele o fará mais rico do que jamais foi capaz de sonhar. acredite em mim, meu bom homem, acredite! Não estou dizendo uma mentira, mas a verdade! Estenda sua mão e salve-me! Sou realmente o Príncipe de Gales!

O homem ficou olhando para o pobre Edward em silêncio, por um momento, completamente aturdido. Depois, balançou a cabeça e murmurou:

– Mas que coisa! Perdeu o juízo de vez!

Mas logo tornou a agarrar o príncipe, soltou um palavrão e fez uma promessa:

– Mas, louco ou não, eu e vovó Canty vamos descobrir onde é que estão os lugares macios dos seus ossos ou então não sou um homem de verdade!

E com essas palavras ele arrastou o príncipe, frenético, a se debater,

desaparecendo por um pátio escuro, seguidos por um enxame de vermes humanos.

5

Tom como um fidalgo

Tom Canty, sozinho nos aposentos do príncipe, tratou de aproveitar a oportunidade. Contemplou-se de todos os ângulos no espelho grande, admirando o traje. Depois, começou a andar de um lado para outro, imitando o porte aristocrático do príncipe, sempre observando os resultados no espelho. Em seguida, sacou a linda adaga e fez uma reverência, beijando a lâmina e cruzando-a sobre o peito, como vira um cavaleiro fazer, saudando o comandante da Torre, cinco ou seis semanas antes, ao entregar-lhe os grandes lordes de Norfolk e Surrey para o cativo. Tom examinou os adornos suntuosos da sala. Experimentou cada uma das cadeiras e ficou pensando como se sentiria orgulhoso se o pessoal de Offal Court pudesse vê-lo naquele momento de esplendor. Será que acreditariam na história maravilhosa que iria contar-lhes, ao voltar para casa? Ou iriam sacudir a cabeça em incredulidade e dizer que a imaginação excessiva dele finalmente lhe transtornara a razão?

Ao fim de meia hora, Tom pensou subitamente que o príncipe já deveria ter voltado havia bastante tempo. Começou a sentir-se por demais solitário. Não demorou muito para que deixasse de se distrair com os objetos que estavam na sala e passasse a prestar atenção a todos os ruídos, desejando que o príncipe voltasse logo. Foi ficando nervoso, depois inquieto e finalmente angustiado. E se alguém aparecesse e o surpreendesse naqueles trajes, sem que o príncipe ali

estivesse para explicar? Será que não iriam enforcá-lo imediatamente, para depois indagarem o que tinha acontecido? Ele ouvira dizer que os poderosos se deixavam dominar pela ira por causa dos motivos mais insignificantes. O medo de Tom foi aumentando cada vez mais. Tremendo, entreabriu a porta para a antecâmara, decidido a fugir e procurar o príncipe, para pedir-lhe proteção e a promessa de libertá-lo. Seis cavalheiros a seu serviço e dois pajens de alto nascimento, vestidos como borboletas, ergueram-se abruptamente e se inclinaram em sua direção. Tom recuou rapidamente, fechando a porta. E murmurou:

– Oh, eles estão zombando de mim! Vão contar tudo! Por que eu tinha de vir até aqui e desperdiçar minha vida desse jeito?

Tom ficou andando de um lado para outro da sala, dominado por um medo incontrolável, estremeando ao menor ruído. Não demorou muito para que a porta se abrisse e um pajem anunciasse:

– Lady Jane Grey.

A porta foi fechada e uma jovem de olhar meigo e ricamente vestida avançou na direção de Tom. Mas estacou abruptamente e disse, a voz abalada:

– Oh, mas o que lhe aconteceu, milorde?

Tom estava agora quase sem conseguir respirar, mas ainda pôde balbuciar:

– Oh, por favor, tenha misericórdia! Não sou nenhum nobre, apenas o pobre Tom Canty, de Offal Court, na cidade. Oh, por favor, deixe-me falar com o príncipe, para que me devolva meus andrajos e me deixe sair daqui sem nada sofrer! Oh, por favor, tenha misericórdia de mim e me salve!

A essa altura, o pobre Tom já estava de joelhos, suplicando não apenas com a língua, mas também com os olhos e com as mãos erguidas. A moça parecia horrorizada.

– Oh, milorde, por que está de joelhos? E para *mim*!

Ela saiu correndo, assustada, e Tom, invadido por um desespero profundo, deixou-se cair no chão, murmurando:

– Não haverá qualquer ajuda, não há a menor esperança. Daqui a pouco eles

vão chegar e me levarão.

Enquanto ele continuava estendido no chão, atordoado pelo terror, a notícia assustadora espalhava-se rapidamente pelo palácio. Os sussurros – pois tais coisas sempre são transmitidas aos sussurros – foram passando de um criado para outro, de lorde para lady, percorrendo os corredores, de andar para andar, de salão a salão:

– O príncipe enlouqueceu! O príncipe enlouqueceu!

E pouco depois, em todos os salões havia grupos de lordes e ladies, em roupas suntuosas, além de outros grupos de gente menos importante, conversando aos sussurros. Em cada rosto, havia uma expressão de consternação. Dali a pouco, um oficial em traje suntuoso foi passando pelos grupos reunidos, anunciando a solene proclamação:

– *Em nome do rei!* Que ninguém dê ouvidos a rumores falsos e absurdos, sob pena de dor e morte! Que ninguém discuta tais boatos ou os conte fora daqui! Em nome do rei!

Os sussurros cessaram abruptamente, como se todos tivessem ficado subitamente mudos. E pouco depois espalhou-se um zumbido pelos corredores:

– O príncipe! Lá vem o príncipe!

O pobre Tom caminhava lentamente, passando pelos grupos inclinados em reverência, procurando retribuir as reverências, contemplando humildemente aquele ambiente que lhe era totalmente estranho, com uma expressão aturdida e patética. Dois nobres caminhavam a seu lado, fazendo com que se apoiasse neles, para firmar os passos. Mais atrás, seguia um grupo de médicos da corte e alguns criados.

Dali a pouco, Tom viu-se num quarto real do palácio e ouviu a porta ser fechada. Ao seu redor estavam os homens que o tinham acompanhado. À sua frente, a pouca distância, estava deitado um homem grande e muito gordo, o rosto largo e balofo, a expressão firme e decidida. A cabeça era grande, os cabelos, grisalhos. Tinha barba, também grisalha, mas apenas contornando o rosto, como uma moldura. As roupas eram suntuosas, mas visivelmente antigas e

já puídas em alguns pontos. Uma das pernas, inchada e envolta por ataduras, repousava sobre um travesseiro. Reinava o silêncio agora e todas as cabeças estavam inclinadas em sinal de reverência – menos a daquele homem. Aquele inválido de expressão severa era o temido Henrique VIII. E subitamente atenuando a expressão austera, ele disse:

– Como está agora, milorde Edward, meu príncipe? Estava querendo zombar de mim, o bom rei, seu pai, que o ama? Foi uma brincadeira de mau gosto?

O pobre Tom ficou escutando em silêncio, na medida em que lhe permitiam os sentidos atordoados, até o momento em que ouviu as palavras “o bom rei”. Nesse momento, seu rosto empalideceu, ficou inteiramente branco, e ele caiu de joelhos, como que abatido por um tiro. Erguendo as mãos, desesperado, Tom balbuciou:

– É mesmo o rei? Então estou perdido!

A declaração deixou o rei perplexo. Seus olhos vaguearam lentamente pelos homens que ali estavam e depois foram se fixar, aturdidos, no menino à sua frente. Ao falar novamente, havia um tom de desapontamento em sua voz:

– Ai de mim! Esperava que o rumor não correspondesse à verdade, mas receio agora que minhas esperanças eram infundadas!

Ele deixou escapar um suspiro profundo e acrescentou, mais gentilmente:

– Venha para junto de seu pai, criança.

Tom foi ajudado a se levantar e aproximou-se do rei da Inglaterra, humilde e trêmulo. O rei segurou o rostinho assustado entre suas mãos e contemplou-o afetuosamente por algum tempo, ansiosamente, como se estivesse procurando por algum sinal do retorno da razão. Depois, aconchegou a cabeça encaracolada contra seu peito e afagou-a ternamente, antes de dizer:

– Não está reconhecendo seu pai, criança? Não destrua o coração de seu velho pai. Diga que me reconhece. *Sabe* quem eu sou, não é?

– Sei, sim. É o meu venerável senhor o rei, a quem Deus guarde!

– Isso mesmo, isso mesmo... Está bom assim. Mas fique tranquilo. Não precisa tremer. Não há ninguém aqui que não o ame. Vejo que já está melhor

agora. O pesadelo já passou, não é mesmo? E agora já sabe também quem você é, não é mesmo? E nunca mais irá se dar um nome errado, como me disseram que fez há pouco, não é mesmo?

– Rogo a Vossa Graça que acredite em mim. Falei a verdade, oh, venerável senhor! Sou o mais humilde dos seus súditos, tendo nascido na pobreza. Foi apenas por um triste acaso e acidente que aqui estou, embora a culpa não seja minha. Sou jovem demais para morrer e Vossa Graça pode me conceder a vida. Oh, por favor, diga que irá me poupar!

– Morrer? Não fale assim, meu querido príncipe. Que a paz reine no seu coração angustiado. Não se preocupe que não vai morrer.

Tom voltou a cair de joelhos, soltando um grito de alegria.

– Que Deus lhe recompense a misericórdia e lhe dê uma vida longa para abençoar esta terra!

Erguendo-se rapidamente, Tom virou-se para os dois nobres que estavam à espera e declarou, com uma expressão radiante:

– Ouviram? Eu não devo morrer! O rei disse que eu não devo morrer!

Não houve qualquer movimento, a não ser o das cabeças que se inclinaram mais ainda, em sinal de profundo respeito. Tom hesitou, um pouco confuso. Depois, virou-se novamente para o rei e indagou timidamente:

– Posso ir agora?

– Ir? Claro que pode, se é o que deseja. Mas por que não fica mais um pouco? E para onde deseja ir?

Tom baixou os olhos e respondeu humildemente:

– Talvez eu não tenha compreendido; realmente pensei que estivesse livre. Eu estava pensando em voltar para a casa miserável em que nasci e fui criado. É a mesma casa que abriga minha mãe e irmãs e por isso é um lar para mim, enquanto que estas pompas e esplendores, a que não estou acostumado... Oh, por favor, senhor, deixe-me ir!

O rei passou algum tempo em silêncio, pensativo. O rosto deixava transparecer apreensão e aflição. Mas quando voltou a falar, havia um tom de

esperança em sua voz:

– Talvez ele não tenha perdido completamente o juízo. Que Deus permita que assim seja! Vamos fazer um teste.

Ele fez uma pergunta a Tom em latim. O menino respondeu na mesma língua, embora hesitando bastante. O rei ficou encantado e deixou que sua satisfação transparecesse na expressão. Os nobres e médicos ali reunidos também se mostraram satisfeitos. O rei finalmente disse:

– A resposta não foi de acordo com a instrução e capacidade, mas mostrou que a mente dele está apenas doente, não foi atingida fatalmente. O que me diz, senhor?

O médico a que o rei se dirigira fez uma reverência e respondeu:

– Essa é também a minha convicção, Majestade.

O rei pareceu ficar satisfeito com a confirmação, partida de tão eminente autoridade. E continuou, mais animado:

– Pois vamos fazer agora uma outra prova.

Ele fez uma pergunta a Tom em francês. Tom ficou em silêncio por um momento, embaraçado por haver tantos olhos concentrados em si. Depois, respondeu timidamente:

– Não tenho conhecimento dessa língua, Majestade.

O rei recostou-se bruscamente nas almofadas, com um suspiro de cansaço. Todos se aproximaram rapidamente, mas ele afastou-os com um gesto brusco.

– Não foi nada! Apenas uma tonteira. Levantem-me! Assim está bom. Venha até aqui, criança. Descanse a sua pobre cabeça transtornada no coração de seu pai e fique tranquilo. Tenho certeza de que logo estará bom. É apenas uma fantasia passageira. Não tenha medo, meu príncipe. Daqui a pouco estará bom...

O rei virou-se bruscamente para os homens ali reunidos. A expressão já não era mais gentil, relâmpagos ameaçadores pareciam sair de seus olhos.

– Escutem todos! Meu filho perdeu o juízo, mas não é um estado permanente. Foi o excesso de estudo que causou isso, juntamente com demasiado confinamento. Deixem de lado os livros e os professores! Cuidem disso.

Agradem-no com esportes, deixem-no se divertir um pouco para que recupere a saúde.

O rei respirou fundo, ergueu-se ainda mais e continuou, com redobrada energia:

– Ele está desorientado, mas é meu filho e o herdeiro da Inglaterra! Insano ou não, será ele que irá reinar! E ouçam bem o que decido agora: aquele que falar do distúrbio de meu filho estará conspirando contra a paz e a ordem deste reino e irá para a forca! Deem-me algo para beber! Minha garganta está pegando fogo. A tristeza minou minhas forças. Pronto, segurem a taça. Vamos, apoiem-me. Assim está bem. Ele está louco? Pois pode estar louco mil vezes e mesmo assim continua a ser o Príncipe de Gales! Eu, o rei, o confirmo como herdeiro do trono! Esta manhã mesmo ele será investido em sua qualidade de príncipe herdeiro, na forma antiga e devida. Cuide de tudo, lorde Hertford.

Um dos nobres ajoelhou-se diante do rei e disse:

– Vossa Majestade sabe que o grande marechal hereditário da Inglaterra está confinado na Torre. Não seria adequado que alguém privado de seus direitos...

– Silêncio! Não insulte os meus ouvidos com o nome odiado! Esse homem há de viver eternamente? E eu serei frustrado em minha vontade? Será que o príncipe há de ficar sem ser investido oficialmente em sua dignidade, porque o homem que deveria fazê-lo cometeu traição? Não! Pela graça de Deus, não! Avisem o meu Parlamento para condenar Norfolk antes do amanhecer. Caso contrário, todos eles irão se arrepender amargamente!⁴

Lorde Hertford murmurou:

– A vontade do rei é lei.

Erguendo-se, ele voltou à sua posição anterior. Aos poucos, a ira foi desaparecendo do rosto do velho rei. Quando voltou a falar, dirigindo-se a Tom, a voz era novamente gentil:

– Beije-me, meu príncipe. Vamos, aqui... De que tem medo? Não sou seu pai amado?

– Só posso dizer com certeza, oh, poderoso e gracioso senhor, que tem sido mais generoso comigo do que mereço. Mas... mas... meu coração se aflige ao pensar naquele que vai morrer e...

– Ah, então é isso! Então é isso! Sei agora que seu coração continua o mesmo, embora a mente esteja afetada. Sempre teve um coração gentil. Mas esse duque se interpõe entre você e as honras a que tem direito. Vou colocar outro no lugar dele, alguém que jamais há de macular seu alto posto. Fique tranquilo, meu príncipe. Não perturbe a sua pobre cabecinha com esses problemas.

– Mas não sou eu que estou apressando o fim para ele, meu senhor? Se não fosse por minha causa, ele não poderia continuar a viver?

– Não pense mais nele, meu príncipe. Ele não é digno disso. Beije-me mais uma vez e vá brincar e se divertir. A doença me aflige, quero ficar sozinho e descansar um pouco. Saia agora com seu tio Hertford e todos os outros, e volte novamente quando meu corpo estiver revigorado!

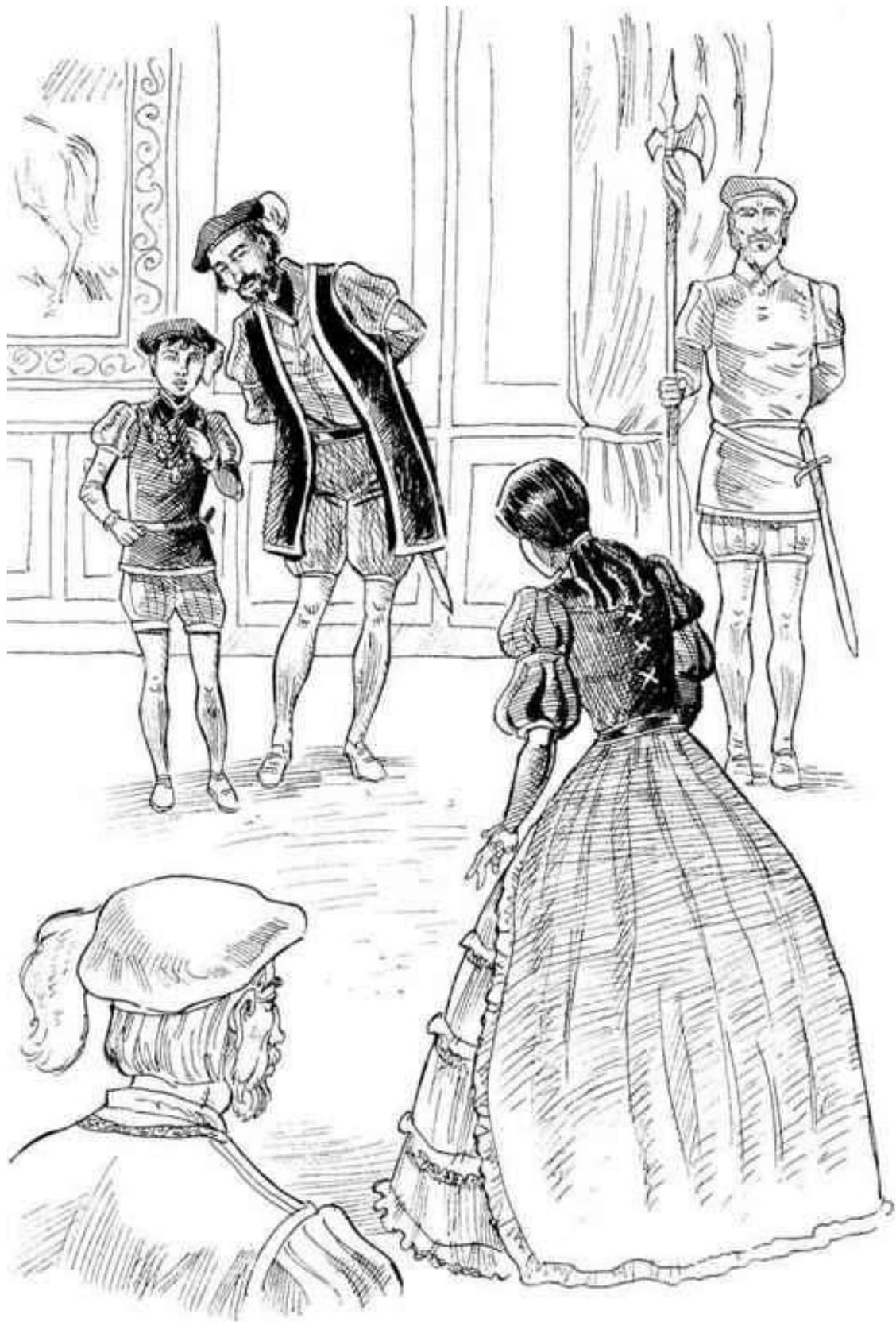
Tom, pesaroso, teve que ser retirado do aposento. A última frase fora o golpe de misericórdia em sua esperança de que seria posto em liberdade. Mais uma vez, ao atravessar os corredores e câmaras, ouviu o zumbido de vozes a murmurarem:

– O príncipe! Aí vem o príncipe!

Ele sentia-se ainda mais angustiado e deprimido ao passar novamente por entre as alas de cortesãos em reverência. Sabia agora que era de fato um cativo e poderia permanecer pelo resto de sua vida naquela gaiola dourada, um príncipe isolado e sem amigos. A não ser que Deus, em sua infinita misericórdia, sentisse pena dele e o ajudasse a sair dali...

E naquele momento, para onde quer que se virasse, tinha a impressão de ver, a flutuar no ar, a cabeça decapitada e o rosto de que tão bem se lembrava do grande duque de Norfolk, os olhos nele fixados, com uma expressão de censura.

Tom pensava que seus antigos sonhos haviam sido agradáveis, mas a realidade era simplesmente assustadora e trágica!



Tom recebe instruções

Tom foi conduzido ao aposento principal de uma suíte real e obrigado a sentar, o que detestou fazer, já que havia homens mais velhos e de posição mais elevada ao seu redor. Disse-lhes que sentassem, mas todos se limitaram a fazer reverências e murmurarem agradecimentos, permanecendo de pé. Teria insistido, se seu “tio”, o conde de Hertford, não se inclinasse e sussurrasse em seu ouvido:

– Por favor, milorde, não insista. Não é apropriado que eles sentem em sua presença.

Pouco depois, lorde St. John foi anunciado. Depois de fazer a devida mesura a Tom, ele disse:

– Vim numa missão do rei, para tratar de um assunto que só pode ser conversado em particular. Sua Alteza Real poderia dispensar todos os presentes, à exceção do conde de Hertford?

Vendo que Tom parecia não saber como fazer, Hertford murmurou-lhe que fizesse simplesmente um gesto com a mão, não se dando ao trabalho de falar, a menos que o desejasse. Depois que todos se retiraram, lorde St. John disse:

– Sua Majestade ordena que, por razões de Estado, o príncipe deve ocultar sua enfermidade por todos os meios a seu alcance, até que tudo tenha passado e ele volte a ser como antes. Ou seja: o príncipe não deve negar a ninguém que é o verdadeiro herdeiro da grandeza da Inglaterra; deve manter a dignidade real e receber, sem qualquer sinal de protesto, o respeito que lhe é devido por direito e costume antigo; deve deixar de falar com qualquer pessoa sobre seu nascimento e vida mais humildes, que sua doença criou de uma imaginação exacerbada; deve se esforçar com todo o empenho para recuperar a memória de todos os rostos

que sempre conheceu; e se por acaso não conseguir recordar, deve manter seu silêncio, jamais deixando transparecer, por expressão de surpresa ou outro sinal qualquer, que esqueceu; nas ocasiões de Estado, sempre que algo o deixar perplexo, sem saber o que fazer ou o que dizer, não deve dar o menor sinal de nervosismo aos curiosos que possam estar olhando, mas pedir imediatamente o conselho de lorde Hertford ou deste humilde servo que traz esta mensagem e que têm por ordem do rei a missão de estarem sempre a seu lado, até que desapareça a necessidade. Assim determinou Sua Majestade o Rei, que envia saudações a Sua Alteza Real e reza para que a vontade e misericórdia de Deus o curem rapidamente e o conservem, agora e sempre, sob sua divina proteção.

Lorde St. John fez uma reverência e deu um passo para o lado. Tom falou, em tom resignado:

– O rei falou. E não se pode contestar uma ordem do rei ou se esquivar dela por qualquer modo que seja. O rei será obedecido.

Lorde Hertford interveio na conversa nesse momento:

– Com relação à ordem de Sua Majestade o Rei, sobre livros e outros assuntos de igual importância, talvez agrade a Sua Alteza não pensar nisso agora, concentrando-se apenas nos divertimentos, para que não esteja cansado por ocasião do banquete.

Tom mostrou-se surpreso, corando ao perceber o olhar pesaroso de lorde St. John, que se apressou a esclarecer:

– A memória lhe falhou, Alteza, e por isso demonstrou surpresa. Mas não deixe que isso o perturbe, pois é algo que irá acabar com o fim de sua doença. Lorde Hertford estava falando do banquete da cidade, que Sua Majestade o Rei prometeu realizar, há dois meses, com a presença de Sua Alteza. Está lembrando agora?

– Lamento confessar que tinha esquecido inteiramente – disse Tom, hesitante, corando novamente.

Nesse momento, foram anunciadas lady Elizabeth e lady Jane Grey. Os dois lordes trocaram olhares sugestivos e Hertford encaminhou-se rapidamente para

a porta. Quando as duas jovens entraram, ele lhes disse em voz baixa:

– Eu lhes rogo, ladies, que simulem não notar o comportamento e procurem não demonstrar surpresa quando perceberem um lapso de memória. Ficarão mortificadas ao verem como Sua Alteza se perde nos assuntos mais insignificantes.

Enquanto isso, lorde St. John dizia ao ouvido de Tom:

– Por favor, senhor, não esqueça do desejo de Sua Majestade. Procure lembrar-se de tudo o que puder, dê a impressão de lembrar tudo mais. Não deixe que percebam como mudou, pois sabe como as companheiras desde a infância o amam e como ficariam tristes se descobrissem o que aconteceu. Deseja que eu fique, senhor? E quer que seu tio fique também?

Tom concordou com um gesto e uma palavra murmurada, pois já estava começando a aprender. Em seu coração simples, tomara a decisão de sair-se o melhor possível, de acordo com a ordem do rei.

Apesar de todas as precauções, a conversa entre os jovens tornou-se embaraçosa em algumas ocasiões. Em mais de uma vez, na verdade, Tom esteve prestes a desmoronar e confessar que não estava à altura do papel que lhe impunham. Mas foi sempre salvo, no último instante, pelo tato da princesa Elizabeth ou por uma palavra de um ou outro dos lordes vigilantes, lançada aparentemente por acaso, mas tendo também o efeito de acalmá-lo. Em determinado momento, a pequena lady Jane deixou o pobre Tom aturdido com uma pergunta:

– Já apresentou seus respeitos a Sua Majestade a Rainha hoje, milorde?

Tom hesitou, parecendo angustiado. Já ia balbuciar alguma resposta qualquer, ao acaso, quando lorde St. John interveio, respondendo em seu lugar, com a tranquilidade de um cortesão acostumado a situações difíceis e sempre preparado para se sair bem delas.

– Já, sim, madame. E ela o encorajou bastante com relação ao estado de Sua Majestade o Rei. Não foi mesmo, Alteza?

Tom murmurou algo que equivalia a uma concordância, mas sentiu que

estava entrando em terreno perigoso. Algum tempo depois, comentou-se que os estudos dele deveriam ser suspensos por algum tempo, ao que lady Jane disse:

– Mas que pena! Estava indo tão bem! Mas é preciso esperar com paciência, pois não será por muito tempo. Ainda irá aprender como seu pai e dominar tantas línguas quanto ele, meu príncipe.

– Meu pai? – exclamou Tom, esquecendo-se de seu real pai por um momento. – Ele fala tão mal a sua própria língua que só os porcos nos chiqueiros é que entendem! E quanto a aprender algo que seja...

Ao levantar a cabeça, Tom percebeu o olhar de advertência de lord St. John. Parou de falar abruptamente, corou e depois recomeçou, agora bem baixo e com um tom de tristeza:

– Ah, minha doença me persegue novamente e minha mente vagueia! Não quis fazer irreverência.

– Sabemos disso, senhor – disse a princesa Elizabeth, segurando a mão do “irmão”, respeitosa, mas afetuosamente. – Não se preocupe com essas coisas. A culpa não é sua, mas dessa doença.

– Ah, como sabe confortar a gente! – disse-lhe Tom, agradecido. – E meu coração se sente tão comovido que tenho de agradecer-lhe!

Em outra ocasião, a estouvada lady Jane disse uma frase simples em grego para Tom. A princesa Elizabeth percebeu imediatamente que a frase não fora entendida, pela maneira impassível com que Tom reagiu. No mesmo instante, ela respondeu em grego e tratou rapidamente de mudar de assunto.

De um modo geral, a conversa transcorreu agradavelmente, sem maiores problemas. As dificuldades foram se tornando cada vez menos frequentes e Tom foi se tornando cada vez mais à vontade, percebendo que todos o tratavam afetuosamente e procuravam, por todas as maneiras possíveis, ajudá-lo a ignorar os erros que cometia. Quando ficou patente que as duas irmãs deveriam acompanhá-lo ao banquete do lord prefeito, ele deixou escapar um grito de alegria e alívio, sentindo que não ficaria inteiramente isolado entre a multidão de estranhos. Apenas uma hora antes, a simples ideia de ter que comparecer ao

banquete deixara-o aterrorizado.

Os anjos guardiões de Tom, os dois lordes, não se sentiram tão bem durante a conversa quanto os outros participantes. Tinham a sensação de estar pilotando um navio através de um canal traiçoeiro, sendo obrigados a permanecer constantemente alertas e compreendendo que a missão de que tinham sido incumbidos não era uma simples brincadeira de criança. Assim, quando a visita de lady Jane e da princesa Elizabeth finalmente chegou ao fim e lorde Guilford Dudley foi anunciado, os dois não apenas sentiram que o trabalho já fora excessivo pelo momento, como também compreenderam que não estavam nas melhores condições para levarem o navio de volta pela tormentosa e arriscada viagem. Respeitosamente, sugeriram a Tom que desse uma desculpa para não receber o visitante. E Tom o fez, com a maior satisfação. Uma expressão rápida de desapontamento estampou-se no rosto de lady Jane, quando foi negada a admissão de lorde Guilford, ainda um rapaz, de magnífica aparência.

Houve então uma pausa, uma espécie de silêncio de espera, que Tom não conseguiu entender. Olhou para lorde Hertford, que lhe fez um sinal discreto. Mas Tom também não conseguiu compreendê-lo. Foi Elizabeth, sempre atenta, quem veio em sua salvação, com a presença de espírito habitual. Fez uma reverência e indagou:

– Temos a permissão do príncipe meu irmão para nos retirarmos?

– Mas claro que sim! – respondeu Tom. – Basta pedirem para terem de mim tudo que desejarem. Mas eu preferia dar-lhas qualquer outra coisa que estivesse ao meu alcance, antes de privar-me da luz e da bênção de suas presenças. Mas podem ir, se assim desejam, e que Deus as acompanhe!

Tom sorriu interiormente e disse para si mesmo: “Agora está valendo a pena eu ter convivido com príncipes em minhas leituras e ter aprendido a maneira enfeitada e graciosa como eles falam!”

Assim que as ilustres donzelas se retiraram, Tom virou-se para seus guardiões, com uma expressão de cansaço, e disse:

– Poderiam me dar licença para me retirar para algum canto em que possa

descansar um pouco?

Foi lorde Hertford quem respondeu:

– Sua Alteza ordena, nós obedecemos. Mas acho que um descanso é realmente necessário, pois daqui a pouco terá que viajar para a cidade.

Ele tocou um sino e um pajem apareceu, sendo-lhe ordenado que chamasse sir William Herbert. Esse cavaleiro veio imediatamente e conduziu Tom a outro aposento. Ali chegando, o primeiro movimento de Tom foi estender a mão para uma taça com água. Mas um servidor em veludo e seda adiantou-se rapidamente, pegou a taça, abaixou-se sobre um joelho e ofereceu-a numa bandeja de ouro.

Em seguida, o exausto cativo sentou-se e preparou-se para tirar os calçados, timidamente pedindo licença com os olhos. Mas antes que tivesse tempo de fazê-lo, outro servidor em veludo e seda aproximou-se e, de joelhos, tomou a incumbência a si. Tom ainda fez mais duas ou três tentativas de cuidar pessoalmente de si mesmo. Mas, como era prontamente impedido antes que chegasse a fazê-lo, acabou desistindo, com um suspiro de resignação. E murmurou:

– Diabos me levem! Será que eles também vão querer respirar por mim?

Em chinelas e envolto num roupão macio, Tom finalmente deitou-se para descansar. Mas não conseguiu dormir, pois sua cabeça estava por demais tomada de pensamentos e o aposento excessivamente repleto de pessoas. Não conseguiu descartar-se dos pensamentos, por isso eles permaneceram; não sabia como se livrar das pessoas e por isso elas ficaram, para pesar de Tom... e delas também.

A partida de Tom deixou seus dois guardiões a sós. Eles ficaram em silêncio por algum tempo, pensativos, sacudindo a cabeça muitas vezes, enquanto andavam de um lado para outro do aposento. Finalmente, lorde St. John disse:

– O que acha de tudo isso?

– O rei está próximo do fim, meu sobrinho ficou doido. E a loucura subirá ao trono e lá permanecerá. Que Deus proteja a Inglaterra, pois ela vai precisar, e muito!

– É o que também espero. Mas não tem nenhuma dúvida sobre... sobre...

Lorde St. John estava visivelmente hesitante e apreensivo e acabou não concluindo a frase. Era evidente que achava estar entrando em terreno delicado e perigoso. Lorde Hertford parou na frente dele e fitou-o nos olhos, com uma expressão franca.

– Pode falar. Não há mais ninguém aqui para ouvir, a não ser eu. Dúvida sobre o quê?

– Lamento formular em palavras o que me passa pela mente. E logo para alguém que lhe é tão chegado pelo sangue! Peço perdão se estou fazendo alguma ofensa, mas parece-me estranho que essa loucura tenha chegado ao ponto de mudar o porte e as maneiras dele. Não que o porte e a maneira de falar não sejam mais reais, mas é que estão *diferentes* em muitos aspectos. Parece-me estranho que a loucura tenha apagado de sua memória a recordação das feições do próprio pai, os costumes e preceitos que regem sua vida e tudo o que aprendeu de francês e grego, embora deixando um pouco do latim. Milorde, não veja nisso uma ofensa. Mas rogo que elimine a inquietação de minha mente, pelo que agradeço profundamente. Fiquei assustado ao ouvi-lo dizer que não era o príncipe e assim...

– Cale-se para não cometer qualquer traição! Já esqueceu a ordem do rei? Não se esqueça de que também serei cúmplice no crime, pelo simples fato de escutar.

St. John empalideceu e apressou-se a dizer:

– Confesso que estava incorrendo em erro. Mas não me denuncie, milorde, pela generosidade de seu coração. Prometo que nunca mais voltarei a falar ou pensar nesse assunto. Não seja severo comigo, senhor, não me arruíne!

– Não precisa ficar preocupado. Se promete que nunca mais voltará a incorrer em erro, comigo ou com outras pessoas, será como se nada tivesse falado. Mas não precisava ficar apreensivo, não há por que ter dúvidas. Ele é de fato o filho da minha irmã. A voz, o rosto e a figura dele não me são familiares desde o berço? A loucura pode fazer todas as coisas estranhas e contraditórias que nele viu e mais ainda. Será que não recorda como o velho barão Marley, ao

perder o juízo, esqueceu inteiramente o próprio rosto, que conhecera por mais de sessenta anos, afirmando que era um outro? Ele chegou mesmo a afirmar que era filho de Maria Madalena e que sua cabeça era feita de cristal. Não deixava ninguém tocá-la, para evitar que a mão descuidada de alguém pudesse lascá-la. Pode esquecer tranquilamente suas apreensões. É o príncipe de verdade. Eu o conheço a fundo e posso afirmá-lo. Em breve, será o seu rei. Seria melhor que não se esquecesse disso em nenhum momento, preferindo pensar assim do que de outra forma.

Depois de mais um pouco de conversa, durante a qual lorde St. John procurou remediar seu erro da melhor forma possível, renovando os protestos de que sua fé era completa e não mais poderia ser invadido por dúvidas, lorde Hertford dispensou-o e ficou a sós, sentando-se, para manter uma vigília solitária. Não demorou muito para que mergulhasse numa meditação profunda. E quanto mais pensava, mais perturbado se sentia. Começou a andar de um lado para outro do aposento, murmurando:

– Mas ele *deve* ser o príncipe! Será que alguém poderia acreditar que é possível existirem no reino dois meninos que sejam exatamente iguais, embora não sendo gêmeos por nascimento e sangue? E mesmo que tal fosse possível, seria necessário um grande milagre para que o acaso colocasse um no lugar do outro. Não, isso é loucura! Loucura! Loucura!

Depois de algum silêncio e vários outros passos, lorde Hertford voltou a murmurar:

– Mas se ele fosse um impostor, o natural seria que se declarasse o príncipe. Qualquer um faria assim. Mas por acaso já existiu um impostor que, ao ser chamado de príncipe pelo próprio rei, ao ser chamado de príncipe pela corte, ao ser chamado de príncipe por todos, *negasse* sua nobreza e suplicasse contra a veneração que lhe era prestada? Não! Mil vezes não! Ele só pode ser o verdadeiro príncipe, que perdeu inteiramente o juízo!

A primeira refeição real de Tom

Por volta de uma hora da tarde, Tom submeteu-se, resignado, à provação de ser vestido para o almoço. Descobriu-se tão luxuosamente vestido quanto antes, só que tudo era diferente, tudo foi mudado, da gola de rufos às meias. Dali a pouco, foi conduzido em grande pompa a um aposento espaçoso e enfeitado, onde estava posta uma mesa para uma pessoa. Os móveis eram todos de ouro maciço e adornados por desenhos, que os tornavam praticamente inestimáveis, já que eram de Benvenuto. O aposento já estava repleto de servidores nobres. Um capelão disse uma prece. Tom já estava prestes a se lançar vorazmente à comida, pois a fome em sua vida era permanente, quando foi interrompido pelo conde Berkeley, que prendeu um guardanapo em torno do pescoço dele, pois o importante posto de fraldeiro dos Príncipes de Gales era hereditário em sua família. O servidor de taça também estava presente, impedindo todas as tentativas de Tom de servir-se pessoalmente de vinho. O provador de Sua Alteza Real o Príncipe de Gales também ali estava, preparado para provar qualquer prato suspeito, a pedido, assumindo o risco de ser envenenado. Nesse tempo, ele era apenas um apêndice ornamental e raramente era convocado a exercer suas funções. Mas houvera tempos, não muitas gerações antes, em que o ofício de provador tinha seus perigos e não era uma honra a ser desejada. É estranho o fato de não usarem um cachorro para provar as comidas, mas, afinal, os métodos da realeza são todos muito estranhos. Lorde D'Arcy, Primeiro Servidor da Câmara, estava presente para fazer só Deus sabe o quê; mas ali estava, e isso é suficiente. O lorde mordomo estava postado atrás da cadeira de Tom, supervisionando todos os detalhes. As operações eram dirigidas pelo lorde camareiro e pelo lorde cozinheiro. Além desses, Tom tinha 384 servidores

peçoais. É claro que nem todos estavam na sala. E Tom também não tinha a menor ideia de que existiam.

Todos os presentes estavam perfeitamente conscientes de que não podiam esquecer que o príncipe perdera temporariamente o juízo e que deviam tomar todo cuidado para não demonstrar surpresa pelas extravagâncias dele. Tais “extravagâncias” logo começaram a ser exibidas, mas provocaram em todos apenas compaixão e pesar, jamais a vontade de rir. Para todos os presentes, era uma terrível aflição ver seu amado príncipe tão abalado.

O pobre Tom comeu basicamente com os dedos, mas ninguém sorriu ou sequer deixou transparecer que estava notando. Curioso e com profundo interesse, examinou o guardanapo, pois era de um tecido realmente bonito. Depois, disse com a maior simplicidade:

– Por favor, tirem o lenço para que eu não o suje em minha falta de jeito.

O fraldador hereditário retirou o guardanapo com toda reverência, sem qualquer palavra de protesto.

Tom examinou os nabos e o alface com interesse, indagando se serviam para comer, pois só recentemente é que tais alimentos estavam começando a ser cultivados na Inglaterra, em vez de serem importadas da Holanda como luxos.⁵ A pergunta foi respondida com todo respeito, sem qualquer manifestação de surpresa. Ao terminar de comer a sobremesa, Tom encheu os bolsos de nozes. Novamente, ninguém deu a impressão de perceber nem manifestou surpresa. Mas, no momento seguinte, o próprio Tom ficou perturbado e contrafeito, ao perceber que fora a única coisa que lhe haviam permitido fazer com as próprias mãos ao longo de toda a refeição. Ele teve certeza então de que cometera um ato impróprio, que não era digno de um príncipe. Tom sentiu os músculos do nariz começarem a comichar e a sua ponta se levantar e franzir. A comichão persistiu e Tom começou a apresentar sinais de profunda aflição. Olhou para os nobres ao seu redor, num apelo mudo, enquanto as lágrimas afluíam a seus olhos. Todos se adiantaram prontamente, com expressões consternadas, suplicando-lhe que

dissesse qual era o problema. E Tom revelou, com uma angústia genuína:

– Peço a indulgência de todos. Mas meu nariz está coçando terrivelmente. Qual é o costume e uso nessa emergência? Por favor, digam depressa, pois não conseguirei aguentar por muito tempo mais.

Ninguém sorriu. Todos se entreolharam perplexos, um procurando o conselho do outro naquela tremenda atribulação. Mas se tratava de um beco sem saída e não havia qualquer precedente na história da Inglaterra que apontasse uma solução. O mestre de cerimônias não estava presente. Ninguém se sentia seguro o bastante para se aventurar por aquele mar desconhecido ou se arriscar a tentar resolver o problema de tão graves proporções. Infelizmente, não existia um caçador hereditário. Enquanto isso, as lágrimas haviam transbordado e escorriam agora pelas faces de Tom. O nariz coçando suplicava cada vez mais desesperadamente pelo alívio imediato. Finalmente, a natureza rompeu as barreiras da etiqueta: Tom fez uma prece silenciosa pedindo perdão, se por acaso estava fazendo algo errado, e proporcionou alívio aos corações aflitos dos cortesãos, ao coçar pessoalmente o nariz.

Terminada a refeição, um lorde adiantou-se e colocou diante de Tom um prato largo e raso de ouro, com água de rosa, para que ele limpasse a boca e os dedos. O fraldador hereditário postou-se ao lado de Tom, com uma toalha nas mãos. Tom ficou olhando para o prato por um momento, desconcertado, sem saber o que fazer. Depois, levou-o aos lábios e solenemente tomou um gole. Depois, largou o prato e comentou:

– Não gostei muito. O cheiro é bastante agradável, mas o gosto não é tão bom.

Essa nova excentricidade da mente transtornada do príncipe fez com que os corações de todos os presentes doessem. Mas a cena profundamente triste não provocou um único sorriso.

O engano inconsciente seguinte de Tom foi levantar e deixar a mesa no instante em que o capelão tomou posição por trás de sua cadeira, com as mãos erguidas e cerradas, os olhos também levantados, preparando-se para iniciar a

bênção. Mesmo assim, ninguém pareceu perceber que o príncipe fizera algo fora do normal.

A seu pedido, Tom foi levado de volta a seu aposento privado e ali deixado sozinho. Penduradas em ganchos nos lambris de carvalho, havia diversas peças de uma armadura de aço reluzente, com lindas incrustações de ouro. O traje marcial pertencia ao verdadeiro príncipe e era um presente recente de madame Parr, a rainha. Tom pôs as grevas, as manoplas e o capacete emplumado, além de mais algumas peças que podia vestir sem qualquer ajuda. Por um momento, chegou a pensar em pedir ajuda para terminar de vestir a armadura. Mas depois se recordou das nozes que guardara nos bolsos e na alegria que teria em comê-las sozinho, sem a presença de uma multidão de grandes hereditários a incomodarem-no com serviços indesejáveis. Pendurou novamente as peças das armaduras nos ganchos e começou a quebrar as nozes, sentindo-se quase que naturalmente feliz, pela primeira vez desde que Deus, por seus pecados, o transformara num príncipe. Ao terminar de comer as nozes, Tom foi dar uma olhada em alguns livros que estavam num armário. Encontrou um livro sobre a etiqueta na corte da Inglaterra. Era um achado maravilhoso! Tom deitou-se num divã macio e começou a tomar conhecimento das normas, compenetrado. Vamos deixá-lo assim por um momento.

8

O problema do sinete

Henrique VIII despertou por volta das cinco horas da tarde, de um sono inquieto, e murmurou para si mesmo:

– Ah, mas que sonhos terríveis, que sonhos perturbadores! O fim está chegando. É o que confirmam esses presságios e as constantes falhas nas pulsações.

Um instante depois, surgiu-lhe um brilho nos olhos e ele acrescentou:

– Mas não morrerei antes que *ele* parta primeiro!

Os criados perceberam que o rei havia acordado e perguntaram o que desejava que dissessem ao lorde chanceler, que estava esperando por uma audiência.

– Mandem-no entrar! Mandem-no entrar!

O lorde chanceler entrou e ajoelhou-se ao lado do leito real, dizendo:

– De acordo com as ordens do rei, os pares do reino estão agora no Parlamento, depois de confirmarem a condenação do duque de Norfolk. Aguardam humildemente instruções adicionais de Sua Majestade sobre o assunto.

O rosto do rei iluminou-se de alegria.

– Levantem-me! Irei pessoalmente ao meu Parlamento e com minha própria mão colocarei o sinete na ordem que me livra do...

A voz dele falhou subitamente, uma terrível palidez apagou o rubor de suas faces. Os criados ajudaram-no a se recostar novamente sobre as almofadas e deram-lhe alguns revigorantes. Dali a pouco, o rei disse:

– Ai de mim! Por muito tempo esperei por este momento maravilhoso! E eis que chega tarde demais e me vejo privado de uma oportunidade há tanto sonhada. Mas se apresse, se apresse! Que outros tenham o prazer que me é negado! Porei o meu sinete numa comissão. Escolha os lordes para compô-la. Mas é preciso agir depressa! Antes de o sol se erguer e se pôr novamente, quero que me tragam a cabeça dele, para que eu possa vê-la!

– O rei assim deseja, assim será feito. Sua Majestade pode dizer-me onde está o sinete, a fim de que eu possa cuidar de tudo?

– O sinete? Mas o sinete não está com você?

– Sua Majestade pediu-me o sinete de volta há dois dias, dizendo que não

deveria ser usado até que sua mão real pudesse imprimi-lo na ordem de execução do duque de Norfolk.

– É isso mesmo, estou lembrando agora. Onde foi que o guardei? Não me recordo. Nos últimos tempos, minha memória tem me traído com uma frequência excessiva. É estranho, muito estranho...

O rei caiu em murmúrios ininteligíveis, sacudindo a cabeça branca de vez em quando, procurando recordar o que fizera com o sinete. Finalmente, lorde Hertford aventurou-se a ficar de joelhos junto do rei e prestar-lhe a informação:

– *Sire*, se me perdoa o atrevimento, lembro-me de que entregou o sinete a Sua Alteza o Príncipe de Gales, para que o guardasse até o dia em que...

– Mas foi isso mesmo! – interrompeu-o o rei. – Vá buscá-lo! Depressa, homem! O tempo voa!

Lorde Hertford foi imediatamente procurar Tom. Mas não se passou muito tempo para que voltasse ao aposento do rei, com uma expressão transtornada e de mãos vazias.

– Lamento profundamente, milorde, ter que ser o portador de notícias desagradáveis e indesejáveis. Mas é a vontade de Deus que a aflição do príncipe ainda persista. Ele não se recorda sequer de ter recebido o sinete. Por isso, voltei correndo para prestar a informação, pensando que seria um desperdício de tempo e de nada adiantaria revistar os muitos aposentos que pertencem a Sua Alteza Real...

Um gemido do rei interrompeu Hertford nesse momento. Depois de algum tempo, com uma voz profundamente triste, Sua Majestade disse:

– Não mais perturbe a pobre criança. A mão de Deus está sobre ele e meu coração chora de compaixão e pesar. Não posso aumentar o fardo dele com os problemas que pesam sobre meus próprios ombros. Por isso, deixem-no em paz.

O rei fechou os olhos, ficou murmurando ininteligivelmente por algum tempo e finalmente se calou de todo. Abriu os olhos dali a pouco e correu-os distraidamente ao redor, até que se fixaram no lorde chanceler, que continuava ajoelhado. No mesmo instante, o rosto do rei ficou vermelho de raiva.

– O quê? Ainda está aqui? Pela glória de Deus, se não cuidar logo daquele traidor sua cabeça pode estar amanhã enfeitada com uma mitra, por falta de outra cabeça para vesti-la!

O trêmulo chanceler respondeu:

– Rogo a sua misericórdia, Majestade! Fiquei esperando apenas pelo sinete!

– Será que perdeu o juízo, homem? O pequeno sinete que sempre levei para o exterior continua em meu tesouro. Já que não sabemos onde está o outro, o pequeno sinete não serve? Perdeu o juízo por acaso? Vamos, apresse-se! E eu lhe aviso: não se atreva a voltar sem me trazer a cabeça dele!

O pobre chanceler tratou de se afastar o mais depressa possível daquela vizinhança perigosa. Também não perdeu tempo em transmitir a concordância real ao trabalho do Parlamento servil, marcando para o dia seguinte a decapitação do desventurado duque de Norfolk.

9

O cortejo pelo rio

Às nove horas da noite, toda a beira do rio em frente ao palácio estava intensamente iluminada. O rio propriamente dito, até onde a vista podia alcançar, na direção da cidade, estava repleto de botes a remo e barcos de passeio, todos enfeitados com lanternas coloridas e balançando suavemente. Parecia um jardim reluzente e sem fim de flores ligeiramente agitadas pelas brisas de verão. O grande cais de pedra, com degraus até o rio, espaçoso o bastante para abrigar o exército de um principado alemão, era um espetáculo e tanto, com fileiras e mais fileiras de alabardeiros reais, em armaduras polidas, além da multidão de

servidores, em seus trajes coloridos, correndo de um lado para outro, para tomarem apressadamente as últimas providências.

Dali a pouco foi dada uma ordem e imediatamente todos deixaram os largos degraus de pedra. Reinava agora um silêncio de suspense e expectativa. Até o mais longe que se podia avistar, miríades de pessoas nos barcos olhavam atentamente para o palácio, os olhos faiscando à luz das lanternas e tochas.

Cerca de quarenta a cinquenta barcos reais aproximaram-se dos degraus de pedra. Tinham enfeites dourados e as proas e popas meticulosamente esculpidas. Alguns estavam decorados com estandartes e bandeiras, outros exibiam tapeçarias bordadas a ouro, com brasões. Havia outros com pendões de seda, nos quais estavam presos pequenos sinos de prata, que retiniam alegremente sempre que uma brisa soprava. Havia outros, de pretensões mais altas, pertencentes aos nobres em serviço imediato do príncipe, com os costados pitorescamente enfeitados por escudos de brasões coloridos. Cada um desses barcos, mais barcaças do que barcos propriamente ditos, era rebocado por uma lancha. Além dos remadores, essas lanchas auxiliares levavam diversos soldados, com capacetes e couraças reluzentes, além de músicos.

A guarda avançada do cortejo real apareceu no grande portão do palácio. Era uma tropa de alabardeiros. Estavam vestidos com meias de malha listradas de preto e fulvo, ao estilo antigo, com bonés de veludo enfeitados com rosas prateadas e gibões vermelhos e azuis, com três penas douradas bordadas na frente e atrás. Era o brasão do príncipe. Os soldados postaram-se à esquerda e à direita, formando duas fileiras que se estendem do portão do palácio até a beira d'água. Um pano grosso, um tapete, foi estendido pelos atendentes do príncipe, vestidos com librés dourados e vermelhos. Isso terminado, soou uma clarinada no interior do palácio. Os músicos nos barcos puseram-se também a tocar. Dois escudeiros, carregando cetros brancos, saíram pelos portões caminhando em passos lentos. Foram seguidos por um oficial, levando a maça cívica, acompanhado imediatamente por outro, carregando a espada da cidade. Depois, apareceram diversos oficiais da guarda da cidade, em trajes de gala e com

insígnias nas mangas; o depositário da Ordem da Jarreteira, em seu casaco com capuz; os diversos cavalheiros do banho, cada um com um laço branco na manga; diversos escudeiros; vários juízes, com seus mantos escarlates e suas coifas; uma delegação de conselheiros da cidade; o lorde chanceler da Inglaterra, com um manto escarlate aberto na frente e adornado com uma pele branca; os chefes das diferentes companhias cívicas, em seus trajes de gala. Apareceram então 12 cavalheiros franceses, em trajes magníficos, com gibões brancos de damasco acolchoado, bordados a ouro, capas curtas de veludo escarlate forradas de tafetá violeta e *hauts-de-chausse* cor de cravo. Era o cortejo do embaixador francês. Foram seguidos por 12 cavalheiros do cortejo do embaixador espanhol, vestidos em veludo preto, sem qualquer adorno. Depois, apareceram diversos nobres ingleses, com seus servidores.

As trombetas no interior do palácio voltaram a soar. O tio do príncipe, o futuro duque de Somerset, atravessou os portões, num manto dourado e um casaco vermelho de cetim, com flores de ouro e com fitas de prata. Ele virou-se, tirou o chapéu de plumas e inclinou o corpo numa reverência profunda. Começou a recuar, de costas, fazendo nova reverência a cada passo. Houve novo toque das trombetas, seguido por uma proclamação:

– Abram passagem para Sua Alteza Real lorde Edward, Príncipe de Gales!

No alto das muralhas do palácio houve um tremendo estrondo, vendo-se subitamente línguas de fogo cortarem a escuridão. A multidão no rio prorrompeu numa aclamação delirante. E Tom Canty, a causa e o herói de tudo aquilo, apareceu, fazendo uma ligeira reverência com a cabeça.

Estava magnificamente vestido, num gibão de cetim branco, a frente púrpura, adornada com diamantes e contornada por arminho. O manto era branco e dourado, o emblema das três penas brancas, forrado com cetim azul, enfeitado de pérolas e pedras preciosas e preso por um broche de diamantes. Penduradas em seu pescoço estavam a Ordem da Jarreteira e diversas outras ordens reais estrangeiras. Sempre que a luz incidia sobre as pedras preciosas, causavam um brilho ofuscante. Oh, Tom Canty, nascido numa choupana, criado nas sarjetas de

Londres, vivendo em andrajos, sujeira e miséria, que espetáculo e tanto é este em que agora está!

10

O príncipe sofre

Deixamos o verdadeiro príncipe sendo arrastado por John Canty para Offal Court, seguido por uma multidão ruidosa e deliciada. Houve apenas uma única pessoa que disse uma palavra de súplica a favor do cativo, mas não mereceu qualquer atenção. Sua voz nem mesmo foi ouvida, em meio ao alvoroço. O príncipe continuou a se debater, numa tentativa de recuperar a liberdade, sua raiva crescendo cada vez mais, pelo tratamento recebido. John Canty acabou perdendo a pouca paciência que ainda lhe restava e ergueu seu porrete acima da cabeça do príncipe, numa fúria súbita. A única pessoa que suplicara pelo pobre menino adiantou-se rapidamente para deter o golpe e o porrete caiu sobre seu pulso. Canty rugiu:

– Está querendo se meter onde não é chamado, hein? Pois então tome o que merece!

O porrete acertou em cheio na cabeça da pessoa intrometida. Ouviu-se um gemido e um vulto indistinto caiu ao chão, entre os pés da multidão. No momento seguinte, estava sozinho, na escuridão. A multidão seguiu em frente, sem deixar que sua alegria e animação fosse perturbada pelo incidente.

Não demorou muito para que o príncipe estivesse metido no covil de John Canty, a porta fechada para barrar o acesso dos estranhos. À pouca claridade de uma vela de sebo, metida no gargalo de uma garrafa, o príncipe pôde divisar os

principais detalhes do covil repugnante e os rostos de seus ocupantes. Duas meninas sujas e desmazeladas e uma mulher de meia-idade encolhiam-se contra a parede, a um canto, com a aparência de animais acostumados a um tratamento impiedoso e esperando e temendo agora pela repetição de maus-tratos inomináveis. Em outro canto, havia uma megera encarquilhada, de cabelos brancos e olhos malignos. John Canty virou-se para ela e disse:

– Espere um pouco! Vamos ter uma palhaçada das melhores! Não estrague até que a gente tenha ouvido tudo e se divertido. Depois, pode fazer sua mão tão pesada quanto desejar. E agora, garoto, diga de novo todas aquelas palhaçadas. E tome cuidado para não esquecer coisa alguma. Vamos, diga o seu nome! Quem é você?

O sangue novamente afluiu ao rosto do pequeno príncipe, de raiva. Fitou o rosto do homem com uma expressão firme e indignada e disse:

– Alguém como você não pode ordenar-me que fale! Mas vou lhe dizer novamente o que já disse antes: sou Edward, Príncipe de Gales!

A surpresa pela resposta fez com que a megera ficasse com os pés cravados no lugar onde estava, quase sem fôlego. Ela contemplou o príncipe com uma expressão de espanto tão grande que o filho desalmado desatou a rir. Mas o efeito sobre a mãe e as irmãs de Tom Canty foi inteiramente diferente. O receio de castigos físicos foi imediatamente substituído por uma aflição de outro tipo. Adiantaram-se rapidamente, angustiadas e aturdidas, exclamando:

– Oh, pobre Tom! Pobre menino!

A mãe caiu de joelhos diante do príncipe, pôs as mãos nos ombros dele e fitou-lhe ansiosamente o rosto, por entre as lágrimas.

– Oh, meu pobre Tom! As leituras tolas finalmente concluíram seu trabalho terrível e acabaram por levar o seu juízo! Ah, por que insistiu em suas fantasias, quando eu avisava que era melhor parar? Oh, meu querido, está amargurando o coração de sua mãe!

O príncipe fitou-a ternamente e disse com gentileza:

– Seu filho está bem e não perdeu o juízo, minha boa dama. Fique tranquila.

Basta levar-me ao palácio onde ele está e imediatamente o rei meu pai irá devolver-lhe seu filho.

– O rei seu pai! Oh, meu filho! Nunca mais diga essas palavras, pois certamente atrairão a morte para você e para todos que lhe são chegados! Esqueça esse sonho horrível! Trate de recuperar sua memória, que insiste em se extraviar! Olhe bem para mim, meu filho querido. Não sou sua mãe, que o gerou e que o ama profundamente?

O príncipe sacudiu a cabeça e disse, relutantemente:

– Deus sabe como detesto afligir-lhe o coração, mas a verdade é que nunca vi seu rosto antes deste momento.

A mulher afundou para uma postura sentada no chão. E cobrindo os olhos com as mãos, prorrompeu em soluços e gemidos desesperados.

– Deixe o espetáculo continuar! – berrou Canty. – Ei, Nan! Ei, Bet! Mas que raparigas que não sabem o que é ter boas maneiras! Como se atrevem a ficar de pé na presença do príncipe? Vamos, de joelhos as duas! Vamos, suas miseráveis, façam uma reverência ao príncipe!

John Canty desatou novamente a rir. As meninas começaram a suplicar timidamente pelo irmão. Nan balbuciou:

– Deixe ele ir se deitar, pai. O descanso e o sono vão curar essa loucura dele. Por favor, pai, deixe ele ir se deitar!

– Deixe, pai! – pediu Bet também. – Ele está mais cansado do que outra coisa qualquer. Amanhã ele vai voltar a ser como antes e vai continuar a pedir esmola com todo o empenho. Tenho certeza de que ele nunca mais vai voltar para casa com as mãos vazias!

A observação dissipou imediatamente a jovialidade do pai, fazendo-o voltar a pensar nos negócios. Ele virou-se para o príncipe, com uma expressão furiosa, e disse:

– Amanhã vamos ter que pagar 2 *pennies* ao homem que é dono deste buraco. É o dinheiro de meio ano de aluguel. Se a gente não pagar, vamos ter que sair daqui. Vamos ver o que você vai conseguir pedindo esmolas, seu preguiçoso de

uma figa!

O príncipe reagiu prontamente:

– Não me ofenda com seus sórdidos problemas. Estou lhe dizendo que sou o filho do rei.

John Canty acertou um golpe violento no ombro do príncipe. O pobre menino cambaleou, até os braços da Sra. Canty, que o abraçou e protegeu de uma chuva de cascudos e tabefes com seu próprio corpo. As meninas, assustadas, bateram em retirada para o canto. Mas a avó avançou, ansiosa, disposta a ajudar o filho na surra. O príncipe afastou-se da Sra. Canty, exclamando:

– Não precisa sofrer por mim, madame. Deixe que esses porcos batam em mim somente!

A declaração enfureceu os porcos a tal ponto que se puseram a fazer o que tinham vontade sem mais perda de tempo. Os dois desancaram impiedosamente o pobre menino e ainda deram uns tabefes na mãe e nas meninas, por terem demonstrado alguma compaixão pela vítima.

– E agora – disse Canty, ao terminar – quero ver todo mundo deitado. A diversão me deixou um pouco cansado.

A luz foi apagada e a família inteira se deitou. Assim que os roncos do chefe da casa e de sua mãe indicaram que estavam profundamente adormecidos, as meninas se arrastaram até o lugar em que o príncipe estava deitado e ternamente tentaram protegê-lo do frio, cobrindo-o com palha e trapos. A mãe também foi até lá, afagando-lhe os cabelos e murmurando palavras de compaixão e conforto em seu ouvido, ao mesmo tempo em que chorava angustiadamente. Ela também guardara um pouco de comida, mas as dores que o príncipe sentia haviam-lhe tirado todo o apetite, pelo menos por pedaços de pão duros e sem gosto. Ele ficou comovido com a atitude dela, defendendo-o a um custo muito alto. Agradeceu com palavras nobres e dignas de um príncipe, suplicando-lhe que fosse dormir e esquecesse todos os seus pesares. Acrescentou que o rei seu pai não deixaria que a bondade e devoção dela ficassem sem recompensa. Esse retorno da “loucura” fez com que a Sra. Canty ficasse mais desesperada ainda. Apertou o pequeno

príncipe contra o peito e depois voltou para sua cama, banhada em lágrimas.

Estendida na cama, pensando e lamentando, ela começou a ter a impressão de que havia algo indefinível naquele menino que faltava em Tom Canty, louco ou são. Não sabia definir o que era, não podia dizer do que se tratava, mas seu aguçado instinto materno parecia descobri-lo e percebê-lo. E se, no fim das contas, o menino não fosse realmente o filho dela? Ora, mas isso era absurdo! Ela quase sorriu diante da ideia, apesar de suas tristezas e aflições. Mas descobriu que a ideia se recusava a desaparecer, que persistia em atormentá-la. Perseguiu-a, acoitava-a, apegava-se a ela insistentemente, recusava-se a ser afastada ou ignorada. Finalmente, ela chegou à conclusão de que não teria paz enquanto não imaginasse um teste que indicasse claramente e sem qualquer sombra de dúvida se aquele rapaz era ou não seu filho. Só assim poderia acabar com as dúvidas que a corroíam. Era a única maneira e a maneira certa de resolver o problema. Por isso, ela pôs-se a pensar, tentando imaginar um teste decisivo. Mas era mais fácil do que realizar. Foi pensando num teste promissor depois de outro, mas abandonou um a um. Nenhum deles era absolutamente seguro, absolutamente perfeito; um teste imperfeito não seria capaz de satisfazê-la. Evidentemente, estava esquentando a cabeça em vão. Parecia-lhe agora óbvio que o melhor era não pensar mais no assunto. No momento em que o pensamento deprimente passou-lhe pela cabeça, seus ouvidos perceberam a respiração regular do menino, compreendendo que ele adormecera. Enquanto prestava atenção, ouviu a respiração regular ser interrompida por um grito baixo e de surpresa, como o que uma pessoa costuma soltar durante um sono inquieto. O incidente fortuito proporcionou à Sra. Canty a ideia de um plano eficaz, que acabaria com todas as suas dúvidas. Entrou em ação imediatamente, procurando acender a vela sem fazer o menor ruído, ao mesmo tempo em que pensava: “Se eu o tivesse visto nesse momento, eu teria sabido! Desde o tempo em que ele era pequeno e a pólvora explodiu diante de seu rosto que, ao ter um sobressalto quando está sonhando ou absorto em seus pensamentos, sempre leva a mão aos olhos, como fez naquele dia. A diferença é que, ao contrário dos outros, levanta a mão com a

palma virada para fora e não para dentro! Já vi o gesto uma centena de vezes e jamais falhou ou mudou. Mas não tem importância. Vou verificar agora mesmo se é ou não o meu Tom!”

A essa altura ela já estava ao lado do menino adormecido, com a vela na mão. Examinou-o atenta e meticulosamente, mal respirando em sua emoção. De súbito, colocou a chama diante do rosto dele e bateu no chão com os dedos dos pés. Os olhos do menino se abriram bruscamente, espantados, mas ele não fez qualquer gesto com as mãos.

A pobre mulher ficou angustiada, de surpresa e pesar. Mas conseguiu esconder suas emoções e acalmou o menino, até que ele dormisse novamente. Depois se afastou silenciosa, censurando-se pelo resultado desastroso da experiência. Procurou dizer a si mesma que a loucura de Tom era responsável pela inexistência do gesto habitual. Mas não adiantou, e ela acabou murmurando:

– Não, as mãos dele não estão loucas! Não poderiam esquecer um hábito tão antigo em tão pouco tempo. Oh, mas que dia terrível para mim!

Mas isso não impediu que a esperança se mostrasse obstinada, como acontecera antes com a dúvida. Ela se recusava a aceitar o veredicto do teste. Por isso, provocou um novo sobressalto no menino, voltando a repetir pela terceira vez, a intervalos, sempre com o mesmo resultado do primeiro teste. Finalmente, a Sra. Canty voltou para a cama e adormeceu, angustiada, murmurando:

– Mas não posso renunciar a ele! Oh, não, de jeito nenhum! Ele *deve* ser meu filho!

As interrupções da pobre mãe tendo cessado e as dores do príncipe gradativamente perdendo a capacidade de incomodá-lo, ele conseguiu finalmente cair num sono profundo, embora bastante inquieto. As horas foram se passando e ele continuou a dormir. Só depois de umas quatro ou cinco horas é que sua sonolência começou a se desvanecer. Um momento depois, meio adormecido, meio acordado, o príncipe murmurou:

– Sir William!

Um breve silêncio e o príncipe voltou a balbuciar:

– Ei, Sir William Herbert! Venha até aqui para ouvir o sonho mais estranho que já tive. Ei, Sir William! Está me ouvindo? Sabe, pensei que tivesse me transformado num mendigo e... Ei, onde é que estão todos? Guardas! Sir William! Não há ninguém aqui no quarto para atender-me? Ai de mim! Será difícil cuidar de...

– O que o está afligindo? – perguntou-lhe alguém, num sussurro. – A quem está chamando?

– A Sir William Herbert. Quem está aí?

– Quer saber quem sou eu? Ora, quem poderia ser, a não ser sua irmã Nan? Oh, Tom, eu tinha esquecido! Você ainda está doido! Eu esperava não acordar nunca mais para ver que você continua assim. Mas, por favor, controle sua língua ou todos nós vamos levar uma surra até morrer!

O espantado príncipe soergueu-se ligeiramente, mas sentiu a dor intensa das pancadas que levara e voltou a estender-se sobre a palha fétida, murmurando:

– Oh, Deus! Não! Não era um sonho!

Um momento depois, toda a angústia e a miséria que o sono havia afastado por um instante estavam de volta. Ele compreendeu que não era mais um príncipe mimado num palácio, sob os olhos de uma nação a adorá-lo, mas um pobre, um pária, vestido em andrajos, prisioneiro num buraco imundo apropriado apenas para animais, em meio a mendigos e ladrões.

O príncipe começou a ouvir gritos alegres e um barulho intenso, aparentemente a apenas um ou dois quarteirões de distância. Um instante depois, alguém bateu na porta. John Canty parou de roncar e indagou:

– Quem está aí?

Uma voz respondeu com um sussurro:

– Sabe quem foi que você derrubou com o porrete?

– Não. E também não quero saber nem me importo.

– Pois é melhor começar a se preocupar. E se quer salvar o pescoço, a única coisa que pode fazer agora é tratar de fugir. O homem está neste momento se

separando de sua alma. Era o padre Andrew.

– Santo Deus! – exclamou Canty, despertando imediatamente a família e ordenando rispidamente: – Levantem todos e tratem de fugir! Se ficarmos aqui vamos acabar sendo apanhados!

Menos de cinco minutos depois, a família Canty estava na rua, fugindo para salvar a vida. John Canty segurava o príncipe pelo pulso e puxava-o pelo caminho escuro, ameaçando-o:

– Guarde a língua para você mesmo, seu maluco, e não diga nosso nome para ninguém. Vou tratar de arrumar um novo nome e tirar os cachorros da lei da minha pista. Mas não se esqueça de guardar essa maldita língua dentro da boca!

Ele resmungou o mesmo aviso para o resto da família e acrescentou:

– Se por acaso a gente se separar, todo mundo deve ir para a London Bridge. Quem chegar primeiro deve ficar esperando pelos outros. E depois fugiremos juntos para Southwark.

Nesse momento, o grupo saiu da escuridão para a luz, encontrando-se no meio de uma multidão de pessoas a cantar, dançar e gritar, reunida à beira do rio. Para cima e para baixo do Tâmis, até onde a vista podia alcançar, havia fogueiras acesas. A London Bridge estava toda iluminada, o mesmo acontecendo com a ponte de Southwark. O próprio rio estava iluminado por incontáveis lanternas coloridas. Explosões constantes de fogos de artifício enchiam o céu, com uma intrincada mistura de esplendores em disparada e uma chuva intensa de centelhas, quase transformando a noite em dia. Por toda parte, havia pessoas a se divertirem. Londres em peso parecia reunida nas margens do rio.

John Canty deixou escapar um xingamento furioso e ordenou uma retirada. Mas já era tarde demais. Ele e sua família foram engolfados pela agitada colmeia humana e um instante depois estavam separados. Não estamos considerando o príncipe como um membro da família, pois Canty não largou o punho dele um momento sequer. Um corpulento barqueiro, consideravelmente exaltado pela bebida, foi empurrado por John Canty, em sua tentativa desesperada de abrir caminho por entre a multidão. Ele colocou a mão imensa no ombro de Canty e

disse:

– Ei, para que tanta pressa, amigo? Por que está destruindo sua alma com algum negócio sórdido, quando todos os homens leais estão tirando um feriado?

– Os meus negócios são da minha conta e de mais ninguém – respondeu Canty, asperamente. – Não se meta onde não é chamado. E tire essa mão de cima de mim e me deixe passar!

O barqueiro colocou-se resolutamente à frente dele.

– Já que está com essa disposição, não vou deixar você passar enquanto não beber à saúde do Príncipe de Gales!

– Pois então me dá logo essa taça e vamos com isso de uma vez!

A essa altura, vários outros homens haviam tido sua atenção despertada pela cena. E gritaram:

– A taça da amizade! A taça da amizade! Vamos fazer o patife tomar toda a taça da amizade ou então jogá-lo para os peixes!

Trouxeram então uma imensa taça da amizade. O barqueiro segurou uma das alças, e com a outra mão empunhando a ponta de um guardanapo imaginário, ofereceu-a a Canty, na forma antiga e adequada. Canty não teve alternativa a não ser pegar a outra alça com uma das mãos e levantar a tampa, de acordo com o costume antigo.⁶ Com isso, é claro, o príncipe viu-se subitamente livre. Não perdeu tempo, mergulhando entre as florestas de pernas ao seu redor e desaparecendo rapidamente. Um momento depois, seria tão difícil encontrá-lo em meio àquele mar humano quanto descobrir uma moeda perdida no meio do oceano Atlântico.

O príncipe logo se deu conta do fato e passou a concentrar-se inteiramente em seus problemas, esquecendo John Canty por completo. Rapidamente compreendeu também outra coisa: um falso Príncipe de Gales estava sendo festejado pela cidade, no lugar dele. Concluiu facilmente que o menino pobre, Tom Canty, deliberadamente tirara proveito de sua excepcional oportunidade, tornando-se um usurpador.

Assim sendo, só restava ao verdadeiro príncipe uma saída: dar um jeito de chegar a Guildhall, revelar sua verdadeira identidade e denunciar o impostor. O príncipe decidiu também que concederia a Tom um tempo razoável para se preparar espiritualmente e depois mandaria enforcá-lo e esquartejá-lo, de acordo com a lei e os costumes vigentes naquele tempo para os casos de alta traição.

Em Guildhall

O barco real, acompanhado pela frota toda iluminada, começou a descer o Tâmesa. O ar estava impregnado de música, as margens do rio, iluminadas por fogueiras. A cidade distante estava envolta por uma claridade intensa, de fogueiras invisíveis. Fogos de artifício subiam pelo céu, parecendo, a distância, lanças reluzentes de pedras preciosas. Enquanto a frota avançava, era saudada por gritos delirantes, das margens, ouvindo-se o troar incessante e o brilho de canhões disparados em saudação.

Para Tom Canty, semienterrado em almofadas de seda, os barulhos e o espetáculo eram uma maravilha sublime e espantosa. Para as duas meninas a seu lado, a princesa Elizabeth e lady Jane Grey, nada tinham de surpreendente.

Chegando a Dowgate, os barcos entraram pelo límpido Walbrook (cujo canal há dois séculos está enterrado sob acres e mais acres de construções) até Bucklersbury, passando por casas e sob pontes, feericamente iluminadas e povoadas por uma multidão alegre. Finalmente chegaram a uma pequena enseada onde está agora Barge Yard, no centro da antiga cidade de Londres. Tom desembarcou e, juntamente com seu galante cortejo, atravessou Cheapside, a Old Jewry e a rua Basinghall, até Guildhall.

Tom e as duas meninas foram recebidos com toda a solenidade pelo lorde prefeito e pelos grandes da cidade, em mantos vermelhos e correntes de ouro. Foram conduzidos a um dossel na extremidade do imenso salão, precedidos por arautos a fazerem proclamações e pela maça e espada da cidade, as insígnias de

autoridade. Os lordes e ladies que deviam atender Tom e as meninas postaram-se atrás das cadeiras deles.

Numa mesa em nível inferior, sentaram-se os grandes da corte e outros nobres de importância, juntamente com os altos dirigentes da cidade. Os membros do Conselho Municipal ocupavam diversas mesas espalhadas pelo salão. De sua posição elevada, os gigantes Gog e Magog, os antigos guardiões da cidade, contemplavam o espetáculo, sem maior interesse, acostumados que estavam a coisas assim havia incontáveis gerações. Soou um clarim e houve uma proclamação. Um mordomo gordo apareceu num palanque à esquerda do salão, seguido por vários servidores, carregando solenemente uma imensa travessa, sobre a qual havia um quarto de boi, fumegando e pronto para entrar na faca.

Depois da prece, Tom (devidamente instruído) se levantou e todos os presentes também. Ele bebeu de uma taça da amizade de ouro, juntamente com a princesa Elizabeth. A taça foi entregue em seguida a lady Jane e continuou a viajar pelo salão. O banquete começou.

Por volta de meia-noite, a festa estava no auge. Realizou-se, então, um daqueles espetáculos pitorescos, tão apreciados nos tempos antigos. Ainda existe uma descrição dele, no palavreado exótico de um cronista da época, que o presenciou:

“Um espaço foi aberto e dali a pouco entraram um barão e um conde, vestidos à maneira turca, com mantos compridos salpicados de ouro, chapéus de veludo vermelho, com duas espadas curvas chamadas cimitarras, penduradas em boldriés de ouro. Em seguida, apareceram um outro barão e um outro conde, em túnicas compridas de cetim amarelo, com tiras de cetim branco cruzadas, que por sua vez tinham tiras de cetim vermelho, de acordo com a moda da Rússia, com chapéus de pele castanhos na cabeça, todos os dois com machados nas mãos e botas com pontas de ferro. E depois apareceu um cavaleiro, seguido pelo lorde almirante e por cinco nobres de gibões de veludo vermelho, presos na frente por correntes de prata e tendo por cima capas curtas de cetim escarlate; nas cabeças, chapéus de dançarinos, com penas de faisões. Estavam vestidos à maneira da

Prússia. Os homens que seguravam as tochas, em torno de uma centena, estavam vestidos de cetim escarlate e verde, como mouros, os rostos pintados de preto. Em seguida, apareceu um *mommerye*. Vieram depois os menestréis, também fantasiados, que dançaram. Os nobres e as damas também dançaram alegremente e era um prazer se contemplar aquele espetáculo.”

E enquanto Tom, sentado em sua posição elevada, contemplava a dança, imerso na admiração daquela mistura deslumbrante de cores caleidoscópicas, na vertigem de personagens fantasiados a girarem pelo salão, o verdadeiro Príncipe de Gales, metido em andrajos, estava proclamando os seus direitos, denunciando o impostor e reivindicando o direito de entrar nos portões de Guildhall. A multidão apreciava intensamente o espetáculo, todos se adiantando e esticando as cabeças para verem o autor da balbúrdia. Logo começaram a zombar dele, procurando deliberadamente levá-lo a uma fúria ainda maior, para se divertirem. Lágrimas de desespero afloraram aos olhos do príncipe, mas ele se manteve firme e continuou a desafiar a multidão, com dignidade real. Os escárnios e zombarias continuaram e o príncipe não mais se conteve, exclamando:

– Estou lhes avisando, seus grosseiros estúpidos, que sou o verdadeiro Príncipe de Gales! E apesar de estar abandonado e sem amigos, sem qualquer pessoa que esteja disposta a me ajudar e interceder a meu favor, não cederei por nada neste mundo!

– Quer seja príncipe ou não, isso não faz a menor diferença para mim. O importante é que se trata de um bravo rapaz e por isso lhe garanto que não está inteiramente sem amigos. E aqui estou eu a seu lado, para prová-lo. Pode ser que consiga encontrar um amigo melhor do que Miles Hendon, mas vai cansar as pernas de tanto procurar. Pode ficar sossegado, garoto. Deixe que eu cuido sozinho desses ratos.

Quem assim falava era uma espécie de Don Cesar de Bazan, em traje, aspecto e porte. Era alto, esguio e musculoso. O gibão e o calção eram de um tecido de boa qualidade, mas estavam desbotados e puídos. Os laços dourados de adorno estavam tristemente manchados. A gola de rufos, amarrotada e suja. A pluma no

chapéu estava quebrada e suja. De seu lado, pendia uma espada grande, metida numa bainha de ferro enferrujada. A atitude arrogante era a de um homem acostumado a desafios. A fala desse personagem tão fantástico foi recebida por um coro de zombarias e risadas. Alguém gritou:

– É outro príncipe disfarçado!

E seguiram-se outros gritos:

– Cuidado com a língua, amigo. Ele diz que é perigoso!

– E bem que parece! Olhem só para a cara dele!

– Vamos arrancar o rapaz dele e jogá-lo no rio!

Um instante depois, alguém agarrou o príncipe, achando que era uma boa ideia. O estranho sacou a espada rapidamente e o intrometido caiu ao chão, com um baque surdo. E logo uma vintena de vozes se puseram a gritar:

– Matem o cão! Matem! Matem!

A multidão avançou perigosamente na direção do estranho, que se postou de costas numa parede e começou a brandir a espada para todos os lados, furiosamente. As vítimas caíam, feridas, sob os golpes da espada, mas a multidão continuava a avançar, passando por cima e pisoteando os que haviam tombado. Os momentos dele pareciam contados, sua destruição certa, inevitável. Mas subitamente soou uma trombeta e uma voz gritou:

– Abram caminho para o mensageiro do rei!

Alguns cavaleiros investiram contra a multidão. Todos saíram correndo, o mais depressa que suas pernas podiam. O audaz estranho levantou o príncipe nos braços e um instante depois estava longe do perigo da multidão.

Mas voltemos ao interior do Guildhall. De repente, soando acima dos gritos de alegria e do barulho da festa, ouviu-se o troar de um clarim. Houve um momento de silêncio, abafado, opressivo. Depois, ouviu-se uma voz, a do mensageiro que chegara do palácio, iniciando uma proclamação que a multidão inteira ouviu sem se mexer. As palavras finais, pronunciadas solenemente, foram:

– O rei está morto!

Todos os presentes abaixaram suas cabeças, encostando-as no peito, como

que obedecendo a uma ordem, assim permanecendo, em silêncio profundo, por alguns momentos. Depois, todos caíram de joelhos, estendendo as mãos na direção de Tom. E ouviu-se então um grito em uníssono, que pareceu fazer o prédio tremer:

– Vida longa para o rei!

Os olhos aturdidos do pobre Tom vaguearam por esse espetáculo desconcertante e finalmente foram se fixar, pensativos, nas princesas ajoelhadas a seu lado. Depois, Tom olhou para o conde de Hertford. Um brilho de determinação estampou-se em seu rosto. E ele disse em voz baixa, ao ouvido de lorde Hertford:

– Responda-me com a verdade, por sua fé e honra! Se eu desse uma ordem agora, que somente um rei tem o privilégio e a prerrogativa de dar, tal ordem seria obedecida e ninguém seria capaz de dizer-me não?

– Ninguém, milorde, em todos os seus reinos. Em sua pessoa está agora a majestade da Inglaterra. É o rei; sua palavra é lei.

Em voz firme e alta, demonstrando uma grande animação, Tom declarou:

– Neste caso, a lei do rei é a lei da misericórdia deste dia em diante! Nunca mais será a lei do sangue! Levante-se, lorde Hertford! Vá até a Torre e diga que o rei acaba de decidir que o duque de Norfolk não deve morrer!⁷

As palavras foram ouvidas por outros e transmitidas de boca em boca, espalhando-se por todo o salão, enquanto Hertford afastava-se rapidamente, para cumprir a ordem. E nesse momento ouviu-se outro grito prodigioso e uníssono no salão:

– O reinado de sangue terminou! Vida longa para Edward, rei da Inglaterra!



O príncipe e seu salvador

Assim que Miles Hendon e o pequeno príncipe ficaram longe da multidão, embrenharam-se por vielas escuras na direção do rio. Não tiveram a menor dificuldade até chegarem perto da London Bridge, quando se depararam novamente com a multidão. Hendon não largou o braço do príncipe – do príncipe não, do rei – por um instante sequer. A notícia já se espalhara pela multidão e o menino soube-a por mil vozes ao mesmo tempo:

– O rei está morto!

Foi um choque terrível, que lhe provocou um calafrio, fazendo-o estremecer. Era uma perda e tanto para ele, pois o tirano sanguinário, que fora um terror para os outros, sempre o tratara com toda a gentileza. As lágrimas brotaram nos olhos do menino, tudo ficou vago e indistinto. Por um momento, ele sentiu-se a mais desamparada e esquecida das criaturas de Deus. Outro grito varou a noite, repetido por vozes incontáveis, como uma trovoada prolongada:

– Vida longa para o rei Edward o Sexto!

Os olhos do menino brilharam, o orgulho invadiu-o, ao pensar: “Ah, como parece estranho e grandioso – Eu SOU O REI!”

Nossos amigos avançaram lentamente pela multidão até a ponte. A ponte, que fora erguida havia seiscentos anos e sempre fora uma passagem movimentada e ruidosa, era na ocasião bastante curiosa, com fileiras de lojas dos dois lados e aposentos residenciais por cima, de uma margem a outra do rio. A ponte era, em si mesma, uma espécie de cidade. Tinha uma hospedaria, cervejarias, padarias, lojas de roupas, mercearias, algumas indústrias, até mesmo uma igreja. Contemplava as duas vizinhas que ligava, Londres e Southwark, como simples subúrbios, sem qualquer importância em particular. Era uma

comunidade autossuficiente por assim dizer, uma cidade estreita, de uma única rua, com pouco mais de 300 metros de comprimento. A população era equivalente à de uma pequena aldeia, onde todos se conheciam intimamente e haviam conhecido antes seus pais e mães. No processo, conheciam também todos os problemas familiares de cada um. A ponte, é claro, também tinha sua aristocracia, as famílias antigas de padeiros, açougueiros e não sei mais o quê, que havia quinhentos ou seiscentos anos ocupavam os mesmos aposentos e conheciam toda a história da ponte, do princípio ao fim, com todas as suas lendas. As conversas giravam sempre em torno da ponte, os pensamentos se concentravam na ponte, até mesmo a atitude era típica da ponte. Era o tipo de população de mentalidade estreita e ignorante, presunçosa. Crianças nasciam na ponte, ali eram criadas, envelheciam e finalmente morriam, sem terem uma vez sequer posto o pé fora da London Bridge. Era natural que os habitantes da ponte imaginassem que o desfile incessante e interminável que se deslocava pela rua única, dia e noite, com a zoadá confusa de gritos, relinchos, urros e balidos era o grande espetáculo do mundo, sendo eles os seus proprietários. E, de certa forma, era o que realmente acontecia; pelo menos podiam exibi-lo de suas janelas – e o faziam, por um preço módico, sempre que um rei ou herói retornava de uma campanha vitoriosa, porque não havia melhor lugar para se ter uma vista das colunas a marcharem.

Os homens que nasciam e eram educados na ponte achavam que a vida em qualquer outro lugar era insípida e vazia. A história conta que um homem assim deixou a ponte aos 71 anos e foi para o campo, a fim de descansar de uma vida inteira de trabalho. Mas, no campo, passava o tempo todo a se remexer na cama, sem conseguir dormir direito. O silêncio e a calma eram-lhe opressivos, insuportáveis. Finalmente não aguentou mais e voltou à sua velha casa, magro, angustiado, desesperado. E pôde então repousar tranquilamente, com sonhos agradáveis, sob a música embaladora das águas a baterem nas fundações e o troar constante sobre a London Bridge.

Nos tempos sobre os quais estamos escrevendo, a ponte proporcionava

também “lições” de história da Inglaterra a suas crianças, por meio das cabeças lívidas e em decomposição de homens famosos, empaladas em espigões de ferro no alto de seus portões. Mas estamos divagando.

Os alojamentos de Hendon ficavam numa pequena hospedaria da ponte. Quando ele se aproximou da porta, com seu pequeno amigo, uma voz rude disse:

– Ah, finalmente você chegou! Posso lhe garantir que não vai conseguir me escapar outra vez! E se puder aprender algo com uma surra que lhe deixará todos os ossos moídos, não nos vai deixar esperando outra vez!

E John Canty estendeu a mão para segurar o menino. Mas Miles Hendon se interpôs entre os dois, dizendo:

– Não tão depressa, amigo. Acho que está sendo mais rude do que é necessário. O que o menino é para você?

– Se é da sua conta se meter no que não lhe diz respeito, ele é meu filho!

– É mentira! – gritou o pequeno rei, veementemente.

– Acredito no que está dizendo, garoto, quer sua cabeça esteja abalada ou não. De qualquer maneira, não me importa que esse arruaceiro desprezível seja ou não seu pai. Não vou deixar que ele fique com você, para dar-lhe uma surra, como ameaçou. Isto é, se você preferir ficar comigo, é claro.

– Prefiro, sim! Não conheço esse homem, detesto-o e prefiro morrer a acompanhá-lo!

– Então está acertado e nada mais há para se dizer.

– É o que vamos ver agora! – berrou John Canty, passando por Hendon para agarrar o menino. – Nem que seja à força...

– Se tocar nele, vou fazer picadinho de você – disse Hendon, barrando-lhe a passagem e levando a mão ao cabo da espada.

Canty recuou imediatamente e Hendon acrescentou:

– Escute bem o que vou lhe dizer: salvei esse garoto de uma multidão de arruaceiros como você, no momento em que se preparavam para espancá-lo, talvez mesmo matá-lo. Acha mesmo que eu iria agora abandoná-lo a um destino talvez pior? Pois quer você seja pai dele ou não... e acho que isso é uma mentira...

uma morte rápida seria muito melhor para o rapaz do que ser entregue às mãos de um bruto como você. Assim, é melhor seguir seu caminho e depressa, já que não sou muito dado às palavras e não sou paciente por natureza.

John Canty afastou-se, murmurando ameaças e palavrões, logo desaparecendo em meio à multidão. Hendon subiu os três lances de escada até seu quarto, acompanhado pelo menino. Na passagem, ordenou que levassem imediatamente uma refeição. Era um aposento miserável, com uma cama esquálida e alguns móveis velhos, iluminados por duas velas de sebo quase no fim. O pequeno rei quase que se arrastou até a cama e deitou-se, exausto de fome e fadiga. Passara boa parte de um dia e uma noite de pé e já eram agora duas ou três horas da madrugada. E nada comera desde a manhã do dia anterior. Sonolento, murmurou:

– Por favor, chame-me quando a mesa estiver posta.

E um instante depois ele estava profundamente adormecido.

Um brilho sorridente surgiu nos olhos de Hendon, que disse para si mesmo:

– Por Deus! O pequeno mendigo ocupa meu aposento e usurpa minha cama com a tranquilidade de quem as possui! E nem mesmo se lembra de dizer um por favor, com sua licença ou algo assim! Em seu delírio doentio, disse que era o Príncipe de Gales e sustentou bravamente o que declarou. Pobre coitado, sem amigos, sem ninguém! Com certeza, sua mente ficou perturbada pelos maus-tratos. Mas serei amigo dele. Afinal, salvei-o da multidão, o que cria um laço muito forte entre nós. Além do mais, gostei do pequeno patife de língua afiada. Como ele enfrentou corajosamente a turba furiosa! E que rosto gracioso e gentil que ele tem, agora que o sono afastou seus problemas e tristezas! Vou cuidar dele, curar a doença que o atormenta. Isso mesmo! Serei um irmão mais velho e velarei por ele. E quem se atrever a humilhá-lo ou fazer-lhe mal poderá encomendar imediatamente uma mortalha, pois vai precisar!

Hendon inclinou-se sobre o rapaz e contemplou-o com um interesse bondoso e compassivo, gentilmente afastando os cabelos emaranhados que lhe caíam na testa. O menino estremeceu ligeiramente. Hendon murmurou para si

mesmo:

– Mas que cabeça a minha! Como pude deixar que ele se deitasse sobre as cobertas, arriscando-se a pegar uma gripe? O que devo fazer agora? Acordá-lo para que se cubra? Mas o pobre garoto está tão cansado e precisando tanto dormir!

Ele olhou ao redor, procurando algo para cobrir o menino. Nada encontrou e acabou tirando o próprio gibão, envolvendo o menino nele, ao mesmo tempo em que voltava a murmurar:

– Eu já estou acostumado a dormir ao relento e com pouca roupa, mas esse menino não.

Hendon pôs-se então a andar de um lado para outro do quarto, para se manter aquecido, iniciando um monólogo em voz baixa:

– Sua mente transtornada convenceu-o de que é o Príncipe de Gales. Seria engraçado continuar a ter um príncipe entre nós, agora que aquele que era o príncipe já não o é mais e sim o rei. Mas o pobre coitado está obcecado por sua fantasia e com certeza vai continuar a se chamar de príncipe, sem ter ideia de que o príncipe é agora o rei. Se meu pai ainda estiver vivo, depois dos sete anos que passei sem ter notícias dele, em minha masmorra no exterior, tenho certeza de que receberá o pobre menino de braços abertos e o abrigará, por mim. E o mesmo fará o meu bom irmão mais velho, Arthur. Quanto a meu outro irmão, Hugh... mas vou dar um jeito nesse animal astucioso e traiçoeiro, se ele se atrever a interferir! É isso mesmo! Iremos para a casa de meu pai... e o mais depressa possível!

Um criado entrou nesse momento, trazendo uma refeição quente. Colocou a bandeja sobre uma mesinha, ajeitou as cadeiras e partiu, deixando que aqueles hóspedes pobres se servissem pessoalmente. Ao sair, o criado bateu a porta. O barulho acordou o menino, que se sentou na cama e lançou um olhar triste ao redor. Uma expressão desolada estampou-se em seu rosto e ele murmurou para si mesmo, com um suspiro profundo:

– Ai de mim! Era apenas um sonho!

Um instante depois, ele notou o gibão de Miles Hendon a envolver-lhe o corpo. Olhou para Hendon, percebeu o sacrifício dele e disse, gentilmente:

– Está sendo muito bom para comigo. Mas pode pegar seu gibão e vesti-lo. Não vou mais precisar dele.

O menino levantou-se e foi até o lavatório a um canto. Ficou parado ali, esperando. Hendon disse-lhe, alegremente:

– Vamos fazer uma boa ceia agora, pois a comida está quente e certamente é saborosa. E depois que comer e dormir, tenho certeza de que sentirá todas as suas forças de volta!

O menino não respondeu. Uma expressão de surpresa surgiu em seu rosto, com um toque de impaciência. Hendon ficou desconcertado e indagou:

– O que está faltando?

– Meu caro senhor, eu gostaria de me lavar.

– Ah, é isso? Ora, não precisa pedir a Miles Hendon permissão para fazer algo que esteja querendo. Fique inteiramente à vontade e use como quiser tudo o que aqui houver.

O menino continuou imóvel, sem se mexer. Um momento depois, bateu no chão com o pé, uma ou duas vezes, impacientemente. Hendon estava perplexo, já não entendia mais nada.

– Mas qual é o problema?

– Por favor, despeje a água e não fale tanto!

Contendo uma risada e dizendo para si mesmo: “Por todos os santos! Esse garoto é incrível!” Hendon avançou rapidamente e atendeu ao pedido insolente. Depois, deu um passo para o lado e ficou imóvel, espantado, até ser despertado por uma ordem brusca:

– Vamos, a toalha!

Ele pegou a toalha que estava na frente do menino e entregou-a, sem fazer qualquer comentário. Enquanto Hendon também se lavava, seu filho adotivo sentou-se à mesa e preparava-se para comer. Hendon terminou de lavar-se rapidamente e depois puxou a outra cadeira junto à mesa. Já ia sentar quando o

menino disse, indignado:

– Pare! Como se atreve a sentar na presença do rei?

O golpe deixou Hendon bastante abalado e ele pensou: “A loucura do pobre coitado está aumentando com o tempo! Modificou-se com a grande mudança que ocorreu no reino e agora pensa que é o *rei*! Vou ter que fingir que aceito isso. Não há outro jeito. Caso contrário, ele irá mandar-me para a Torre!”

E, satisfeito com o gracejo, Hendon tirou a cadeira de junto da mesa e foi postar-se atrás do rei, numa atitude de espera, a mais cortês de que era capaz.

Enquanto o rei comia, a rigidez de sua dignidade real se atenuou um pouco. Com o crescente contentamento, veio uma vontade de conversar, e ele acabou dizendo:

– Se bem me recordo, disse que se chamava Miles Hendon. É isso mesmo?

– É, sim, *sire* – respondeu Hendon, pensando consigo mesmo: “Se vou aceitar a loucura do pobre menino, o melhor é tratá-lo como *sire*. Não se deve fazer as coisas pela metade. Tenho que simular que acredito na majestade dele e agir de acordo, em nome de uma causa caridosa.”

O rei se animou com um segundo copo de vinho e continuou a conversar:

– Conte-me sua história. Sua atitude é nobre e galante. Por acaso nasceu na nobreza?

– Pertencemos à retaguarda da nobreza, Majestade. Meu pai é um baronete, um dos lordes de menor categoria, por serviços prestados.⁸ É Sir Richard Hendon, de Hendon Hall, em Monks Holm, Kent.

– Não me recordo do nome. Mas conte-me sua história.

– Não é muita coisa, Majestade. Posso contá-la em meia hora, por falta de assunto melhor para falar. Meu pai, Sir Richard, é um homem muito rico e generoso. Minha mãe morreu quando eu ainda era menino. Tenho dois irmãos: Arthur, o mais velho, com uma alma igual à de meu pai, e Hugh, o mais moço, um espírito mesquinho, invejoso, traiçoeiro, perverso, astuto. Um réptil, em suma. Ele sempre foi assim, desde que nasceu. E continuava a sê-lo há dez anos,

quando o vi pela última vez, um patife completo, aos 19 anos. Eu tinha então 20 anos e Arthur estava com 22. A família só tinha mais uma pessoa, lady Edith, minha prima, com 16 anos naquela ocasião, linda, gentil, boa, filha de um conde, a última de sua estirpe, herdeira de uma grande fortuna e de um título que havia caducado. Meu pai era o tutor dela. Eu a amava e ela me amava, mas acontece que lady Edith havia sido prometida a Arthur desde o berço e Sir Richard não admitiria que o compromisso fosse desfeito. Arthur amava outra moça e esperava que o tempo e a sorte pudessem resolver os problemas de todos nós. Hugh amava a fortuna de lady Edith, embora afirmasse que era a ela a quem amava. Mas ele sempre foi assim, dizendo uma coisa e pensando em outra. Mas de nada adiantavam as manobras dele para atrair a moça. Hugh conseguia enganar a nosso pai e a ninguém mais. Meu pai o amava particularmente, confiava e acreditava nele, pois era o mais jovem, e os outros o detestavam. Creio que isso é o suficiente para se conquistar o amor mais profundo dos pais. E Hugh tinha uma língua hábil e persuasiva, com um talento admirável para mentir. Tais atributos sempre conseguem fazer com que um amor se torne cego a tudo mais. Eu era um rapaz muito rebelde, embora de uma forma um tanto inocente, pois só prejudicava a mim mesmo, não causando vergonha a ninguém, nenhum prejuízo, não cometendo nenhuma baixeza indigna de minha posição.

“Mas meu irmão Hugh tratou de explorar meus erros, sabendo que a saúde de Arthur não era das melhores e esperando que o pior pudesse acontecer-lhe. Se eu estivesse fora do caminho... Mas é uma história comprida, milorde, e não vale a pena contá-la em detalhes. Resumindo, esse meu irmão tratou de ampliar meus pequenos erros transformando-os em crimes inomináveis. E culminou tudo escondendo uma escada de seda em meu quarto e convencendo nosso pai, graças a isso e subornando criados e outros patifes a confirmarem a história, que eu tencionava raptar lady Edith e casar com ela, em desafio aberto às decisões dele.

“Meu pai disse que três anos banido de casa talvez fossem suficientes para que a Inglaterra me transformasse num homem e num soldado, incutindo-me um pouco de bom senso. Passei a minha longa provação nas guerras continentais,

conhecendo a violência, as privações e aventuras. Mas caí prisioneiro na minha última batalha. E durante os sete anos seguintes minha residência foi uma masmorra estrangeira. Pela astúcia e coragem consegui recuperar a liberdade. Acabo de retornar à Inglaterra, pobre na bolsa e no traje, mais pobre ainda ao pensar no que esses sete anos podem ter trazido a Hendon Hall, seus habitantes e bens. E essa, majestade, é a minha história.

– Mas você foi vergonhosamente maltratado! – exclamou o rei, com uma expressão furiosa. – Mas pode estar certo de que irei corrigir tal situação. O rei o afirma.

Estimulado pela história da desdita de Miles, o rei soltou a língua e descreveu seus infortúnios recentes. E quando ele acabou, o atônito Miles disse para si mesmo: “Mas que imaginação ele tem! Tenho de reconhecer que não se trata de uma mente comum, transtornada ou sadia. Uma mente comum não poderia imaginar uma história tão fantástica. Pobre menino! Mas ele não terá a falta de um amigo ou de abrigo enquanto eu estiver no mundo dos vivos. Ele jamais deixará o meu lado, será sempre o meu pequeno companheiro. E haverei de curá-lo! Ainda o verei recuperado e bom. Ele terá então um nome seu e poderei dizer orgulhosamente: Ele é meu! Eu o defendi quando era maltrapilho e desamparado, mas percebi imediatamente de que estofado era feito, que algum dia ainda seria alguém. E não acertei?”

O rei voltou a falar, num tom pensativo:

– Salvou-me de ferimentos e vergonha, talvez minha própria vida e, assim, minha coroa. Tal serviço merece uma recompensa régia. Diga o que deseja e, se estiver ao alcance do meu poder real, pode estar certo de que será atendido.

A sugestão fantástica arrancou Hendon de seu devaneio, deixando-o desconcertado. Ele já ia agradecer ao rei, dizendo que apenas cumprira seu dever e não desejava qualquer recompensa, quando lhe ocorreu uma ideia súbita. Pediu para ficar em silêncio por algum tempo, para poder pensar melhor na generosa oferta. O rei aprovou a atitude, comentando que é sempre melhor não ser precipitado em matéria de tão grande importância.

Miles Hendon refletiu por algum tempo e depois disse a si mesmo: “É isso mesmo! É o melhor a fazer. Seria impossível encontrar alguma outra solução e a experiência da última hora ensinou-me que seria extremamente cansativo e inconveniente continuar assim. Foi um feliz acaso que me impediu de desperdiçar tão boa oportunidade!”

Hendon apoiou-se sobre um joelho e disse:

– O serviço que prestei não foi além do dever de um súdito e, assim sendo, não merece qualquer mérito. Mas como Sua Majestade acha por bem conceder-me alguma recompensa, vou fazer meu pedido. Há quase quatrocentos anos, como Sua Graça sabe, houve uma desavença entre John, Rei da Inglaterra, e o Rei da França. Decidiu-se que dois campeões deveriam enfrentar-se na arena e assim dirimir a disputa, pelo que se chamava de arbitramento de Deus. Esses dois reis e mais o rei espanhol reuniram-se para testemunhar e julgar a disputa. O campeão francês apareceu. Mas era tão terrível que os nossos cavaleiros ingleses recusaram-se a cruzar armas com ele. Assim, o problema, que era de magna importância, seria decidido contra o monarca inglês, por omissão. Na ocasião, estava cativo na Torre o lorde De Courcy, o mais poderoso cavaleiro da Inglaterra, despojado de suas honras e posses e sofrendo um longo cativeiro. Foi-lhe feito um apelo, ele concordou e se apresentou para o combate. Mas assim que o campeão francês viu-lhe a estatura imensa e ouviu-lhe o nome famoso, tratou de fugir. Assim, a causa do Rei de França foi perdida. O rei John devolveu os títulos e bens a De Courcy e disse-lhe: “Peça o que desejar e será atendido, nem que isso custe a metade do meu reino.” De Courcy, ajoelhando-se como estou fazendo agora, fez então seu pedido: “Meu pedido, milorde, é que eu e meus sucessores tenhamos e mantenhamos o privilégio de permanecermos cobertos na presença dos reis da Inglaterra, enquanto o trono durar.” O pedido foi imediatamente concedido, como Sua Majestade bem o sabe. E não houve uma única vez, nos quatrocentos anos que decorreram desde então, em que a linhagem não tenha tido um herdeiro. E assim, até hoje, o chefe dessa casa antiga ainda usa seu chapéu ou capacete na presença do rei sem qualquer dificuldade,

algo que ninguém mais pode fazer.⁹ Invocando esse precedente em minha defesa, rogo ao rei que me conceda uma única graça e privilégio, a recompensa máxima que desejo e nenhuma outra além dessa: que eu e meus herdeiros possamos para sempre ficar sentados na presença de Sua Majestade o Rei da Inglaterra!

– Levante-se, Sir Miles Hendon, cavalheiro da Inglaterra – disse o rei gravemente, fazendo a saudação com a espada de Hendon. – Levante-se e sente-se. O pedido está atendido. Enquanto a Inglaterra existir e a coroa continuar, o privilégio jamais será esquecido.

Sua Majestade começou a andar pelo quarto, pensativo. Hendon sentou-se à mesa, comentando para si mesmo: “Foi uma boa ideia e uma libertação de que eu muito precisava. Minhas pernas já estavam exaustas e mal se aguentando. Se eu não pensasse nisso, teria que passar semanas e semanas de pé, até que o pobre coitado esteja curado.” Depois de algum tempo, Hendon retomou o monólogo consigo mesmo: “E assim eu me tornei um Cavalheiro do Reino dos Sonhos e das Sombras! É uma estranha posição para alguém tão prosaico quanto eu. Mas não posso rir e não irei fazê-lo. Afinal, essa coisa que é tão insubstancial para mim é real para ele. E para mim também, de certa forma, não é uma falsidade, pois reflete o espírito generoso e suave que ele possui.” Uma nova pausa e Hendon rematou: “E se ele me chamar pelo título que acaba de me conceder diante de outros? Será um contraste divertido entre minha glória e meu traje! Mas não importa. Que ele me chame como lhe aprouver; se isso o deixa contente, eu também me sentirei contente!”

Não demorou muito para que os dois companheiros caíssem numa profunda sonolência. O rei disse:

– Remova estes trapos.

Estava se referindo às suas roupas. Hendon ajudou-o a despir-se sem qualquer protesto ou comentário, ajeitou-o na cama e depois olhou ao redor, dizendo para si mesmo, tristemente: “Ele ocupou novamente minha cama. O que vou fazer?”

O pequeno rei percebeu a perplexidade dele e tratou de dissipá-la, murmurando, com voz sonolenta:

– Durma junto à porta, para guardá-la.

Um momento depois, ele havia esquecido inteiramente seus problemas, mergulhando num sono profundo. Hendon murmurou consigo mesmo, espantado e admirado: “Ele deveria mesmo ter nascido um rei! Desempenha o papel admiravelmente!”

Hendon foi deitar-se no chão, junto à porta, comentando interiormente, um pouco mais animado: “Afim, já passei por momentos piores nos últimos sete anos. Seria uma ingratidão com Ele lá em cima achar que esta situação agora é horrível.”

Finalmente adormeceu, quando a madrugada já começava a despontar. Levantou-se por volta de meio-dia, descobriu seu protegido adormecido e mediu-o com um barbante. O rei acordou no momento em que Hendon concluía a medição, queixou-se do frio e indagou o que ele estava fazendo.

– Já está feito, milorde – disse Hendon. – Tenho de resolver uns negócios lá fora, mas não me demorarei. Durma mais um pouco. Está precisando descansar. Pronto, deixe-me cobri-lo direito. Daqui a pouco estará mais quente e poderá dormir melhor.

O rei já retornara ao país dos sonhos antes mesmo que Hendon terminasse de falar. Miles saiu sem fazer barulho e voltou igualmente silencioso cerca de trinta a quarenta minutos depois, trazendo um traje completo de menino, de segunda

mão, de tecido ordinário, com sinais visíveis de já ter sido usado, mas limpo e apropriado para aquela época do ano. Sentou-se e começou a examinar o que comprara, murmurando consigo mesmo: “Uma bolsa maior poderia se sair muito melhor. Mas quando não se tem uma bolsa grande, há que se contentar com aquilo que a bolsa magra pode proporcionar.”

“Havia uma mulher em nossa aldeia, em nossa aldeia...”

“Creio que ele se mexe. Devo cantar mais baixinho. Não é bom atrapalhar o sono dele, pois o pobre coitado está exausto e terá uma longa viagem pela frente. Este traje está bastante bom. Precisa apenas de um ponto aqui e outro ali para ficar perfeito. Ah, esta peça aqui está em melhor estado, embora precise também de alguns pontos. Hum, hum... Os borzeguins são sólidos, vão manter os pés dele quentes e secos. Sem dúvida, ele vai estranhar, pois está acostumado a andar descalço tanto no verão como no inverno. Mas vamos agora à parte mais difícil. Já sei que não vai ser nada fácil enfiar a linha na agulha!”

E não foi mesmo. Como os homens sempre faziam e provavelmente sempre farão, até o fim dos tempos, Hendon manteve a agulha imóvel e tentou enfiar a linha pelo buraco, ao contrário do que fazem as mulheres. Por vezes sem conta ele errou, ora a linha passando por um lado do buraco, ora pelo outro, às vezes se dobrando sem entrar. Mas ele era um homem paciente e já passara por tal experiência antes, no seu tempo de soldado. Conseguiu finalmente enfiar a linha e pegou o traje que estava à espera em seu colo, começando a costurá-lo.

“A estalagem já está paga, inclusive a refeição que vão nos servir daqui a pouco. E ainda resta o suficiente para comprar um par de burros e para as despesas que teremos nos dois ou três dias de viagem que nos separam da abundância de Hendon Hall.”

“Ela adorava o mari...”

“Oh, diabos! Enfiei a agulha por baixo da unha! Não tem grande importância e não é novidade, mas também não é coisa das mais agradáveis. Vamos ser felizes e alegres em Hendon Hall, meu pequeno amigo. Pode estar certo disso. Seus problemas vão desaparecer e, com eles, sua doença.”

“Ela adorava o marido profundamente, mas outro homem...”

Erguendo o traje, Miles contemplou-o com uma expressão satisfeita, de admiração... “Ah, mas que pontos magníficos! Possuem uma majestade e grandeza que fazem com que os pontos dados pelo alfaiate pareçam plebeus e desprezíveis.”

*“Ela adorava o marido profundamente,
Mas outro homem havia que a amava...”*

“Pronto, já está feito! Um bom trabalho... e rápido também. Agora vou acordá-lo, despejar água para que ele se lave, alimentá-lo. E depois iremos até o mercado de Southwark. Vamos, milorde, levante-se, por favor. Ele não responde... Mas acho que posso profanar sua sagrada pessoa com o contato de minha mão, já que o sono o torna surdo às minhas palavras. Meu Deus!”

Miles jogou as cobertas para o lado. O menino havia desaparecido!

Ele olhou ao redor, atônito e sem conseguir dizer nada por um momento. Foi então que notou, pela primeira vez, que os andrajos de seu protegido também tinham desaparecido. Ficou furioso e pôs-se a gritar pelo estalajadeiro. Um criado apareceu nesse instante, trazendo a bandeja com comida.

– Vamos, filho de Satã, diga o que aconteceu ou seu tempo estará contado!

Miles avançou com uma expressão tão furiosa que o criado ficou paralisado de surpresa e medo, não conseguindo dizer coisa alguma.

– Vamos, fale logo! Onde está o menino?

Em palavras trôpegas e com a voz trêmula, o homem forneceu a informação desejada:

– Mal havia saído, senhor, quando apareceu um rapaz e disse que estava chamando o menino, imediatamente, no lado da ponte que dá para Southwark. Eu trouxe o rapaz até aqui em cima e acordei o menino. Quando o rapaz deu o recado, o menino resmungou algo por ter sido incomodado tão cedo. Mas vesti rapidamente os andrajos e saiu com o rapaz, murmurando que o senhor deveria ter vindo chamá-lo pessoalmente e não mandado um estranho...

– Você não passa de um idiota! E um idiota que qualquer um consegue

enganar! Mas talvez não seja algo tão ruim assim. Talvez nada de mais tenha acontecido ao menino. Vou buscá-lo. Enquanto isso, ponha a mesa. Ei, espere um pouco! As cobertas da cama estavam dispostas de maneira a darem a impressão de que havia alguém deitado por baixo! Isso aconteceu apenas por acaso?

– Não sei nada sobre isso, senhor. Vi o rapaz que veio buscar o menino mexendo nas cobertas e...

– Oh, diabos! Tudo foi feito para enganar-me! Eles queriam ganhar tempo! Maldição! O rapaz estava sozinho?

– Estava, sim, senhor.

– Tem certeza?

– Tenho, sim, senhor.

– Procure se lembrar direitinho de tudo o que aconteceu. Pode pensar um pouco antes de responder. Mas quero saber de tudo, sem faltar nada!

Depois de pensar por algum tempo, o criado finalmente disse:

– Quando o tal rapaz chegou, não havia ninguém com ele. Mas agora estou lembrando que, quando os dois saíram para o meio da multidão que atravessava a ponte, um homem com aparência de patife aproximou-se e já ia juntar-se a eles quando...

– Quando o quê? Vamos, homem, conte logo, de uma vez! – berrou Miles, impaciente, interrompendo o relato.

– Foi nesse momento que a multidão cercou os dois e não vi nada. Meu patrão me chamou, furioso porque não fora entregue a comida que um dos hóspedes tinha pedido. Mas juro por todos os santos que não foi culpa minha! Achar que o erro foi meu é o mesmo que julgar um bebê que ainda não nasceu pelos pecados...

– Suma da minha frente, idiota! Essa sua conversa imbecil me deixa maluco! Não, espere um pouco! Não consegue se lembrar de mais nada? Não pode me dizer se eles seguiram na direção de Southwark?

– Nem mesmo isso posso dizer, senhor. O patrão estava me chamando,

furioso, mas juro por todos os santos que não tive culpa nenhuma e que...

– Pare com isso! E suma da minha frente, antes que eu o esgane!

O criado retirou-se imediatamente. Miles seguiu atrás dele, ultrapassou-o e desceu a escada de dois em dois degraus, dizendo para si mesmo: “Só pode ter sido aquele vilão infame que disse que o menino era filho dele! Eu o perdi, meu pequeno rei dos dementes! E não sabe como isso me deixa amargurado, pois aprendi a amá-lo em nosso pouco tempo de convivência! Mas não! Juro por tudo o que é mais sagrado que você não está perdido! Irei vasculhar esta terra de cabo a rabo, até encontrá-lo. Pobre criança! Nossa comida já estava paga, mas não sinto mais fome agora. Que fique tudo para os ratos! Pressa! É esta a palavra de ordem!”

Ao esgueirar-se o mais depressa possível pela multidão ruidosa que atravessava a ponte, Miles Hendon repetiu algo para si mesmo por diversas vezes, apegando-se ao pensamento como se fosse algo particularmente agradável: “Ele resmungou, mas *foi...* e foi porque pensava que Miles Hendon é que o estava chamando. Ah, meu querido amiguinho! Tenho certeza de que não teria agido assim com mais ninguém!”

14

“Le roi est mort – vive le roi”

Naquela mesma manhã, Tom Canty despertou de um sono profundo e abriu os olhos no escuro. Ficou em silêncio por algum tempo, tentando analisar seus pensamentos e impressões confusos, procurando algum sentido neles. Depois, subitamente, numa voz arrebatada, mas baixa e cautelosa, ele disse:

– Estou compreendendo tudo agora! Deus seja louvado! Finalmente acordei! Venha, alegria! Desapareça, tristeza! Ei, Nan! Ei, Bet! Venham até aqui para que eu conte a vocês o sonho mais louco que os espíritos da noite já conceberam para espantar e atordoar a alma de um homem! Ei, Nan, estou chamando! Bet!

Um vulto indistinto apareceu ao lado dele e uma voz indagou:

– Deseja dar suas ordens agora?

– Ordens? Ai de mim! Já conheço sua voz! Vamos, diga logo... quem sou eu?

– Ontem à noite era o Príncipe de Gales, mas hoje é meu senhor Edward, rei da Inglaterra.

Tom enterrou a cabeça entre os travesseiros, murmurando tristemente:

– Oh, Deus, não era um sonho! Vá descansar, nobre senhor. Deixe-me entregue a meus pesares!

Tom voltou a dormir e pouco depois teve um sonho extremamente agradável. Sonhou que era verão e que estava brincando sozinho no prado conhecido como Goodman's Fields. De repente, apareceu-lhe um anão, com pouco mais de um palmo de altura, corcunda e com uma barba vermelha comprida, dizendo-lhe:

– Cave por baixo daquele toco!

E Tom cavou e encontrou 12 moedas novas de um *penny*. Oh, quanta riqueza! Mas isso não foi o melhor, porque o anão acrescentou:

– Eu o conheço. Você é um bom menino, honrado e digno. Seus pesares chegarão ao fim, porque o dia da recompensa está próximo. Venha cavar aqui a cada sete dias e sempre encontrará o mesmo tesouro, 12 novos *pennies*. Mas não diga a ninguém, guarde sempre o segredo.

O anão desapareceu e Tom voltou correndo para Offal Court, com o tesouro, dizendo a si mesmo: “Todas as noites darei um *penny* a meu pai. Ele pensará que esmolei, ficará contente e não mais irá me espancar. Todas as semanas darei um *penny* ao bom padre que me ensinou tudo o que sei. Mamãe, Bet e Nan ficarão com os outros quatro. Não mais teremos fome, não mais vestiremos andrajos. Acabaram-se os medos e aflições, acabaram-se os maus-tratos!”

No sonho, Tom chegou em seu sórdido lar quase sem fôlego, mas com os

olhos brilhando de gratidão e alegria. Jogou quatro dos seus *pennies* no colo da mãe e gritou:

– Isso é para você, mãe! Tudo isso! Para você, Nan e Bet! E é um dinheiro que foi ganho honestamente, não foi esmolado nem roubado!

A mãe, atônita e feliz, apertou-o contra o peito e exclamou:

– Já está ficando tarde. Sua Majestade não deseja levantar-se?

Não era essa a resposta que Tom estava esperando, o sonho se desvanecera bruscamente. Ele estava acordado.

Tom abriu os olhos. O Primeiro Lorde da Câmara, ricamente vestido, estava ajoelhado a seu lado. A alegria do falso sonho desvaneceu-se imediatamente. O pobre menino compreendeu que ainda era prisioneiro e rei. O quarto estava cheio de cortesãos, vestidos em mantos roxos, a cor de luto, e de criados nobres do monarca. Tom sentou-se na cama e olhou através das cortinas de seda para a multidão ali reunida.

Começou o penoso processo de vestir-se. E enquanto os servidores vestiam Tom, um cortesão depois de outro ajoelhou-se à frente dele, prestou-lhe o tributo devido e apresentou condolências. No início, uma camisa foi apanhada pelo Primeiro Camarista, que a passou ao Primeiro Lorde dos Escudeiros, que a passou ao Segundo Cavalheiro do Quarto de Dormir, que a passou ao Chefe da Guarda da Floresta de Windsor, que a passou ao Terceiro Camarista, que a passou ao chanceler real do ducado de Lancaster, que a passou ao roupeiro-mor, que a passou ao fraldador hereditário, que a passou ao Primeiro Lorde do Almirantado da Inglaterra, que a passou ao arcebispo de Canterbury, que a passou ao Primeiro Lorde do Quarto de Dormir, que pegou o que restava e vestiu em Tom. O pobre menino, espantado, pensou em baldes sendo passados de mão em mão durante um incêndio.

Cada peça de vestuário passou pelo mesmo processo lento e solene. Tom foi ficando cansado da exaustiva cerimônia, tão cansado que sentiu uma alegria exagerada ao ver o calção de seda comprido iniciar a jornada pela fileira de nobres. Era o sinal de que a cerimônia estava chegando ao fim. Mas Tom exultou

cedo demais. O Primeiro Lorde do Quarto de Dormir recebeu o calção e já ia enfiá-lo nas pernas de Tom quando, subitamente, ficou com o rosto vermelho. Rapidamente, devolveu o calção ao arcebispo de Canterbury, com uma expressão atônita e sussurrando:

– Veja isso, milorde!

E apontou para algo no calção. O arcebispo empalideceu, depois corou e passou o calção para o Primeiro Lorde do Almirantado, sussurrando também:

– Veja isso, milorde!

O almirante passou o calção para o fraldador hereditário, quase sem forças para balbuciar também “Veja isso, milorde!”. E assim o calção fez o percurso de volta, de mão em mão, de sussurro em sussurro, até chegar finalmente ao Primeiro Camarista, que o contemplou por um momento e depois balbuciou, angustiado:

– Oh, tragédia! Há uma costura solta! À Torre com o Guardiã-mor do calção do rei!

O Primeiro Camarista teve que se apoiar no Primeiro Lorde dos Escudeiros para recuperar as forças, de tão combalido que ficou com a tragédia, enquanto se providenciava um novo calção, impecável.

Mas tudo que começa sempre acaba e finalmente Tom Canty estava pronto para sair da cama. A autoridade indicada serviu-lhe água, outra ficou ao lado com a toalha nas mãos. Tom passou em segurança pelo estágio das lavagens e foi entregue aos cuidados do penteador real. Quando finalmente emergiu de tantos cuidados, estava tão gracioso quanto uma menina, de manto e calção roxos, com um gorro de pluma também roxo. Seguiu então para a sala onde faria a primeira refeição, passando pelos cortesãos ali reunidos. À medida que avançava, os cortesãos recuavam para dar-lhe passagem, ficando de joelhos.

Depois de comer, Tom foi conduzido, pelas altas autoridades do reino e escoltado por sua guarda pessoal de cinquenta fidalgos, levando machados de batalhas até a sala do trono, a fim de tratar de negócios de Estado. O “tio” dele, lorde Hertford, postou-se ao lado do trono, para ajudar Sua Alteza Real com seus

conselhos.

O grupo de homens ilustres que o falecido rei designara como seus executores testamentários adiantou-se para pedir a aprovação de Tom para algumas decisões. Era mais uma formalidade que outra coisa qualquer, embora fosse necessário, pois ainda não fora designado um lorde regente. O arcebispo de Canterbury leu as decisões do Conselho de Executores sobre os funerais do falecido rei, terminando com as assinaturas: Arcebispo de Canterbury, Lorde Chanceler da Inglaterra, William Lorde St. John, John Lorde Russell, Edward Conde de Hertford, John Visconde Lisle, Cuthbert Bispo de Durnham...

Tom não estava prestando atenção. Uma das cláusulas iniciais do documento o absorvia por completo. Ele acabou virando-se e sussurrou para lorde Hertford:

- Qual foi mesmo o dia em que ele disse que será realizado o enterro?
- No dia 16 do próximo mês, milorde.
- Mas que absurdo! Será que ele vai aguentar?

Pobre menino! Ainda não conhecia os costumes da realeza e estava acostumado a ver os mortos de Offal Court serem despachados para o cemitério o mais depressa possível. Mas lorde Hertford tratou de tranquilizá-lo, em poucas palavras.

Um secretário de Estado apresentou uma decisão do Conselho, designando o dia seguinte, às onze horas, para a recepção dos embaixadores estrangeiros. Solicitou a aprovação do rei. Tom virou-se para Hertford com uma expressão inquisitiva. E Hertford imediatamente sussurrou-lhe:

- Sua Majestade deve dar consentimento. Os embaixadores vêm manifestar o pesar de seus soberanos pela tragédia que se abateu sobre Sua Graça e o reino da Inglaterra.

Tom fez o que foi sugerido. Outro secretário de Estado começou a ler um relatório sobre as despesas domésticas do falecido rei, que tinham sido de 28 mil libras nos seis meses anteriores. Era uma soma tão vasta que Tom Canty ficou espantado, deixando escapar um suspiro de surpresa. Ele ficou ainda mais aturdido quando soube que, dessa soma, 20 mil libras ainda não haviam sido

pagas. O espanto não parou por aí, pois logo ficou patente que os cofres do rei estavam praticamente vazios e que 1.200 criados estavam em situação difícil, por falta de pagamento do salário que lhes era devido. Apreensivo com tal situação, Tom pôs-se a falar, impetuosamente:

– Parece evidente que estamos quase arruinados. Por isso, é necessário que arrumemos uma casa menor e que sejam dispensados os criados que não forem absolutamente indispensáveis. A maioria, no fim das contas, tem funções que só servem para mortificar o espírito e envergonhar a alma, que transformam a gente numa espécie de boneco, sem mãos nem cérebro para servir-se pessoalmente. Estou me lembrando de uma pequena casa, muito boa, que fica ao lado do mercado de peixes em Billingsgate...

Uma pressão forte no braço de Tom fê-lo interromper o discurso absurdo e deixou-o vermelho de constrangimento. Mas nenhuma expressão, entre os presentes, deixou transparecer o menor sinal de que aquele estranho discurso fora notado ou mesmo sequer ouvido.

Outro secretário informou que o falecido rei manifestara em seu testamento o desejo de promover o conde de Hertford a duque, e o irmão dele, Sir Thomas Seymour, a par do reino. O filho de Hertford deveria tornar-se conde. Outros servidores da Coroa seriam também recompensados. O Conselho decidira realizar uma reunião no próximo dia 16 de fevereiro, para distribuir e confirmar tais honrarias. Como o falecido rei não tivesse concedido por escrito propriedades convenientes para dar substância a essas dignidades, o Conselho, sabendo de seus desejos particulares a esse respeito, julgara apropriado conceder a Seymour “500 libras em terras” e ao filho de Hertford “800 libras em terras e mais 300 libras em terras do próximo bispado que ficasse vago”.

Tom já ia dizer algo impróprio sobre a necessidade de pagar primeiro as dívidas do falecido rei, antes de esbanjar todo esse dinheiro, mas uma pressão discreta em seu braço do previdente Hertford evitou o deslize. Tom deu sua concordância real à decisão, sem fazer qualquer comentário, apesar de interiormente sentir-se constrangido e contrafeito. Sentado ali, Tom pensou por

um momento na facilidade com que realizava milagres estranhos e espetaculares. Ocorreu-lhe subitamente um pensamento feliz: por que não transformar sua mãe na duquesa de Ofall Court e dar-lhe de presente uma vasta propriedade? Mas a tristeza invadiu-o um momento depois. Ele era rei apenas no nome; aqueles homens nobres e sisudos é que realmente mandavam. Para eles, sua verdadeira mãe não passava de uma criatura inventada por uma mente doentia. Iriam se limitar a escutar gravemente, sem acreditarem em uma só palavra, e depois mandariam chamar um médico.

O trabalho insípido prosseguiu tediosamente. Foram lidas petições e proclamações, documentos de todos os tipos, num palavreado rebuscado e monótono, sobre os chamados negócios de Estado. Tom finalmente suspirou pateticamente e murmurou consigo mesmo: “Que pecado terei cometido para que o bom Deus me tirasse dos campos, do ar livre e do sol, para confinar-me aqui dentro, fazer-me um rei e afligir-me a esse ponto?” Sua pobre cabecinha confusa e atordoada balançou por um momento e acabou encostando no ombro. E, assim, todos os problemas do império tiveram que ser paralisados, por falta do fator augusto, o poder de sancionar. Reinou um silêncio absoluto enquanto o menino cochilava, os sábios do reino interrompendo suas deliberações.

Durante a manhã, Tom teve uma hora das mais agradáveis, com a permissão de seus guardiões, Hertford e St. John, em companhia de lady Elizabeth e da pequena lady Jane Grey, embora as princesas não se mostrassem muito animadas, em consequência do profundo golpe sofrido pela casa real. Depois dessa visita, Tom teve uma conversa com sua “irmã mais velha” – que a história iria conhecer como *Bloody Mary*, Maria, a Sanguinária – que na opinião dele só teve um mérito: a brevidade. Tom teve em seguida alguns momentos a sós. Mas não demorou muito para que um menino magro, de cerca de 12 anos, fosse introduzido na sala. Estava todo vestido de preto, calção, gibão e tudo mais, à exceção da gola de rufos e dos punhos rendados, que eram brancos. O único sinal de luto era um laço de fita roxa no ombro. O menino avançou hesitante pela sala, de cabeça descoberta e abaixada, indo ficar de joelhos diante de Tom,

que ficou imóvel, em silêncio, a contemplá-lo, por algum tempo, antes de dizer:

– Levante-se, rapaz. Quem é você? O que deseja?

O menino levantou-se rapidamente, mas continuou com uma expressão preocupada.

– Certamente deve estar lembrado de mim, milorde. Sou o seu menino das surras.

– Meu menino das surras?

– Ele mesmo, Sua Graça. Sou Humphrey... Humphrey Marlow.

Tom compreendeu no mesmo instante que se tratava de alguém sobre o qual seus guardiões deviam tê-lo informado. A situação era delicada. O que ele deveria fazer? Fingir que conhecia o menino e depois deixar transparecer, por suas palavras, que jamais ouvira falar nele? Não, isso não daria certo. Uma ideia veio em seu socorro: era bem provável que situações como aquela passassem a ocorrer com alguma frequência, agora que Hertford e St. John muitas vezes tinham que se afastar de seu lado para tratarem de problemas urgentes, já que ambos pertenciam ao Conselho de Executores. Assim sendo, talvez fosse melhor ele próprio elaborar um plano para resolver tais emergências. Isso mesmo, era o melhor caminho a seguir. Iria praticar com aquele menino, para ver até que ponto poderia ter sucesso. Assim, Tom ficou de rosto franzido por um momento, com uma expressão de perplexidade, antes de dizer:

– Estou me lembrando de você agora, mas um tanto vagamente, pois minha memória está obstruída e atordoada pelo sofrimento...

– Oh, meu pobre amo! – exclamou o menino das surras, emocionado. – Era verdade o que diziam! Sua mente está transtornada! Pobre alma! Oh, que o infortúnio se abata sobre mim por ter esquecido! Disseram que ninguém deve dar a entender que há alguma coisa errada com o nosso rei!

– É estranho como minha memória tem-me pregado peças nos últimos dias – disse Tom. – Mas não se preocupe com isso, pois estou me recuperando rapidamente. Geralmente, basta apenas uma pequena indicação para que eu me recorde de fatos e nomes que me haviam escapado um momento antes. (“E não

apenas isso, é certo, mas também os fatos e nomes que nunca ouvi antes.”) Assim, diga logo o que o trouxe aqui.

– É um assunto de menor importância, milorde, mas direi do que se trata, já que apraz a Sua Graça. Há dois dias, quando Sua Majestade errou três vezes na aula de grego pela manhã... Está lembrando agora?

– Hum... acho que sim. (“Não chega a ser uma mentira grande, pois jamais aprendi grego em minha vida e assim não poderia ter errado três vezes.”) É isso mesmo, estou lembrando agora. Continue.

– O mestre, furioso com o que classificou de estudo desleixado e negligente, prometeu que iria espancar-me por isso e...

– Espancar a *você*? – disse Tom, atônito e baixando a guarda pelo espanto. – Por que ele haveria de castigar a você por erros que *eu* cometi?

– Ah, Sua Graça está esquecendo novamente... Ele sempre castiga a mim quando Sua Graça erra nas lições.

– Tem razão... eu tinha esquecido. Você me dá aulas em particular e, quando eu erro, ele acha que não cumpriu direito suas funções e por isso...

– Oh, milorde, como pode falar assim? Como pode presumir que eu, o mais humilde dos seus servos, seja capaz de ensinar-lhe algo?

– Neste caso, onde está sua culpa? Qual é o enigma? Será que realmente estou doido... ou é você quem enlouqueceu? Vamos, explique tudo logo de uma vez!

– Oh, Majestade, não há nada mais simples e natural! Ninguém pode ofender a sagrada pessoa do Príncipe de Gales com golpes. Por isso, quando Sua Graça errava, eu é que levava as surras. E nada mais apropriado e certo, pois é esse o meu ofício e função!¹⁰

Tom ficou olhando para o menino tranquilo, enquanto comentava consigo mesmo: “Mas que coisa maravilhosa, que ofício estranho e curioso! Será que não poderiam contratar também um menino para ser penteado e vestido com toda aquela pompa no meu lugar? Em troca, eu receberia pessoalmente os castigos que merecesse, dando graças a Deus por isso!” Em voz alta, ele disse:

– E levou a surra que havia sido prometida, meu pobre amigo?

– Não, Majestade. A punição foi marcada para hoje e talvez seja cancelada, por ser inadequada para o período de luto em que estamos. Se me perdoa a audácia, vim recordar a Sua Graça a generosidade da promessa de interceder a meu favor...

– Com o mestre? Para salvá-lo da surra?

– Ah, Sua Graça está lembrando agora!

– Minha memória se recupera rapidamente, como está percebendo. Pode ficar tranquilo que nada lhe acontecerá. Cuidarei disso pessoalmente.

– Obrigado, milorde! – gritou o menino, pondo-se novamente de joelhos. – Talvez minha audácia já tenha sido por demais exagerada, mas...

Vendo o menino hesitar, Tom tratou de encorajá-lo, dizendo que estava com “disposição de atender a pedidos”.

– Neste caso, Majestade, vou dizer o que me oprime o coração. Como não é mais o Príncipe de Gales e sim o rei, pode fazer o que bem lhe aprouver, sem ninguém para dizer não. Portanto, nada mais natural que decida deixar de se afligir com estudos enfadonhos e cansativos, mandando queimar os livros e passando a se dedicar a atividades menos desagradáveis. Se tal acontecer, Majestade, eu estarei arruinado, juntamente com minhas irmãs órfãs!

– Arruinado? Mas... como?

– Minhas costas são meu pão de cada dia, Majestade. Se elas ficarem ociosas, eu morrerei de fome. Se deixar de estudar, minha função deixará de existir, pois não mais precisará de um menino das surras. Não me mande embora, Majestade!

Tom ficou comovido com a patética aflição do menino. E disse, num impulso de generosidade real:

– Pode ficar tranquilo, meu rapaz. Seu ofício será permanente, em você e seus descendentes!

Tom bateu então com o lado chato da espada no ombro do menino e acrescentou:

– Levante-se, Humphrey Marlow, menino das surras hereditário da Casa Real

da Inglaterra! E esqueça sua aflição. Voltarei a me concentrar nos livros e estudarei tão pouco que haverão de triplicar o que você ganha, com toda justiça, pois seu trabalho também será consideravelmente aumentado.

O agradecido Humphrey respondeu fervorosamente:

– Obrigado, Majestade. Tamanha generosidade real supera em muito os meus sonhos de fortuna mais delirantes. Agora serei feliz todos os meus dias e toda a casa de Marlow depois de mim!

Tom teve argúcia suficiente para perceber que aquele rapaz poderia ser-lhe extremamente útil. Encorajou Humphrey a falar e não se arrependeu. O menino ficou deliciado por acreditar que estava ajudando na “cura” de Tom, pois sempre que terminava de recordar para a mente “adoentada” as diversas experiências e aventuras na sala de aula e outras dependências do palácio, verificava que o “rei” tornava-se capaz de “relembrar” as circunstâncias nitidamente. Ao fim de uma hora, Tom verificou que estava abastecido de informações valiosas sobre pessoas e assuntos da corte. Decidiu que, todos os dias, iria extrair informações úteis daquela mesma fonte. Ordenou imediatamente que Humphrey deveria ser introduzido no aposento real, a qualquer hora em que aparecesse, desde que Sua Majestade da Inglaterra não estivesse ocupada com outras pessoas. Humphrey tinha acabado de sair quando lorde Hertford chegou, trazendo mais problemas para Tom.

Ele disse que os lordes do Conselho, receando que informações exageradas sobre a saúde abalada do rei pudessem ter transpirado, julgavam aconselhável que Sua Majestade passasse a fazer as refeições em público, dentro de mais um ou dois dias. A constituição saudável e o andar firme e vigoroso dele, juntamente com uma atitude serena e um comportamento discreto e adequado, iriam certamente tranquilizar a opinião pública, no caso de rumores desagradáveis terem se espalhado.

O conde pôs-se a instruir Tom, com o máximo de tato, sobre os usos e costumes a serem observados nos acontecimentos oficiais solenes. Hertford tomou a precaução de ressaltar que estava apenas “recordando”, coisa que tinha

certeza de que Sua Majestade já sabia. Ficou surpreso e satisfeito ao descobrir que Tom não precisava de muita ajuda nesse setor. Não podia saber, é claro, que Tom andara tirando informações de Humphrey a respeito de tais assuntos, pois já corria pela corte o rumor de que Sua Majestade em breve começaria a fazer refeições em público. Evidentemente, Tom também não revelou sua fonte de informações.

Vendo que a memória real melhorara consideravelmente, o conde arriscou-se a fazer alguns testes, com toda a cautela, para descobrir até que ponto fora a recuperação. Os resultados foram satisfatórios, aqui e ali, justamente nos pontos que haviam sido esclarecidos por Humphrey. No total, lorde Hertford ficou bastante satisfeito e encorajado, a tal ponto que sugeriu, esperançoso:

– Estou convencido de que se Sua Majestade exigir um pouco mais de sua memória, poderá resolver o enigma do Grande Sinete, uma perda de extrema importância ontem, embora já não tenha agora mais nenhuma, já que o tempo de serviço do sinete extraviado acabou-se com a vida do falecido milorde. Sua Graça não deseja fazer uma tentativa?

Tom sentiu-se inteiramente desnordeado. Afinal, não tinha a menor ideia do que fosse o Grande Sinete. Depois de um momento de hesitação, ele assumiu uma expressão de inocência e perguntou:

– Como era esse tal sinete, milorde?

O conde estremeceu, quase imperceptivelmente, murmurando consigo mesmo: “Ai de mim! O juízo dele novamente se retraiu! Foi um erro tê-lo forçado em demasia!” Depois, habilmente, o conde tratou de desviar a conversa para outros assuntos, com o objetivo de afastar dos pensamentos de Tom a lembrança infeliz do sinete. E não teve qualquer dificuldade em realizar seu objetivo.

Tom como rei

Os embaixadores estrangeiros apresentaram-se no dia seguinte, com seus séquitos suntuosos. Os esplendores da cena a princípio deliciaram os olhos de Tom e atearam sua imaginação, mas a audiência foi longa e monótona, assim como a maioria dos discursos. O que começara como um prazer rapidamente foi-se transformando cada vez mais em algo cansativo, quase insuportável. Tom dizia as palavras que Hertford lhe soprava, de tempos a tempos, procurando sair-se bem da empreitada, da melhor forma possível. Mas era um neófito em tais solenidades e sentia-se pouco à vontade para ter um sucesso mais que tolerável. Ele podia parecer um rei, mas estava inibido demais para também sentir-se um rei. Assim, ficou contente e aliviado quando a cerimônia finalmente terminou.

A maior parte do dia foi “desperdiçada” – como Tom classificou em sua mente – em funções próprias da realeza. Até mesmo as duas horas dedicadas a passatempos e recreações reais foram um fardo para ele, tantas eram as restrições e costumes a serem observados. Mas Tom teve também uma hora em particular com o seu menino das surras e considerou-a altamente positiva, não só pelas informações úteis que obteve como também porque se distraiu bastante.

O terceiro dia do reinado de Tom Canty veio e passou como os outros dois anteriores, mas a nuvem que o envolvia começou a se dissipar. Ele já não se sentia tão pouco à vontade e inibido como a princípio. Estava começando a se acostumar às circunstâncias e ambiente da realeza. É verdade que os grilhões ainda o afligiam, mas já não ficava tão embaraçado com os tributos dos adultos.

Se não fosse por uma única apreensão, Tom teria encarado o quarto dia sem qualquer aflição. Mas esse era o dia marcado para o início de uma cerimônia que muito o assustava: a refeição em público. Havia também outros assuntos de

extrema importância previstos para o quarto dia. Tom deveria presidir a reunião do Conselho, para emitir suas opiniões e ordens sobre a política a ser adotada com relação a várias nações estrangeiras, espalhadas por todos os cantos do globo. Além disso, aquele era o dia em que lorde Hertford seria oficialmente designado para o alto posto de lorde regente. As cerimônias marcadas para o quarto dia não paravam por aí, mas tudo era insignificante para Tom, comparado com o suplício de comer sob as vistas de incontáveis olhos curiosos e muitas bocas a sussurrarem comentários sobre seu desempenho... e sobre seus erros, se ele tivesse a desventura de cometer algum.

Apesar da apreensão e da vontade de Tom, nada havia que pudesse impedir que o quarto dia acabasse chegando. E encontrou Tom deprimido e distraído. Nada podia animá-lo um pouco. Os deveres matutinos pareceram se arrastar interminavelmente, deixando-o exausto. Mais uma vez, Tom sentiu-se um cativo.

Ao fim da manhã, ele foi parar numa grande sala de audiências, conversando com o conde de Hertford e aguardando o momento temido do início das visitas cerimoniais de muitas autoridades e cortesãos.

Depois de algum tempo, Tom foi até uma janela e ficou olhando para a vida e o movimento na estrada além dos portões do palácio. Não estava apenas interessado, mas ansiando, com toda a força do seu coração, participar pessoalmente de toda aquela agitação e liberdade. Avistou a vanguarda de uma multidão turbulenta de homens, mulheres e crianças, a vaiarem e a gritarem, aproximando-se pela estrada. Era uma multidão de gente pobre, da mais baixa categoria social.

– Eu bem que gostaria de saber o que está acontecendo! – exclamou Tom, com a curiosidade natural dos meninos por tais cenas.

– É o rei e seu desejo é uma ordem! – disse o conde, com uma reverência. – Tenho permissão de Sua Graça para agir?

– Oh, céus, claro que sim!

Muito excitado, Tom acrescentou para si mesmo, com profunda satisfação:

“Na verdade, ser rei não é tão enfadonho e terrível assim; tem suas compensações e vantagens.”

O conde chamou um pajem e mandou-o procurar o capitão da guarda, com a seguinte ordem:

– Que a multidão seja detida e que se descubra o motivo de seu movimento. É uma ordem do rei!

Alguns segundos depois, um pelotão dos guardas reais, metidos em reluzentes armaduras de aço, saiu pelos portões e postou-se de lado a lado na estrada, diante da multidão. Não demorou muito para que um mensageiro fosse levar a informação de que a multidão estava seguindo um homem, uma mulher e uma menina que estavam sendo conduzidos para a execução, por crimes cometidos contra a paz e a dignidade do reino.

A morte – e uma morte violenta – para aqueles pobres infelizes! O pensamento abalou Tom. O espírito de compaixão dominou-o, expulsando todas as outras considerações. Ele não pensou nas leis que haviam sido infringidas, nas dores e sofrimentos que os três condenados deviam ter infligido a suas vítimas. Não conseguiu pensar em mais nada, além do patíbulo e no terrível destino que pairava sobre as cabeças dos condenados. Sua preocupação fê-lo até mesmo esquecer por um momento que era apenas a falsa sombra de um rei, não a substância. Antes mesmo que tivesse tempo de pensar, deu uma ordem impulsiva:

– Tragam os condenados até aqui!

Tom corou no mesmo instante e um pedido de desculpas chegou a aflorar a seus lábios. Mas percebendo que a ordem não provocara nenhuma surpresa no conde e no mensageiro, Tom engoliu as palavras que já estava prestes a pronunciar. O mensageiro, como se tudo aquilo fosse muito natural, fez uma reverência profunda e retirou-se, andando de costas, para cumprir a ordem. Tom experimentou uma sensação de orgulho e satisfação, ao pensar novamente nas vantagens compensadoras do ofício de rei. E disse para si mesmo: “É realmente o que eu costumava sentir quando lia as histórias do velho padre e me imaginava

um rei, ditando a lei e dando ordens a todos, sem que ninguém apresentasse qualquer protesto ou objeção à minha vontade real.”

As portas se abriram. Um nome importante depois de outro foi anunciado e os personagens que os possuíam foram entrando. Não demorou muito para que a sala estivesse cheia de nobres. Tom mal estava prestando atenção à presença deles, de tão absorvido no problema dos condenados, muito mais interessante. Continuou sentado em sua cadeira, alheio a tudo mais, olhando para a porta com uma expressão de expectativa impaciente, enquanto os cortesãos se espalhavam pela sala, conversando em pequenos grupos, em voz baixa.

Dali a pouco ouviram-se as passadas ritmadas dos soldados se aproximando e os condenados entraram na sala, acompanhados por um subxerife e escoltados por um destacamento da guarda real. O subxerife ajoelhou-se diante de Tom e depois foi postar-se a um lado. Os três condenados também se ajoelharam, mas permaneceram nessa posição. Os guardas foram colocar-se atrás da cadeira de Tom, que ficou olhando para os condenados, curiosamente. Algo na aparência ou traje do homem despertou-lhe uma vaga recordação. “Acho que já vi esse homem antes, mas não consigo recordar quando e onde...” Era isso o que Tom estava pensando quando o homem levantou a cabeça rapidamente, tornando a baixar uma fração de segundo depois, incapaz de suportar por muito tempo a visão augusta do soberano. Mas o rápido vislumbre que Tom teve do rosto dele foi suficiente. “Mas é o estranho que tirou Giles Witt do Tâmis e salvou-lhe a vida naquele dia frio e de muito vento de inverno, no dia de Ano-novo! Foi uma ação boa e corajosa. É uma pena que ele tenha cometido ações infames depois disso. Jamais poderei esquecer aquele dia: foi uma hora depois, ao bater das onze horas, que recebi uma surra tão severa de vovó Canty que todas as anteriores e as que se seguiram depois não passaram de simples carícias, em comparação.”

Tom ordenou que a mulher e a menina fossem retiradas da sala por algum tempo e depois indagou pessoalmente ao subxerife:

– Qual foi o crime que esse homem cometeu?

O subxerife ajoelhou-se para responder:

– Majestade, ele tirou a vida de um súdito com veneno.

A compaixão e admiração de Tom pelo prisioneiro, que salvara a vida de um menino a se afogar, sofreram um rude golpe.

– E a culpa dele ficou claramente comprovada?

– Ficou, *sire*.

Tom deixou escapar um suspiro.

– Podem levá-lo. Ele bem que merece a morte. Mas é uma pena, pois era um bravo homem, um coração generoso... isto é, esta é a impressão que se tem ao vê-lo.

O prisioneiro cruzou as mãos e ergueu-as na direção de Tom, numa atitude desesperada, ao mesmo tempo em que suplicava ao “rei”, com uma voz trêmula e aterrorizada:

– Ó, milorde meu rei, embora não deva ter pena dos perdidos, eu lhe suplico que tenha misericórdia de mim! Sou inocente! A acusação que me fazem não foi sequer devidamente provada! Mas não é para isso que peço sua clemência. O julgamento foi decidido contra mim e não pode ser alterado. Mas, em meu desespero, eu rogo uma dádiva, pois a morte a que me condenaram é mais do que posso suportar. Uma graça, milorde meu rei, apenas uma graça! É tudo o que peço! Em sua compaixão real, atenda minha prece. Dê ordem para que eu seja enforcado!

Tom ficou espantado. Não era absolutamente o que ele estava esperando.

– Mas que estranha graça está me pedindo! Não é justamente esse o destino que lhe está reservado?

– Ó, meu bom milorde, não é isso não! A ordem é para que eu seja fervido *vivo*!

Tom quase pulou da cadeira ao ouvir tais palavras. Assim que se recuperou da surpresa, ele gritou:

– Seu desejo está atendido, pobre alma! E mesmo que tivesse envenenado cem homens, não mereceria uma morte tão horrível!

O prisioneiro abaixou o rosto até o chão e desatou a balbuciar palavras de

agradecimento, assim terminando:

– Se algum dia tiver que conhecer o infortúnio... e que Deus impeça que isso jamais aconteça!... que sua bondade neste dia seja lembrada e devidamente retribuída!

Tom virou-se para o conde de Hertford e indagou:

– Milorde, é possível que esse homem possa ser condenado a uma morte tão horrível?

– É a lei, Sua Graça... para os envenenadores. Na Alemanha, os moedeiros falsos são fervidos até a morte em óleo... e não lançados de repente no caldeirão fervendo, mas pendurados por uma corda e mergulhados lentamente, por etapas, primeiro os pés, depois as pernas, em seguida...

– Oh, por favor, não diga mais nada, milorde! Eu não aguento!

Tom cobriu os olhos com a mão, como se assim pudesse excluir a cena horrenda, antes de acrescentar:

– Eu lhe peço que tome as providências para que essa lei seja alterada. Não quero mais saber de pobres criaturas sendo punidas com torturas.

Uma expressão de profunda satisfação estampou-se no rosto do conde. É que ele também era um homem de impulsos misericordiosos e generosos, algo não muito comum entre sua classe, naqueles tempos violentos. E ele disse:

– As nobres palavras de Sua Graça selaram o destino de tal lei. E a história haverá de se recordar disso para sempre, em honra de sua Casa Real.

O subxerife já estava prestes a retirar o prisioneiro, mas Tom fez-lhe um sinal para que esperasse, dizendo-lhe:

– Meu bom senhor, eu gostaria de saber mais a respeito do caso. O homem disse que sua culpa não foi devidamente provada. Diga-me tudo o que sabe a respeito.

– Pois não, Majestade. No julgamento, ficou provado que esse homem entrou numa casa na aldeia de Islington, onde havia um homem doente. Três testemunhas disseram que foi às dez horas da manhã, outras duas declararam que foi alguns minutos depois. O homem doente estava sozinho na ocasião,

dormindo. Esse homem não ficou muito tempo dentro da casa, saindo pouco depois e seguindo seu caminho. O homem doente morreu uma hora depois, em meio a espasmos e vômitos horríveis.

– Alguém o viu dar o veneno ao morto? O veneno foi encontrado?

– Não, milorde.

– Então, como se pôde ter certeza de que o morto foi envenenado?

– Os doutores testemunharam que ninguém morre com esses sintomas a não ser que tenha sido envenenado.

Era uma prova das mais convincentes... naqueles tempos simples. Tom não pôde deixar de reconhecer sua natureza formidável e disse:

– Os doutores conhecem seu ofício e não podem deixar de estar certos. O caso contra esse pobre homem era realmente muito forte.

– Mas isso não foi tudo, Majestade. Há mais ainda, e pior. Muitas pessoas testemunharam que uma feiticeira, há muito saída da aldeia e cujo paradeiro é desconhecido, previu e disse em particular que o homem doente *morreria por veneno* e que um estranho é que o daria... um estranho de cabelos castanhos e vestido num traje surrado e comum. O prisioneiro corresponde perfeitamente à descrição. Como Sua Majestade está vendo, as provas eram fortes demais, já que o crime foi até mesmo *previsto*.

Era um argumento praticamente irrefutável naqueles tempos supersticiosos. Tom achou que o caso estava liquidado. Se as provas valiam alguma coisa, a culpa daquele pobre coitado estava mais do que provada. Mesmo assim, ele decidiu dar uma última oportunidade ao condenado e disse-lhe:

– Se tem algo a dizer em sua defesa, fale agora.

– De nada adiantará, meu rei. Sou inocente, mas não tenho jeito de provar. Não tenho amigos, caso contrário poderia provar que não estive em Islington naquele dia. Na hora apontada do crime, eu estava muito longe de lá, em Wapping Old Stairs. Mais do que isso, meu rei: em vez de estar tirando uma vida, como eles dizem, eu estava salvando uma vida! Um menino se afogava e...

– Silêncio! Xerife, diga o dia em que o crime foi cometido.

– Às dez horas da manhã ou alguns minutos depois, no dia do Ano-novo, Majestade.

– Deixe o prisioneiro ir embora em liberdade! É a vontade do rei!

Tom ficou novamente vermelho, constrangido com aquela explosão que nada tinha de real. Procurou disfarçar sua inconveniência da melhor forma possível, acrescentando:

– Fico furioso por ver um homem ser enforcado por provas tão vagas e insensatas!

Um zumbido de murmúrios de admiração se espalhou pela sala. A admiração não era pela decisão de Tom, pois a conveniência de perdoar um envenenador condenado era algo que poucos considerariam justificada ou apropriada. A admiração era pela inteligência e espírito que Tom demonstrara. Alguns cortesãos chegaram mesmo a comentar, em voz baixa:

– O rei não está absolutamente louco. Muito pelo contrário, está em perfeito juízo!

– Como ele formulou objetivamente as perguntas! A decisão abrupta e categórica que tomou está inteiramente de acordo com o que ele era antes.

– Graças a Deus que a doença dele já passou! Não é um fraco e doente que aqui está, mas um rei de verdade. Ele vai ser igual ao pai.

Tom não pôde deixar de ouvir alguns dos murmúrios de aprovação. O efeito foi deixá-lo inteiramente à vontade e mais satisfeito com sua posição do que nunca.

Mas sua curiosidade juvenil não demorou a se sobrepor a esses pensamentos e sentimentos agradáveis. Estava ansioso em descobrir qual teria sido o crime da mulher e da menina. Assim, deu ordem para que as duas criaturas, apavoradas e soluçando, fossem trazidas à sua presença.

– O que foi que as duas fizeram? – perguntou Tom ao subxerife.

– As duas são acusadas de um crime horrendo, Majestade, que ficou inteiramente comprovado. Por isso, os juízes determinaram, de acordo com a lei, que elas sejam enforcadas. As duas se venderam ao diabo. É esse o crime delas.

Tom estremeceu. Fora condicionado a sentir repulsa pelas pessoas que assim agiam. Apesar disso, não se podia negar a satisfação de saciar sua curiosidade. Por isso, perguntou:

– Onde foi que isso aconteceu? E quando?

– Numa meia-noite, em dezembro, numa igreja em ruínas, Majestade.

Tom estremeceu novamente.

– Quem estava presente?

– Apenas estas duas, Sua Graça... e o outro.

– E elas confessaram?

– Não, *sire*. Elas negam tudo.

– Então, por favor, como foi que soube?

– Algumas testemunhas viram as duas vindo de lá. Isso despertou suspeitas e não demorou muito para que efeitos horrendos confirmassem e justificassem. Em particular, ficou provado que, por meio do poder maligno assim obtido, elas invocaram e provocaram uma tempestade que devastou toda a região. Mais de quarenta testemunhas confirmaram a tempestade. E seria possível ter até mais de mil testemunhas, já que todos tinham motivos para se lembrar, pois todos foram prejudicados.

– Não resta a menor dúvida de que é um assunto muito sério – disse Tom, pensando por um momento naquela acusação de feitiçaria, antes de perguntar: – A mulher também sofreu com a tempestade?

Várias cabeças sacudiram-se gravemente, aprovando a sabedoria da pergunta. O subxerife, no entanto, não percebeu qualquer objetivo na pergunta e respondeu com toda franqueza:

– Sofreu, sim, Majestade. E com toda justiça, diga-se de passagem. Sua casa foi totalmente destruída e ela própria e a menina ficaram ao desabrigo.

– Acho que ela comprou muito caro o poder de fazer mal a si mesma. Essa mulher teria sido enganada se tivesse pago um *farthing* que fosse por isso. O fato de ela haver pago com sua própria alma e a alma de sua filha prova que é louca. Se é louca, não sabia o que estava fazendo e, portanto, não pode ser culpada.

Os mais velhos novamente sacudiram a cabeça em aprovação pela sabedoria de Tom, e um deles murmurou:

– E se o próprio rei também está louco, segundo andam dizendo, então é uma loucura do tipo que melhoraria a sanidade de muita gente que conheço, se Deus em sua providência permitisse que outros a contraíssem também.

– Que idade tem a menina? – indagou Tom.

– Nove anos, Majestade.

– Pela lei da Inglaterra, pode uma criança fazer um pacto e vender a si mesma, milorde? – perguntou Tom, virando-se para um douto juiz.

– A lei não permite que uma criança faça ou participe de qualquer coisa de importância, Majestade, por achar que sua inexperiência não a capacita para enfrentar e compreender os planos malignos dos mais velhos. O *diabo* pode comprar uma criança se assim decidir e a criança concordar, mas não uma criança inglesa. Nesse caso, o contrato seria nulo e sem efeito.

– Parece-me algo grosseiro e anticristão que a lei inglesa negue aos ingleses o privilégio de entregarem suas almas ao diabo! – exclamou Tom, fervorosamente.

Essa posição nova em relação ao assunto provocou muitos sorrisos e foi guardada por muitas cabeças, para ser repetida pela corte, como prova da originalidade de Tom e de seu progresso para a total recuperação da saúde mental.

A mulher condenada cessara de soluçar e estava acompanhando atentamente as palavras de Tom, com uma crescente esperança. Tom percebeu-o e sua simpatia pela mulher, numa situação tão difícil, aumentou ainda mais. Dali a pouco, Tom perguntou:

– Como foi que elas provocaram a tempestade?

– Tirando as meias, *sire*.

A resposta deixou Tom espantado e incendiou ainda mais sua curiosidade.

– Mas isso é maravilhoso! E esse ato simples sempre tem o mesmo efeito terrível?

– Sempre, milorde. Ou pelo menos quando a mulher o deseja e pronuncia as

palavras necessárias, com a língua ou em sua mente.

Tom virou-se para a mulher e ordenou, impulsivamente:

– Exerça seu poder! Quero ver uma tempestade.

Muitos rostos empalideceram, entre a assembleia supersticiosa. Houve um desejo geral, mas não manifestado, de sair dali. Tom, porém, não percebeu nada, alheio a tudo mais que não fosse o cataclismo proposto. Vendo uma expressão atônita e perplexa no rosto da mulher, ele acrescentou, muito excitado:

– Não há o que temer. Não será culpada pelo que acontecer. Mais do que isso: sairá daqui em liberdade. Ninguém lhe fará nada. Vamos, exerça seu poder.

– Oh, milorde meu rei, eu não tenho esse poder! Fui falsamente acusada!

– Não receie coisa alguma, pois nada sofrerá. Vamos, faça uma tempestade. Não importa quão pequena seja. Não estou pedindo nada grande ou prejudicial. Na verdade, prefiro até que seja justamente o oposto. Faça o que estou pedindo e sua vida será poupada. Sairá daqui em liberdade, junto com a menina, levando o perdão do rei, a salvo da maldade e dos atos de qualquer pessoa deste reino.

A mulher prostrou-se diante de Tom e protestou, em lágrimas, que não tinha o poder de fazer o milagre. Se tivesse, não se faria de rogada, para salvar nem que fosse apenas a vida da filha e mesmo perdendo a sua própria vida.

Tom insistiu. A mulher, cada vez mais desesperada, continuou a alegar que não tinha o poder de provocar tempestades. Tom finalmente disse:

– Acho que esta mulher está dizendo a verdade. Se minha mãe estivesse no lugar dela e houvesse feito um pacto com o diabo, não teria hesitado um instante sequer em provocar uma tempestade e deixar todo o reino devastado, se o preço em jogo fosse a salvação da minha vida em perigo! E creio que todas as mães são iguais. Está livre, mulher, você e sua filha, pois tenho certeza de que são inocentes. E agora que está perdoada e nada mais tem a temer, tire suas meias. E se conseguir me fazer uma tempestade, sairá daqui como uma mulher rica.

A mulher perdoada manifestou efusivamente sua gratidão e tratou de obedecer. Tom ficou olhando, numa expectativa ansiosa, enquanto os cortesãos manifestavam sua inquietação. A mulher ficou descalça e a filha também. As

duas se esforçaram ao máximo para recompensarem a generosidade real com uma tempestade, mas foi tudo em vão, um desapontamento total.

Tom suspirou e disse:

– Não precisa mais se incomodar, pobre alma. Estou vendo que perdeu seu poder. Vá em paz. E se por acaso recuperar seu poder, a qualquer tempo, não se esqueça de mim e me providencie uma tempestade.

16

A refeição em público

A hora do almoço foi-se aproximando. Contudo, estranhamente, a perspectiva agora só provocava um pouco de inquietação em Tom e praticamente nenhum terror. As experiências da manhã haviam contribuído consideravelmente para aumentar-lhe a confiança. O pobre mendigo conseguira se acostumar à sua inusitada posição em apenas quatro dias, muito mais do que uma pessoa madura teria conseguido em um mês inteiro. A facilidade de uma criança em se adaptar a quaisquer circunstâncias jamais foi tão bem ilustrada.

Mas agora, nós, os privilegiados, vamos dar uma olhada no grande salão de banquetes, para vermos o que está acontecendo por lá, enquanto Tom é devidamente preparado para a solene ocasião. É um aposento espaçoso, com pilastras douradas, as paredes e tetos cobertos por pinturas. Na porta, estão postados guardas, altos e rígidos como estátuas, em trajes suntuosos e pitorescos, armados com alabardas. Numa galeria alta, que se estende por todo o salão, estão um grupo de músicos e inúmeros cidadãos, de ambos os sexos, ricamente vestidos. No centro do salão, sobre uma plataforma, está a mesa de Tom. Mas

vamos deixar que um cronista antigo se encarregue do relato:

“Um cavaleiro entra no salão levando um bastão, seguido por outro, com uma toalha de mesa. Os dois se ajoelham por três vezes, com extrema veneração. O homem com a toalha a estende sobre a mesa. Os dois se ajoelham novamente e se retiram em seguida. Depois, entram outros dois homens, um com um bastão e o outro com um saleiro, um prato e pão. Depois de se ajoelharem como os primeiros e colocarem na mesa o que trouxeram, retiram-se rapidamente, com as mesmas formalidades. Finalmente, aparecem dois nobres, um deles levando uma faca, ambos ricamente vestidos. Depois de se prostrarem três vezes, graciosamente, aproximam-se da mesa e esfregam pão e sal sobre ela, com todo respeito e reverência, como se o rei estivesse presente.”

E assim terminam as solenes preliminares. Agora, pelos corredores intermináveis, ecoa o som de um clarim e logo se começam a ouvir os gritos:

– Abram caminho para Sua Majestade o Rei!

Os gritos vão sendo repetidos e se tornando cada vez mais próximos. Não demora muito para que os gritos ecoem em nossos ouvidos. Um instante depois, o cortejo penetra no salão, marchando em passos lentos e solenes. Mas vamos devolver a palavra ao cronista:

“Primeiro aparecem os fidalgos, barões, condes, cavaleiros da Ordem da Jarreteira, todos ricamente vestidos e com as cabeças descobertas. Em seguida, entra o chanceler, entre dois nobres, um deles carregando o cetro real e o outro a Espada do Estado, numa bainha vermelha, cravejada com flores-de-lis de ouro, a ponta virada para cima. Finalmente aparece o próprio rei. Soam 12 clarins e muitos tambores, dando as boas-vindas ao rei, enquanto todos na galeria gritam, em uníssono:

– Deus salve o rei!

“Depois do rei, entram os nobres a seu serviço pessoal e a guarda de honra, cinquenta cavaleiros que marcham à esquerda e à direita, cada um armado com um machado de guerra.”

Era um espetáculo admirável e agradável. Tom sentiu o coração se acelerar.

Em seus olhos, havia agora um brilho alegre. Comportava-se airosamente, ainda mais porque não estava pensando como o fazia, sua mente absorvida e encantada com o espetáculo alegre ao seu redor. Além disso, ninguém pode ser desgracioso quando está metido em roupas bonitas e se tornou um pouco acostumado a usá-las, especialmente se no momento as vestia com a maior naturalidade e não era consciente destas. Tom recordava-se perfeitamente das instruções e agradeceu os cumprimentos com uma ligeira inclinação da cabeça emplumada e uma frase cortês:

– Eu agradeço, meu bom povo.

Sentou-se à mesa sem tirar o gorro e sem sentir o menor constrangimento por isso, já que comer com a cabeça coberta era o único costume real em que os reis da Inglaterra e os Cauty compartilhavam, ambos familiarizados com tal hábito. O cortejo dissolveu a formação e voltou a se reagrupar de forma pitoresca. Todos permaneceram de cabeças descobertas.

Uma música alegre começou a tocar e os oficiais da Guarda Real entraram no salão. Eram “os homens mais altos e fortes da Inglaterra, escolhidos a dedo”. Mas vamos devolver a palavra ao cronista da época:

“Os oficiais da Guarda Real entraram no salão, todos de cabeça descoberta, vestidos de vermelho com rosas douradas nas costas. E esses oficiais passaram a entrar e sair, trazendo os diversos pratos. Um fidalgo recebia os pratos à medida que eram trazidos e colocava-os sobre a mesa. O provador real dava uma porção de cada prato a um guarda, para que comesse, por temor de que pudesse haver algum veneno.”

Tom apreciou devidamente a refeição, mesmo sabendo que centenas de olhos acompanhavam seus movimentos e observavam-no comer o jantar com um interesse que não poderia ser mais intenso se ele contivesse um explosivo e a qualquer momento pudesse explodir o rei, espalhando seus fragmentos por todo o salão. Ele tomou cuidado para não se apressar indevidamente e evitou também fazer qualquer coisa ele mesmo, esperando que o servidor específico se ajoelhasse e a fizesse em seu lugar. Conseguiu chegar ao fim da refeição sem cometer

qualquer erro, um triunfo impecável e precioso.

Quando a refeição finalmente terminou e Tom deixou o salão, em meio ao séquito ricamente vestido e ouvindo o soar dos clarins e tambores, as aclamações ensurdecedoras, ele sentiu que se isso era o pior de comer em público, poderia facilmente suportar o suplício várias vezes por dia, se assim pudesse libertar-se de algumas das exigências mais temíveis de seu real ofício.

17

Foo-foo primeiro e único

Miles Hendon correu até a extremidade da ponte em Southwark, procurando atentamente pelas pessoas que perseguia e esperando alcançá-las sem demora. Mas acabou ficando desapontado. Fazendo perguntas, conseguiu seguir a pista dos fugitivos até o centro de Southwark. Mas, depois, todas as pistas cessaram. Ele ficou aturdido, sem saber como prosseguir. Apesar disso, continuou a procurar, da melhor forma possível, pelo resto do dia. Ao cair da noite, estava exausto e faminto, tão longe de descobrir seu pequeno amigo quanto no início da busca. Jantou no Tabard Inn e ali alugou um quarto para passar a noite, decidido a reiniciar a busca pela manhã, bem cedo, vasculhando a cidade de cabo a rabo. Deitado na cama, pensando e planejando, Miles começou a raciocinar da seguinte maneira: o menino escaparia do facínora, seu suposto pai, se fosse possível. Será que voltaria para Londres e procuraria os mesmos refúgios que tinha antes? Não, ele não faria isso, pois não haveria de querer que o recapturassem. O que ele faria então? Como não tinha um amigo sequer no mundo ou um defensor até encontrar Miles Hendon, o menino certamente

tentaria reencontrá-lo, contanto que isso não lhe exigisse voltar para Londres e para o perigo. O menino, certamente, seguiria para Hendon Hall, pois sabia que Miles estava voltando para casa e lá seria o lugar mais provável para encontrá-lo. É isso mesmo, concluiu Miles. Não havia por que perder mais tempo em Southwark. Deveria atravessar o Kent imediatamente, na direção de Monk's Holm, vasculhando os bosques e indagando pelo menino no caminho. Mas vamos agora deixar Miles Hendon dormindo e voltar ao pequeno rei desaparecido.

O criminoso a quem o criado da estalagem vira prestes a se juntar ao rapaz e ao rei não chegou a fazê-lo, mas os seguiu a alguns passos de distância. Ele não disse nada. O braço esquerdo estava numa tipoia, sobre o olho esquerdo havia uma grande venda verde. Coxeava ligeiramente e se apoiava num cajado de carvalho. O rapaz levou o rei por um caminho tortuoso através de Southwark e depois pela estrada que ficava além. A essa altura, o rei já estava bastante irritado e disse que iria parar ali. Hendon é que tinha a obrigação de ir procurá-lo e não ele a Hendon. Não podia admitir tal insolência. Ia ficar onde estava e Hendon é que viesse ao seu encontro. O rapaz disse:

– Prefere ficar aqui enquanto seu amigo está ferido no bosque mais além? Está certo, faça como quiser.

A atitude do rei mudou imediatamente.

– Ferido? E quem se atreveu a feri-lo? Mas isso é diferente! Vamos logo até lá! Depressa, rapaz, depressa! Ele está ferido, hein? O culpado vai se arrepender, mesmo que seja um filho de duque!

O bosque ficava a alguma distância, mas o espaço foi rapidamente percorrido. O rapaz olhou ao redor, até avistar uma ponta de galho na qual estava preso um pequeno pedaço de pano. Entrou no bosque na direção indicada e seguiu em frente, encontrando a intervalos outros galhos com pedaços de pano. Eram, evidentemente, indicações sobre o caminho a seguir. Os dois foram se embrenhando cada vez mais pelo bosque, até chegarem aos restos carbonizados de uma casa de fazenda e um pequeno celeiro com a madeira podre e

despencando. Não havia o menor sinal de vida em parte alguma e o silêncio era absoluto. O rapaz entrou no celeiro e o rei seguiu-o ansiosamente. Não havia ninguém lá dentro. O rei, desconfiado, lançou um olhar de surpresa para o rapaz, indagando:

– Onde é que ele está?

Uma risada zombeteira foi a resposta que ele obteve. O rei ficou furioso. Pegou um pedaço de pau e já ia atacar o rapaz quando soou outra risada zombeteira. Tinha partido do celerado coxo que os seguira a alguma distância. O rei virou-se, dominado pela raiva, e perguntou-lhe:

– Quem é você? O que está fazendo aqui?

– Vamos parar com essas tolices! – disse o homem. – E trate de ficar quietinho. Meu disfarce não é tão bom que deixe de reconhecer seu próprio pai.

– Você não é meu pai. Não o conheço. Sou o rei. Se por acaso escondeu meu servidor, trate de encontrá-lo para mim ou irá se arrepender amargamente pelo que fez.

John Canty respondeu em voz firme e controlada:

– É evidente que você ficou doido e não me agrada ter de castigá-lo nessas circunstâncias. Mas se continuar a me provocar, não vou ter outro jeito. Sua tagarelice não causa nenhum mal aqui, onde não há ouvidos para darem qualquer atenção a suas doidices. Mas acho bom você começar a controlar a língua e passar a falar com mais cautela, para não criar problemas no lugar para onde vamos nos mudar. Matei um homem e não posso voltar para nossa casa antiga. E você também não, já que vou precisar dos seus serviços. Mudei meu nome, por razões compreensíveis. Agora me chamo John Hobbs. E o seu nome é Jack. Não se esqueça disso. E agora comece a falar. Onde está sua mãe? E onde estão suas irmãs? Elas não apareceram no lugar que combinamos. Sabe para onde elas foram?

O rei respondeu em tom irritado:

– Não venha me incomodar com suas charadas. Minha mãe está morta e minhas irmãs estão no palácio.

O rapaz desatou a rir, desdenhosamente. O rei o teria atacado, se Canty – ou Hobbs, como ele agora chamava a si mesmo – não o tivesse impedido, dizendo:

– Cale-se, Hugo! Não o irrite. Ele perdeu o juízo e não deve ser perturbado mais do que já está. Vamos, Jack, sente-se aqui e fique calmo. Daqui a pouco vou arrumar alguma coisa para você comer.

Hobbs e Hugo começaram a conversar, em voz baixa. O rei afastou-se, indo para o mais longe possível daquela companhia desagradável. Foi para um canto escuro do celeiro e ali encontrou uma camada de palha sobre o chão de terra. Deitou-se, cobriu-se com alguma palha no lugar das mantas a que estava acostumado e imediatamente se concentrou em seus pensamentos. Ele tinha muitos problemas e pesares, mas os menores foram quase que inteiramente esquecidos diante da suprema dor que era a morte do pai. Para o resto do mundo, o nome de Henrique VIII provocava um calafrio de horror e sugeria um monstro cujas narinas sopravam destruição e cujas mãos distribuía a morte. Mas para aquele menino o nome evocava apenas sensações de prazer, recordava um semblante sempre gentil e afetuoso. O menino lembrou inúmeras cenas afetuosas entre ele e o pai. As lágrimas que escorreram de seus olhos mostraram quão profunda e real era a dor que lhe dominava o coração. E à medida que a tarde foi-se escoando o pequeno rei, exausto por tantos problemas e privações, acabou mergulhando num sono profundo, tranquilo e revigorante.

Depois de um tempo considerável – o rei não soube definir quanto tempo – os sentidos dele despertaram parcialmente. Continuou deitado, de olhos fechados, imaginando vagamente onde estava e o que acontecia. Notou um ruído compassado e compreendeu que era chuva batendo no telhado. Sentiu-se dominado por uma sensação agradável de conforto, que foi rudemente interrompida um momento depois, por um coro de vozes estridentes e risadas espalhafatosas. Levantou a cabeça para ver de onde procedia a interrupção. Deparou com uma cena lúgubre e fantástica. Uma fogueira ardia no chão, no outro lado do celeiro. Em torno dela, iluminado de forma estranha pelo clarão vermelho, reunia-se o grupo mais variegado e assombroso da ralé das sarjetas,

como o pequeno príncipe jamais vira nem sequer sonhara que pudesse existir. Havia homens imensos, corpulentos, curtidos pela exposição ao sol, de cabelos compridos, metidos em andrajos inacreditáveis. Havia rapazes de tamanho mediano, de semblantes truculentos e igualmente em andrajos. Havia mendigos cegos com vendas sobre os olhos, aleijados com pernas de pau e muletas. Havia um mascate com aspecto de vilão e uma mochila, havia um amolador de faca, um funileiro e um cirurgião-barbeiro, todos com os instrumentos dos respectivos ofícios. Algumas das mulheres eram pouco mais que meninas, outras estavam plenamente amadurecidas, algumas eram megeras idosas e encarquilhadas; todas falavam alto, eram desbocadas e desavergonhadas. E todos estavam sujos e desleixados. Havia também um par de cachorros vira-latas, com cordões amarrados no pescoço, cuja função era guiar cegos.

A noite chegara, o bando acabara de se banquetear, uma orgia começava, a lata com a bebida passava de boca em boca. Muitos começaram a gritar:

– Uma canção! Uma canção do Morcego e de Dick o Manco!

Um dos cegos se levantou e tirou a venda remendada que atrapalhava a visão de seus olhos excelentes e o cartaz patético que informava a causa de sua calamidade. Dick, o Manco, desvencilhou-se da perna de madeira e foi ocupar seu lugar, sob duas pernas boas e sólidas, ao lado do outro velhaco. Os dois iniciaram uma canção patusca, acompanhados ao fim de cada estrofe pelo coro de todo o bando infame. Ao se chegar à última estrofe, o entusiasmo alcoólico atingira o auge e todos a cantaram desde o início, num barulho infernal, que fez a estrutura tremer. Eram estas as palavras inspiradas:

*Bien Darkmans then, Bouse Mort and Ken,
The bien Coves bings awast,
On Chates to trine by Rome Coves dine
For his long lib at last.
Bing'd out bien Morts and toure, and toure,
Bing out of the Rome vile bine,
And toure the Cove that cloy'd your duds,
Upon the Chates do trine.¹¹*

Os velhacos começaram a conversar, não no dialeto dos ladrões usado na canção, pois esse só era usado quando ouvidos hostis podiam estar escutando. No decurso da conversa, ficou patente que “John Hobbs” não era um recruta totalmente novo do bando, mas já o integrara antes, por algum tempo. Insistiram para que contasse sua história recente. Quando ele disse que “acidentalmente” matara um homem, todos manifestaram sua considerável satisfação; quando ele acrescentou que o homem era um padre, foi calorosamente aplaudido e teve de tomar um drinque com todos. Os conhecidos antigos cumprimentaram-no efusivamente, enquanto os novos mostraram-se orgulhosos em apertar-lhe a mão. Perguntaram-lhe por que se “demorara tanto tempo”. E ele respondeu:

– Londres é melhor do que os campos e muito mais segura nos últimos anos, quando as leis se tornaram mais rigorosas e passaram a ser diligentemente cumpridas. Se não fosse pelo acidente, eu teria continuado por lá. Eu já tinha decidido ficar e nunca mais me arriscar pelos campos, mas o acidente me obrigou a mudar de planos.

Ele indagou quantas pessoas o bando tinha agora. O chefe respondeu:

– Temos 25 pessoas de todos os ofícios, homens e mulheres. A maioria está aqui e o resto está seguindo para leste, para o nosso refúgio de inverno. Nós também vamos para lá ao amanhecer.

– Não estou vendo o Wen entre a gente honesta que me cerca. Onde é que ele está?

– O pobre coitado está agora numa dieta de enxofre e muito quente para um paladar delicado. Ele foi morto numa briga, no princípio do verão.

– Lamento saber disso. Aquele Wen era um homem capaz e dos mais bravos.

– Tem toda razão. Black Bess, a namorada dele, ainda está com a gente. Ela foi com a turma que já seguiu para o leste. É uma boa menina, de boas maneiras e uma conduta pacata. Ninguém jamais a viu bêbada por mais que quatro dias por semana.

– Eu estou lembrado que ela foi exigente e merecedora de todos os elogios. A mãe já não era assim, vivia criando confusão e provocando brigas.

– Nós também a perdemos. Os dons dela para ler mão e outros tipos de adivinhação acabaram lhe valendo o nome e a reputação de feiticeira. A lei assou-a até a morte em fogo lento. Fiquei comovido e cheio de ternura ao ver a maneira corajosa com que ela enfrentou seu fado, amaldiçoando e xingando a multidão embasbacada que a cercava, enquanto as chamas subiam até seu rosto e pegavam em seus cabelos brancos. Eu disse que ela amaldiçoou e xingou os basbaques? Foi muito mais do que isso! Nem que eu viva mil anos vou ouvir novamente umas maldições tão extraordinárias! Infelizmente, a arte dela morreu com ela. Pode haver ainda algumas imitações reles e baratas, mas nenhuma blasfêmia genuína como a dela.

O chefe suspirou, todos os demais também suspiraram. Uma depressão geral se abateu por um momento sobre o bando, pois até mesmo os párias como aqueles não estão inteiramente mortos para os sentimentos. Ainda são capazes de experimentar, a longos intervalos, é verdade, sentimentos de perda e aflição, desde que as circunstâncias sejam favoráveis – como em casos como aquele, por exemplo, em que o gênio e a cultura de uma pessoa desaparecem, sem deixar herdeiro. Mas uma rodada de bebida logo restaurou o ânimo geral.

– Mais algum dos nossos amigos tem se dado tão mal assim? – indagou Hobbs.

– Alguns. Particularmente os novatos, como os pequenos lavradores que ficaram ao desabrigo e famintos pelo mundo, porque suas fazendas foram tomadas para serem transformadas em pastos de carneiros. Eles começaram a mendigar e foram açoitados, presos a uma roda de carroça, nus da cintura para cima, até o sangue escorrer, sendo depois apedrejados. Saíram para mendigar outra vez, foram novamente açoitados e lhes arrancaram uma orelha. Foram mendigar pela terceira vez... o que mais os pobres coitados podiam fazer?... e foram marcados no rosto com um ferro em brasa e vendidos como escravos. Mas fugiram, foram caçados e enforcados. Conteí a história em poucas palavras, mas o negócio não fica por aí. Há outros de nós que não chegaram até o fim do caminho. Ei, Yokel, Burns e Hodge, fiquem de pé e mostrem seus adornos!

Os três se levantaram e tiraram seus andrajos, mostrando as costas, cobertas por incontáveis cicatrizes deixadas pelo açoite. Um deles levantou os cabelos e mostrou o lugar onde antes existira a orelha esquerda. Outro mostrou a marca a fogo no ombro e uma orelha cortada. O terceiro disse:

– Sou Yokel. Já fui um fazendeiro feliz e próspero, com uma boa esposa e filhos. Agora sou algo diferente, em nome e posição. A esposa e os filhos se foram. Talvez estejam no céu, talvez... no outro lugar. Mas que Deus misericordioso seja louvado, pois onde quer que eles estejam, por felicidade não estão mais na Inglaterra! Minha pobre e inocente mãe lutava para ganhar o pão de cada dia cuidando de doentes. Um deles morreu e os doutores não sabiam como. Por isso, minha mãe foi queimada como feiticeira, enquanto meus filhos olhavam e gemiam. Ah, a lei inglesa! Vamos, todos de pé e erguendo os copos, para um brinde alegre! Saúdo a misericordiosa lei inglesa, que livrou minha mãe do inferno que é a Inglaterra! Obrigado, companheiros. Saí para mendigar, eu e a esposa, de casa em casa, levando as crianças famintas. Mas é crime ter fome na Inglaterra. Por isso, nos despiram e nos açoitaram em três aldeias. Vamos beber novamente à misericordiosa lei inglesa! Pois os açoites arrancaram muito sangue da minha pobre Mary e lhe apressaram o fim. Ela está agora debaixo da terra, a salvo de todo mal. E as crianças... enquanto a lei inglesa me açoitava, de aldeia em aldeia, as crianças morriam de fome. Vamos beber mais uma vez, companheiros... vamos beber apenas uma gota, uma gota aos meus pobres filhos, que nunca fizeram mal a ninguém! Eu mendiguei novamente... mendiguei por um pedaço de pão para as crianças e por isso fui novamente açoitado e me cortaram a orelha. Vejam, aqui está o coto! Mendiguei novamente e lá se foi minha outra orelha, para que não me esquecesse! E mendiguei novamente e fui vendido como escravo. Bem aqui no meu rosto está a marca. Se eu me lavasse, todos poderiam ver o *E* que me fizeram na carne com um ferro em brasa. Um *escravo*! Estão entendendo bem? Um *escravo* inglês! É alguém assim que está agora diante de vocês. Fugi do meu amo. E quando for encontrado... que todas as maldições dos céus recaiam sobre a lei da terra que ordenou tal ato!... serei

enforcado!¹²

Uma voz retumbante soou nesse momento:

– Não será *não*! Pois neste dia termina o império de tal lei!

Todos se viraram e avistaram o vulto fantástico do pequeno rei, aproximando-se rapidamente. Quando ele emergiu na claridade da fogueira e pôde ser visto nitidamente, irrompeu uma explosão de perguntas sucessivas:

– Mas quem é ele? O *que* é ele? Quem é você, anãozinho?

O menino permaneceu inabalável em meio às perguntas e olhares espantados e respondeu com uma dignidade real:

– Sou Edward, rei da Inglaterra.

Soaram risadas estrondosas, em parte de escárnio, em parte de alegria pela piada. O rei ficou agastado e disse asperamente:

– É assim que manifestam o reconhecimento pela graça real que acabo de lhes conceder?

O pequeno rei falou mais ainda, a voz furiosa, gestos excitados, mas suas palavras se perderam em meio ao turbilhão de risadas e comentários zombeteiros. “John Hobbs” fez várias tentativas de se fazer escutar acima da confusão. Finalmente o conseguiu, dizendo:

– Companheiros, ele é meu filho, um sonhador, um tolo e inteiramente doido. Não deem importância ao que ele diz. Ele pensa que *é* o rei.

– Eu *sou* o rei! – declarou Edward, virando-se para ele. – E pode estar certo de que ainda irá descobri-lo e se arrepender por não tê-lo feito antes, no devido tempo. Afinal, confessou um crime... e vai balançar na ponta de uma corda para pagá-lo!

– *Você* está pensando em me trair? *Você*? E eu que me abstive de lhe deitar as mãos...

– Calma! Calma! – disse o corpulento chefe dos ladrões e mendigos, interferindo a tempo de salvar o rei e enfatizando o serviço prestado ao derrubar Hobbs com seu punho poderoso. – Será que você não tem respeito pelo rei nem

pelo seu chefe? E se por acaso ofender novamente minha augusta presença, eu mesmo mandarei enforcá-lo!

Ele virou-se em seguida para Sua Majestade e continuou a falar:

– Não deve fazer ameaças contra seus companheiros, garoto. E deve guardar sua língua para não falar mal deles fora daqui. Seja rei, se isso agrada à sua loucura, mas que disso não resulte prejuízo para ninguém. E acho bom esquecer o título que escolheu, porque é traição. Somos homens maus numa porção de coisas sem importância, mas nenhum de nós é tão vil a ponto de ser um traidor do nosso rei. Somos leais para com o rei. E pode estar certo de que isso é a verdade. E agora vamos gritar, todos juntos: Vida longa para Edward, rei da Inglaterra!

– *Vida longa para Edward, rei da Inglaterra!*

A frase foi pronunciada com tanto entusiasmo pela multidão infame que a estrutura do celeiro vibrou perigosamente com o estrondo. O rosto do pequeno rei se iluminou de prazer por um momento. Ele inclinou ligeiramente a cabeça e disse, com serena simplicidade:

– Obrigado, meu bom povo.

A reação inesperada provocou convulsões de regozijo entre os presentes. Quando voltou a reinar um silêncio relativo, o chefe do bando disse firmemente, mas com algum bom humor:

– Acho melhor mudar de conversa, rapaz. Não está sendo sensato nem direito. Pode dar vazão à sua fantasia como quiser, mas escolha um outro título.

Um funileiro ambulante gritou uma sugestão:

– Que ele seja Foo-Foo Primeiro e único, o Rei dos Idiotas!

O título “pegou” imediatamente e foi repetido por todas as gargantas, num grito estrondoso:

– Vida longa para Foo-Foo Primeiro e único, o Rei dos Idiotas!

E ao coro seguiram-se apupos, assovios, risadas incontáveis.

– Vamos coroá-lo!

– Vamos vestir-lhe um manto real!

- Vamos providenciar-lhe um cetro!
- Vamos entronizá-lo!

Esses e muitos outros gritos foram ouvidos simultaneamente. E antes mesmo que a pobre vítima conseguisse se recuperar do espanto, coroaram-no com uma bacia de estanho, entregaram-lhe como cetro o ferro de soldar do funileiro e cobriram-no com um cobertor esfarrapado à guisa de manto. E todos caíram de joelhos em torno dele, iniciando um coro de lamúrias irônicas e súplicas zombeteiras, enquanto esfregavam os olhos com os trapos imundos.

- Tenha compaixão de nós, ó Graciosa Majestade!
- Não maltrate os seus vermes suplicantes, ó nobre rei!
- Tenha piedade dos seus escravos e recompense-os com um pontapé real!
- Nos anime e acolha com seus graciosos raios, ó sol flamejante da soberania!
- Consagre o chão com o toque do seu pé real, a fim de que possamos comer a terra e assim nos enobrecermos!

– Tenha a generosidade de cuspir em nós, ó *sire*, para que os filhos dos nossos filhos sejam beneficiados pela graça real e possam se orgulhar e serem felizes para todo o sempre!

Mas quem ganhou o dia – ou a noite – foi o jocoso funileiro. Ajoelhando-se, fingiu beijar o pé do rei e foi chutado com a devida indignação. No mesmo instante, pôs-se a suplicar que lhe dessem um trapo qualquer, para proteger a parte do rosto que fora tocada pelo pé real, a fim de preservá-la do ar vulgar e depois sair pelas estradas para enriquecer rapidamente, exibindo-o aos que passassem por 100 *shillings por pessoa*. Ele mostrou-se tão engraçado e divertido que se tornou o alvo da inveja e admiração de toda aquela rale mesquinha e infame.

Lágrimas de vergonha e indignação afloraram aos olhos do pequeno rei. E um pensamento surgiu-lhe do coração: “Se eu tivesse lhes oferecido algo terrível, eles não poderiam ter se mostrado mais cruéis; mas como me propus a conceder-lhes algo bom e generoso, é assim que me recompensam!”

O príncipe com os vagabundos

A tropa de vagabundos levantou acampamento ao amanhecer e iniciou a marcha. O céu estava nublado, a terra lamacenta, pairava no ar o frio do inverno. A alegria desaparecera. Alguns estavam mal-humorados e calados, outros, irritadiços e provocadores, nenhum estava bem-disposto e alegre, todos estavam sedentos.

O chefe do bando entregou “Jack” aos cuidados de Hugo, com algumas instruções rápidas. Ordenou também que John Canty se mantivesse longe do garoto, que o deixasse em paz. E avisou ainda a Hugo que não tratasse o menino com excessiva rudeza.

Depois de algum tempo de marcha, a temperatura se tornou um pouco mais amena e as nuvens ameaçadoras se afastaram. O bando cessou de tremer de frio e não demorou muito para que todos começassem a se reanimar. Foram se tornando cada vez mais alegres, passaram a brincar e caçoar entre si, começaram a zombar e insultar os que encontravam pela estrada. Era a prova de que estavam novamente despertando para a apreciação da vida e suas alegrias. O temor que provocavam ficava patente no fato de todos deixarem a estrada para lhes dar passagem e baixarem a cabeça diante dos escárnios insultuosos, sem se arriscarem a qualquer reação. De vez em quando, os malfeitores tiravam roupas que estavam estendidas em cercas, à vista dos donos, que não faziam o menor protesto e pareciam sentir-se felizes por eles deixarem pelo menos as cercas.

Pouco depois, invadiram uma pequena casa de fazenda e se instalaram com a maior tranquilidade, enquanto o trêmulo fazendeiro e sua família esvaziavam a despensa para lhes proporcionar uma refeição. Os homens apalparam a dona da casa e suas filhas, enquanto elas serviam a comida, fazendo pilhérias grosseiras,

acompanhadas por expressões insultantes e risadas estrondosas. Jogaram ossos e pedaços de comida no fazendeiro e em seus filhos, mantendo-os em constante movimento e aplaudindo delirantemente quando um projétil atingia o alvo em cheio. Terminaram passando manteiga na cabeça de uma das moças, que se mostrara ressentida pelas familiaridades excessivas. Ao partirem, ameaçaram voltar e queimar a casa com toda a família dentro, se por acaso denunciassem às autoridades o que tinham sofrido.

Por volta do meio-dia, depois de uma caminhada longa e cansativa, o bando finalmente parou, por trás de uma sebe alta, nas proximidades de uma aldeia de tamanho considerável. Todos descansaram durante uma hora e depois se dispersaram, para entrarem na aldeia por lados diferentes, a fim de exercerem os diversos ofícios.

“Jack” acompanhou Hugo. Vagaram a esmo por algum tempo, com Hugo procurando uma oportunidade qualquer para fazer algum negócio, mas não encontrando nenhuma. Por isso, ele finalmente disse:

– Não vejo nada para roubar. É uma aldeia miserável. O jeito é mendigarmos.

– Nós! De jeito nenhum! Se você quiser, pode se dedicar a seu negócio, pois lhe beneficia. Mas *eu* não vou mendigar!

– Como? – balbuciou Hugo, espantado. – E desde quando está reformado?

– O que está querendo dizer com isso?

– Afinal, você não mendigou pelas ruas de Londres durante toda a sua vida?

– Eu? Ora, seu imbecil!

– Pode guardar os elogios para você mesmo. Seu pai disse que você mendigou durante todos os dias de sua vida. Talvez ele tenha mentido. Mas quero ver se você vai ter a coragem de dizer que ele mentiu.

– Aquele homem a quem chama de meu pai? Mas é claro que ele mentiu!

– Ora, colega, não continue a bancar o louco na hora das coisas sérias. A brincadeira serve para divertir, mas já é demais no momento em que pode prejudicar os negócios. Se continuar a insistir, vou contar tudo a seu pai e tenho certeza que ele vai lhe arrancar a pele!

– Não precisa se dar ao trabalho. Pode deixar que eu mesmo conto.

– Tenho de confessar que sua coragem me agrada, mas não admiro seu julgamento. A vida já nos dá surras demais para que a gente procure mais sem necessidade. Por isso, acho melhor parar com isso. Além do mais, acredito em seu pai. Não duvido que ele possa mentir. Não duvido que ele minta nas ocasiões propícias, pois os melhores de nós costumam mentir. Mas, no caso, não há motivo para ele mentir. Um homem inteligente não vai perder tempo a mentir a troco de nada. Mas seja como você quiser. Se está mesmo querendo desistir de mendigar, o que acha que devemos fazer? Vamos roubar cozinhas?

O rei respondeu, impacientemente:

– Vamos acabar logo com essa bobagem. Já está começando a me irritar!

Hugo perdeu a calma.

– Escute aqui, colega! Não quer mendigar, não quer roubar. O problema é seu! Mas *vai ter que* fazer uma coisa: vai bancar o chamariz, enquanto eu mendigo! E se recusar, vai ver só o que lhe acontece!

O rei já ia responder, desdenhosamente, quando Hugo disse, interrompendo-o:

– Cale-se! Lá vem um homem com cara de generoso. Vou me jogar no chão, como se estivesse tendo um ataque. Quando o estranho correr na minha direção, comece a gemer e caia de joelhos, fingindo que está chorando. Depois comece a se esgoelar como se todos os demônios da miséria estivessem na sua barriga e diga: “Ó, senhor, é o meu pobre irmão que está doente e não temos ninguém no mundo! Que seus olhos misericordiosos, em nome de Deus, tenham compaixão de dois infelizes doentes, abandonados e miseráveis! Dê um mísero *penny* das suas riquezas para aliviar os sofrimentos de dois pobres esquecidos de Deus, que a morte espreita!” E não se esqueça de continuar a gemer e a suplicar até arrancarmos o dinheiro dele. Se não fizer isso, juro que vai se arrepender.

Um momento depois, Hugo começou a gemer, a revirar os olhos, a cambalear de um lado para outro. Quando o estranho chegou perto, ele finalmente se jogou ao chão, com um grito pavoroso, pondo-se a espernear e contorcer-se na terra,

em aparente agonia.

– Pobre coitado! – gritou o estranho generoso. – Pobre alma! Como está sofrendo! Vamos, deixe-me ajudá-lo a se levantar!

– Oh, nobre senhor, que Deus o abençoe por sua ajuda! Mas eu sinto uma dor terrível quando estou neste estado e alguém me toca. Meu irmão ali poderá lhe dizer como fico devastado pela dor quando tenho esses ataques. Um *penny*, nobre senhor! Isso é tudo o que peço: um *penny* para comprar um pouco de comida! E, depois, pode me deixar entregue às minhas dores e aflições!

– Um *penny*? Pois vai ganhar três, infeliz criatura...

O homem tateou no bolso, nervosamente, tirando as moedas.

– Aí está, meu pobre rapaz, pegue o dinheiro. E agora, menino, venha me ajudar a levantar seu irmão e levá-lo para sua casa, onde...

– Ele não é meu irmão – disse o rei, interrompendo-o.

– O quê? Não é seu irmão?

– Oh, não lhe dê ouvidos! – gemeu Hugo, rangendo os dentes, de raiva. – Ele nega o próprio irmão... e no momento em que eu estou com um pé na cova!

– Menino, se ele é realmente seu irmão, devo dizer que nunca vi ninguém tão desalmado e de coração tão frio. Que vergonha! Ele mal consegue se mexer! Se diz que ele não é seu irmão, quem é então?

– Um mendigo e um ladrão! Ele recebeu o dinheiro que lhe deu e ainda por cima esvaziou seu bolso. E se desejar uma cura milagrosa, basta bater-lhe com o seu cajado e deixar que a Providência cuide do resto.

Mas Hugo não ficou esperando pelo milagre. Levantou-se de um pulo e partiu com a velocidade do vento, seguido pelo homem generoso, a berrar de raiva, com toda a força dos seus pulmões. O pequeno rei, deixando escapar um suspiro profundo de gratidão aos céus por sua própria libertação, fugiu na direção oposta. E não diminuiu a corrida até julgar que estava a salvo. Seguiu pela primeira estrada que encontrou e não demorou muito para que a aldeia ficasse bem para trás. Continuou em frente, o mais depressa possível, durante várias horas a fio, volta e meia olhando para trás, nervosamente, a ver se o

perseguíam. Mas a apreensão finalmente deixou-o, substituída por uma maravilhosa sensação de segurança. Descobriu de repente que estava exausto e também faminto. Por isso, parou numa casa de fazenda. Mas antes mesmo de poder falar, foi expulso de lá rudemente. Os andrajos que vestia contradiziam tudo o que pudesse dizer.

Ele continuou a caminhar, a esmo, magoado e indignado, decidido a não mais se expor a um tratamento igual. A fome, porém, sempre acaba se sobrepondo ao orgulho de qualquer um. Assim, quando a noite se aproximou, o pequeno rei decidiu fazer outra tentativa, em outra casa de fazenda. A recepção foi pior que na tentativa anterior, pois chamaram-no dos piores nomes e ameaçaram de prisão como um vagabundo, a menos que se afastasse prontamente.

A noite caiu, fria e nublada. O rei, com os pés doloridos, continuou em frente, agora caminhando lentamente. Não tinha outro jeito, a não ser seguir sempre adiante, pois cada vez que sentava para descansar um pouco sentia o frio implacável penetrar até os ossos. Todas essas sensações e experiências, enquanto progredia pela vastidão vazia e sombria da noite, eram novas e estranhas para ele. A intervalos, ouvia vozes se aproximando, passarem por perto e depois desaparecerem. Como não avistava os corpos a que pertenciam tais vozes, vendo apenas algumas manchas indistintas a passarem rapidamente, tudo lhe parecia spectral e fantástico, fazendo-o estremecer. De vez em quando, ele avistava o clarão de uma luz, sempre parecendo muito distante, quase como se estivesse em outro mundo. Se ouvia o retinir de um sino de carneiro, era um som vago, distante, indistinto. Os mugidos abafados do gado flutuavam até ele nas asas do vento noturno, em tom de lamento. Ocasionalmente, soava o uivo queixoso de um cachorro, vagando pelos campos e florestas. Todos os ruídos pareciam extremamente remotos. O pequeno rei tinha a sensação de que toda vida e atividade haviam sido removidas para muito longe dele e que permanecia solitário e sem ninguém, e sem companhia no centro de uma incomensurável solidão.

Ele continuou sempre em frente, tropeçando muitas vezes, sob o domínio daquela experiência nova, estremecendo de vez em quando pelo farfalhar de folhas secas por cima de sua cabeça, parecendo sussurros humanos. Finalmente deparou com uma luz de um lampião à sua frente. Recuou imediatamente e ficou oculto nas sombras, à espera. O lampião estava pendurado na porta aberta de um estábulo. O rei esperou por algum tempo, mas não ouviu qualquer barulho, não viu ninguém se mexendo. Foi sentindo cada vez mais frio, por ficar parado. O estábulo parecia-lhe cada vez mais aconchegante, a tal ponto que acabou se decidindo a arriscar tudo e entrou. Avançou rápida e silenciosamente. No momento em que cruzava o limiar, ouviu vozes às suas costas. Correu para trás de uma pipa a um canto do estábulo e ali se escondeu. Dois camponeses entraram, levando a lanterna. Começaram a trabalhar imediatamente, conversando o tempo todo. O rei examinou o estábulo da melhor forma possível, à pouca claridade do lampião. Divisou o que parecia ser uma baia na outra extremidade do estábulo e pensou em ir até lá, para se abrigar, assim que os dois homens saíssem. Viu também uma pilha de mantas de cavalos, na passagem para a baia. Decidiu confiscar algumas, para o serviço da Coroa da Inglaterra, durante uma noite.

Os homens finalmente acabaram o serviço que tinham ido fazer, levando o lampião e fechando a porta, ao se retirarem. O rei, tremendo de frio, partiu para a pilha de mantas com toda a velocidade que a escuridão lhe permitia, pegou algumas e depois se foi refugiar na segurança da baia. Fez uma cama improvisada com duas mantas e cobriu-se com outras duas. Era agora um monarca satisfeito, embora as mantas fossem velhas e finas e não esquentassem muito. Além disso, exalavam um cheiro forte de cavalo, quase sufocante.

Embora o rei estivesse faminto e com frio, também estava exausto e sonolento. As duas últimas influências logo levaram vantagem sobre as primeiras e ele começou a cochilar, num estado de semiconsciência. No momento em que estava prestes a cair num sono profundo, sentiu algo a tocá-lo! Despertou inteiramente no mesmo instante, ofegando. O horror daquele toque misterioso

na escuridão quase que fez seu coração parar. Ficou completamente imóvel, escutando, mal respirando. Mas nada se mexeu e não ouviu qualquer ruído. Por isso, recomeçou a cochilar. E de repente sentiu novamente o toque misterioso! Era algo terrível, aquele toque leve, de uma presença silenciosa e invisível. O menino ficou apavorado. O que deveria fazer? Era esta a questão, mas ele não tinha a menor ideia da resposta. Deveria deixar aquele lugar razoavelmente confortável e fugir daquela presença misteriosa? Mas fugir para onde? Ele não podia sair do estábulo. A ideia de correr de um lado para outro, na escuridão, às cegas, dentro da prisão das quatro paredes, com aquele fantasma a deslizar atrás e a tocá-lo a todo instante, era simplesmente insuportável. Mas como ficar onde estava e passar a noite inteira a enfrentar aquela coisa misteriosa? Será que isso era melhor? Claro que não. Qual era, então, o caminho que lhe restava? Ah, só havia um e ele sabia muito bem qual era: estender a mão e descobrir o que era a coisa!

Pensar isso era fácil, mas era extremamente difícil reunir as forças necessárias para tentá-lo. Por três vezes ele esticou um pouco a mão, na escuridão, cautelosamente, para retirá-la abruptamente, não porque tivesse encontrado algo, mas porque tinha certeza de que iria encontrar. Na quarta vez, porém, avançou a mão mais um pouco e roçou em algo quente e macio. Ficou paralisado de terror. Sua mente estava em tal estado que não podia imaginar que pudesse ser algo mais que não um cadáver recentemente morto e ainda quente. Pensou que preferia morrer a tocar novamente na coisa. Mas só pensou assim porque não conhecia a força incontrolável da curiosidade humana. Não demorou muito para que sua mão avançasse novamente, tremendo, contra o seu julgamento e sem o seu consentimento, mas mesmo assim tateando à procura do mistério. Encontrou um punhado de cabelos. Estremeceu, mas seguiu tateando pelos cabelos até encontrar o que parecia ser uma corda quente. Seguiu a corda e acabou encontrando... um inocente bezerro! Pois a corda não era uma corda, mas sim o rabo do bezerro.

O rei ficou um pouco envergonhado de si mesmo pelo terror que o dominara

por causa de algo tão insignificante quanto um bezerro dormindo. Mas não devia ter ficado tão envergonhado, pois na verdade não fora o bezerro que o assustara e sim algo pavoroso e inexistente que o bezerro representava. Qualquer menino, naqueles tempos supersticiosos, teria sentido e reagido exatamente como ele.

O rei ficou deliciado ao descobrir que a criatura misteriosa era apenas um bezerro. E ficou ainda mais deliciado porque se sentia tão solitário e desamparado que até mesmo a companhia daquele humilde animal era extremamente bem-vinda. Tinha sido tão rudemente tratado e castigado por seus semelhantes humanos que era reconfortante sentir que finalmente estava na companhia de uma criatura que pelo menos tinha um coração gentil e um espírito afetuoso, mesmo faltando quaisquer outros atributos. Assim sendo, decidiu esquecer as diferenças de classe e fazer amizade com o bezerro.

Enquanto afagava o lombo quente e macio do bezerro, deitado a seu lado, ao alcance da mão, ocorreu-lhe que o animal poderia ser-lhe útil em mais de um aspecto. Tratou de rearrumar sua cama, colocando-a mais perto do bezerro. Aconchegou-se ao animal, puxou as cobertas sobre si e seu amigo. Um ou dois minutos depois, sentia-se tão quente e confortável quanto jamais estivera nas camas suntuosas do palácio real de Westminster.

No mesmo instante, surgiram-lhe pensamentos agradáveis. A vida parecia agora mais animadora. Estava livre dos grilhões da servidão e do crime, livre da companhia de malfeitores brutais e infames. Estava quente, abrigado. Numa palavra: estava feliz. O vento noturno aumentava de intensidade. Vinha bater em rajadas violentas contra o velho estábulo, fazendo-o tremer e chocalhar ruidosamente. Depois, a violência do vento amainou e passou a gemer e assoviar pelo estábulo. Mas tudo isso era música para o rei, agora que estava aconchegado e confortável. Que o vento soprasse com toda a fúria, que gemesse à vontade! Ele não se importava. Pelo contrário, até gostava. Simplesmente se aconchegou mais a seu amigo e, contente, mergulhou num sono profundo e sem sonhos, de serenidade e paz. Cachorros uivavam e latiam a distância, vacas mugiam, o vento soprava, a chuva martelava sobre o telhado. Sua Majestade o Rei da Inglaterra

dormia serenamente, imperturbável, assim como o bezerro, que era uma criatura simples e não se deixava perturbar facilmente por tempestades ou pelo fato de dormir na companhia de um rei.

19

O príncipe com as camponesas

Quando o rei acordou, bem cedo, pela manhã, descobriu que um rato, todo molhado mas prevenida, entrara no estábulo durante a noite e se ajeitara numa cama aconchegante sobre o peito real. Ao ser despertado com o movimento do rei, o rato assustou-se e saiu em disparada. O menino sorriu e disse:

– Ó, seu pobre tolo, por que ficou com tanto medo? Estou tão desamparado quanto você. E seria uma vergonha que logo eu, tão desamparado, fosse fazer algo contra os que se encontram na mesma situação. Além do mais, eu lhe devo agradecimento por um bom presságio. Pois quando um rei cai tão baixo que até os ratos se servem dele como leito, isso significa, certamente, que sua sorte agora vai virar, pois não pode descer ainda mais.

Ele levantou-se e saiu da baia. Foi nesse exato momento que ouviu vozes de crianças. A porta do estábulo se abriu e duas meninas entraram. Assim que o viram, pararam de conversar e rir. Pararam abruptamente e ficaram a observá-lo, com uma intensa curiosidade. Um momento depois, as duas começaram a sussurrar entre si e foram se aproximando, lentamente, parando, fitando-o, cochichando. Pouco a pouco, foram adquirindo coragem e passaram a conversar em voz alta. Uma delas disse:

– Ele até que tem uma cara bonita.

A outra acrescentou:

- E os cabelos também são bonitos.
- Mas está muito malvestido.
- E tem uma cara de quem está com muita fome.

As duas chegaram ainda mais perto, andando de lado, contornando o rei cautelosamente, examinando-o meticulosamente, de todos os ângulos, como se fosse alguma espécie nova e esquisita de animal. Mas durante todo o tempo estavam atentas, como se receassem que ele pudesse ser de fato um estranho animal, capaz de mordê-las à menor provocação. Finalmente, as duas postaram-se diante do rei, de mãos dadas, como se isso fosse uma defesa segura, e fitaram-no demoradamente com seus olhos inocentes. Depois, uma delas reuniu toda a sua coragem e indagou, com a maior objetividade:

- Quem é você, menino?
- Sou o rei – foi a resposta solene.

As meninas estremeceram ligeiramente e arregalaram os olhos, ficando sem fala durante meio minuto. Mas a curiosidade acabou rompendo o silêncio:

- O rei? Mas que rei?
- O rei da Inglaterra.

As meninas se entreolharam, voltaram a fitá-lo, se entreolharam novamente, perplexas, desconcertadas. Depois, uma delas disse:

- Ouviu o que ele disse, Margery? Falou que é o rei. Será que é mesmo verdade?
- Como pode ser outra coisa que não a verdade, Prissy? Ele diria uma mentira? Afinal, Prissy, se não fosse verdade *seria* uma mentira. Não poderia ser outra coisa. Agora, pense um pouco. Todas as coisas que não são verdade só podem ser mentiras. Não podem ser outra coisa.

Era um argumento forte, sem qualquer falha. As dúvidas de Prissy não tinham mais onde se apoiar. Ela pensou por um momento e depois reconheceu o rei, com um comentário simples:

- Se você é realmente o rei, então acredito em você.

– Sou realmente o rei.

Com isso, o problema ficou resolvido. A realeza de Sua Majestade foi aceita sem mais questões ou discussões.

As duas meninas passaram a indagar como ele chegara até ali, como podia estar metido em andrajos, o que andava fazendo, para onde ia. Para o pobre rei, foi um alívio poder relatar seus problemas para duas pessoas que não iriam escarnecer dele nem duvidar. Por isso, contou toda a sua história, esquecendo por um momento a fome que estava sentindo. As duas meninas ouviram-no com a mais profunda e terna simpatia. Mas quando ele contou as suas últimas experiências e as duas souberam há quanto tempo estava sem comer, interromperam-no abruptamente e foram correndo até a casa, a fim de buscarem algum alimento.

O rei sentia-se agora mais animado e feliz e disse para si mesmo: “Quando eu voltar a ocupar o trono, jamais irei me esquecer das crianças, recordando como essas duas confiaram e acreditaram em mim, num momento de dificuldade, enquanto os adultos achavam que era mais sábio escarnecer e considerar-me um mentiroso.”

A mãe das meninas recebeu o rei bondosamente, cheia de compaixão pelo desamparo em que o menino se encontrava. Além disso, a mente aparentemente enlouquecida do rei comoveu profundamente seu coração maternal. Era viúva e pobre. Por isso, já sofrera o bastante para ser capaz de sentir pena dos infelizes. Imaginou que o menino transtornado se extraviara de seus amigos ou guardiões. Assim, procurou descobrir de onde ele viera, a fim de poder encaminhá-lo de volta. Mas todas as alusões que ela fez a cidades e aldeias próximas, assim como todas as perguntas nessa linha, em nada resultaram. As respostas e a expressão do menino indicavam claramente que as coisas de que ela falava não lhe eram familiares. O menino falou com a maior tranquilidade sobre assuntos da corte e soluçou por mais de uma vez ao referir-se ao falecido rei, “seu pai”. Mas sempre que a conversa se desviava para assuntos mais humildes, ele perdia o interesse e se calava.

A mulher estava aturdida, mas não desistiu. Enquanto continuava a cozinhar, pôs-se a conceber estratégias para surpreender o menino, levando-o a deixar escapar seu verdadeiro segredo. Ela falou sobre vacas, mas o menino não demonstrou qualquer interesse ou conhecimento a respeito. Depois falou sobre carneiros, igualmente sem obter resultados. Assim, ela concluiu que seu palpite inicial, de que o menino era um pequeno pastor, não correspondia à realidade. Falou em seguida sobre moinhos, tecelões, funileiros, ferreiros, sobre os mais variados e diversos ofícios. Falou também sobre prisões e sobre asilos para crianças desamparadas. Mas não importava o assunto que abordasse, o menino não revelava o menor interesse ou conhecimento a respeito. A mulher foi ficando cada vez mais espantada. Finalmente, chegou a outra conclusão: o menino só podia ter trabalhado antes em algum serviço doméstico. Era isso mesmo, ela tinha certeza de que agora estava na pista certa. O menino só podia ter sido o criado em alguma casa. Ela pôs-se então a falar a respeito. Mas o resultado foi novamente desanimador. O assunto de varrer aparentemente deixou-o entediado; a ideia de preparar o fogo para cozinhar não lhe despertou qualquer interesse; o problema de lavar a louça também não provocou qualquer entusiasmo. A boa mulher, já ao fim de suas esperanças e apenas para não deixar a relação incompleta, abordou o assunto de cozinhar. Para surpresa e satisfação dela, o rosto do rei imediatamente se iluminou. Ah, pensou ela, finalmente conseguira descobrir! Ela não pôde deixar de sentir-se orgulhosa pela astúcia e tato que lhe haviam permitido descobrir a verdade.

A língua cansada da boa mulher teve então uma oportunidade de descansar, pois o rei, inspirado pela fome que sentia e pelos aromas deliciosos que saíam das panelas e caçarolas no fogo, pôs-se a falar animadamente, lançando-se a uma dissertação eloquente sobre certos pratos saborosos. Três minutos depois, a mulher disse para si mesma: “Eu estava mesmo certa! Ele já trabalhou numa cozinha!” Mas o rei ampliou a dissertação, passando a falar, com animação e prazer, sobre pratos requintados, a tal ponto que a boa mulher comentou consigo mesma: “Deus do céu! Mas como ele pode conhecer pratos tão variados e

requintados? Os pratos assim só são servidos nas mesas dos ricos e poderosos. Ah, agora estou percebendo tudo! Apesar de maltrapilho como ele está agora, deve ter trabalhado no próprio palácio real, antes de sua mente ficar transtornada. É isso mesmo, ele deve ter ajudado na cozinha do próprio rei! Mas vou fazer um teste!”

Ansiosa em provar sua sagacidade, a mulher disse ao rei que vigiasse a comida por um momento e que poderia fazer mais algum prato, se assim desejasse. Em seguida, ela saiu da cozinha, fazendo um sinal para que as meninas a seguissem. O rei disse a si mesmo: “Outro rei inglês já teve um serviço como este, em tempos passados. Não depõe contra a minha dignidade assumir uma função que o grande Alfred já teve. Mas tentarei sair-me melhor do que ele, pois Alfred deixou que os bolos queimassem.”

A intenção era a melhor possível, mas o desempenho não esteve à altura. É que esse rei, como o outro do passado, não demorou muito a se deixar absorver por seus problemas mais vastos e importantes. O resultado foi que a mesma calamidade ocorreu novamente: a comida acabou queimando. A mulher voltou a tempo de salvar algo da destruição total, prontamente arrancando o rei de seus devaneios com uma censura áspera. Mas ao perceber como ele se sentia por ter falhado, a boa mulher imediatamente se enterneceu e voltou a tratá-lo com toda bondade e gentileza.

O menino comeu vorazmente e sentiu-se revigorado e satisfeito. Foi uma refeição que se caracterizou por um detalhe curioso: as duas partes ignoraram as diferenças de classe, mas nenhuma das duas sequer percebeu que estava sendo assim favorecida. A boa mulher pensara em dar comida àquele pequeno vagabundo a um canto da cozinha, como faria com qualquer outro vagabundo ou com um cachorro. Mas estava cheia de remorso por tê-lo censurado tão veementemente e resolveu expiar sua culpa permitindo-lhe comer à mesa junto com a família, em termos ostensivos de igualdade. O rei, por seu turno, dominado pelo remorso de haver fracassado na missão de que fora incumbido, decidiu expiar sua culpa humilhando-se, deixando que a família comesse como

se fossem iguais, em vez de exigir que a mulher e as meninas ficassem de pé, enquanto ele sentava à mesa sozinho, como convinha a seu nascimento e dignidade. Há ocasiões em que o melhor para todos é ceder um pouco e esquecer as convenções. A boa mulher ficou feliz durante o dia inteiro, com os aplausos que recebeu de si mesma por sua concessão magnânima a um pequeno vagabundo. O rei também sentiu-se satisfeito com a complacência que tivera, mostrando-se humilde a ponto de permitir que uma humilde camponesa compartilhasse sua refeição.

Quando a refeição terminou, a boa mulher disse ao rei que fosse lavar os pratos. A ordem deixou-o aturdido e hesitante por um momento e ele esteve prestes a se rebelar. Mas, depois, disse a si mesmo: “Alfred o Grande ficou vigiando os bolos e certamente teria também lavado os pratos, se necessário fosse; assim sendo, não há mal algum que eu também o faça.”

Mas ele se saiu muito mal da tarefa, o que o deixou surpreso, pois sempre pensara que lavar colheres de madeira e outros utensílios fosse algo bastante fácil. Foi um trabalho tedioso e penoso, mas o rei finalmente conseguiu terminá-lo. Ele estava também começando a ficar impaciente, ansioso em retomar a jornada que iniciara. Mas não ia se livrar da companhia daquela boa mulher com tanta facilidade. Assim que ele terminou de lavar tudo, ela ordenou-lhe que fizesse pequenos serviços diversos, dos quais o rei se desincumbiu com alguma habilidade. Depois, ela encarregou-o e à filha menor de colher maçãs. Mas ele se saiu tão mal nesse serviço que ela o encarregou de outra tarefa: amolar a faca de carne. Ao acabar, ela encarregou-o de cardar lã. O pequeno rei pôs-se a pensar que já superara em muito o bom rei Alfred em matéria de heroísmos com trabalhos subalternos, que seriam relatados como fatos pitorescos nos livros de história. Assim sendo, decidiu que dali a pouco iria renunciar a tudo. E acabou fazendo-o, pouco depois da refeição do meio-dia, quando a mulher lhe entregou uma cesta cheia de gatinhos, para que fosse afogá-los. Ele resolvera que iria embora quando a mulher o incumbisse de algum serviço que fosse impossível... e afogar gatinhos era algo além de sua capacidade. Mas o que realmente o levou a

partir sem mais delongas foi a aproximação de duas pessoas: John Canty, com uma mochila de mascate nas costas, acompanhado por Hugo.

O rei avistou os dois velhacos se aproximando antes que eles o tivessem visto. Não disse à mulher que ia embora. Simplesmente pegou a cesta com os gatinhos e seguiu para os fundos da casa, sem dizer uma só palavra. Deixou os animais num telheiro nos fundos e depois seguiu apressadamente por um caminho estreito que passava por ali.

O príncipe e o eremita

A sebe alta ocultava-o agora da vista de quem estivesse junto à casa. Apavorado, ele reuniu todas as energias que lhe restavam e correu o mais depressa que pôde para um bosque distante. Não olhou para trás um momento sequer, até estar quase alcançando o abrigo do bosque. Virou-se então e divisou dois vultos muito longe. Era o suficiente. Não esperou para ter certeza de quem eram, mas seguiu em frente, correndo outra vez, sem diminuir a velocidade até ter-se embrenhado bastante pela escuridão do bosque. Parou por um momento, convencido de que estava relativamente seguro. Ficou escutando atentamente, mas o silêncio era total e profundo, até mesmo um pouco assustador e opressivo. A intervalos grandes, seus ouvidos percebiam alguns ruídos, mas soavam tão distantes e misteriosos que não pareciam ser barulhos de verdade, mas apenas gemidos e queixumes dos fantasmas dos mortos. Por isso, os ruídos eram ainda mais assustadores do que o silêncio que interrompiam.

O objetivo inicial do pequeno rei era ficar onde estava pelo resto do dia. Mas ele logo sentiu um calafrio no corpo suado e finalmente foi obrigado a recomeçar a andar, para se esquentar. Seguiu pelo bosque em linha reta, na medida do possível, esperando encontrar uma estrada dali a pouco. Mas ficou desapontado. Continuou em frente, sem parar. Quanto mais se embrenhava pelo bosque, mais denso este parecia. A escuridão foi aumentando e o rei compreendeu que a noite vinha caindo. Estremeceu só de pensar em passar a noite naquele lugar sobrenatural. Por isso, tentou avançar mais depressa. Mas conseguiu apenas

diminuir a velocidade, pois não podia ver direito onde pisava. Consequentemente, começou a tropeçar em raízes e enredar-se em trepadeiras e urzes.

Subitamente, o rei avistou o brilho de uma luz, experimentando uma imensa satisfação. Mas aproximou-se cautelosamente, parando muitas vezes, para olhar ao redor e escutar. Descobriu que o brilho provinha de uma janela sem vidro, de uma cabana pequena e miserável. Ouviu uma voz e teve vontade de correr e esconder-se. Mas mudou de ideia um instante depois, ao perceber que a voz estava rezando. Aproximou-se silenciosamente de uma janela da cabana, ergueu-se na ponta dos pés e olhou para dentro. O interior era pequeno, o chão de terra, já duro e compacto de tanto ser pisado. A um canto, havia uma cama de juncos e umas poucas mantas rasgadas. Ao lado, havia um balde, uma caneca, uma bacia e duas ou três caçarolas. Havia também uma bancada e um banquinho de três pernas. Na lareira, podiam-se ver os restos fumegantes de um fogo. Diante de um santuário, iluminado por uma única vela, estava ajoelhado um homem já bastante velho. A seu lado, havia uma caixa de madeira com a tampa aberta, tendo um crânio humano lá dentro. O homem era grande, ossudo. Os cabelos e a barba, compridos e brancos como a neve. Estava vestido com um manto de pele de carneiro, que se estendia do pescoço aos tornozelos.

“Um santo eremita!”, disse o rei consigo mesmo. “Tive realmente muita sorte!”

O eremita levantou-se. Nesse momento, o rei bateu na porta. Uma voz sonora disse:

– Entre! Mas deixe o pecado para trás, pois o terreno em que vai pisar é sagrado!

O rei entrou na cabana e parou. O eremita fitou-o com os olhos brilhantes e inquietos.

– Quem é você?

– Sou o rei.

– Seja bem-vindo, rei! – exclamou o eremita, com entusiasmo.

Depois, ele se lançou a uma atividade febril, murmurando a todo instante “Bem-vindo, bem-vindo”, enquanto arrumava a cabana, sentava o rei junto à lareira e punha um pouco de lenha no fogo. Depois, começou a andar de um lado para outro da cabana, nervosamente.

– Seja bem-vindo! Muitos já vieram procurar abrigo aqui, mas não eram dignos e foram repelidos. Mas um rei que renuncia à sua coroa e despreza os esplendores fúteis do cargo, que envolve seu corpo em farrapos e devota sua vida à santidade e mortificação da carne... ele é digno, é bem-vindo aqui! Aqui ele ficará pelo resto dos seus dias, até a morte chegar!

O rei apressou-se a interrompê-lo e explicar, mas o eremita não lhe deu a menor atenção, aparentemente nem sequer o ouviu. Continuou a falar sem parar, a voz cada vez mais alta, uma energia crescente:

– E aqui você estará em paz. Ninguém encontrará seu refúgio para suplicar-lhe que volte àquela vida vazia e tola que Deus lhe ordenou que abandonasse. Aqui poderá rezar, aqui poderá estudar o Livro. Aqui poderá meditar sobre as loucuras e ilusões deste mundo e sobre as sublimidades do outro mundo. Aqui poderá se alimentar de côdeas e ervas e castigar seu corpo com açoites todos os dias, a fim de purificar a alma. Aqui poderá usar apenas uma túnica por cima da pele, aqui terá apenas água para beber. E aqui estará em paz. Isso mesmo, na paz mais absoluta, pois aquele que vier procurá-lo haverá de seguir seu caminho frustrado, pois não o encontrará e assim não poderá perturbá-lo.

O velho, ainda andando de um lado para outro, cessou de falar em voz alta e passou a murmurar. O rei aproveitou a oportunidade para expor seu problema, com uma eloquência extraordinária, inspirada pela inquietação e apreensão. Mas o eremita continuou a murmurar, sem lhe dar a menor atenção. E ainda estava murmurando ininteligivelmente quando se aproximou do rei e disse, em tom firme:

– Psiu! Vou contar-lhe um segredo.

Ele inclinou-se para falar, mas logo voltou a se empertigar, assumindo uma atitude de quem escutava atentamente. Depois de um momento, foi na ponta dos

pés até a abertura da janela, pôs a cabeça para fora e olhou ao redor. Voltou imediatamente, sempre na ponta dos pés, aproximou o rosto do rei e sussurrou:

– Sou um arcanjo!

O rei estremeceu violentamente e disse consigo mesmo: “Quisera Deus que eu estivesse novamente com aquele bando de criminosos, pois agora sou prisioneiro de um louco!” Sua apreensão foi aumentando cada vez mais e transpareceu visivelmente em sua expressão. O eremita continuou, em voz baixa, muito excitado:

– Vejo que está sentindo minha atmosfera! Ninguém pode estar nesta atmosfera sem ser afetado, pois é a própria atmosfera do paraíso! Estou vendo temor em seu rosto! Saiba que posso ir daqui ao paraíso e voltar num piscar de olhos. Fui transformado em arcanjo neste mesmo lugar, há cinco anos, por anjos enviados do paraíso para me conferirem essa tremenda dignidade. A presença deles encheu este lugar com uma claridade insuportável. E eles se ajoelharam diante de mim, rei! Isso mesmo, eles se ajoelharam diante de mim! Pois eu era maior do que eles. Tenho andado pelas cortes do paraíso e conversado com os patriarcas. Toque na minha mão... vamos, não tenha medo, pode tocá-la. Pronto, você acaba de tocar na mão que foi apertada por Abraão, Isac e Jacó! Pois eu andei pelas cortes do paraíso, estive frente a frente com a própria Divindade!

Ele fez uma pausa, para aumentar o efeito de suas palavras. Empertigou-se um instante depois, dizendo com uma energia furiosa:

– Isso mesmo, sou um arcanjo, *um simples arcanjo!* Eu, que poderia ter sido papa! É verdade! Fui informado disso diretamente do paraíso, num sonho, há vinte anos. Ah, eu *deveria* ter sido papa! Assim estava decidido no próprio paraíso. Mas o rei dissolveu minha ordem religiosa e eu, pobre e obscuro monge, desamparado, sem amigos, fiquei a vagar pelo mundo, privado da dignidade que me pertencia de direito!

O velho recomeçou a murmurar ininteligivelmente, batendo com o punho cerrado na cabeça, num acesso de raiva, de vez em quando maldizendo veemente, outras vezes balbuciando pateticamente:

– Por isso é que sou apenas um arcanjo... eu, que deveria ter sido papa!

E assim ele continuou, por uma hora ou mais, enquanto o pobre rei ficava sentado, angustiado. Subitamente, o frenesi do ancião se extinguiu e ele voltou a ser todo gentileza. A voz suavizou-se, ele desceu das nuvens e pôs-se a falar sobre assuntos simples e humanos, com tanta ternura que rapidamente conquistou o coração do rei. O velho eremita colocou o menino mais perto do fogo e ajeitou-o confortavelmente, cuidou dos machucados dele com mãos hábeis e delicadas e depois começou a preparar o jantar, falando agradavelmente o tempo todo, de vez em quando afagando afetuosamente a cabeça do seu protegido. No coração do rei, o medo e a repulsa inspirados pelo arcanjo foram substituídos pela reverência e afeição pelo homem.

Essa situação cordial e feliz continuou enquanto os dois comeram. Depois de uma prece diante do santuário, o eremita ajeitou o menino na cama de um aposento contíguo, tão ternamente quanto uma mãe faria. Com um afago final, o velho deixou o menino e foi sentar-se junto ao fogo, atijando as brasas distraidamente. Dali a pouco ele parou, batendo várias vezes na testa com os dedos, como se tentasse recordar algo que lhe escapava à mente. Aparentemente, não conseguiu. Levantou-se rapidamente e entrou no aposento contíguo, perguntando ao menino deitado:

– Você é o rei?

– Sou – foi a resposta, numa voz sonolenta.

– Que rei?

– Da Inglaterra.

– Da Inglaterra? Então Henrique VIII morreu!

– Infelizmente, é a verdade. Sou o filho dele.

O rosto do eremita se contraiu todo, numa expressão sombria. Ele cerrou as mãos ossudas, com uma energia vingativa. Ficou imóvel por algum tempo, a respiração acelerada, engolindo em seco repetidamente, antes de dizer, em voz rouca:

– Sabia que foi ele quem nos lançou pelo mundo ao desamparo?

Não houve resposta. O velho inclinou-se e examinou o rosto em repouso do menino, ouvindo-lhe a respiração serena e regular.

– Ele dorme... e dorme profundamente!

O velho assumiu uma expressão diabólica. Um sorriso iluminou o rosto do menino adormecido. O eremita murmurou:

– Ah, o coração dele está feliz!

O velho foi para o outro cômodo da cabana, andando de um lado para outro, em silêncio, procurando por alguma coisa. Parava de vez em quando, para escutar atentamente, depois sacudia a cabeça, ia dar uma olhada no menino adormecido e retomava sua busca, sempre murmurando. Finalmente encontrou o que procurava: uma velha faca enferrujada de açougueiro e uma pedra de amolar. Voltou a sentar-se junto ao fogo e começou a amolar a faca, lentamente, ainda murmurando ininteligivelmente. Os ventos suspiravam em torno da cabana solitária, as vozes misteriosas da noite flutuavam pelas distâncias. Os olhos reluzentes de ratos mais audazes espiavam o velho pelas frentes. Mas ele continuou em seu trabalho, totalmente absorvido, sem perceber nenhuma dessas coisas.

A longos intervalos, passava o polegar pelo gume da faca e sacudia a cabeça de satisfação.

– Ah, está ficando cada vez mais afiada! É isso mesmo... cada vez mais afiada!

Ele não deu a menor atenção à passagem do tempo, continuando a trabalhar tranquilamente, distraído-se com seus pensamentos, que de vez em quando se manifestavam em frases coerentes e em voz alta:

– O pai dele nos causou todo mal possível, o pai dele nos destruiu... e agora está ardendo nas chamas eternas! É isso mesmo, está agora lá embaixo, no fogo eterno! Ele escapou-nos... mas foi a vontade de Deus. Isso mesmo, foi a vontade de Deus. Não devemos nos queixar. Mas ele não escapou do fogo! Não, não escapou do fogo, do fogo que consome, implacável, impiedoso... e o fogo é eterno!

E assim ele continuou, sem parar por um momento sequer, murmurando

consigo mesmo, de vez em quando deixando escapar uma risada, ocasionalmente voltando a falar de forma coerente:

– Foi o pai dele quem fez tudo. Sou apenas um arcanjo. Mas, se não fosse por ele, eu seria o papa!

O rei remexeu-se na cama. O eremita ergueu-se sem fazer barulho, aproximou-se da cama e caiu de joelhos ao lado, erguendo a faca sobre o corpo prostrado. O menino remexeu-se novamente. Os olhos se abriram por um momento, mas nada viram, não demonstraram qualquer emoção. No momento seguinte, a respiração regular e serena indicou que o menino estava outra vez profundamente adormecido.

O eremita ficou observando e escutando, mantendo a mesma posição, mal respirando. Depois, lentamente, abaixou o braço e afastou-se, dizendo:

– Já passa e muito da meia-noite. Mas é melhor cuidar para que ele não grite, pois sempre pode haver alguém passando aqui por perto.

O velho novamente começou a andar por sua choupana, pegando um trapo aqui, uma tira de couro ali, um cordão acolá. Voltou em seguida para junto da cama e, gentilmente, conseguiu amarrar os tornozelos do rei, sem despertá-lo. Em seguida, tentou amarrar os pulsos. Mas o menino, ainda dormindo, sempre afastava uma das mãos, antes que o cordão fosse passado. Mas, finalmente, quando o arcanjo estava quase chegando ao desespero, o menino cruzou as mãos, por sua própria iniciativa. Um instante depois, elas estavam amarradas. O arcanjo passou um trapo por baixo do queixo do menino e foi amarrar as pontas no alto da cabeça, com tanta habilidade que não despertou o rei, que continuou a dormir serenamente.

Hendon vem em socorro

O velho afastou-se de novo, silenciosamente, como um gato. Pegou o banquinho e foi sentar-se ao lado da cama. Metade de seu corpo estava iluminada pela luz bruxuleante da vela, a outra metade estava imersa nas sombras. E sem afastar os olhos do menino adormecido, continuou sua paciente vigília, indiferente à passagem do tempo, sempre amolando a faca, sempre murmurando consigo mesmo, soltando de vez em quando uma risadinha. No aspecto e atitude, parecia uma aranha monstruosa e sinistra, a contemplar com um regozijo lúgubre um desventurado inseto que ficou preso e indefeso em sua teia.

Depois de um longo tempo, o velho, que estava olhando mas não estava vendo, sua mente absorvida numa abstração sonhadora, observou subitamente que os olhos do menino estavam abertos... abertos e arregalados, contemplando a faca, horrorizados! O sorriso diabólico de satisfação estampou-se no rosto do velho. E ele disse, sem mudar de atitude ou interromper o que estava fazendo:

– Filho de Henrique VIII, você já rezou?

O menino debateu-se inutilmente, ao mesmo tempo em que deixava escapar um ruído abafado pela mandíbula fechada. O eremita interpretou o resmungo como uma resposta afirmativa à sua pergunta.

– Pois então reze novamente. E reze a prece dos que vão morrer!

Um estremecimento sacudiu o corpo do menino, seu rosto empalideceu. Ele contorceu-se outra vez, numa tentativa desesperada de se libertar, virando-se para um lado e para o outro, debatendo-se freneticamente. Mas foi tudo em vão. Durante todo esse tempo, o velho ficou a sorrir, sacudindo a cabeça, amolando a faca placidamente, murmurando de vez em quando:

– Os momentos são preciosos. São poucos e preciosos. Reze a prece dos que vão morrer!

O menino deixou escapar um gemido de desespero e parou de se debater, ofegante. As lágrimas começaram a escorrer por seu rosto, uma depois da outra. Mas o espetáculo comovente não teve qualquer efeito sobre o velho selvagem.

Quando o eremita percebeu que a manhã estava despontando, disse asperamente, com um toque de apreensão nervosa na voz:

– Não posso mais continuar a me comprazer neste êxtase! A noite já se foi. Parece que foi um momento, apenas um breve momento. Ah, eu teria ficado assim durante um ano inteiro! Filho do destruidor da Igreja, fecha os seus olhos que vão morrer e não olhe...

O resto se perdeu em murmúrios inarticulados. O velho caiu de joelhos, com a faca na mão, inclinando-se sobre o menino a gemer.

E foi nesse exato momento que soaram vozes nas proximidades da cabana. A faca caiu da mão do eremita. Ele lançou uma pele de carneiro sobre o corpo do menino e levantou-se, tremendo. Os sons foram crescendo de intensidade e dali a pouco as vozes tornaram-se ásperas e furiosas. Depois soaram golpes e gritos de socorro. Ouviu-se então passos rápidos, batendo em retirada. Um instante depois, bateram na porta da cabana e gritaram:

– Abram a porta! E depressa, em nome de todos os demônios!

Era o som mais abençoado que já se transformara em música aos ouvidos do rei, pois aquela voz era de Miles Hendon.

O eremita, rangendo os dentes numa raiva impotente, saiu rapidamente do quarto, fechando a porta. Logo depois, o rei ouviu a seguinte conversa na “capela”:

– Meus respeitos e saudações, reverendo senhor.

– Onde está o menino... *meu* menino?

– Que menino, amigo?

– Que menino? Não me digas mentiras, senhor padre, não tente me enganar! Não estou com disposição de aguentar. Perto daqui, surpreendi os patifes que tinham me roubado o menino e obriguei-os a confessar tudo. Eles disseram que o menino estava novamente à solta e que haviam seguido as pegadas dele até sua

porta. Chegaram mesmo a me mostrar as pegadas. Mas agora chega de conversa. Se não me mostrar o menino... Vamos, onde é que ele está?

– Oh, meu caro senhor, por acaso está se referindo ao pequeno vagabundo esfarrapado que passou por aqui ontem à noite? Se tem qualquer interesse nele, saiba que o enviei numa missão. Ele deverá estar de volta em breve.

– Daqui a quanto tempo? Diga logo, pois não posso perder tempo. Não conseguirei por acaso alcançá-lo? Será que ele vai demorar muito a voltar?

– Não precisa se incomodar, senhor. Ele voltará rapidamente.

– Está certo, tentarei esperar. Mas espere um pouco! Está me dizendo que *você* o mandou numa missão? Você, ora, mas isso é uma mentira! Ele jamais iria! Ele lhe puxaria a barba, por ter-se mostrado tão insolente! Está mentindo, amigo, tenho certeza absoluta de que está mentindo! Ele não iria cumprir qualquer missão, por você nem por outro homem qualquer!

– Por nenhum *homem* , não. Talvez não. Mas acontece que não sou um homem.

– *O quê?* Em nome de Deus, se não é um homem, o que é então?

– É um segredo e peço que jamais o revele a quem quer que seja. Sou um arcanjo!

Miles Hendon deixou escapar uma exclamação de espanto, antes de acrescentar:

– Isso pode muito bem explicar a complacência dele! Tenho certeza de que ele não levantaria a mão ou o pé para fazer algum trabalho subalterno para qualquer mortal. Mas até mesmo um rei deve obedecer quando um arcanjo lhe dá uma ordem. Deixe-me passar... Ei, que barulho será esse?

Durante todo esse tempo, o pequeno rei estava imobilizado na cama, alternadamente estremeando de terror e tremendo de esperança. E durante todo o tempo também empregava todas as suas forças em gemidos desesperados e angustiados, esperando que alcançassem os ouvidos de Hendon, mas sempre compreendendo, com amargura, que havia falhado ou pelo menos os ruídos não haviam causado qualquer impressão. Por isso, o último comentário de seu

servidor foi como uma brisa fresca que sopra dos campos para dar um novo alento aos agonizantes. E ele esforçou-se ainda mais, com todas as suas energias, no momento mesmo em que o eremita dizia:

– Barulho? Estou ouvindo apenas o vento.

– Talvez tenha sido isso. Certamente, foi isso mesmo. Estou ouvindo esse barulho fracamente desde que... Ei, ei-lo que soa novamente! Não é o vento! Mas que som estranho! Vamos ver de onde vem.

A alegria do rei era agora quase insuportável. Os pulmões cansados fizeram um esforço ainda maior, estimulados pela esperança, mas a boca fechada e a coberta abafavam e atenuavam o barulho que conseguia fazer. Um momento depois, o coração do pobre menino sentiu uma terrível angústia, ao ouvir o eremita dizer:

– Ah, o barulho vem lá de fora! Acho que na parte do bosque que tem ali adiante. Vou levá-lo até lá.

O rei ouviu os dois se afastarem, conversando, os passos se perdendo na distância. E ficou sozinho, em meio ao silêncio assustador, agourento.

Teve a impressão de que se passou toda uma vida até ouvir novamente passos e vozes se aproximando. Desta vez, havia também um outro som, que parecia ser o barulho de cascos. Depois, ouviu Hendon dizer:

– Não vou esperar mais. *Não posso* esperar mais. Ele deve ter-se perdido neste bosque espesso. Qual a direção que ele seguiu? Depressa, por favor, indique-me o caminho!

– Ele... Mas espere um instante que irei com você.

– Ótimo! Devo confessar que é um homem melhor do que aparenta. Acho que não existe nenhum outro arcanjo com um coração tão generoso quanto o seu. Quer ir montado? Prefere o pequeno asno que comprei para meu menino ou quer enganchar suas pernas santas sobre esta mula mal-acostumada que comprei para mim mesmo?

– Não há necessidade. Pode montar na mula e puxar o asno. Prefiro ir a pé.

– Então, por favor, segure o pequeno asno por um momento, enquanto eu

arrisco a vida tentando montar nesta mula teimosa.

Seguiu-se uma confusão de ruídos, murros, gritos e relinchos, acompanhados por palavrões intermitentes e coroada com uma interpelação amarga e veemente à mula, que devia ter sido subjugada, pois as hostilidades cessaram por um momento.

Com uma terrível angústia, o rei manietado ouviu as vozes e os passos se afastarem e morrerem na distância. Toda a esperança o abandonou por um momento e um desespero amargurado invadiu seu coração. “Meu único amigo foi enganado e se afastou de mim”, pensou ele. “O eremita vai voltar e...” Ele interrompeu o pensamento com um suspiro profundo e no mesmo instante recomeçou a se debater, tão freneticamente que derrubou para o lado a coberta que o sufocava.

E foi nesse momento que ouviu a porta se abrir! O ruído provocou-lhe um calafrio de medo. Já podia sentir a faca se cravando em sua garganta. O horror levou-o a fechar os olhos, o horror levou-o a abri-los novamente... e deparou com John Canty e Hugo parados à sua frente!

Ele teria dito “Graças a Deus!” se sua boca não estivesse amarrada.

Um momento depois, já livre dos laços e com seus captores segurando-o pelos braços, o rei viu-se levado a toda pressa pela floresta afora.

22

Vítima de traição

Mais uma vez, o “Rei Foo-Foo Primeiro e Único” estava no meio dos vagabundos e ladrões, alvo de pilhérias grosseiras e zombarias estúpidas, algumas

vezes vítima de pequenos castigos infligidos por Canty e Hugo, sempre que o chefe do bando não estava olhando. À exceção de Canty e Hugo, ninguém realmente desgostava dele. Alguns até que o apreciavam, admirando sua coragem e inteligência. Durante dois ou três dias, Hugo, sob cuja guarda o rei estava, fez dissimuladamente tudo o que podia para deixá-lo aflito e contrafeito. De noite, durante as orgias costumeiras, Hugo divertia o bando com pequenas afrontas ao rei, lançadas como se fossem casuais. Por duas vezes, ele pisou nos pés do rei... acidentalmente. Na terceira vez em que Hugo assim se divertiu, o rei derrubou-o com um porrete, para divertimento do bando. Hugo, dominado pela raiva e vergonha, levantou-se rapidamente, pegou também um porrete e avançou contra seu pequeno adversário, num acesso de fúria. No mesmo instante, formou-se um círculo em torno dos gladiadores, fazendo-se apostas e estimulando-se os contendores aos gritos.

O pobre Hugo, contudo, não tinha a menor chance. Seus esforços frenéticos e desajeitados não estavam à altura de um braço que fora treinado pelos maiores mestres da Europa na luta com bastões ou espadas. O pequeno rei ficou parado no mesmo lugar, alerta mas parecendo à vontade e tranquilo, aparando e desviando a chuva de golpes com uma facilidade e precisão que provocou gritos de admiração nos espectadores. De vez em quando, seus olhos experientes percebiam uma abertura na defesa do adversário e o resultado era um golpe vigoroso e rápido na cabeça ou no corpo de Hugo. A explosão de risadas e aclamações era então algo maravilhoso de se ouvir. Ao fim de 15 minutos, Hugo estava todo machucado e se tornara o alvo de escárnios do bando. O herói ileso da luta foi levantado nos ombros pela turba alegre e colocado num lugar de honra, ao lado do chefe. Com toda a cerimônia, foi coroado Rei dos Galos de Briga, sendo o título anterior mais humilde solenemente cancelado e anulado e decretando-se que seria banido do bando aquele que se atrevesse a pronunciá-lo novamente, dali por diante.

Fracassaram todas as tentativas de fazer com que o rei prestasse algum serviço ao bando. Ele se recusava obstinadamente a fazer o que quer que fosse e, além

disso, estava sempre tentando escapar. No primeiro dia de sua volta, haviam-no despachado para uma cozinha sem ninguém a vigiar. Ele não apenas voltara de mãos vazias, como também tentara alertar os donos da casa. Fora enviado com um funileiro para ajudá-lo no trabalho, mas simplesmente não fizera coisa alguma, além de ameaçar o homem com o ferro de soldar em brasa. Para culminar, Hugo e o funileiro passaram o tempo todo ocupados em impedirem-no de fugir. Ele despejava sua fúria real sobre as cabeças de todos aqueles que lhe tolhiam as liberdades ou tentavam obrigá-lo a trabalhar. Havia-no enviado, sob a vigilância de Hugo e na companhia de uma mulher desmazelada e de um bebê doente, para mendigar, mas os resultados também não tinham sido nada animadores. Ele se recusou a mendigar ou sequer a participar das súplicas, sob qualquer forma que fosse.

Vários dias se passaram assim. As misérias daquela vida errante, o cansaço, a sordidez, a mesquinha e a vulgaridade foram-se tornando tão insuportáveis para o cativo que ele acabou pensando que ter se salvado da faca do eremita fora apenas um adiamento temporário da morte inevitável.

Mas à noite, em seus sonhos, o pequeno rei esquecia inteiramente tais fatos e novamente ocupava o trono, voltava a ser o amo e senhor. Evidentemente, isso contribuía para aumentar-lhe o sofrimento ao despertar. As mortificações de cada manhã, nos poucos dias que transcorreram entre o retorno dele ao cativo e a luta com Hugo, foram se tornando mais e mais amargas, mais e mais difíceis de suportar.

Na manhã seguinte ao combate, Hugo levantou-se com o coração dominado por propósitos vingativos contra o rei. Tinha dois planos em particular. O primeiro era infligir-lhe o que seria, para seu espírito orgulhoso e realza “imaginária”, uma humilhação insuportável. Se isso falhasse, o outro plano era atribuir-lhe um crime qualquer e depois entregá-lo às garras implacáveis da lei.

Para executar o primeiro plano, Hugo tencionava aplicar um “clima” na perna do rei, achando, com toda razão, que isso iria mortificá-lo terrivelmente. E assim que o clima estivesse em condições, Hugo obteria a ajuda de Canty para

obrigar o rei a expor a perna nas estradas e suplicar esmolas. “Clima” era a gíria dos mendigos para uma ferida criada artificialmente. Para se produzir um clima, fazia-se uma pasta ou cataplasma de cal virgem, sabão e raspas de ferrugem, colocando-se num pedaço de couro, que era então amarrado na perna. A pele caía e ficava um pedaço de carne viva exposta, com um aspecto horrível. Esfregava-se então um pouco de sangue na perna. Quando secava, a cor ficava escura e repulsiva. Depois, colocava-se uma bandagem de trapos sujos sobre a falsa ferida, de tal forma que a deixasse exposta, para ser vista e despertar a compaixão dos que passavam.

Hugo recrutou a ajuda do funileiro a quem o rei ameaçara com o ferro de soldar em brasa. Os dois levaram o menino para uma expedição em busca de serviços de funileiro. Assim que ficaram longe do acampamento, jogaram-no ao chão. Enquanto o funileiro segurava o rei, Hugo amarrou o cataplasma na perna dele.

O rei ficou furioso e debateu-se freneticamente, prometendo que iria enforcar os dois, assim que o cetro real estivesse novamente em suas mãos. Mas os dois terminaram o que pretendiam fazer, divertindo-se com seus esforços impotentes e escarnecendo das ameaças. Continuaram a segurá-lo, até que o cataplasma começou a corroer a pele. Mais algum tempo e a ferida estaria criada, se não houvesse nenhuma interrupção. Mas acontece que houve. O “escravo” que fizera o discurso denunciando as leis da Inglaterra passou por ali, viu o que estava acontecendo e livrou o rei dos dois algozes, arrancando rapidamente o cataplasma.

O rei queria tomar emprestado o porrete de seu libertador e castigar os dois patifes ali mesmo. Mas o homem disse que não, que isso poderia acarretar problemas, que era melhor esperar até a noite chegar, quando todo o bando estaria reunido e o mundo exterior não se atreveria a interferir ou interromper. Ele levou os três de volta ao acampamento e relatou o incidente ao chefe, que ouviu em silêncio, pensou por um momento e depois decidiu que o rei não mais deveria ser designado para mendigar, pois era evidente que estava à altura de

algo mais importante e melhor. Assim sendo, o chefe no mesmo instante promoveu-o da categoria de mendigo à de ladrão!

Hugo ficou na maior alegria. Já tentara fazer com que o rei roubasse e não conseguira. Mas agora não haveria mais problemas, pois certamente o rei não se atreveria a desafiar uma ordem vinda diretamente do chefe. Assim, ele planejou uma incursão para aquela tarde mesmo, durante a qual tencionava entregar o rei às garras da lei. E iria fazê-lo com uma estratégia tão engenhosa que tudo pareceria accidental. É que o Rei dos Galos de Briga já se tornara bastante popular e o bando certamente não seria indulgente com algum membro pouco popular que cometesse a grave traição de entregá-lo ao inimigo comum, a lei.

No momento apropriado, Hugo partiu para uma aldeia próxima com sua presa. Os dois começaram a percorrer lentamente uma rua depois de outra. Hugo estava alerta, à procura de uma oportunidade de realizar seu intento diabólico. O rei também estava alerta, só que à procura de uma oportunidade de escapar, livrando-se daquele cativoiro infame que ameaçava se eternizar.

Os dois deixaram passar algumas oportunidades que pareciam razoavelmente boas. É que ambos, no fundo de seus corações, queriam dessa vez ter certeza absoluta de que seus planos seriam coroados de sucesso. Não estavam dispostos a permitir que seus desejos ardentes os levassem a se arriscar em qualquer empreendimento incerto.

A oportunidade de Hugo chegou primeiro. Finalmente aproximou-se uma mulher, que carregava um embrulho gordo, dentro de uma cesta. Os olhos de Hugo brilharam de satisfação e ele disse a si mesmo: “Mas que sorte a minha! Posso jogar a culpa pelo roubo em cima dele e assim me livrarei para sempre desse reizinho dos galos de briga!” Ele ficou esperando, observando tudo atentamente. Por fora, parecia bastante calmo, mas por dentro estava consumido por um excitação febril. Quando a mulher estava bem perto, ele disse baixinho ao rei:

– Fique esperando aqui até eu voltar.

E seguiu furtivamente atrás de sua presa. O coração do rei foi invadido por

uma imensa alegria. Poderia agora escapar, se a caçada de Hugo o levasse a uma distância suficientemente grande.

Mas ele não teve tal sorte. Hugo postou-se atrás da mulher, pegou o embrulho e voltou correndo na direção do rei, ao mesmo tempo em que envolvia o roubo num trapo que levava consigo. A mulher não viu o roubo, mas percebeu que fora roubada ao sentir o cesto mais leve. Pôs-se a berrar no mesmo instante, fazendo o maior alarido. Hugo jogou o embrulho nas mãos do rei, sem parar na corrida, dizendo rapidamente:

– Saia correndo atrás de mim, junto com os outros, a gritar “Pega ladrão!”. Mas não se esqueça de desviá-los para outro lado!

No momento seguinte, Hugo virou uma esquina, embrenhou-se por uma viela tortuosa e voltou à rua pouco depois, com uma expressão inocente e indiferente. Postou-se atrás de um poste, para observar o desenrolar dos acontecimentos.

O rei, sentindo-se profundamente ofendido, jogou o embrulho no chão e o pano caiu para o lado, no instante mesmo em que a mulher se aproximava, seguida por uma multidão cada vez maior. Ela agarrou o pulso do rei com uma das mãos, enquanto recolhia seu embrulho com a outra. E começou a despejar um monte de palavrões em cima do menino, que se debatia vigorosamente, tentando em vão desvencilhar-se.

Hugo já vira o bastante. Seu inimigo estava capturado e a lei iria inevitavelmente dar um jeito nele. Afastou-se, exultante e rindo, retornando ao acampamento a imaginar uma versão verossímil do incidente para relatar ao chefe do bando.

O rei continuou a se debater, gritando volta e meia, irritado com a afronta:

– Tire as mãos de mim, sua tola criatura! Não fui eu que roubei seu embrulho!

A multidão se aproximou, ameaçando o rei e insultando-o com os piores nomes. Um ferreiro musculoso, de avental de couro e as mangas da camisa enroladas até os cotovelos, estendeu a mão na direção do rei, dizendo que iria

dar-lhe uma boa surra para que aprendesse a lição. Foi nesse momento que uma espada cortou o ar e foi se abater com uma força convincente, de lado, sobre o braço do ferreiro. Ao mesmo tempo, o dono dessa espada fantástica disse jovialmente:

– Calma, minha boa gente. Vamos todos nos comportar gentilmente, sem ameaças de violência ou palavras pouco caridosas. O problema deve ser resolvido pela lei e não por particulares. Solte o menino, minha boa mulher.

O ferreiro avaliou o soldado corpulento com um rápido olhar e depois se afastou, resmungando e esfregando o braço. A mulher soltou o pulso do menino, embora relutante. A multidão ficou olhando para o estranho sem qualquer afeição, mas preferindo prudentemente não fazer qualquer comentário. O rei foi postar-se ao lado de seu salvador, com as faces coradas e os olhos brilhando. E exclamou:

– Atrasou-se consideravelmente, mas acabou chegando numa ocasião oportuna, Sir Miles. E agora dê uma boa lição nessa ralé!

23

O príncipe prisioneiro

Hendon conteve um sorriso, inclinou-se e sussurrou ao ouvido do rei:

– Calma, meu príncipe, calma... Fale com mais cautela. Ou melhor, não diga nada. Confie em mim e no fim tudo dará certo.

E, para si mesmo, Hendon acrescentou: “*Sir Miles!* Ora essa, eu tinha até esquecido que era um cavaleiro! É maravilhoso como a memória dele consegue conservar todos os detalhes de suas fantasias exóticas! Esse meu título é vazio e

tolo, mas é extremamente digno, pois creio haver mais honra e valor em ser um cavaleiro-fantasma nesse Reino de Sonhos e Sombras do que me rebaixar a ser um conde em alguns dos reinos de verdade deste mundo!”

A multidão se entreabriu para dar passagem a um guarda. O homem já ia agarrar o ombro do rei quando Hendon disse-lhe:

– Devagar, meu bom amigo. Afaste sua mão, por gentileza. Ele irá pacificamente. Assumo a responsabilidade por isso. Vá na frente que nós o seguiremos.

O guarda seguiu na frente, com a mulher e seu embrulho. Miles e o rei foram atrás, com a multidão em seus calcanhares. O rei estava propenso a se rebelar, mas Hendon lhe disse em voz baixa:

– Reflita um pouco, *sire*. Suas leis constituem a força de sua própria realeza. A fonte que emite tais leis deve a elas resistir e ao mesmo tempo exigir que os súditos as respeitem? Aparentemente, uma dessas leis foi infringida. Quando o rei estiver de volta ao trono, não será bom recordar que, quando era na aparência um simples cidadão, aceitou lealmente as determinações reais e submeteu-se à autoridade?

– Tem toda razão. Não precisa dizer mais nada. O que o rei da Inglaterra exige que um súdito sofra nos termos da lei, ele próprio sofrerá enquanto está na posição de um súdito.

Ao ser chamada a prestar depoimento perante o juiz de paz, a mulher jurou que fora o pequeno prisioneiro quem tentara cometer o roubo. Como não havia ninguém que pudesse provar o contrário, o rei foi condenado. O embrulho foi desfeito e verificou-se que continha um pequeno porco, já temperado e pronto para assar. O juiz pareceu ficar um pouco perturbado e Hendon empalideceu, um calafrio de consternação lhe percorrendo o corpo. O rei, no entanto, permaneceu imperturbável, protegido por sua ignorância. O juiz ficou em silêncio por algum tempo, pensativo, depois perguntou à mulher:

– Quanto acha que vale essa sua propriedade?

A mulher fez uma medida antes de responder:

– Três *shillings* e oito *pence*, Sua Senhoria. Não dá para abater um só *penny*.

O juiz correu os olhos pela multidão, visivelmente perturbado, ordenando em seguida ao guarda:

– Evacue o tribunal e feche as portas.

A ordem foi imediatamente executada. Permaneceram na sala apenas as duas autoridades, o acusado, a acusadora e Miles Hendon. Este último estava rígido e pálido, com imensas gotas de suor frio brotando em sua testa e escorrendo pelo rosto. O juiz virou-se novamente para a mulher e disse, em tom compadecido:

– Está se vendo que é um garoto pobre e ignorante que provavelmente foi impelido a assim agir pela fome, nestes tempos difíceis para os desgraçados. Ele não parece ser um mau menino, mas quando a fome aperta... Boa mulher, sabia que quando alguém rouba algo cujo valor seja superior a 13 *pence* a lei determina que seja enforcado por isso?

O pequeno rei estremeceu e arregalou os olhos de consternação, mas conseguiu controlar-se e continuou aparentemente imperturbável. O que não aconteceu com a mulher. Ela levantou-se abruptamente, trêmula de horror, e gritou:

– Oh, Deus do céu, o que fui fazer? Oh, Deus Misericordioso, eu não gostaria de ver esse pobre menino enforcado por nada neste mundo! Ah, salve-o da forca, Sua Senhoria! O que devo fazer? O que *posso* fazer?

O juiz manteve sua compostura de magistrado e disse simplesmente:

– Pode perfeitamente reavaliar o valor da mercadoria, já que ainda não foi registrado.

– Neste caso, anote que o porco vale oito *pence*. E que os céus abençoem o dia em que minha consciência ficou livre dessa coisa pavorosa!

Em sua satisfação, Miles Hendon esqueceu todo o decoro e surpreendeu e feriu a dignidade do rei, abraçando-o e apertando-o. A mulher, grata por aquele desfecho feliz, despedia-se de todos e foi embora com seu porco. O guarda abriu-lhe a porta e seguiu-a pelo corredor estreito. O juiz começou a escrever a ocorrência em seu livro de registros. Hendon, sempre alerta, achou que seria de

bom alvitre descobrir o que o guarda tinha para dizer à mulher. Assim, saiu furtivamente para o corredor escuro e ficou escutando. E ouviu a seguinte conversa:

– É um porco gordo e promete ser apetitoso, mulher. Vou comprá-lo. Aqui estão os oito *pence*.

– Oito *pence*? Ora, eis um negócio que não faço de jeito nenhum! O porco custou-me três *shillings* e oito *pence*, em moedas boas e honestas do último reinado, que o velho Harry que está morto jamais pôs as mãos! Pode ficar com os seus oito *pence*!

– Vai insistir nisso? Estava sob juramento quando disse que o valor era apenas oito *pence*. Vamos voltar à presença de Sua Senhoria e terá que responder por esse crime! E depois o garoto será enforcado, se mudar sua avaliação!

– Está bem, está bem. Não precisa dizer mais nada. Pode me dar os oito *pence* e ninguém fala mais sobre o caso!

A mulher foi embora, chorando. Hendon voltou para o tribunal. O guarda também voltou, logo depois, tendo escondido sua presa num lugar conveniente. O juiz escreveu por mais algum tempo, depois fez uma preleção sábia e bondosa ao rei e condenou-o a uma curta estadia na prisão da aldeia, a ser seguida pelo açoite em público. O atônito rei abriu a boca e provavelmente ia ordenar que o juiz fosse imediatamente decapitado, quando percebeu um sinal de advertência de Miles Hendon. Conseguiu fechar a boca, com grande esforço, antes de chegar a dizer alguma coisa. Hendon pegou-o pela mão, fez uma reverência para o juiz e os dois partiram, atrás do guarda, na direção da cadeia. No momento em que chegaram à rua, o furioso monarca parou, puxou a mão bruscamente e exclamou:

– Seu idiota! Acha mesmo que vou entrar numa cadeia comum *vivo*?

Hendon inclinou-se e disse-lhe, um tanto asperamente:

– Vai ou não confiar em mim? Fique calado! E não arrisque nossas chances dizendo coisas perigosas. O que Deus quer, assim acontecerá. Mas não se pode apressar nem alterar o que já está decidido lá em cima. Portanto, seja paciente e

espere. Haverá tempo suficiente para se revoltar ou comemorar quando tiver acontecido o que tem de acontecer!

24

A fuga

O dia curto de inverno estava quase terminando. As ruas estavam praticamente desertas, vendo-se apenas uns poucos extraviados, que caminhavam apressadamente, com as expressões concentradas de pessoas ansiosas em terminarem de cumprir tarefas o mais depressa possível, a fim de poderem retornar ao aconchego de suas casas, a salvo do vento e da escuridão que se adensava rapidamente. Não olhavam para a direita nem para a esquerda, não prestavam a menor atenção ao nosso grupo, nem mesmo pareciam vê-lo. Edward VI perguntou-se se o espetáculo de um rei a caminho da cadeia jamais merecera antes tão espantosa indiferença. O guarda chegou à praça do mercado deserta e começou a atravessá-la. Quando estavam no meio, Hendon pôs a mão no braço dele e disse-lhe em voz baixa:

– Espere um momento, meu bom senhor. Ninguém pode nos ouvir agora e eu gostaria de dizer-lhe algo.

– Meu dever me proíbe, senhor. Por favor, não me crie problemas, pois a noite está chegando.

– Escute de qualquer maneira o que tenho a dizer, pois é de importância vital para você. Quero apenas que vire as costas por um momento e finja não ver o que está acontecendo. *Deixe esse pobre menino escapar.*

– Como se atreve a me fazer tal proposta? Posso prendê-lo por isso e...

– Não seja tão precipitado. É melhor tomar cuidado e não cometer qualquer tolice, caso contrário...

Miles fez uma pausa deliberada e depois acrescentou, num sussurro no ouvido do homem:

– ... o porco que você comprou por oito *pence* pode custar-lhe o pescoço, homem!

O pobre guarda, tomado de surpresa, ficou a princípio sem fala, depois recuperou a língua e pôs-se a proferir palavras e ameaças. Mas Hendon permaneceu tranquilo e esperou pacientemente até que o homem ficasse sem fôlego, dizendo em seguida:

– Até que simpatizei com você, amigo. Não gostaria de prejudicá-lo. Mas acontece que ouvi toda a conversa, do princípio ao fim. Quer que eu repita?

E Hendon repetiu então o diálogo entre o guarda e a mulher no corredor escuro, palavra por palavra. E concluiu:

– Não foi isso mesmo? Não acha que eu poderia repetir tudo corretamente perante o juiz, se for necessário?

O homem ficou atordoado de medo e angústia por um momento, mas se recuperou rapidamente e disse, com uma despreocupação visivelmente forçada:

– Na verdade, tudo não passou de uma brincadeira. Eu quis apenas me divertir um pouco à custa daquela mulher.

– E ficou com o porco da mulher também por divertimento?

O homem respondeu asperamente:

– Exatamente, meu caro senhor. Tudo não passou de uma simples brincadeira.

– Estou começando a acreditar em você – disse Hendon, numa mistura de zombaria e meia convicção. – Mas fique esperando aqui por um momento, enquanto vou correndo falar com Sua Senhoria. Como um conhecedor das leis, Sua Senhoria certamente haverá de apreciar devidamente a brincadeira...

Hendon começou a se afastar, lentamente, enquanto ainda falava. O guarda hesitou, remexeu-se nervosamente, deixou escapar alguns resmungos e depois

gritou:

– Espere, espere, meu bom senhor! Por favor, espere um pouco! O juiz... Ora, homem, ele gosta tanto de brincadeiras quanto de um cadáver morto! Vamos conversar mais um pouco. Que diabo! Parece que estou metido numa encrenca e tudo por causa de uma brincadeira inocente e impensada! Sou um chefe de família e minha esposa e filhos... O que está querendo que eu faça?

– Basta apenas bancar o surdo, cego e paralítico, pelo tempo necessário para contar até cem mil... e bem devagar.

A expressão de Hendon era a de quem pedia um favor razoável e insignificante. O guarda ficou desesperado.

– Mas isso será minha perdição! Ah, seja razoável, meu caro senhor! Pense no caso por todos os lados e verá que foi apenas uma simples brincadeira, nada mais! E mesmo se admitindo que não foi uma brincadeira, foi uma falta tão pequena que a penalidade máxima seria apenas uma censura e uma advertência do juiz!

Hendon respondeu com uma solenidade que esfriou mais ainda o ar ao redor:

– Não sabia que essa sua brincadeira tem um nome previsto na lei?

– Claro que eu não sabia! Por azar, fui tolo e insensato! Jamais imaginei que pudesse ser algo previsto em lei! Oh, Deus, pensei que fosse algo original!

– Pois saiba que está previsto em lei e é um crime que tem nome: *Non compos mentis lex talionis sic transit gloria Mundi*.

– Oh, Deus!

– E a pena é de morte.

– Deus tenha piedade de mim!

– Por ter-se aproveitado de alguém em perigo e à sua mercê, por ter-se apoderado de uma mercadoria que valia mais de 13 *pence* pagando apenas uma ninharia, você se tornou um criminoso. Aos olhos da lei, isso é simonia, prevaricação e malversação, *ad hominem expurgatis in statu quo*. E a pena prevista é a morte na forca, sem perdão, comutação ou benefício clerical.

– Ó, meu bom senhor, tenha piedade de mim! Salve-me da morte e prometo

que virarei as costas e não verei o que acontecer!

– Está certo. Agora está sendo sensato. E vai devolver o porco?

– Claro que vou! E juro que nunca mais vou tocar em outro porco, nem que me seja trazido dos céus por um arcanjo! Podem ir embora. Eu estarei cego e nada verei. Direi que arrombou a prisão e arrancou o prisioneiro à força. A porta é antiga e está quase caindo. Eu mesmo me encarregarei de arrombá-la, entre a meia-noite e o amanhecer.

– Assim é melhor, meu bom homem. Ninguém sairá prejudicado. O juiz demonstrou sua simpatia por esse pobre menino e tenho certeza de que não vai ficar furioso nem desancar o carcereiro pela fuga dele.

25

Hendon Hall

Assim que Hendon e o rei ficaram longe das vistas do guarda, Sua Majestade foi instruída a correr para um determinado lugar fora da aldeia e lá ficar esperando. Enquanto isso, Hendon iria até a estalagem em que se hospedara, para pagar a conta e pegar suas coisas. Meia hora depois, os dois amigos seguiam alegremente para leste, nas duas lamentáveis montarias de Hendon. O rei sentia-se agora aquecido e confortável, pois se livrara de seus andrajos e vestia o traje de segunda mão que Hendon comprara na London Bridge.

Hendon não queria fatigar em excesso o menino, pois achava que viagens árduas, refeições irregulares e pouco sono eram prejudiciais à mente doentia dele. Na sua opinião, o caminho para curá-lo era bastante repouso, refeições regulares e exercícios. Desejava ver aquela pobre mente abalada totalmente

recuperada, livre das visões doentias que a atormentavam. Por isso, resolveu fazer a jornada até Hendon Hall em etapas curtas, em vez de atender ao impulso de sua impaciência e voltar o mais depressa possível, correndo dia e noite, para a casa de onde fora banido havia tantos anos.

Depois de viajarem por cerca de 15 quilômetros, os dois companheiros chegaram a uma aldeia de bom tamanho e ali pararam a fim de passarem a noite numa hospedaria. O relacionamento anterior foi retomado. Hendon ficou de pé atrás da cadeira do rei, enquanto este comia; ajudou-o a despir-se na hora de dormir; depois foi deitar no chão, junto à porta, enrolado numa manta.

No dia seguinte e no outro, os dois viajaram lentamente, conversando sobre as aventuras que haviam tido desde o momento da separação e apreciando intensamente os respectivos relatos. Hendon contou suas andanças à procura do rei e descreveu como o arcanjo o levava a percorrer a floresta em vão, levando-o finalmente de volta à cabana, ao descobrir que não conseguiria livrar-se dele. O velho fora até o quarto e retornara a cambalear, visivelmente desolado. Dissera que esperava encontrar o menino já de volta e deitado na cama, para descansar um pouco. Hendon ficara esperando na cabana durante o dia inteiro. Ao perder finalmente toda a esperança de que o rei voltasse, fora embora, retomando a busca.

– O velho Sanctum lamentou profundamente que Sua Alteza não tenha voltado – comentou Hendon. – Estava com uma expressão desolada.

– Pode estar certo de que sempre me lembrarei disso!

O rei contou o que acontecera e Hendon lamentou não ter liquidado o arcanjo. No último dia da viagem, Hendon mostrou-se surpreendentemente entusiasmado. Falava a todo instante, relatando histórias do pai e do irmão Arthur, que mostravam como os dois eram bons e generosos. Entregava-se a um frenesi de amor ao se referir a Edith e estava tão bem-disposto que conseguiu até mesmo dizer algumas coisas boas e fraternas sobre Hugh. Animava-se com o reencontro em Hendon Hall. Que surpresa seria para todos! Que explosão de alegria e felicidade!

Era uma região das mais aprazíveis, pontilhada de chalés e pomares. A estrada passava por pastos amplos, que se perdiam na distância. As elevações e depressões suaves sugeriam as ondas do mar subindo e descendo. Durante a tarde, o filho pródigo que voltava desviou-se frequentemente do caminho, a fim de subir em colinas para ver se conseguia avistar sua casa ao longe. Finalmente conseguiu e gritou, muito excitado:

– Estou vendo a aldeia, meu príncipe! E Hendon Hall está logo adiante! Podem-se ver as torres daqui. Está avistando aquele bosque mais além? Pertence a meu pai. Agora, vai conhecer o que é imponência! Uma casa de setenta aposentos! Sabe lá o que é isso? E como tem criados! Será um bom alojamento para gente como nós, não acha? Vamos mais depressa. Minha impaciência não admite mais nenhuma delonga!

Os dois se apressaram ao máximo possível. Mesmo assim, já passava das três horas da tarde quando finalmente chegaram à aldeia. Atravessaram-na rapidamente, Hendon falando sem cessar.

– Ali está a igreja... coberta com a mesma hera, sem faltar nada, sem acrescentar coisa alguma!

“Ali está a estalagem, a velha Leão Vermelho. E mais adiante é a praça do mercado.

“Aqui está a bomba e ali está o Maypole. Nada mudou. Isto é, tirando as pessoas. Dez anos fazem muita diferença nas pessoas. Tenho a impressão de que reconheço algumas, mas ninguém parece me reconhecer.

E assim ele continuou a falar. Logo chegaram ao fim da aldeia e seguiram por uma estrada estreita e sinuosa, margeada por sebes altas, durante quase um quilômetro. Avistaram então um vasto jardim, além de um portão imponente, em cujas pilastras de pedras estavam esculpidos brasões. A mansão era imponente.

– Seja bem-vindo a Hendon Hall, meu rei! – gritou Miles. – Ah, este é um grande dia! Meu pai, meu irmão e lady Edith ficarão tão loucos de alegria que a princípio só terão olhos e ouvidos para mim! Pode parecer que o estão recebendo

friamente, mas não se importe com isso. Vai ver que a atitude deles logo mudará, quando eu lhes disser que é o meu protegido e souberem quão grande é o meu afeto por você. Por Miles Hendon, eles farão com que seus corações e nossa casa passem a lhe pertencer para todo o sempre!

Em seguida, Hendon saltou diante da imensa porta da mansão, ajudou o rei a descer e depois o tomou pela mão, correndo para o interior. Entraram num aposento espaçoso. Miles sentou o rei mais com pressa do que cerimônia e depois correu para um jovem que estava sentado a uma escrivaninha, ao lado de uma lareira acesa.

– Abrace-me, Hugh! E diga que está contente por ver-me de volta! E chame nosso pai, porque o lar não será o lar enquanto eu não tocar na mão dele, não lhe contemplar o rosto, não lhe ouvir a voz novamente!

Mas Hugh se limitou a recuar um pouco, depois de deixar transparecer uma surpresa momentânea. Lançou um olhar grave para o intruso, a princípio de dignidade ofendida, mudando em seguida, como em reação a algum pensamento ou deliberação interior, para uma expressão de curiosidade espantada, misturada com uma compaixão genuína ou artificial. E dali a pouco ele disse, a voz suave:

– Parece-me que seu juízo está abalado, meu pobre estranho. Certamente sofreu muitas privações e rudes castigos nas mãos do mundo. É o que indicam sua aparência e traje. Por quem está me tomando?

– Por quem o estou tomando? Ora, por favor, por quem mais a não ser justamente quem você é? Claro que eu o tomo por Hugh Hendon!

A voz de Miles estava agora um tanto ríspida, mas seu irmão continuou a falar suavemente:

– E quem você imagina que é?

– A imaginação não tem nada a ver com isso! Será que por acaso vai fingir não reconhecer seu irmão Miles Hendon?

Uma expressão de agradável surpresa se estampou por um momento no rosto de Hugh.

– Como? Quer dizer que não está brincando? Mas como pode um morto

voltar à vida? Que Deus seja louvado, se assim pudesse ser! Seria maravilhoso ter o nosso rapaz perdido há tantos anos de volta aos nossos braços, depois de todo esse tempo de cruéis sofrimentos! Ah, parece bom demais para ser verdade... é bom demais para ser verdade! Eu lhe peço que tenha compaixão e não zombe de mim. Depressa, vamos até a luz... para que eu possa examiná-lo direito!

Ele pegou Miles pelo braço e levou-o até a janela, começando a examiná-lo meticulosamente da cabeça aos pés, virando-o para um lado e outro, contornando-o, enquanto o filho pródigo de volta, radiante de alegria, sorria, sacudia a cabeça e murmurava:

– Pode olhar bem, irmão. Não tenha medo. Não irá encontrar um só membro ou feição que resista ao teste. Pode examinar-me à vontade, meu bom Hugh. Sou realmente o velho Miles, o mesmo Miles de sempre, seu irmão perdido. Ah, que dia maravilhoso! Dê-me sua mão, dê-me seu rosto! Ah, tenho a impressão de que vou estourar de tanta alegria!

Ele já ia abraçar o irmão quando Hugh estendeu a mão e impediu-o, baixando o queixo até o peito, numa atitude de pesar, e dizendo com profunda emoção:

– Ah, que Deus em sua misericórdia me dê forças para suportar tão doloroso desapontamento!

Miles, aturdido, não conseguiu dizer coisa alguma por um momento. Mas logo recuperou a voz e gritou:

– *Que* desapontamento? Por acaso não sou seu irmão?

Hugh sacudiu a cabeça tristemente.

– Peço a Deus que isso possa ficar comprovado e que outros olhos encontrem as semelhanças que me escapam. Infelizmente, receio que a carta tenha dito a verdade.

– Que carta?

– A carta que recebemos de além-mar, há cerca de seis ou sete anos. Dizia que meu irmão morrera em combate.

– Mas isso é mentira! Chame nosso pai. Tenho certeza de que ele me

reconhecerá.

– Não se pode chamar um morto.

– Morto?

Miles hesitou. A voz estava agora sufocada, os lábios tremiam.

– Meu pai está morto! Oh, que notícia terrível! Metade da minha alegria se acabou. Por favor, chame nosso irmão Arthur. Ele me reconhecerá e haverá de consolar-me.

– Arthur também está morto.

– Deus tenha misericórdia de mim, um homem rudemente atingido! Os dois mortos... mortos! Deus levou os bons e deixou apenas os indignos como eu! Ah, eu suplico por Sua misericórdia! Não me diga que lady Edith também...

– Está morta? Não, ela continua viva.

– Neste caso, Deus seja louvado, minha alegria retorna, pelo menos em parte. E se ela disser que eu não sou eu mesmo... Mas, não! Tenho certeza de que *ela* me reconhecerá. Fui um tolo só por duvidar. Vá chamá-la, por favor. E traga também os criados mais antigos. Eles me reconhecerão.

– Todos já partiram, menos cinco: Peter, Halsey, David, Bernard e Margaret.

Assim sendo, Hugh saiu da sala. Miles ficou parado por algum tempo, pensativo, depois começou a andar de um lado para outro, murmurando:

– Os cinco vilões sobreviveram a todos os demais criados leais e honestos... isso é muito estranho!

Ele continuou a andar pela sala, murmurando consigo mesmo, inteiramente esquecido do rei. Com um toque de genuína compaixão, embora suas palavras pudessem ser interpretadas como irônicas, Sua Majestade disse gravemente:

– Não se atormente com seu infortúnio, meu bom homem. Há outros neste mundo a quem não reconhecem a identidade e de quem desdenham as afirmações. Tem companhia nisso.

– Ah, meu rei, não me censure! – gritou Miles, corando ligeiramente. – Espere e verá. Não sou impostor. Ela irá confirmar que sou de fato Miles Hendon. E ouvirá isso dos lábios mais doces que já existiram na Inglaterra! Eu,

um impostor? Mas conheço a fundo esta velha mansão, conheço os retratos dos meus ancestrais, conheço todos os objetos que aqui existem como uma criança conhece seu próprio quarto infantil. Aqui nasci e fui criado, milorde. Estou dizendo a verdade. Eu não o enganaria. E mesmo que ninguém mais acredite, rogo para que não duvide de mim. Eu não suportaria!

– Pode estar certo de que não duvido de você – disse o rei, com uma simplicidade e fé infantis.

– Eu lhe agradeço do fundo do meu coração! – exclamou Miles, com um fervor que indicava o quão comovido estava.

O rei acrescentou, com a mesma simplicidade gentil:

– E você, duvida de mim?

Um sentimento de culpa dominou Miles e ele sentiu-se grato pelo fato de a porta abrir-se nesse exato momento para dar passagem a Hugh, salvando-o da necessidade de responder.

Uma linda mulher, ricamente vestida, acompanhava Hugh. Mais atrás, vinham diversos criados de libré. A mulher avançou lentamente, a cabeça baixa, os olhos fixos no chão. O rosto estava imensamente triste. Miles Hendon adiantou-se, gritando:

– Oh, minha Edith, minha querida...

Mas Hugh fez-lhe um gesto para que recuasse e disse para a mulher:

– Olhe para ele. Está reconhecendo-o?

Ao som da voz de Miles, a mulher estremeceu ligeiramente e suas faces coraram. Estava agora tremendo. Continuou na mesma posição por um longo momento, depois levantou a cabeça lentamente e fitou Miles nos olhos, com um olhar assustado. O sangue se esvaiu de seu rosto, gota por gota, até que restou apenas a terrível palidez da morte. E, depois, ela disse, com uma voz que parecia tão morta quanto o rosto:

– Eu não o conheço!

Virando-se, com um gemido e um soluço sufocados, a mulher saiu correndo da sala. Miles Hendon afundou numa cadeira e cobriu o rosto com as mãos.

Depois de uma pausa, Hugh disse aos criados:

– Já tiveram bastante tempo para observá-lo. Vocês o reconhecem?

Todos sacudiram a cabeça, solenemente. Hugh continuou:

– Os criados não o reconhecem, meu caro senhor. Receio que tenha cometido algum equívoco. Afinal, minha esposa também não o reconheceu.

– *Sua* esposa?

Um instante depois, Hugh estava encostado contra a parede, um punho de ferro a apertar-lhe a garganta.

– Ah, seu miserável astucioso, estou percebendo tudo agora! Você mesmo escreveu aquela carta falsa e teve como recompensa minha noiva e a herança que me pertencia! E agora suma da minha frente, antes que eu manche a minha reputação de soldado honrado liquidando um miserável da sua laia!

Hugh, de rosto vermelho e quase sufocado, cambaleou até uma cadeira próxima e ordenou aos criados que agarrassem e amarrassem o estranho violento e perigoso. Os criados hesitaram e um deles acabou dizendo:

– Mas ele está armado, Sir Hugh. E nós estamos desarmados.

– Armado? E daí, se ele é apenas um e vocês são muitos? Estou mandando que o agarrem!

Mas Miles advertiu aos criados que não se atrevessem – no que foi atendido – e depois acrescentou:

– Vocês conviveram comigo por muitos anos e tenho certeza de que não mudei tanto assim. Vamos, digam a verdade.

Mas os criados permaneceram calados. Hugh voltou a intervir:

– Saiam daqui, seus covardes! Tratem de armar-se e vigiar todas as portas, enquanto um de vocês vai chamar os guardas!

Ele levantou-se e foi até a porta. Parou no limiar, virou-se e disse para Miles:

– Espero que compreenda que é melhor não se complicar ainda mais com inúteis tentativas de escapar.

– Escapar? Nem precisa se preocupar com isso, embora eu tenha certeza de que é exatamente o que está querendo. Afinal, Miles Hendon é o senhor de

Hendon Hall e todos os seus bens. Ele voltou para ficar. Pode estar certo disso.

26

Renegado

O rei refletiu por algum tempo, antes de olhar para Miles e dizer:

– É estranho, muito estranho... Não consigo entender.

– Não, milorde, nada tem de estranho. Eu o conheço bem, e essa atitude dele é perfeitamente natural. Ele sempre foi um canalha, desde o nascimento.

– Não é *dele* que estou falando, Sir Miles.

– Não é dele? Do que é então? O que há de tão estranho?

– Que não tenham dado pela falta do rei.

– Como? Agora sou eu que não estou entendendo.

– Não acha que é muito estranho que o reino não esteja sendo percorrido por incontáveis mensageiros e não haja por toda parte cartazes com a minha descrição? Não é um grave problema para o reino que o chefe de Estado esteja desaparecido, perdido ninguém sabe onde?

– Tem razão, meu rei. Eu tinha esquecido.

Miles suspirou interiormente e pensou: “Pobre menino! Ainda continua dominado por seu sonho patético.”

– Mas tenho uma ideia que poderá resolver todos os nossos problemas. Escreverei um documento em três línguas, latim, inglês e grego. Pela manhã, irá levá-lo a Londres. Entregue-o pessoalmente a meu tio, lorde Hertford. Quando ele olhar o documento, saberá com certeza que fui eu que o escrevi e mandará buscar-me.

– Não seria melhor, meu príncipe, esperarmos aqui até que eu prove minha identidade e seja reintegrado na posse dos meus domínios? Quando isso acontecer, eu estarei em condições melhores para...

O rei interrompeu-o autoritariamente:

– Cale-se! O que representam os seus insignificantes domínios, os seus interesses banais, em comparação com o bem-estar de uma nação e a integridade de um trono?

Depois, em voz mais gentil, como se estivesse arrependido de sua severidade, o rei acrescentou:

– Obedeça e não tenha medo. Endireitarei tudo, irei devolver-lhe aquilo a que tem direito. Mais do que isso, pois hei de me lembrar de tudo o que fez por mim e irei recompensá-lo devidamente.

Assim dizendo, o rei pegou uma pena e começou a escrever. Miles ficou a contemplá-lo, afetuosamente, enquanto pensava: “Não devo me esquecer que foi um rei que falou. Não há como negar que, quando ele se irrita, troveja e relampeja como um rei de verdade. Onde será que aprendeu isso? E lá está ele agora a rabiscar, contente da vida, fazendo garranchos sem sentido e pensando que se trata de latim e grego. E a não ser que minha inteligência encontre um meio qualquer para fazê-lo mudar de ideia, serei obrigado a fingir amanhã que vou partir na missão fantasiosa que ele inventou para mim.”

Os pensamentos de Sir Miles logo voltaram a se concentrar nos acontecimentos recentes. Estava tão absorto que quando o rei lhe entregou o documento que escrevera guardou-o no bolso sem ter sequer consciência do ato. E murmurou consigo mesmo: “Mas como foi estranha a maneira como ela se comportou! Acho que ela me reconheceu e acho também que *não* me reconheceu. Sei que essas impressões são contraditórias e não consigo conciliá-las. Também não consigo, pelo raciocínio, eliminar uma das duas ou fazer com que uma prevaleça sobre a outra. O problema é muito simples: ela *deve* ter reconhecido meu rosto, minha voz. Como poderia ser de outra maneira? Contudo, ela *disse* que não me reconhecia, o que constitui uma prova mais do

que suficiente. Afinal, ela seria incapaz de mentir. Mas espere um pouco! Acho que estou começando a compreender. Ele certamente a influenciou, ordenou e obrigou-a a mentir. A razão deve ser essa. O enigma está resolvido! Ela parecia morta de medo. É isso mesmo. Estava sob o domínio dele. Vou procurá-la e hei de encontrá-la, onde quer que esteja. Com ele longe, não tenho a menor dúvida de que ela dirá a verdade. Irá se recordar dos velhos tempos, quando éramos crianças e brincávamos juntos. Isso abrandará seu coração e não mais irá me trair. Pelo contrário, irá confessar toda a verdade. Ela não é nem jamais foi dada à traição. Nada disso. Sempre foi honesta e sincera. Ela me amava antigamente. É essa a minha segurança, pois não se pode trair a alguém que já se amou algum dia!”

Miles avançou, ansiosamente, na direção da porta. Mas, nesse momento, a porta se abriu e lady Edith entrou. Ela estava extremamente pálida, mas caminhava com firmeza e sua atitude era cheia de graça e dignidade. O rosto continuava tão triste quanto antes.

Miles adiantou-se, cheio de confiança, para encontrá-la. Mas ela o deteve com um gesto quase imperceptível e Miles estacou abruptamente. Lady Edith sentou-se e pediu-lhe que também sentasse. Assim, com a maior simplicidade, ela tirou-lhe o senso de camaradagem antiga, transformando-o num estranho e convidado. A surpresa da atitude inesperada fez com que Miles se perguntasse, por um momento, se era realmente o homem que julgava ser.

Lady Edith começou a falar:

– Vim avisá-lo, senhor. É mais do que provável que não se possa persuadir um louco a esquecer suas ilusões, mas certamente se pode persuadi-lo a evitar os perigos.

“Acredito que esse seu sonho lhe pareça a verdade e, portanto, nada tem de criminoso. Mas não se demore por mais tempo, pois este é um lugar perigoso.

Ela fez uma pausa, fitando Miles firmemente, antes de acrescentar:

– E é mais perigoso ainda porque se parece muito com o que nosso rapaz teria se transformado, se não tivesse morrido.

– Oh, Deus, madame! *Eu sou ele!*

– Creio que está realmente convencido disso, senhor. Não duvido da sua honestidade quanto a isso, mas aviso, simplesmente. Meu marido é o senhor destas terras, seu poder quase não tem limites, o povo prospera ou passa fome conforme sua vontade. Se o senhor não se parecesse com o homem que diz ser, meu marido poderia lhe deixar sonhar à vontade, mas confie em mim, eu o conheço bem, sei o que ele fará, dirá a todos que o senhor não passa de um impostor. E todos imediatamente repetirão o mesmo.

Ela inclinou-se sobre Miles com aquele olhar determinado e acrescentou:

– Se você fosse Miles Hendon e ele soubesse disso, e todos da região também, pense bem no que estou dizendo, você se colocaria numa situação perigosa, seu castigo estaria assegurado; ele o negaria e denunciaria e ninguém seria ousado o suficiente para se opor a isso.

– Acredito realmente no que está me dizendo – murmurou Miles, amargurado. – O poder que pode ordenar que uma amizade de uma vida inteira seja traída e renegada pode perfeitamente impor sua vontade entre as classes onde o pão e a vida estão em jogo e não existem os laços de lealdade e honra.

Um leve rubor surgiu por um momento no rosto de lady Edith, que baixou os olhos para o chão. Mas sua voz não deixava transparecer qualquer emoção quando voltou a falar:

– Eu quis apenas alertá-lo de que deve partir imediatamente. Caso contrário, esse homem irá destruí-lo. Ele é um tirano que não conhece o que é piedade. Quero que saiba que sou praticamente uma escrava dele. Por isso é que estou lhe dizendo que é um homem impiedoso. O pobre Miles, Arthur e meu querido tutor, Sir Richard, estão livres dele, a salvo. E vai descobrir que seria melhor que estivesse junto com eles do que nas garras desse facínora. Suas pretensões constituem uma ameaça ao título e às propriedades dele. Agrediu-o em sua própria casa. Estará perdido, se ficar. Não hesite. Se não tiver dinheiro, leve esta bolsa, eu imploro, e suborne os criados que lhe deixem passar. Oh, por favor, trate de escapar enquanto ainda há tempo!

Miles recusou a bolsa com um gesto e levantou-se.

– Só lhe peço uma coisa, madame. Deixe que seus olhos se fixem sobre os meus para que eu possa verificar se estão firmes. Assim está bom. E agora me responda: eu sou Miles Hendon?

– Não. Eu não o conheço.

– Jure!

A resposta foi muito baixa, mas perfeitamente nítida:

– Eu juro.

– Oh, isso é inacreditável!

– Fuja! Por que desperdiçar um tempo precioso? Fuja e salve-se, enquanto ainda pode!

Nesse momento, os guardas entraram na sala. Houve uma luta violenta, mas Miles acabou sendo dominado e foi arrastado para fora. O rei também foi capturado. Ambos foram amarrados e levados para a prisão.

27

Na prisão

As celas estavam todas lotadas e por isso os dois amigos foram acorrentados numa sala grande, onde normalmente ficavam as pessoas acusadas de delitos não muito graves. Eles tinham companhia, pois havia ali cerca de vinte prisioneiros amarrados, de ambos os sexos e idades diversas, uma turba obscena e barulhenta. O rei protestou, amargurado, contra a terrível indignidade imposta à sua realeza. Mas Hendon estava taciturno, completamente aturdido. Voltara para casa exultante, esperando encontrar a alegria por seu retorno. Em vez disso, tivera

uma recepção fria e fora acabar na cadeia. A perspectiva e o resultado eram tão diversos que o efeito foi deixá-lo atordoado. Não sabia concluir se era um desfecho trágico ou grotesco. Sentia-se como um homem que saíra de casa alegremente, para apreciar um arco-íris e fora fulminado por um raio.

Mas, gradativamente, seus pensamentos confusos e atormentados foram se ajustando numa espécie de ordem e sua mente se concentrou em Edith. Examinou o comportamento dela sob todos os ângulos possíveis, mas não conseguiu chegar a nenhuma conclusão satisfatória. Será que ela o reconhecera? Ou não o reconhecera? Era um enigma desconcertante que o absorveu por longo tempo. Finalmente, convenceu-se de que ela o reconhecera, mas o renegara por interesses escusos. Teve vontade de aplicar ao nome dela os piores epítetos possíveis. Mas aquele nome fora-lhe sagrado por tanto tempo que descobriu agora que não era capaz de profaná-lo, mesmo o desejando.

Envoltos em mantas da prisão, imundas e rasgadas, Hendon e o rei passaram uma noite conturbada. Em troca de algum dinheiro, o carcereiro fornecera bebida a diversos presos. A consequência natural foi eles passarem uma boa parte da noite a entoar cantigas obscenas, a brigar e gritar. Pouco depois da meia-noite, um homem atacou uma mulher e quase a matou, batendo na cabeça dela com as algemas, antes que o carcereiro viesse salvá-la. O carcereiro restaurou um pouco a paz e a ordem, batendo com um porrete na cabeça e nos ombros do homem. Depois disso, a balbúrdia amainou e todos tiveram a oportunidade de dormir um pouco. Isto é, desde que não se incomodassem com os gemidos e resmungos dos dois feridos.

Durante a semana que se seguiu, os dias e as noites foram sempre iguais. Durante o dia, homens que Miles recordava com mais ou menos nitidez vinham olhar o “impostor” e repudiá-lo e insultá-lo. Durante a noite, recomeçava a balbúrdia de sempre.

Mas, no fim da semana, houve um incidente diferente. O carcereiro introduziu um velho na cela comum e disse-lhe:

– O criminoso está na cela. Dê uma olhada e veja se reconhece alguém.

Miles olhou para o velho e experimentou uma sensação agradável, pela primeira vez desde que fora metido na cadeia. E pensou: “É Blake Andrews, que passou toda a vida trabalhando para meu pai. É um homem bom e honesto, com um coração generoso e justo dentro do peito. Isto é, já foi. Agora não sei mais, pois todos viraram mentirosos. Este homem irá certamente me reconhecer, mas, como os outros, irá renegar-me.”

O velho correu os olhos pela cela, detendo-se em cada rosto, antes de finalmente dizer:

– Só estou vendo aqui velhacos e malandros, a ralé das ruas. Quem é ele?

O carcereiro soltou uma gargalhada.

– Aquele ali! Examine bem o animal e depois dê sua opinião.

O velho aproximou-se e contemplou Miles longamente. Depois, sacudiu a cabeça e disse:

– Este homem não é Miles Hendon... nunca foi!

– Tem toda razão. Seus velhos olhos ainda estão firmes. Se eu fosse Sir Hugh, pegaria esse vilão miserável e...

O carcereiro concluiu o pensamento ficando na ponta dos pés e esticando o pescoço para o lado, como se estivesse com um laço imaginário na garganta. E rematou com um gargarejo sugestivo de sufocação. O velho disse, em tom rancoroso:

– Isso seria bom demais! Ele merece tratamento pior. Se fosse eu que decidisse, ele seria assado vivo!

O carcereiro soltou uma risada satisfeita de hiena.

– Diga para ele algumas das coisas que está pensando, velho. É o que todos fazem. Vai descobrir que é bastante divertido.

O carcereiro encaminhou-se para a porta e desapareceu. No mesmo instante, o velho caiu de joelhos e sussurrou:

– Deus seja louvado por permitir que voltasse, meu amo! Pensei que estivesse morto durante os sete últimos anos e de repente descobro que está vivo! Eu o reconheci no momento em que entrei aqui. E foi difícil manter uma cara

impassível e fingir que aqui só havia patifes ordinários. Sou velho e pobre, Sir Miles, mas basta me dizer uma palavra e sairei daqui para proclamar a verdade a todos, mesmo que seja estrangulado por isso!

– Não precisa fazer isso – disse Miles. – Só serviria para destruí-lo e pouco ou nada ajudaria em minha causa. Mas eu lhe agradeço comovido, pois acaba de me devolver um pouco da fé nos meus semelhantes, que eu já havia perdido por completo!

O velho tornou-se extremamente valioso para Miles e o rei, pois passou a aparecer na cadeia várias vezes por dia, para “insultar” o suposto impostor, sempre contrabandeando alguma comida para complementar a magra dieta da prisão, além de transmitir notícias do que acontecera e estava acontecendo. Miles dava toda a comida para o seu pequeno companheiro. Sem isso, Sua Majestade não teria sobrevivido, pois mal conseguia comer um pouco da comida repugnante que o carcereiro servia. Andrews era obrigado a fazer visitas curtas, para não despertar suspeitas. Mas, a cada vez, conseguia transmitir algumas informações, sempre em voz baixa, apenas para os ouvidos de Miles, intercaladas entre os insultos em voz alta, para benefício dos outros.

Assim, pouco a pouco, a história da família foi-se delineando. Arthur morrera seis anos antes. Essa perda, juntamente com a ausência de notícias de Miles, agravara consideravelmente o estado de saúde do pai. Ele julgou que estava prestes a morrer. Desejava ver Hugh e Edith casados, antes de morrer. Mas Edith lhe suplicou que esperasse mais um pouco, na esperança de que Miles voltasse a tempo de salvá-la. Chegara então a carta com a notícia da morte de Miles. Sir Richard ficara profundamente abalado, achando que seu fim era iminente. Ele e Hugh haviam insistido no casamento imediato. Edith suplicara e conseguira mais um mês de prazo. Consequira depois mais um mês e finalmente um terceiro. Mas acabara tendo que casar com Hugh, junto ao leito de moribundo de Sir Richard. Não fora um casamento feliz. Comentava-se que, pouco depois do casamento, Edith descobrira, entre os papéis do marido, alguns esboços da carta fatal e o acusara de ter precipitado o casamento e a morte de Sir Richard, por

meio de uma carta forjada. Todos contavam histórias das crueldades de Hugh com lady Edith e os criados. Depois da morte do pai, Hugh tirara o disfarce e mostrara-se um amo impiedoso, atormentando as vidas de todos que dependiam dele e de seus domínios para sobreviver.

Houve um comentário de Andrews que o rei ouviu com um interesse intenso:

– Corre o rumor de que o rei está doido. Mas, pelo amor de Deus, não digam que eu falei isso, pois foi decretada a pena de morte para quem fizer qualquer alusão a respeito.

Sua Majestade lançou um olhar furioso para o velho e disse:

– O rei *não* está doido, meu bom homem. E acho melhor, para o seu próprio bem, passar a ocupar-se apenas dos assuntos que lhe dizem respeito diretamente, em vez de perder tempo com esses boatos perigosos.

– O que o garoto está querendo dizer com isso? – indagou Andrews, surpreso com aquela ríspida e inesperada censura.

Miles fez-lhe um sinal e o velho não insistiu na pergunta, mas deu outra informação sobre o mesmo assunto:

– O falecido rei vai ser sepultado em Windsor no dia 16 deste mês. E o novo rei será coroado em Westminster, no dia 20.

– Acho que vão precisar encontrá-lo primeiro – murmurou Sua Majestade, para acrescentar logo em seguida, confiantemente: – Mas eles vão dar um jeito... e eu também!

– Em nome de...

O velho interrompeu a frase no meio, alertado por outro sinal de Miles. Mas continuou a transmitir as últimas notícias que trouxera;

– Sir Hugh vai à coroação e com grandes esperanças. Espera voltar como par do reino, pois goza do favor do lorde regente.

– Que lorde regente? – indagou Sua Majestade.

– Sua Graça o duque de Somerset.

– Que duque de Somerset?

– Ora, só existe um... Seymour, conde de Hertford.

O rei perguntou rispidamente:

– E desde quando ele é duque e lorde regente?

– Desde o último dia do mês de janeiro.

– E pode me dizer, por gentileza, quem foi que o designou?

– Ele próprio e o Grande Conselho, com o consentimento do rei.

Sua Majestade estremeceu violentamente.

– *O rei?* Mas que rei, meu bom senhor?

– Que rei? Mas ora essa! (“Deus de misericórdia, o que será que está afligindo este menino?”) Como só temos um rei, não é difícil responder: Sua Majestade Edward VI, Rei da Inglaterra. E que Deus o conserve! Todos estão dizendo que é um bom menino. E quer esteja doido ou não... e se comenta que está melhorando rapidamente a cada dia... a verdade é que está sendo elogiado por todos os súditos. E todos o abençoam e fazem preces para que ele viva por muito tempo para reinar na Inglaterra. Pois começou com toda humanidade, poupando a vida do duque de Norfolk. E agora está empenhado em acabar com as leis mais cruéis que atormentam e oprimem o povo.

Tais notícias deixaram o rei tão atordoado que ele mergulhou num devaneio angustiado, não mais prestando qualquer atenção às notícias dadas pelo velho. Será que o “bom menino” era o pequeno mendigo que ele deixara no palácio, vestido com seus próprios trajes? Não parecia possível, pois certamente as maneiras e a fala dele iriam traí-lo se tentasse passar pelo Príncipe de Gales. Ele seria então inevitavelmente escorraçado e começariam a procurar pelo verdadeiro príncipe. Seria possível que a corte tivesse colocado algum filho de nobre em seu lugar? Não, pois seu tio não o permitiria. Ele era todo-poderoso e certamente esmagaria um movimento assim. Os pensamentos do menino não levaram a nada. Quanto mais tentava decifrar o mistério, mais perplexo ficava, mais sua cabeça doía, mais dificuldade tinha em dormir. Sua impaciência em chegar a Londres aumentava a cada hora que passava e o cativo ia-se tornando insuportável.

Miles, apesar de toda a sua habilidade e empenho, não conseguiu consolar o

rei. Mas duas mulheres, acorrentadas ali perto, tiveram melhor sorte. Ouvindo os ensinamentos pacíficos delas, o pequeno rei adquiriu um pouco de paciência e encontrou um mínimo de paz. Sentiu-se grato e passou a amá-las profundamente, apreciando a presença serena das duas. Perguntou-lhes por que estavam na prisão. Quando lhe responderam que eram batistas, o rei sorriu e disse:

– E esse é um crime para que as metam numa prisão? Sinto-me triste agora, pois não terei a companhia de vocês por muito tempo. Certamente não irão mantê-las aqui por um longo período, por algo tão sem importância.

Elas não responderam e algo em suas expressões deixou o rei bastante inquieto. E ele disse, ansiosamente:

– Não me responderam. Por favor, falem... não haverá nenhuma outra punição, não é mesmo? Por favor, digam-me que não têm mais o que temer!

As duas mulheres tentaram mudar de assunto. Mas as apreensões do rei haviam sido estimuladas e ele insistiu:

– Eles não vão açoitá-las, não é mesmo? Não, eles jamais poderiam ser tão cruéis assim! Por favor, digam que não!

As duas mulheres estavam confusas e angustiadas, mas não havia a menor possibilidade de evitarem uma resposta. Uma delas acabou dizendo:

– Oh, por favor, pare, pare! Está nos dilacerando o coração! Deus nos ajudará a suportar o...

– É uma confirmação! – gritou o rei, interrompendo-a. – Então quer dizer que *vão* mesmo açoitá-las, os miseráveis de coração de pedra! Não chorem, por favor! Eu não poderia suportar! Tenham coragem e confiem que virei salvá-las dessa punição horrível!

Quando o rei acordou, pela manhã, as duas mulheres não estavam mais na cela comum.

– Elas estão salvas! – disse ele, alegremente, para logo acrescentar, um tanto desanimado: – Mas eu é que sofro com isso, pois elas me confortavam!

Cada uma das mulheres deixara um pedaço de fita pregado na roupa do rei,

como lembrança. Ele disse que guardaria aquilo para sempre e em breve viria buscar suas amigas queridas, para colocá-las sob sua proteção.

Nesse momento, o carcereiro entrou, com alguns subordinados, e ordenou que todos os prisioneiros seguissem para o pátio da prisão. O rei ficou exultante. Seria maravilhoso contemplar novamente o céu azul e respirar o ar fresco. Ele irritou-se e reclamou da lentidão dos guardas, mas sua vez finalmente chegou. Abriam a fechadura que o acorrentava à parede e ordenaram-lhe que seguisse os demais prisioneiros, juntamente com Miles.

O pátio da prisão era calçado com pedras e descoberto. Os prisioneiros nele penetraram por uma arcada de argamassa e foram colocados em fila, de costas para o muro. Esticaram uma corda na frente deles e vários guardas ficaram a vigiá-los. Era uma manhã fria e nublada. Caíra um pouco de neve durante a noite, embranquecendo toda a extensão vazia do pátio, o que aumentava a impressão de desolação. Agora soprava um vento frio e levantava a neve de um lado para outro.

No centro do pátio estavam duas mulheres, acorrentadas a postes. Bastou um olhar para que o rei descobrisse que eram as suas amigas. Ele estremeceu e disse a si mesmo: “Infelizmente, elas não foram libertadas, como eu havia pensado. Como é possível que duas mulheres assim sejam açoitadas? E na Inglaterra! É o que mais me envergonha... que algo assim possa acontecer na Inglaterra cristã e não numa terra de hereges! Elas vão ser açoitadas. E eu, a quem as duas confortaram e por quem suplicaram bondosamente, sou forçado a assistir o grande erro e injustiça que estão cometendo. É estranho, muito estranho, que logo eu, a própria fonte do poder neste vasto reino, esteja impotente para defendê-las. Mas que esses canalhas pensem bem no que vão fazer, pois o dia virá em que lhes exigirei que paguem e bem caro por tudo o que fizeram! Por cada golpe que eles derem agora, haverão de receber cem na hora do ajuste de contas!”

Um grande portão foi aberto e uma multidão de cidadãos entrou no pátio. Todos foram se agrupar em torno das duas mulheres e por um momento o rei não pôde vê-las. Ele ouviu várias pessoas falando, dando a impressão de que

eram perguntas e respostas, mas não conseguiu entender o que se dizia. Pouco depois, a atividade intensificou-se subitamente, com guardas passando de um lado para outro no lado da multidão postada além das duas mulheres. E enquanto isso acontecia, as pessoas foram pouco a pouco caindo em silêncio.

Houve uma ordem e a multidão se afastou. O rei viu então uma cena que lhe provocou um calafrio de horror. Havia empilhado lenha em torno das duas mulheres e um homem ajoelhado estava tentando atear fogo!

As mulheres abaixaram a cabeça, cobrindo o rosto com as mãos. As chamas amareladas se ergueram, enquanto a lenha crepitava e estalava. Nuvens de fumaça azul eram carregadas para longe pelo vento frio. O clérigo levantou as mãos e iniciou uma prece. Nesse exato momento, duas meninas entraram correndo pelo portão aberto, soltando gritos lancinantes. Foram se abraçar às duas mulheres que estavam acorrentadas aos postes. Foram imediatamente arrancadas pelos guardas. Uma das meninas estava segura com firmeza, mas a outra conseguiu desvencilhar-se e correu novamente para a fogueira, dizendo que queria morrer com a mãe. Antes que pudessem impedi-la, ela se abraçou novamente à mãe. Arrancaram-na outra vez, com o vestido em chamas. Dois homens seguraram-na, enquanto um terceiro arrancava o vestido em chamas e o jogava para longe. A menina continuou a se debater desesperadamente, dizendo que agora ficaria sozinha no mundo e suplicando para que lhe permitissem morrer com a mãe. As duas meninas gritaram o tempo todo e lutaram para se desvencilhar. Mas, subitamente, esse tumulto foi abafado por uma sucessão de gritos lancinantes de mortal agonia. O rei desviou os olhos das meninas desesperadas para as duas mulheres nas fogueiras. Depois, tornou a desviar o rosto pálido e encostou-o na parede, não querendo ver mais nada. E disse consigo mesmo: “O que vi neste fugaz momento jamais sairá de minha memória, lá há de ficar para sempre. E continuarei a ver a mesma cena durante todos os meus dias e a sonhar com isso todas as noites, até a morte. Oh, Deus, por que não me fez cego?”

Miles Hendon estava observando o rei. E pensou, com alguma satisfação:

“Seu distúrbio mental está melhorando. Ele mudou de certa forma, tornou-se mais gentil, controlado. Tenho certeza de que seu impulso seria o de atacar aqueles miseráveis, dizendo que é o rei e ordenando que as mulheres fossem soltas, sem nada sofrerem. Não demorará muito para que a ilusão dele termine e seja esquecida. Sua pobre mente voltará a ser saudável como antes. Que Deus apresse esse dia!”

Naquele mesmo dia, vários prisioneiros foram trazidos para a cela comum, onde passariam a noite, antes de serem levados sob forte guarda para diversos lugares do reino, nos quais seriam punidos por crimes cometidos. O rei conversou com esses novos presos. Decidira, desde o início de seu cativeiro, instruir-se o mais possível para as funções reais, interrogando prisioneiros sempre que a oportunidade se apresentasse. As histórias dos infortúnios de cada um deixaram-no profundamente abalado e deprimido. Uma pobre mulher, um tanto retardada mental, roubara um pedaço de pano de um tecelão e ia ser enforcada por isso. Um homem fora acusado de roubar um cavalo. Como não havia prova, ele se salvara da forca. Mal fora solto, porém, prenderam-no novamente, sob a acusação de haver matado um veado na reserva de caça do rei. E, dessa vez, haviam apresentado a prova. Ia ser enforcado por causa disso. Havia também um aprendiz de mercador cuja triste história deixou o rei particularmente angustiado. O rapaz disse que, uma noite, encontrara um falcão que fugira do dono e levava-o para casa, imaginando que agora tinha direito ao animal. Mas o tribunal condenara-o por roubo e o sentenciara à morte na forca.

O rei ficou furioso com tais desumanidades. Queria que Miles arrombasse a porta da prisão e fugisse com ele para Westminster, a fim de que pudesse subir ao trono imediatamente e erguer o cetro real em defesa daqueles infelizes, salvando-lhes as vidas. Miles limitou-se a suspirar e pensou: “Pobre criança! Essas histórias terríveis provocaram um recrudescimento da doença. Se não fosse por isso, não demoraria muito para que ele estivesse curado!”

Entre os prisioneiros, havia um velho advogado, um homem de semblante firme e atitude impávida. Três anos antes, ele escrevera um panfleto contra o

lorde chanceler, acusando-o de injustiça. Fora punido por isso com a perda das orelhas no pelourinho. Fora ainda expulso da Ordem dos Advogados, multado em 3 mil libras e condenado à prisão perpétua. Recentemente, ele repetira a ofensa. Em consequência, estava agora condenado a perder o que ainda lhe restava das orelhas, a pagar uma multa de 5 mil libras, a ser marcado com um ferro em brasa nas duas faces e a continuar na prisão pelo resto da vida.

– Estas são cicatrizes que muito me honram – disse o velho advogado, levantando os cabelos brancos e mostrando os cotos que restavam das orelhas.

Os olhos do rei ardiam de fúria. E ele disse:

– Ninguém acredita em mim e tenho certeza de que também não me acreditará. Mas não importa. Estará livre dentro de mais um mês e prometo que as leis que tanto têm desonrado e envergonhado a Inglaterra serão extintas para sempre. O mundo está errado. Os reis deveriam de vez em quando sofrer suas próprias leis, para aprenderem a ter misericórdia.¹³

28

O sacrifício

Enquanto isso, Miles estava ficando cada vez mais cansado do confinamento e da inatividade. Mas seu julgamento estava agora iminente e ele achava que receberia com satisfação qualquer sentença, desde que não implicasse passar mais tempo na prisão. Mas ele se enganou ao julgar que receberia a sentença de bom grado. Ficou furioso quando ouviu descreverem-no como um “vagabundo incorrigível” e foi condenado a passar duas horas no pelourinho, por isso e por ter atacado o senhor de Hendon Hall. Suas pretensões a ser também um Hendon

e ter direito ao título e herança do pai não foram sequer discutidas pelo acusador, que desdenhosamente declarou que tais coisas nem mereciam ser examinadas.

Miles proferiu insultos e ameaças ao ser levado para o castigo, mas de nada adiantou. Foi arrastado rudemente pelos guardas e ainda ganhou de quebra alguns tabefes por seu comportamento irreverente.

O rei não conseguiu abrir caminho por entre a multidão que seguia Miles e por isso ficou na retaguarda, longe do seu bom amigo e servidor. O rei quase fora condenado também por andar em tão má companhia, mas acabou sendo solto, depois de preleção e uma advertência, por causa de sua pouca idade. Quando a multidão finalmente parou, o rei começou a circulá-la febrilmente, procurando uma brecha por onde pudesse passar. Finalmente o conseguiu, depois de muita demora e dificuldades. E viu então seu servidor no tronco degradante, diversão e alvo dos escárnios de uma multidão repulsiva... o servidor pessoal do rei da Inglaterra em posição tão humilhante! Edward ouvira a sentença ser pronunciada, mas não compreendera a metade do que significava. Sua raiva começou a aumentar à medida que foi compreendendo o que representava aquela nova indignidade que lhe era imposta. E sua raiva explodiu, quando viu um ovo atravessar o ar e ir chocar-se contra o rosto de Miles, enquanto a multidão uivava de prazer. Ele avançou para o círculo aberto no meio da multidão e postou-se diante do guarda, gritando:

– Mas que vergonha! Esse homem é meu servidor! Solte-o! Eu sou o...

– Oh, fique calado! – gritou Miles, em pânico. – Vai acabar se destruindo! Não dê importância ao que ele diz, guarda! Está doido!

– Não se preocupe que não vou mesmo dar qualquer importância ao que ele possa dizer – declarou o guarda. – Mas estou propenso a ensinar-lhe uma boa lição.

Ele virou-se para um subordinado e ordenou:

– Pegue o garoto e dê-lhe uma ou duas chicotadas, para ele aprender a ter bons modos.

– Meia dúzia seria melhor, para que ele nunca mais esqueça a lição – sugeriu

Sir Hugh, que se aproximara a cavalo um momento antes, para ver como andavam as coisas.

O rei foi agarrado. Nem mesmo tentou resistir, de tão paralisado que estava só de pensar naquele ultraje monstruoso que estava para ser infligido à sua sagrada pessoa. A história já fora manchada pelo registro do açoite de um rei inglês. Era um pensamento insuportável que ele pudesse proporcionar uma repetição do lamentável e vergonhoso episódio. O rei estava desesperado. Não havia como escapar, ninguém iria socorrê-lo. Devia submeter-se ao castigo ou então implorar o perdão. Era um dilema terrível. Decidiu que receberia os açoites. Um rei poderia sofrer tal indignidade, mas um rei jamais poderia suplicar por perdão.

Mas, enquanto o rei pensava, Miles Hendon encontrava um jeito de resolver o dilema dele:

– Larguem a criança, seus cães desalmados! Será que não veem como o menino é pequeno e frágil? Larguem-no! Eu receberei os açoites no lugar dele!

– Muito obrigado pela boa ideia – disse Sir Hugh, o rosto se iluminando com uma satisfação sardônica. – Larguem o pequeno mendigo e deem uma dúzia de chicotadas nesse homem... e uma dúzia bem dada!

O rei já estava prestes a protestar vigorosamente, quando Sir Hugh acrescentou:

– Isso mesmo, pode falar o que quiser, dizer o que está pensando. Mas saiba de uma coisa: cada palavra que disser valerá mais seis açoites nele!

Miles foi tirado do tronco e puseram suas costas nuas. Enquanto o açoitavam, o pequeno rei desviou o rosto e deixou que lágrimas nada reais escorressem por suas faces. “Ah, que bravo e bom coração!”, pensou ele. “Esta atitude leal jamais desaparecerá de minha memória. Nunca esquecerei. E *eles* também não esquecerão!” Quanto mais ele pensava, maior se tornava sua admiração pelo comportamento magnânimo de Miles e, em decorrência, a gratidão. E o rei logo voltou a dizer a si mesmo: “Quem salva seu príncipe de ferimentos e da morte possível, o que ele fez por mim, está prestando um alto serviço. Mas isso é pouco,

isso é nada, menos do que nada, em comparação com o ato daquele que salva seu príncipe da vergonha!”

Miles não deixou escapar nenhum grito sob os açoites, aguentando os golpes vigorosos com a fortaleza de um soldado. Isso, somado ao fato de ele haver se oferecido para receber as chicotadas no lugar do garoto, acarretou o respeito até mesmo daquela multidão degradada. Os escárnios e as vaias foram cessando, até que o silêncio era quebrado apenas pelos ruídos dos açoites. O silêncio que reinou, depois que puseram Miles outra vez no tronco, era um contraste gritante com a balbúrdia que houvera pouco antes. O rei aproximou-se furtivamente de Miles e sussurrou-lhe no ouvido:

– Os reis não podem enobrecê-lo ainda mais, ó nobre alma! Já foi honrado por Aquele que é maior do que todos os reis. Mas um rei pode confirmar a nobreza dos homens!

Ele pegou o açoite no chão, tocou ligeiramente nos ombros sangrando de Miles e murmurou:

– Edward da Inglaterra o torna conde!

Miles ficou comovido. As lágrimas afloraram a seus olhos. Mas, ao mesmo tempo, o humor macabro da situação e circunstâncias minaram toda a gravidade possível e ele teve que se esforçar para impedir que a vontade de rir aflorasse a seus lábios. Ser subitamente erguido, nu e ensanguentado, do tronco de punição para o esplendor do título de conde parecia-lhe o máximo na linha do grotesco. E ele disse consigo mesmo: “Agora estou realmente adornado com títulos. De um cavaleiro-fantasma no Reino dos Sonhos e Sombras passei a ser um conde-fantasma! Um voo vertiginoso para um pássaro implume! E se isso continuar, daqui a pouco estarei à altura do monte mais alto que existe na Terra, cumulado de honrarias fantásticas do reino de faz de conta! Mas eu saberei dar valor a tais honrarias, por menos valiosas que sejam, pois me foram conferidas por amor. Essas dignidades imaginárias que recebo, concebidas sem pedir por uma alma limpa e um espírito justo, são melhores do que as verdadeiras, compradas pelo servilismo a um poder interesseiro.”

O temível Sir Hugh afastou-se em seu cavalo. Quando ele esporeou o animal, a muralha humana se entreabriu silenciosamente para dar-lhe passagem. E foi igualmente em silêncio que voltou a se fechar, um momento depois. E o silêncio continuou. Ninguém se arriscou a fazer algum comentário a favor do prisioneiro ou a elogiá-lo. Mas a própria ausência de insultos já era uma homenagem mais do que suficiente. Um recém-chegado, que ignorava as circunstâncias recentes, aproximou-se e zombou do “impostor”. E já ia continuar, mais agressivo, quando foi rudemente empurrado e afastado pela multidão, sem que se dissesse uma só palavra. E o silêncio profundo voltou a reinar.

29

Para Londres

Quando terminou o tempo de permanência de Miles no tronco, ele foi solto e recebeu ordem de deixar a região e não voltar nunca mais. Devolveram-lhe a espada, assim como a mula e o asno. Ele montou e partiu, seguido pelo rei. A multidão se entreabriu respeitosamente para deixá-los passar e depois se dispersou, quando eles sumiram.

Miles deixou-se absorver por pensamentos profundos. Havia perguntas da maior importância que tinham de ser respondidas. O que ele deveria fazer? Para que direção deveria seguir? Teria que encontrar, em algum lugar, uma ajuda poderosa, se não quisesse renunciar para sempre à sua herança e ainda por cima permanecer com a reputação de ser um impostor. Mas onde poderia encontrar essa ajuda poderosa? Onde? Era uma questão extremamente difícil. Ocorreram-lhe diversas ideias, mas, ao fim, ele foi percebendo que havia apenas uma

possibilidade. Era uma possibilidade ínfima, é verdade, mas não podia deixar de ser considerada, por falta de qualquer outra que apresentasse alguma perspectiva. Ele recordava-se do que o velho Andrews dissera a respeito da bondade do jovem rei e de sua defesa generosa dos injustiçados e infelizes. Por que não tentar falar ao rei e suplicar-lhe justiça? Mas será que alguém tão pobre quanto ele conseguiria ser admitido à presença augusta do monarca? Era melhor não pensar nisso agora. Tal problema teria de ser resolvido na ocasião em que surgisse. Não precisava atravessar essa ponte agora, só no instante em que a alcançasse. Ele era um soldado veterano, acostumado a inventar truques e expedientes os mais diversos. Tinha certeza de que conseguiria encontrar um meio. Seja como for, era a única solução. Seguiria para a capital. Talvez o velho amigo de seu pai, Sir Humphrey Marlow, pudesse ajudá-lo, “o bom Sir Humphrey, chefe da cozinha ou dos estúbulos ou de algo assim do falecido rei”, Miles não conseguia recordar direito nem se importava muito com isso. Agora que tinha algo em que concentrar suas energias, um objetivo definido a alcançar, o nevoeiro da humilhação e depressão que o dominara começou a dissipar-se e finalmente sumiu por completo. Ele levantou a cabeça e olhos ao redor. Ficou surpreso ao descobrir que já haviam percorrido um longo caminho. A aldeia estava agora muito para trás. O rei seguia atrás dele, de cabeça baixa, pois também estava absorto em muitos planos e pensamentos profundos. Uma apreensão pesarosa toldou a animação recém-recuperada de Miles. Será que o menino estaria disposto a voltar para uma cidade em que, durante toda a sua curta vida, só recebera maus-tratos e passara por terríveis necessidades? Mas tinha que fazer a pergunta, não havia como evitá-la. Assim, Miles parou a mula e chamou o menino:

– Eu tinha esquecido de perguntar para onde deveremos ir, milorde. Dê suas ordens.

– Vamos para Londres.

Miles recomeçou a avançar, contente com a resposta, mas também consideravelmente espantado.

A viagem foi realizada sem qualquer incidente de monta. Mas terminou com um. Por volta das dez horas da noite de 19 de fevereiro os dois entraram na London Bridge, em meio a uma multidão agitada e gritando sem parar. À luz das muitas tochas, podiam-se ver os rostos radiantes, de alegria natural aumentada pela cerveja. Subitamente, a cabeça já decomposta de algum antigo duque ou outro nobre qualquer caiu entre eles, batendo no cotovelo de Miles e depois rolando por entre os pés da agitada multidão. São tão insignificantes e instáveis as obras dos homens neste mundo! O falecido rei estava morto havia apenas três semanas e sepultado havia apenas três dias, mas os adornos que ele se dera ao trabalho de selecionar entre os seus mais destacados súditos, para sua nobre ponte, já estavam começando a cair. Um cidadão tropeçou na cabeça e bateu com sua própria cabeça nas costas de outro, que se virou e desferiu-lhe um murro, sendo por sua vez derrubado pelo amigo do primeiro. Era o momento propício para uma boa briga, pois as festividades do dia seguinte, o Dia da Coroação, já estavam começando. Todos estavam imbuídos de patriotismo e de muita bebida. Depois de cinco minutos, a briga se estendia por uma boa parte da ponte. Em mais dez ou 12 minutos, já se espalhava por quase um acre, e continuava a aumentar. A essa altura, Miles e o rei já estavam separados e perdidos no tumulto da multidão conturbada. E, assim, vamos deixá-los por algum tempo.

30

O progresso de Tom

Enquanto o verdadeiro rei vagueava pelo reino, pobremente vestido, mal-

alimentado, espancado e escarnecido por vagabundos, acompanhado por ladrões e assassinos, chamado de idiota e impostor por todos imparcialmente, o falso rei, Tom Canty, desfrutava uma experiência muito diferente.

Quando o vimos pela última vez, a realeza estava mal começando a mostrar seu lado radiante. E esse lado radiante foi-se tornando cada vez mais brilhante a cada dia que passava. Não demorou muito para que se transformasse quase que inteiramente num clarão de sol e imensa satisfação. Tom perdeu seus medos. As apreensões foram se dissipando e finalmente desapareceram. Os embaraços acabaram, dando lugar a uma atitude tranquila e confiante. Ele tirava cada vez maior proveito das conversas com o seu menino das surras.

Ordenava que lady Elizabeth e lady Jane Grey fossem visitá-lo sempre que desejava brincar ou conversar, dispensando-as quando se cansava delas, com o ar de alguém acostumado a tais atitudes. Não mais ficava constrangido quando as pessoas importantes beijavam sua mão ao partirem.

Passou a gostar de ser levado para a cama de noite na maior pompa e de ser vestido pela manhã com uma cerimônia intrincada e solene. Começou a sentir um prazer orgulhoso em marchar para as refeições acompanhado por um séquito de guardas e nobres. E tanto gostava que tratou de aumentar sua guarda, passando-a de cinquenta para cem homens. Gostava de ouvir os clarins soando pelos corredores e vozes distantes gritando:

– Abram caminho para o rei!

Aprendeu a gostar até mesmo de ficar sentado no trono, durante as reuniões do Conselho, parecendo ser apenas um porta-voz do lorde regente. Gostava de receber os embaixadores estrangeiros e seus séquitos esplendorosos, gostava de ouvir as mensagens afetuosas que eles traziam de ilustres monarcas, os quais o chamavam de “irmão”. Ah, o feliz Tom Canty, egresso de Offal Court!

Gostava de suas roupas esplêndidas e encomendou mais. Achou que seus quatrocentos criados eram muito poucos para sua grandeza e tratou de triplicá-los. A adulação dos cortesãos era como uma música suave a seus ouvidos. Mas ele continuou a ser também bondoso e gentil, um defensor vigoroso e decidido

de todos os que eram oprimidos, movendo uma guerra incessante contra as leis injustas. Contudo, havia ocasiões em que, sentindo-se ofendido, podia lançar a um conde ou mesmo a um duque um olhar furioso, fazendo-o tremer. Certa vez, quando sua real “irmã”, lady Mary, tentou argumentar contra a sabedoria de perdoar tantas pessoas, que deveriam ser presas, enforcadas ou queimadas, recordando-lhe que o falecido rei, em determinado momento, chegara a ter 60 mil condenados em prisões e ao longo de seu admirável reinado entregara 72 mil ladrões e assassinos à morte pelo carrasco, o menino ficou dominado por uma generosa indignação e ordenou-lhe que fosse para seus aposentos, rogando a Deus para que tirasse a pedra que ela tinha no peito e a substituísse por um coração humano.

Mas será que Tom Canty jamais se sentia perturbado pelo destino do pobre príncipe verdadeiro, que o tratara tão bondosamente e correria em andrajos para o portão do palácio, com um empenho fervoroso, a fim de vingá-lo do sentinela insolente que o maltratara? Claro que sim. Os primeiros dias e noites que Tom passou no palácio foram perturbados por pensamentos angustiados e tristes sobre o príncipe perdido, com um anseio sincero para que ele voltasse logo e recuperasse os direitos e esplendores que lhe pertenciam. Mas à medida que o tempo foi passando, sem que o príncipe voltasse, a mente de Tom foi sendo mais e mais absorvida pelas experiências novas e maravilhosas que estava vivendo. Pouco a pouco, a recordação do monarca desaparecido foi deixando sua mente, quase que totalmente. Até que chegou o momento em que só se recordava dele a longos intervalos. Nessas ocasiões, era um espectro indesejável, pois fazia com que Tom se sentisse culpado e envergonhado.

A pobre mãe e as irmãs de Tom viajaram pela mesma estrada para fora de sua mente. A princípio, ele sentiu saudade delas, sofreu pelo que poderiam estar passando. Mas chegou o dia em que ele estremecia só de pensar que elas poderiam aparecer-lhe, vestidas em andrajos e imundas, traindo-o com beijos e arrastando-o de sua alta posição de volta à penúria, miséria e degradação. Finalmente, elas deixaram quase que totalmente de perturbar-lhe os

pensamentos. E ele sentiu-se contente por esquecê-las. É que sempre que os rostos tristes e acusadores lhe surgiam nos pensamentos, ele sentia-se mais desprezível do que os vermes que se arrastam pela terra.

À meia-noite do dia 19 de fevereiro, Tom Canty estava mergulhando no sono, em sua cama suntuosa no palácio, guardado por seus leais vassalos e cercado pelas pompas da realeza. Era um menino feliz, pois o dia seguinte seria o de sua solene coroação como o Rei da Inglaterra. Nessa mesma hora, Edward, o verdadeiro rei, faminto e com sede, sujo e exausto, com as roupas em farrapos, em consequência da briga e tumulto generalizados, estava espremido entre uma multidão que observava com profundo interesse as turmas de trabalhadores que entravam e saíam a todo instante da Abadia de Westminster, como formigas atarefadas. Estavam fazendo os últimos preparativos para a coroação do novo rei.

31

A procissão de reconhecimento

Quando Tom Canty acordou, na manhã seguinte, o ar estava impregnado de um murmúrio extraordinário, soando em todas as direções, em todas as distâncias. Era como música para ele, pois significava que o mundo inglês estava desperto com todo seu vigor, para saudar lealmente aquele grande dia.

Dali a pouco, Tom tornou-se novamente o personagem central de um magnífico cortejo a flutuar pelo Tâmis. É que o costume antigo exigia que a “procissão de reconhecimento”, através de Londres, começasse pela Torre. Por isso, ele estava sendo levado até lá.

Quando chegou, os lados da venerável fortaleza pareceram subitamente se

abrir em mil lugares, de cada um saindo uma língua vermelha de fogo e uma lufada de fumaça branca. Seguiu-se uma explosão ensurdecadora, que abafou os gritos da multidão e fez a terra tremer. Os jatos de fogo, a fumaça e as explosões repetiram-se várias vezes, numa rápida sucessão. Momentos depois, a velha Torre desapareceu no denso nevoeiro de sua própria fumaça, podendo-se avistar apenas o bastião mais alto, que era chamado de Torre Branca, enfeitado de bandeiras e pendões, erguendo-se acima da nuvem de vapor como o pico de uma montanha a perfurar as nuvens.

Tom Canty, num traje esplêndido, montava um imponente garanhão, cujos arreios ornamentais quase que chegavam ao chão. Seu “tio”, o lorde regente Somerset, igualmente a cavalo, seguia logo atrás. A guarda do rei seguia em fila nos dois lados, todos os homens metidos em armaduras reluzentes. Depois do regente, vinha uma procissão aparentemente interminável de nobres, acompanhados por seus vassalos, todos suntuosamente vestidos. Vinha depois o lorde prefeito e o cortejo de conselheiros municipais, em mantos vermelhos de veludo, com correntes de ouro cruzadas sobre o peito. Mais atrás, vinham os dirigentes e membros de todas as corporações de Londres, também ricamente trajados, carregando as respectivas bandeiras. Também no cortejo, como uma guarda de honra especial no percurso através da cidade, estava a Antiga e Mui Ilustre Companhia de Artilharia, uma unidade militar que já tinha 300 anos de existência nessa ocasião e que era a única na Inglaterra a possuir o privilégio (que mantém até hoje) de agir independentemente das ordens do Parlamento. Era um espetáculo magnífico, e foi saudado com aclamações delirantes, ao avançar por entre as multidões compactas de cidadãos. Mas vamos passar a palavra ao cronista: “O rei, ao entrar na cidade, foi recebido pelo povo com preces, gritos de boas-vindas, palavras ternas, com todos os indícios, em suma, do profundo amor dos súditos por seu soberano. E o rei, erguendo um rosto alegre para contemplar os que estavam mais distantes e dizendo palavras afetuosas aos mais próximos, mostrou-se tão satisfeito em receber a boa vontade de seu povo quanto este sentia-se por oferecê-la. A todos que lhe desejavam coisas boas, ele

imediatamente agradecia. E quando gritavam ‘Deus salve Sua Graça!’, ele imediatamente retribuía com um grito de ‘Deus salve a vocês todos!’, acrescentando que lhes agradecia de todo o coração. O povo estava maravilhosamente extasiado com as respostas e gestos afetuosos de seu rei.”

Na Fenchurch Street, uma “criança muito bonita, num traje rico”, estava em cima de uma plataforma para dar boas-vindas a Sua Majestade na chegada à cidade. As últimas palavras da saudação proferida pelo menino foram as seguintes:

“Seja bem-vindo, ó rei, com toda a força dos nossos corações;
Seja bem-vindo com todo o fervor que nossa língua pode expressar;
Seja bem-vindo aos nossos corações que jamais se retrairão;
Rezamos para que Deus o conserve e o proteja para sempre!”

O povo prorrompeu em aclamações e passou a repetir todas as palavras que a criança dissera. Tom Canty correu os olhos pelo mar de rostos ansiosos e sentiu que a única coisa pela qual valia a pena viver, neste mundo, era ser rei e ídolo de uma nação. Dali a pouco ele avistou, a distância, um par de antigos companheiros de Offal Court. Em sua corte de fantasia, um deles fora o Primeiro Lorde do Almirantado, enquanto o outro era o Primeiro Lorde da Câmara. O orgulho dele atingiu proporções nunca antes alcançadas. Ah, se eles pudessem reconhecê-lo naquele momento! Que glória deslumbrante não seria se eles soubessem que o rei de brincadeira dos cortiços, tão cruelmente escarnecido, era agora um rei de verdade, com duques e príncipes ilustres para executarem suas tarefas mezinhas, com o mundo inglês a seus pés! Mas ele tinha que conter tal desejo, pois o reconhecimento poderia custar-lhe mais do que proporcionaria. Assim, Tom desviou a cabeça e deixou que os dois meninos maltrapilhos continuassem a gritar e aclamá-lo, sem terem a menor ideia da verdadeira identidade da pessoa a quem adulavam.

De vez em quando, ouvia-se o grito:

– Uma generosidade! Uma generosidade!

Tom não se fazia de rogado, jogando um punhado de moedas novas para a multidão disputar.

Diz o cronista: “Na extremidade superior da Gracechurch Street, antes da placa da Águia, a cidade erguera um arco gracioso, sob o qual havia uma plataforma, que se estendia de um lado a outro da rua. Era uma alegoria histórica, representando os antepassados imediatos do rei. Lá estava Elizabeth de York, sentada no meio de uma imensa rosa branca, cujas pétalas formavam elaborados enfeites ao seu redor. A seu lado estava Henrique VII, no meio de uma vasta rosa vermelha, com a mesma disposição. O par real estava de mãos dadas e podia-se ver a aliança de casamento. Das rosas vermelha e branca saía uma haste, que levava a uma segunda plataforma, ocupada por Henrique VIII, numa rosa vermelha e branca, com a efígie da mãe do novo rei, Jane Seymour, ao lado. Uma outra haste subia para uma terceira plataforma, onde estava a efígie do próprio Edward VI, entronizado em sua majestade real. Toda a alegoria estava emoldurada por coroas de rosas, vermelhas e brancas.”

O espetáculo ostentoso e original entusiasmou o povo a tal ponto que as aclamações abafaram por completo a vozinha da criança cuja função era explicar a alegoria em versos panegíricos. Mas Tom Canty não se incomodou, pois aquele alvoroço de lealdade era para seus ouvidos uma música mais doce que qualquer poesia, não importando qual pudesse ser a qualidade desta. Para onde quer que Tom virasse seu rosto radiante, o povo reconhecia a semelhança com a efígie, prorrompendo em novas aclamações.

O grande cortejo seguiu em frente, passando por um arco triunfal depois de outro, passando por uma sucessão estonteante de alegorias espetaculares, cada uma exaltando alguma virtude, talento ou mérito do pequeno rei. “Ao longo de toda a Cheapside, havia bandeiras e pendões em todas as sacadas e janelas. As ruas estavam cobertas pelos mais ricos tapetes. O esplendor se repetia em todas as ruas, cada uma procurando superar a outra.”

Em determinado momento, Tom Canty murmurou:

– E todas essas maravilhas e esplendores são para dar as boas-vindas a mim...

a mim!

O rosto do falso rei estava corado de excitação, os olhos brilhavam, os sentidos flutuavam num delírio de prazer. E foi então, no exato momento em que ele levantava a mão para atirar mais moedas à multidão, que Tom avistou um rosto pálido e atônito, esticando-se em sua direção, os olhos fixos em seu rosto. Uma terrível consternação dominou-o. Acabara de reconhecer a mãe. E sua mão se ergueu, com a palma para fora, protegendo os olhos, no velho gesto involuntário, nascido de um episódio havia muito esquecido e perpetuado pelo hábito. Um instante depois, a mãe conseguira atravessar a multidão, passara pelos guardas e estava ao lado dele. Abraçou-lhe a perna, cobriu-a de beijos e gritou:

– Ó meu filho, meu querido!

E ela ergueu o rosto para Tom, um rosto transfigurado pela alegria e pelo amor. No mesmo instante, um oficial da guarda real puxou-a rudemente e empurrou-a de volta à multidão, a cambalear. Tom estava dizendo “Não conheço você, mulher!” quando ocorreu esse fato lamentável, e seu coração ficou abalado ao ver a mãe tratada dessa maneira. Ela ainda se virou para contemplá-lo uma última vez, antes que a multidão a tragasse, fazendo-a desaparecer de vista. Ela parecia tão magoada, tão desolada, que uma vergonha imensa transformou em cinzas todo o orgulho de Tom, fez definhar sua realeza roubada. Todas aquelas grandezas não tinham subitamente qualquer valor, pareciam desmoronar e dele cair, como trapos apodrecidos.

A procissão seguiu em frente, passando por esplendores cada vez maiores e por tempestades de aclamações cada vez mais intensas. Mas para Tom Canty era como se nada daquilo existisse. Nada via, nada ouvia. A realeza perdera sua graça e esplendor. As pompas haviam-se transformado em censura. O remorso lhe corroía o coração. E ele murmurou:

– Como eu gostaria que Deus me livrasse deste cativo!

Inconscientemente, ele recaíra no ânimo e na disposição dos primeiros dias de sua grandeza compulsória.

O cortejo deslumbrante continuou a avançar pelas ruas, sinuoso e interminável, como uma serpente radiante, atravessando a velha cidade e passando pelas multidões ululantes. Mas o rei estava agora de cabeça baixa, os olhos vazios, vendo apenas o rosto da mãe e a expressão magoada dela.

– Generosidade, longa generosidade!

O grito foi cair em ouvidos que não estavam prestando a menor atenção.

– Vida longa para Edward da Inglaterra!

A terra parecia tremer com a explosão, mas não houve qualquer reação do rei. Ele ouvia apenas como alguém escuta o troar das ondas distantes. O rumor da multidão era abafado por outro ruído mais próximo, em seu próprio peito, em sua consciência culpada, uma voz que não cessava de repetir as palavras vergonhosas:

– Eu não conheço você, mulher!

Tais palavras foram golpeando impiedosamente a alma de Tom Canty, assim como o dobre dos sinos em funeral martela os corações dos amigos sobreviventes, que recordam as traições secretas que cometeram contra o falecido.

Novas glórias se apresentavam a cada volta, novas maravilhas, novos espetáculos surgiam. O clamor era incessante. As multidões à espera da passagem do cortejo começavam a gritar antes mesmo que o rei chegasse perto. Mas Tom Canty não mais reagia. O único som que ouvia era o da voz acusadora, que continuava a gemer em seu coração angustiado.

Pouco a pouco, a alegria nos rostos do populacho foi se alterando, mesclando-se com ansiedade e preocupação. Logo ficou patente que o volume das aclamações diminuía consideravelmente. O lorde regente percebeu rapidamente os sintomas e no mesmo instante compreendeu a causa. Avançou até ficar ao lado do rei, inclinou-se, com a cabeça descoberta, e disse-lhe:

– Milorde, é um mau momento para se entregar aos sonhos e devaneios. O povo está notando sua cabeça abaixada, a expressão abatida, tomando isso como um mau presságio. Aceite um conselho: descubra o sol da realeza e deixe-o

brilhar sobre esses vapores que lhe toldam o ânimo, dispersando-os. Levante a cabeça e sorria para o povo.

Assim dizendo, o duque arremessou um punhado de moedas para a direita e outro para a esquerda, retornando em seguida a seu lugar no cortejo. O pseudorreí fez mecanicamente o que lhe fora aconselhado. O sorriso não tinha qualquer animação, mas poucos olhos estavam perto o bastante ou alertas o suficiente para percebê-lo. Os acenos de sua cabeça emplumada, a saudar os súditos, eram graciosos. As generosidades que distribuía com as mãos eram de uma liberalidade real. Assim, a ansiedade do povo se desvaneceu e as aclamações voltaram a ter a mesma intensidade de antes.

Mas outra vez, um pouco antes de o cortejo chegar ao fim, o duque foi obrigado a se adiantar e fazer uma advertência, murmurando:

– Ó venerável soberano! Livre-se desses humores fatais. Lembre-se de que os olhos do mundo estão fixos em sua pessoa.

Em seguida, com a voz irritada, ele acrescentou:

– Que a perdição se abata sobre aquela mendiga enlouquecida! Foi ela que deixou Sua Majestade assim perturbado!

Tom Cauty olhou para o duque com uma expressão desesperada e balbuciou em voz triste:

– Ela era minha mãe!

– Santo Deus! – gemeu o regente, puxando as rédeas do cavalo e retornando a seu lugar no cortejo. – O presságio estava carregado de profecia! Ele ficou doido novamente!

Vamos voltar algumas horas no tempo e nos colocarmos no interior da Abadia de Westminster, às quatro horas da madrugada desse memorável Dia da Coroação. Não estamos sem companhia. Embora ainda esteja escuro, vamos descobrir que as galerias iluminadas por tochas já começam a ser ocupadas por incontáveis pessoas, que estão contentes por poderem esperar sentadas durante sete ou oito horas, até o momento em que poderão assistir um espetáculo que provavelmente não terão a oportunidade de contemplar mais de uma vez em suas vidas: a coroação de um rei. Londres e Westminster estão despertas desde que os canhões troaram em alerta, às três horas da madrugada. As multidões de ricos sem títulos, que haviam comprado o privilégio de tentar encontrar um lugar sentado nas galerias, já estão passando pelas entradas que lhes eram reservadas.

As horas vão se arrastando tediosamente. Todo o movimento cessou há algum tempo, pois todas as galerias já estão repletas. Podemos agora sentar um pouco, olhar ao redor, pensar à vontade. Podemos vislumbrar, aqui e ali, por entre a semiescuridão da catedral, partes das muitas galerias e balcões já repletos de pessoas. Há outros, escondidos pelas pilastras e por projeções arquitetônicas. Podemos avistar também todo o transepto norte da catedral, vazio, à espera dos grandes privilegiados da Inglaterra. Podemos ver também a área da grande plataforma, coberta por tapetes suntuosos, onde está o trono, bem no centro, em cima de quatro degraus. Perto do trono está a Pedra de Scone, na qual muitas gerações de reis escoceses sentaram para serem coroados. Com o passar do tempo, a pedra tornou-se sagrada o bastante para atender ao mesmo propósito para os monarcas ingleses. Tanto o trono como o pequeno banco estão cobertos por tecidos de ouro.

Reina o silêncio, as tochas brilham fracamente, o tempo se arrasta lento. Mas, finalmente, a manhã desponta e a luz do dia se espalha. As tochas são apagadas, uma radiância difusa se espalha pela vasta catedral. Todas as características e recantos da imponente construção estão agora claramente visíveis, embora um

tanto enevoados, pois o sol está parcialmente velado por nuvens.

Às sete horas da manhã ocorre a primeira quebra da monotonia sonolenta. É nesse momento que a primeira dama da nobreza entra no transepto, vestida como Salomão pelo esplendor, sendo conduzida para seu lugar designado por um oficial trajado em veludos e cetins, enquanto uma duplicata sua segue atrás, carregando a cauda do vestido. Quando a dama está sentada, ele arruma a cauda no colo dela. Coloca o escabelo de acordo com o desejo da dama e põe o diadema ao alcance de sua mão, para quando chegar o momento de todos os nobres se coroarem.

A essa altura, outras damas já estão entrando na catedral e os servidores correm por toda parte, incessantemente, sentando-as e acomodando-as. A cena já se torna bastante animada. Há movimento e vida, há um turbilhão de cores. Depois de algum tempo, tudo volta a ficar quieto, pois todas as damas já chegaram e estão devidamente acomodadas, uma compacta extensão de flores humanas, das cores mais variadas, parecendo congeladas como uma Via Láctea de diamantes. Há ali mulheres de todas as idades. Há matronas de cabelos brancos, encarquilhadas, que podem recordar a coroação de Richard III e os dias turbulentos dessa era esquecida. Há lindas damas de meia-idade, belas e graciosas matronas ainda jovens. Há jovens donzelas de olhos radiantes e peles viçosas, que talvez cometam algum erro na hora de colocarem a grinalda real, pois isso é uma novidade para elas e sua agitação será um sério estorvo. Mas é bem possível que isso não aconteça, pois os penteados de todas as damas foram feitos especialmente para que possam ajustar com rapidez e facilidade seus diademas, quando for dado o sinal.

Já verificamos que essas damas estão cobertas de diamantes e vimos que é um espetáculo maravilhoso. Mas ainda há muito mais reservado ao nosso espanto e admiração. Por volta das nove horas, as nuvens subitamente se afastam, um raio de sol penetra na catedral e vagueia lentamente por entre as damas. E por toda parte parece hastearem tochas num esplendor ofuscante de chamas de cores incontáveis. Sentimos as pontas dos dedos comicharem, eletrizados pela surpresa

e beleza do espetáculo! Dali a pouco, aparece um enviado especial de algum canto distante do Oriente, juntamente com os embaixadores estrangeiros. Ficamos até sem fôlego, de tão opressivo, deslumbrante e glorioso que é o espetáculo que contemplamos. Quando o enviado do Oriente atravessa o raio de sol, o deslumbramento é total, pois ele está coberto de pedras preciosas da cabeça aos pés e os menores movimentos provocam verdadeiros incêndios coloridos.

Mas vamos mudar o tempo de verbo, por conveniência. O tempo foi passando, uma hora, duas, duas horas e meia... E foi nesse momento que o troar próximo da artilharia anunciou que o rei e seu cortejo haviam chegado. A multidão à espera se entusiasmou. Todos sabiam que haveria ainda alguma demora, pois o rei tinha que ser preparado e vestido para a solene cerimônia. Mas tal demora seria agradavelmente preenchida pela entrada dos pares do reino, em seus trajes suntuosos. Foram conduzidos a seus lugares e seus diademas colocados ao lado. Enquanto isso, nas galerias, a multidão estava agitada por um interesse profundo. É que a maioria via pela primeira vez duques, condes e barões, cujos nomes eram históricos havia quinhentos anos ou mais. Quando todos estavam finalmente sentados, o espetáculo das galerias e outros postos de observação era simplesmente deslumbrante, algo que os presentes jamais iriam esquecer.

Os grandes chefes da Igreja, e seus assistentes, avançaram pela nave, acompanhados por seus séquitos, indo ocupar os lugares designados na plataforma. Foram seguidos pelo lorde regente e outras grandes autoridades do reino. Depois, apareceu um destacamento da guarda real, todos os homens metidos em armaduras de aço.

Houve um momento de espera. Depois, a um sinal, os sinos começaram a repicar. E Tom Canty, num manto comprido, surgiu numa das portas e avançou até a plataforma. Toda a multidão se levantou e a cerimônia de Reconhecimento prosseguiu.

Soou um hino por toda a extensão da catedral. Assim anunciado e recepcionado, Tom Canty foi conduzido ao trono. As cerimônias antigas

continuaram, com uma solenidade imponente, enquanto a assistência olhava atentamente. À medida que a cerimônia ia se aproximando do fim, Tom Canty ia ficando cada vez mais pálido. Uma aflição e abatimento, cada vez mais profundos, foram ocupando seu coração cheio de remorsos.

Chegou o momento do ato final. O arcebispo de Canterbury pegou a coroa da Inglaterra na almofada em que repousava e ergueu-a sobre a cabeça do falso rei, que tremia incontrolavelmente. No mesmo instante, um fulgor de arco-íris se espalhou pelo espaçoso transepto, pois todos os nobres ergueram seus diademas reais sobre as respectivas cabeças... e ficaram imóveis nessa posição.

Um silêncio profundo dominou a Abadia de Westminster. E foi nesse momento que uma aparição surpreendente intrometeu-se na cena, uma aparição que ninguém percebeu, de tão absorvidos que todos estavam na solenidade, até o instante em que começou a avançar pela nave central. Era um menino, de cabeça descoberta, mal calçado, as roupas de plebeu em farrapos. Ele ergueu a mão, com uma solenidade que não condizia com o aspecto lamentável e sujo, e declarou em tom de advertência:

– Eu o proíbo de colocar a coroa da Inglaterra na cabeça desse impostor. *Eu sou o rei!*

No mesmo instante, várias mãos indignadas se estenderam na direção do menino. Mas Tom Canty, em seus trajes reais, adiantou-se rapidamente e gritou, em voz retumbante:

– Larguem-no e tomem cuidado! Ele é o rei!

A multidão ficou atônita, quase em pânico. Todos se levantaram parcialmente, olhando aturdidos para os dois personagens centrais da cena insólita, como pessoas que não sabem se estão acordadas, na plena posse de todos os sentidos, ou dormindo e sonhando. O lorde regente ficou tão espantado quanto os outros, mas se recuperou depressa e exclamou, em tom autoritário:

– Não deem ouvidos a Sua Majestade! O rei foi novamente dominado pela doença! Agarrem o pequeno vagabundo!

Os homens teriam obedecido se o falso rei não tivesse batido com os pés e

gritado:

– Não se arrisquem! Não toquem nele! Ele é o rei!

As mãos ficaram suspensas em pleno ar. Uma paralisia se abateu sobre a imensa catedral. Ninguém se mexia, ninguém falava. Ninguém soube como agir ou o que dizer, numa emergência tão estranha e surpreendente. Enquanto todas as mentes se esforçavam arduamente para chegarem a uma conclusão, o menino continuou a avançar pela nave central, com um porte ereto, uma expressão confiante. Não chegara a ser detido em momento algum, desde o início. E enquanto as mentes confusas continuavam emaranhadas na indecisão, ele subiu na plataforma. O rei correu ao seu encontro, com uma expressão de alegria, caiu de joelhos diante dele e disse:

– Oh, milorde o rei, permita que o pobre Tom Canty seja o primeiro a prestar-lhe vassalagem e a dizer: ponha sua coroa e volte a ser quem sempre foi!

Os olhos do lorde regente fixaram-se com extrema severidade no rosto do menino recém-chegado. Mas, no mesmo instante, a severidade desapareceu, dando lugar a uma expressão de surpresa. O mesmo aconteceu com todas as demais altas autoridades. Todos se entreolharam e recuaram um passo, como obedecendo a um impulso comum e inconsciente. O pensamento que havia em cada mente era o mesmo: “Mas que estranha semelhança!”

O lorde regente, perplexo, pensou por um momento, antes de dizer, respeitosamente:

– Se me permite, senhor, eu gostaria de fazer-lhe algumas perguntas que...

– Responderei a todas as perguntas que desejar, milorde.

O duque fez muitas perguntas, sobre a corte, sobre o falecido rei, sobre o próprio príncipe, sobre as princesas. O menino respondeu a todas corretamente, sem a menor hesitação. Descreveu os seus aposentos no palácio, descreveu os aposentos do falecido rei.

Era estranho, era maravilhoso. Acima de tudo, era misterioso e inexplicável, na opinião de todos os que testemunhavam a cena. A maré estava começando a virar e as esperanças de Tom Canty atingiam o auge. Mas o lorde regente sacudiu

a cabeça e disse:

– Reconheço que se trata de algo maravilhoso, mas não é mais do que nosso senhor o rei também pode fazer.

O comentário e a referência a si mesmo ainda como rei entristeceram Tom Canty, que sentiu suas esperanças desmoronarem. O lorde regente acrescentou:

– Isto não constitui prova suficiente.

A maré estava agora virando muito depressa, mas na direção errada. Ia deixar o pobre Tom Canty no trono e varrer o verdadeiro rei para o mar. O lorde regente fez uma conferência consigo mesmo, apreensivo com um pensamento que lhe ocorrera e chegando a uma conclusão: “É um perigo para o Estado e para todos nós permitir que esse mistério fique sem solução. Poderia dividir a nação e solapar o trono.”

Ele virou-se e disse:

– Sir Thomas, prenda esse... Não! Espere um instante!

O rosto dele se iluminou e fez uma pergunta ao pretendente ao trono que estava em farrapos:

– Onde está o Grande Sinete? Responda a esta pergunta e o enigma estará resolvido, pois somente aquele que foi o Príncipe de Gales conhece a resposta. De algo tão trivial depende agora a sorte de um trono e de uma dinastia!

Foi uma lembrança afortunada, uma lembrança feliz. Todas as altas autoridades do reino manifestaram sua aprovação silenciosa, entreolhando-se rapidamente. Era isso mesmo. Ninguém, além do verdadeiro príncipe, poderia resolver o mistério do desaparecimento do Grande Sinete. Aquele lastimável impostor aprendera muito bem a lição que lhe haviam ensinado, mas nesse ponto as instruções tinham que ser falhas, pois o próprio mestre não poderia responder à pergunta. Ah, era uma ideia realmente muito boa. Agora, a curto prazo, estariam livres daquele aventureiro extremamente atrevido e perigoso. E por isso os dignitários concordaram imperceptivelmente, sorriram interiormente de satisfação, ficaram olhando para aquele menino tolo, esperando vê-lo abalado pela impossibilidade de responder, a confusão a trair sua culpa. Mas todos

ficaram espantados, pois nada disso aconteceu. Com a voz confiante e imperturbável, o menino respondeu:

– Não há a menor dificuldade nesse suposto mistério.

Depois, com a maior naturalidade, ele virou-se e deu uma ordem, com o jeito de quem estava acostumado a assim agir:

– Lorde St. John, vá até o meu gabinete no palácio. Sei que ninguém o conhece tão bem quanto você. Feche a porta. No canto esquerdo do outro lado da porta que dá para a antecâmara encontrará na parede uma cabeça de prego de latão. Aperte-a e abrirá um pequeno compartimento de joias, cuja existência ignorava. Ninguém mais sabia disso, além de mim e do artesão que o fez, a meu pedido. A primeira coisa que verá no compartimento será o Grande Sinete. Pegue-o e traga-o até aqui.

Todos os presentes ficaram espantados com tais palavras e mais espantados ainda por verem o pequeno mendigo dirigir-se ao par do reino sem a menor hesitação ou qualquer medo aparente de errar, chamando-o pelo nome, com uma tranquilidade total e o ar convincente de quem o conhecera durante toda a vida. Lorde St. John ficou tão aturdido que se sentiu compelido a obedecer. Fez menção de se retirar, mas se recompôs um instante depois e continuou onde estava, traíndo sua confusão por um rubor nas faces. Tom Canty virou-se para ele e disse:

– Por que hesita? Não ouviu a ordem do rei? Vá logo!

Lorde St. John fez uma reverência – e todos observaram que foi significativamente cautelosa, não dirigida a nenhum dos dois reis, mas ao terreno neutro que os separava – e partiu rapidamente para cumprir a missão.

Começou então a ocorrer um movimento das partículas resplandecentes do bando de autoridades, lenta e quase imperceptível, mas firme e persistente. Era um movimento como o que se observa num caleidoscópio que é virado lentamente, com os componentes de um maravilhoso conjunto pouco a pouco se despregando, para irem formar outro. Pouco a pouco, tal movimento, no presente caso, dissolveu a multidão colorida em torno de Tom Canty, para

reagrupá-la ao redor do menino em andrajos. Tom Canty ficou praticamente sozinho e isolado. Seguiu-se uma breve espera, de profundo suspense, durante a qual os poucos medrosos que ainda cercavam Tom Canty foram se agregar à maioria. Finalmente, Tom Canty ficou inteiramente isolado, nos trajes e joias reais, um vulto solitário, uma presença conspícua a ocupar um vazio eloquente.

Não demorou muito para que lorde St. John voltasse à catedral. Enquanto ele avançava pela nave, o interesse de todos era tão intenso que o burburinho das conversas, normal em qualquer agrupamento de grandes proporções, cessou inteiramente, sucedido por um silêncio profundo e opressivo. Parecia até que todos prendiam a respiração. No silêncio, os passos dele ecoavam estrondosamente. Lorde St. John chegou à plataforma, parou por um momento, encaminhou-se para Tom Canty, fez uma reverência de obediência e disse:

– *Sire*, não encontrei o Sinete no lugar indicado!

Uma multidão não se afasta da presença de alguém com a peste com tanta pressa quanto os cortesãos pálidos e apavorados se afastaram do esfarrapado pretendente ao trono. No momento seguinte ele estava inteiramente sozinho, sem amigos, sem ninguém a apoiá-lo, um alvo em que se concentravam olhares desdenhosos e furiosos.

O lorde regente gritou, rispidamente:

– Expulsem daqui o pequeno mendigo e o açoitem por toda a cidade! O patife miserável não merece qualquer consideração!

Os oficiais da guarda real se adiantaram para obedecer, mas Tom Canty acenou-lhes para que recuassem, gritando:

– Parem! Quem o tocar pagará com a vida!

O lorde regente estava mais perplexo do que nunca. Virou-se para lorde St. John e disse:

– Procurou direito? Mas de que adianta fazer-lhe tal pergunta? É estranho, muito estranho! Pequenos objetos, simples bagatelas, podem sumir de repente, sem que haja nisso mistério algum. Mas como é possível que o Grande Sinete da Inglaterra tenha sumido, sem que ninguém mais saiba onde está, sendo um

objeto grande, um disco de ouro maciço...

Tom Canty, com os olhos radiantes, adiantou-se abruptamente e interrompeu-o:

– Espere! Acho que isso é suficiente! Era redondo ou grosso? E tinha letras e desenhos gravados? Isso mesmo? Oh, *agora* eu sei o que é esse Grande Sinete que tanta preocupação e aflição tem causado! Se me tivessem dito como era, já poderiam tê-lo recuperado há três semanas! Neste exato momento, eu sei perfeitamente onde está. Mas não fui eu que o escondi lá... em primeiro lugar.

– E quem foi então, milorde? – indagou o lorde regente.

– Aquele que ali está... o verdadeiro rei da Inglaterra! E ele lhes dirá onde está. Assim, todos saberão que foi ele mesmo quem o escondeu. Pense um pouco, meu rei. Puxe pela memória. Foi a última coisa que fez naquele dia, antes de sair correndo do palácio, vestido nos meus andrajos, para punir o soldado que batera em mim!

Reinou novamente o silêncio, que não foi perturbado por qualquer movimento, por nenhum sussurro. Todos os olhos estavam fixos no menino com roupas esfarrapadas, agora de cabeça ligeiramente inclinada, a testa franzida, vasculhando a memória, por entre uma multidão de recordações sem valor, aquele único fato esquivo. Se o recordasse, iria sentar no trono. Se tal não acontecesse, estaria condenado a ser um mendigo e desamparado pelo resto da vida. Os momentos foram passando, transformaram-se em minutos. O menino continuava a pensar, visivelmente angustiado, sem dar o menor sinal de que se recordava. Finalmente, ele deixou escapar um suspiro, sacudiu a cabeça lentamente e disse, com os lábios trêmulos, a voz aflita:

– Recordo muito bem a cena... toda a cena... mas não me lembro de qualquer passagem com o Grande Sinete.

Ele fez uma pausa, depois levantou a cabeça e acrescentou, com extrema dignidade:

– Meus lordes e cavalheiros, se privarem seu verdadeiro soberano do trono que lhe pertence, por falta de uma prova que ele não é capaz de fornecer, nada

poderei fazer. Mas...

– Oh, mas que loucura, meu rei! – gritou Tom Canty, em pânico. – Espere um instante! Pense mais um pouco! Não desista agora! A causa não está perdida! Nem será! Jamais! Preste atenção às minhas palavras... Vou recordar aquela manhã, o que aconteceu exatamente, detalhe por detalhe. Conversamos. Eu lhe falei de minhas irmãs, Nan e Bet... Ah, estou vendo que se lembra disso! Falei também sobre minha avó, sobre as rudes brincadeiras dos meninos de Offal Court... Ah, também está se lembrando disso! Deu-me de comer e de beber. Com a cortesia digna de um príncipe, despachou os servidores, para que eu não me sentisse envergonhado, na minha falta de modos, na presença deles... Ah, também lembra isso!

Enquanto Tom reconstituía os detalhes, o outro menino sacudia a cabeça em confirmação. Os espectadores contemplavam a cena inteiramente aturdidos. A história parecia verdadeira... mas como poderia ter ocorrido tal ligação entre um príncipe e um mendigo? Nunca uma multidão estivera antes tão perplexa, interessada e aturdida.

– De brincadeira, meu príncipe, trocamos de roupa. Paramos então diante de um espelho. E descobrimos que éramos tão parecidos que dava a impressão de que não ocorrera troca alguma... Ah, está lembrando isso também! Foi então que percebeu que o soldado machucara minha mão. Olhe! A marca ainda está aqui. Os dedos continuam um pouco rígidos, ainda não posso escrever direito. Sua Alteza se levantou abruptamente, dizendo que ia punir o soldado. Correu na direção da porta. O objeto a que chamam de Sinete estava em cima da mesa. Pegou-o, olhou ao redor, como se procurasse um lugar para escondê-lo. E seus olhos foram pousar...

– Chega! Já é suficiente! E que Deus seja louvado! – exclamou o pretendente esfarrapado, na maior emoção. – Vá novamente, meu bom St. John. Encontrará o Sinete no braço da armadura milanesa que está pendurada na parede.

– Certo, meu rei! Certo! – gritou Tom Canty. – *Agora* o cetro da Inglaterra lhe pertence. E seria melhor, para quem pense em contestá-lo, que tivesse

nascido idiota! Vá depressa, lorde St. John! Dê asas a seus pés!

Todos os espectadores estavam agora de pé, quase fora de si de tanta inquietação, apreensão e excitação. Por toda parte, irrompeu um zumbido ensurdecido de conversas frenéticas. Durante algum tempo, ninguém entendia ou sequer ouvia coisa alguma, só se interessava pelo que o vizinho gritava em seu ouvido. O tempo – e ninguém sabe se foi muito ou pouco – passou sem que ninguém notasse ou desse qualquer importância. Finalmente, o silêncio voltou a reinar na imensa catedral e, no mesmo instante, lorde St. John apareceu. Subiu rapidamente na plataforma e ergueu a mão... segurando o Grande Sinete da Inglaterra. E todos gritaram em uníssono:

– Vida longa para o verdadeiro rei!

Durante cinco minutos, gritos frenéticos e ruídos de instrumentos musicais ecoaram pela Abadia de Westminster, que parecia agora cheia de neve, com uma tempestade de lenços sendo acenados. E ao longo de tudo isso a figura mais ilustre de toda a Inglaterra ficou parada no centro da espaçosa plataforma, o rosto corado, a expressão feliz e orgulhosa, com os grandes vassallos do reino ajoelhados ao seu redor.

Depois, todos se levantaram. E Tom Canty gritou:

– E agora, meu rei, pegue estes trajes reais e devolva ao pobre Tom, seu mais humilde servidor, os andrajos que lhe pertencem!

O lorde regente interveio:

– Peguem o pequeno patife, tirem-lhe as roupas e o encarcerem na Torre!

Mas o novo rei, o verdadeiro rei, disse:

– Não permitirei que tal aconteça! Se não fosse por ele, eu não teria recuperado minha coroa. Que ninguém se atreva a erguer a mão para fazer-lhe mal! E quanto a você, meu bom tio, meu lorde regente, sua atitude deveria ser de gratidão para com esse pobre menino, pois ouvi dizer que ele o fez duque...

O rei fez uma pausa deliberada. O regente ficou vermelho.

– Mas ele não era o rei, meu tio. Sendo assim, de que vale seu lindo título agora? Amanhã, deverá pedir-me, *por intermédio dele*, para que o título seja

confirmado. Caso contrário, deixará de ser duque e voltará a ser apenas conde.

Diante de tal censura, o duque de Somerset recuou um pouco, por algum tempo. O rei virou-se para Tom e disse bondosamente:

– Meu pobre menino, como pôde lembrar-se do lugar em que eu escondera o Sinete, algo de que me havia esquecido inteiramente?

– Isso foi fácil, meu rei, porque eu o usei muitas vezes.

– Usou-o... mas não sabia explicar onde estava?

– Eu não sabia que era *aquilo* que estavam procurando. Não me disseram como era, Majestade.

– Mas, nesse caso, como foi que o usou?

O sangue afluiu ao rosto de Tom, que baixou a cabeça e permaneceu calado.

– Pode falar, meu bom menino – disse o rei. – Nada precisa temer. Como foi que usou o Grande Sinete da Inglaterra?

Tom balbuciou ininteligivelmente por um momento, inteiramente confuso, antes de dizer:

– Para quebrar nozes!

A avalanche de risadas que saudou a revelação deixou o pobre menino profundamente abalado. Mas se ainda restava alguma dúvida na mente de alguém de que Tom Canty não era o rei da Inglaterra, tal resposta dissipou-a para sempre.

Enquanto isso, o suntuoso manto real era removido dos ombros de Tom e colocado no rei, cujos andrajos ficaram assim devidamente escondidos. Depois, a cerimônia de coroação recomeçou. O verdadeiro rei foi ungido e a coroa colocada em sua cabeça, enquanto os canhões troavam, espalhando a notícia pela cidade. E toda Londres parecia estar sacudida pelas aclamações.



Edward como rei

Miles Hendon já era uma figura bastante pitoresca ao entrar no grande tumulto que ocorreu na London Bridge; estava mais ainda ao sair de lá. Tinha bem pouco dinheiro ao entrar, absolutamente nenhum ao sair. Os punguistas haviam-lhe tirado até o último *farthing*.

Mas a única coisa que tinha importância para ele era encontrar seu menino. Sendo um soldado, não se pôs a procurar a esmo, tratando primeiro de elaborar um plano de campanha.

O que se poderia esperar que o menino fizesse? Para onde se poderia esperar que ele fosse? Miles raciocinou que seu pequeno amigo normalmente voltaria para seu covil antigo, pois esse é o instinto dos que estão com a mente abalada, quando abandonados e desamparados, assim como dos sádios. Mas onde seria o antigo covil do menino? Os trapos dele – assim como o vilão que afirmava ser seu pai – indicavam que ele deveria ter morado num dos bairros mais pobres e miseráveis de Londres. A busca seria difícil e longa? Não. Era mais provável que fosse fácil e rápida. Ele não iria procurar o menino, mas sim uma multidão. No centro de uma multidão, grande ou pequena, mais cedo ou mais tarde, certamente descobriria seu pobre amigo. E, certamente, também a multidão sórdida se divertindo à custa dele, escarnecendo e insultando, ao ver o menino se declarar rei, como invariavelmente acontecia. Miles Hendon trataria então de infligir o castigo merecido a algumas pessoas da multidão abominável e salvaria seu pequeno amigo, iria confortá-lo e animá-lo, com palavras afetuosas. E os dois nunca mais se separariam.

Assim, Miles iniciou sua busca. Hora após hora, ele percorreu vielas e ruas tortuosas e miseráveis, procurando por grupos e multidões, encontrando um

depois de outro, mas sem descobrir o menor sinal do menino. Isso o deixou espantado, mas não o desencorajou. Na sua opinião, não havia nada de errado com o plano de campanha que elaborara. Cometera apenas um pequeno erro de cálculo, pois a campanha estava se prolongando, enquanto ele imaginara que fosse relativamente breve.

Quando a manhã finalmente chegou, ele percorrera incontáveis quilômetros e procurara em inúmeras multidões. Mas o único resultado de sua busca era o de estar consideravelmente cansado, com alguma fome e muito sono. Tinha vontade de comer algo, mas não havia como consegui-lo. Não lhe ocorreu pedir por um pouco de comida. Também não lhe passou pela cabeça empenhar a espada, pois seria o mesmo que se separar de sua honra. Poderia dispensar algumas de suas roupas, é verdade, mas seria tão fácil encontrar um freguês para elas quanto alguém que desejasse adquirir uma doença.

Por volta de meio-dia, Miles ainda estava andando pelas ruas de Londres, agora entre a turba alvoroçada que seguia o cortejo real. É que calculara que o espetáculo real inevitavelmente atrairia seu pequeno lunático. Seguiu o cortejo por toda a cidade de Londres, até Westminster e a própria Abadia. Parou ali, no meio da multidão comprimida nas proximidades, aturdido e perplexo. Finalmente se afastou, tentando conceber algum meio de melhorar seu plano de campanha. E foi andando, imerso em seus pensamentos, até descobrir subitamente que já estava bastante longe de Westminster, e o dia chegava ao fim. Estava perto do rio, num distrito rural, de casas luxuosas, onde alguém vestido como ele certamente não seria bem-recebido.

Não estava muito frio e por isso ele deitou-se junto a uma sebe, para descansar um pouco e pensar. Não demorou muito para que a sonolência o dominasse. O troar distante dos canhões chegou a seus ouvidos e ele disse a si mesmo: “O novo rei acaba de ser coroado.” E um instante depois estava profundamente adormecido. Não dormia nem descansava havia mais de trinta horas. Só foi despertar no meio da manhã seguinte.

Levantou-se, cambaleando um pouco, o corpo dolorido, faminto. Lavou-se

no rio, enganou o estômago com um pouco de água e seguiu para Westminster, maldizendo a si mesmo por ter perdido tanto tempo. A fome ajudou-o a elaborar novo plano. Tentaria falar com o velho Sir Humphrey Marlow, arrumar algumas moedas emprestadas e... Mas, para o momento, tal plano era suficiente. Haveria tempo para ampliá-lo, depois que essa primeira etapa estivesse realizada.

Ele aproximou-se do palácio por volta das onze horas. Embora muitas pessoas ostentosas estivessem seguindo na mesma direção, ele não passava despercebido, pois suas roupas cuidavam disso. Miles observava atentamente os rostos das pessoas ao seu redor, esperando descobrir uma alma caridosa que estivesse disposta a levar seu nome até o velho Sir Humphrey. Ele sabia perfeitamente que não teria a menor possibilidade de entrar pessoalmente no palácio.

Dali a pouco, o nosso menino das surras passou por ele. Virou-se abruptamente e examinou-o, dizendo para si mesmo: “Se esse não é o vagabundo com que Sua Majestade está tão preocupada, então eu sou um asno... como já fui antes. Ele corresponde perfeitamente à descrição. Se Deus fizesse dois assim iguais, seria baratear os milagres, por uma repetição absolutamente desnecessária. Tenho que imaginar um pretexto para falar com ele.”

Miles Hendon poupou-lhe o incômodo, pois virou-se nesse momento, como um homem geralmente costuma fazer, quando sente que alguém o está observando atentamente. Percebendo o interesse nos olhos do menino, aproximou-se dele e disse:

- Você acaba de sair do palácio. Pertence ao pessoal de lá?
- Pertenço, Sua Senhoria.
- Conhece Sir Humphrey Marlow?

O menino estremeceu e disse a si mesmo: “Céus! É o meu falecido pai!” E respondeu em voz alta:

- Conheço muito bem, Sua Senhoria.
- Ótimo. Ele está lá dentro?
- Está, sim – disse o menino, acrescentando para si mesmo: “Dentro de seu

túmulo.”

– Posso pedir-lhe o favor de transmitir meu nome a ele e dizer que suplico a honra de me conceder uma palavrinha?

– Claro que darei o recado de bom grado, meu caro senhor.

– Pois então diga-lhe que Miles Hendon, filho de Sir Richard, está aqui. Eu lhe ficarei profundamente grato, meu bom menino.

O menino ficou desapontado e pensou: “O rei não disse tal nome. Mas isso não importa. Só pode ser o irmão gêmeo do outro e poderá dar informações sobre o Sir Não-sei-das-quantas que Sua Majestade está procurando.” Assim, ele disse a Miles:

– Fique esperando aqui, meu caro senhor, enquanto vou transmitir seu recado.

Miles ficou esperando no lugar que o menino lhe indicara. Era uma reentrância no muro do palácio, com um banco de pedra, refúgio de sentinela quando o tempo não estava bom. Mal se sentara quando passaram alguns alabardeiros, sob o comando de um oficial. Este viu-o, deteve seus homens e ordenou que Miles se adiantasse. Miles não teve outro jeito que não obedecer e foi imediatamente preso, como um tipo suspeito a rondar o palácio. A situação parecia das mais difíceis. O pobre Miles já ia explicar o que estava fazendo ali, mas o oficial ordenou rispidamente que ficasse calado e disse a seus homens que o desarmassem e revistassem.

“Que Deus em sua misericórdia faça com que eles encontrem algo”, pensou o pobre Miles. “Eu próprio já me revistei por diversas vezes e nada consegui encontrar. Espero que tenham mais sorte do que eu, embora minha necessidade seja maior que a deles.”

A única coisa que os guardas encontraram foi um documento. O oficial abriu-o. Hendon sorriu, ao reconhecer os “garranchos” que seu pequeno amigo perdido fizera naquele dia fatídico em Hendon Hall. O rosto do oficial foi-se tornando cada vez mais sombrio, à medida que lia o parágrafo em inglês. Miles, por sua vez, empalideceu terrivelmente, ao ouvir o oficial gritar:

– Outro pretendente ao trono! Parece que hoje eles estão se reproduzindo como coelhos! Segurem esse patife, homens, e não o deixem escapar em hipótese alguma, enquanto eu vou providenciar para que este documento seja entregue ao rei!

Ele afastou-se apressadamente, deixando o prisioneiro sob a vigilância dos alabardeiros. Miles pensou: “Eis que meu azar finalmente terminou, pois dentro em pouco estarei balançando na ponta de uma corda, por causa daquelas coisas que meu menino escreveu! E o que irá acontecer com o pobre coitado? Ah, somente o bom Deus sabe!”

Não demorou muito para que ele visse o oficial voltando, ainda mais apressado. Reuniu toda a coragem, disposto a enfrentar o que estava para acontecer, como convinha a um homem de verdade. O oficial ordenou aos homens que soltassem o prisioneiro e lhe devolvessem a espada, depois inclinou-se respeitosamente e disse:

– Por gentileza, senhor, queira acompanhar-me.

Hendon seguiu-o, dizendo consigo mesmo: “Se eu não estivesse a caminho da morte e do juízo final, devendo portanto ser parcimonioso no pecar, juro que iria esganar esse patife por sua cortesia zombeteira!”

Os dois atravessaram o pátio cheio de gente e chegaram à grande entrada do palácio. O oficial, com outra mesura, entregou Miles aos cuidados de um colega. O segundo oficial recebeu Miles com todo o respeito e conduziu-o por um grande corredor, com fileiras de lacaios de libré nos dois lados (que faziam uma reverência cortês à passagem dos dois, para soltarem depois uma risada silenciosa diante daquele estranho espantalho, no momento em que viam Miles pelas costas). Os dois subiram uma ampla escadaria e finalmente entraram numa sala imensa, abrindo caminho até o centro, entre a nobreza da Inglaterra ali reunida. O oficial fez uma reverência para Miles, recordou-lhe que deveria tirar o chapéu e depois partiu, deixando-o ali sozinho, o alvo dos olhares de todos, de muitas expressões indignadas, de sorrisos divertidos e desdenhosos.

Miles Hendon estava aturdido, não entendia mais nada. Lá estava o jovem rei,

sentado sob um dossel, a cinco passos de distância, a cabeça inclinada e de lado, falando com uma espécie de ave-do-paraíso humana, provavelmente um duque. Miles comentou consigo mesmo que já era terrível ser condenado à morte em pleno vigor da vida, sem que fosse necessário acrescentar aquela humilhação pública. Ele gostaria que o rei se apressasse, pois algumas daquelas pessoas ostentosas já estavam assumindo atitudes insultuosas. Nesse momento, o rei levantou a cabeça ligeiramente e Miles pôde ver-lhe o rosto. E a visão deixou-o inteiramente sem fôlego! Ficou olhando para aquele rosto jovem e bonito, como se estivesse hipnotizado, depois murmurou consigo mesmo: “Deus do Céu! É o senhor do Reino dos Sonhos e Sombras em seu trono!”

Miles murmurou umas frases incompletas, continuou a olhar para o menino, espantado. Depois correu os olhos ao redor, vendo a multidão ricamente vestida, os esplendores da imensa sala. E pensou: “Mas tudo isso é *verdadeiro*... certamente que não se trata de um sonho!”

Olhou novamente para o rei. “Será que é um sonho? Ou será que ele é de fato o soberano da Inglaterra e não o pobre mendigo demente por quem o tomei? Quem poderá dar-me a solução para o mistério?”

Ocorreu-lhe uma súbita ideia. Foi até uma parede, pegou uma cadeira vazia que ali estava e foi colocá-la no centro do salão, sentando-se em seguida.

Irrompeu no mesmo instante um zumbido de indignação. A mão rude de alguém agarrou Miles pelo ombro, uma voz indignada exclamou:

– Levante-se, seu palhaço mal-educado! Como se atreve a sentar na presença do rei?

O tumulto atraiu a atenção de Sua Majestade, que levantou a mão e disse:

– Não toquem nele, pois esse homem tem o direito de sentar-se em minha presença!

A multidão recuou, atônita. O rei continuou:

– Saibam todos, lordes, ladies e cavalheiros, que este é o meu súdito de confiança e muito amado, Miles Hendon, que empunhou a espada para salvar seu príncipe de danos físicos e talvez da morte. E por isso ele é um cavalheiro, de

acordo com a vontade do rei. E saibam também que por um serviço ainda mais elevado, por ter salvado seu soberano de açoites e da vergonha, recebendo-as ele próprio, Sir Miles Hendon é agora um par da Inglaterra, conde de Kent, e receberá terras e ouro condizentes com sua dignidade. Além disso, ele ainda tem o privilégio que acaba de exercer, por vontade real, pois determinamos que os chefes de sua linhagem tenham o direito de sentar na presença dos reis da Inglaterra, daqui por diante, geração após geração, enquanto a coroa perdurar. Não o molestem por isso.

Duas pessoas que, devido a muitos atrasos, tinham acabado de chegar do interior naquela manhã e estavam havia apenas cinco minutos na sala, ficaram aturdidadas ao ouvirem tais palavras, olhando para o rei, depois para o espantinho esfarrapado, novamente para o rei. Eram Sir Hugh e lady Edith. Mas o novo conde não os viu. Estava olhando apenas para o monarca, ainda atordoado e pensando: “Este é mesmo o meu mendigo! O meu lunático! Este é o menino a quem eu pretendia exibir a grandiosidade da minha casa de setenta cômodos e dos empregados de Hendon Hall! Este é o menino que eu julgava jamais ter conhecido outra coisa além de andrajos como vestimenta, de pontapés como conforto, de restos como alimento! Este é o menino a quem *eu* adotei e pretendia tornar respeitável! Ah, quisera Deus que eu tivesse agora um saco para meter a cabeça dentro!”

Miles logo recuperou suas boas maneiras e caiu de joelhos, com as mãos entre as do rei, jurando obediência e agradecendo por suas terras e títulos. Depois, levantou e afastou-se para um lado, respeitosamente, continuando a ser um alvo de muitos olhares... e também de muita inveja.

O rei descobriu a presença de Sir Hugh e disse, em voz irada, os olhos faiscando:

– Despojem esse ladrão de seu falso título e das propriedades roubadas e o metam na prisão, até eu precisar dele para algo!

E assim Sir Hugh foi levado pelos guardas para fora da sala.

Houve uma comoção no outro lado da sala. A multidão de nobres se

entreabriu para dar passagem a Tom Canty, vestido de maneira estranha mas rica, que avançou precedido por um escudeiro. Ele ajoelhou-se diante do rei, que disse:

– Eu já soube de tudo o que aconteceu nas últimas semanas e devo declarar que estou satisfeito com você. Governou o reino com gentileza e misericórdia reais. Já encontrou sua mãe e suas irmãs? Ótimo. Elas serão bem-cuidadas e seu pai será enforcado, se assim o decidir e a lei consentir. Saibam todos que, a partir deste dia, os que habitam o Asilo de Cristo e partilham a generosidade real terão suas mentes e corações alimentados também. E esse menino lá irá habitar e terá o lugar principal no honrado corpo de administradores, pelo resto de sua vida. E como ele foi rei, fica decidido que merece mais do que as formalidades comuns. Assim sendo, observem bem o traje dele, pois por esse traje ele deverá ser reconhecido e ninguém deverá copiá-lo. E onde quer que ele vá, todos devem recordar que já foi rei, não lhe negando a devida reverência. Ele tem a proteção do trono, tem o apoio da Coroa. Deverá ser conhecido e chamado pelo honrado título de Pupilo do Rei.

Tom Canty, feliz e orgulhoso, ergueu-se e beijou a mão do rei, sendo em seguida conduzido para fora da sala. Não perdeu tempo, correndo ao encontro da mãe, de Nan e Bet, para contar-lhes o que acontecera e comemorarem juntos as boas notícias.



Notas:

1. Personagens tradicionais do teatro de bonecos britânicos. (*N. do E.*)
2. Moeda de menor valor na Inglaterra. (*N. do E.*)
3. Pode-se supor que o traje do Asilo de Cristo foi copiado do costume habitual dos cidadãos de Londres nessa época, quando os casacos azuis compridos eram o hábito comum dos aprendizes e servidores e as meias amarelas eram usadas por todos. O casaco se ajustava ao corpo, mas tinha mangas largas. Por baixo, usava-se uma camisa amarela sem mangas. Em torno da cintura, usava-se um cinto vermelho, de couro. No pescoço, uma gola clerical. Um pequeno boné preto, do tamanho de um pires, completava o traje.
4. O rei estava se aproximando rapidamente da morte e temia que Norfolk lhe escapasse. Por isso, enviou uma mensagem à Câmara dos Comuns, indicando seu desejo de que apressassem a aprovação da lei, alegando que Norfolk desfrutava da posição de Marechal do Reino e era preciso designar outro para substituí-lo, a fim de presidir a cerimônia de declaração de seu filho, o Príncipe de Gales, como o herdeiro do trono.
5. Só ao fim desse reinado (o de Henrique VIII) é que cenouras, nabos e outras raízes comestíveis começaram a ser produzidas na Inglaterra. Anteriormente, o pouco que se consumia era importado da Holanda e de Flandres. A rainha Catherine, quando desejava comer uma salada, tinha que despachar um mensageiro para esses países, exclusivamente com tal objetivo.
6. A taça da amizade e as cerimônias peculiares para dela se beber são mais antigas do que a história inglesa. Até onde remontam nossos conhecimentos, a taça da amizade sempre foi usada nos banquetes ingleses. A tradição explica as cerimônias da seguinte maneira: nos tempos antigos, extremamente turbulentos, era necessário tomar a precaução de fazer com que as mãos de ambos os bebedores estivessem ocupadas, para que um dos homens, enquanto jurava amizade e fidelidade ao outro, não aproveitasse a oportunidade para cravar-lhe um punhal.
7. Se Henrique VIII tivesse vivido mais algumas horas, sua ordem para a execução do duque teria sido cumprida. “Mas quando chegou à Torre a notícia de que o rei morrera naquela noite, o comandante adiou o cumprimento da ordem. Posteriormente, o Conselho julgou que não era aconselhável iniciar um novo reinado com a morte do maior nobre do reino, que fora condenado por uma sentença tão injusta e tirânica.”
8. Ele está se referindo à ordem dos baronetes, os *barones minores*, para distingui-la dos barões parlamentares.
9. Os lordes de Kingsale, descendentes de De Courcy, ainda desfrutavam desse curioso privilégio.
10. James I e Charles II tiveram meninos das surras quando eram pequenos para receberem as punições no lugar deles quando erravam nas lições. Assim sendo, assumi o risco de providenciar um menino das surras também para o meu pequeno príncipe, a fim de realizar meus próprios objetivos.
11. “The English Rogue”: Londres, 1665.
12. Era bem possível que um rei tão jovem e um camponês tão ignorante pudessem cometer enganos, como acontece nesse caso. O camponês estava sofrendo as consequências dessa lei por *antecipação*. O rei estava

manifestando sua indignação contra uma lei que ainda não existia. Essa lei infame surgiu justamente no reinado do pequeno rei. Sabemos, no entanto, pela clemência do caráter dele, que jamais poderia tê-la sugerido.

13. A lei tirava expressamente o benefício clerical de muitos tipos de furto. Roubar um cavalo, um falcão ou pedaço de pano de um tecelão era algo a ser punido com o enforcamento. A mesma pena era aplicada a quem matasse um veado na floresta real ou exportasse carneiros do reino. William Prynne, um ilustre advogado, foi condenado (muito tempo depois de Edward VI) a perder as orelhas no pelourinho, expulsão da Ordem dos Advogados, multa de 3 mil libras e prisão perpétua. Três anos depois, ele cometeu novo crime, ao escrever um panfleto contra a hierarquia. Foi novamente julgado e condenado a perder o que lhe restava das orelhas, a pagar uma multa de 5 mil libras, a ser marcado a ferro nas duas faces com as letras S. L. (*Sedition Libeler* — Difamador Sedicioso) e a continuar na prisão pelo resto da vida. A severidade da sentença foi igualada pelo rigor brutal da execução.

Conclusão

Justiça e retribuição

Quando todos os mistérios foram esclarecidos, descobriu-se, pela confissão de Hugh Hendon, que sua esposa renegara Miles por ordem dele, naquele dia fatídico em Hendon Hall. A ordem fora acompanhada pela ameaça de que, se ela não negasse a identidade de Miles Hendon, iria perder a vida. E Hugh era um homem perfeitamente capaz de cumprir tal ameaça. Mas lady Edith dissera que não renegaria Miles, que não dava valor à própria vida, não se importava em morrer. Hugh dissera então que pouparia a vida dela, mas mandaria assassinar Miles. Era uma ameaça terrível e insuportável, e lady Edith acabara cedendo.

Hugh não foi condenado pelas ameaças nem pelo roubo do título e bens do irmão, porque a esposa e Miles não quiseram prestar depoimento contra ele. Aliás, lady Edith não poderia fazê-lo, mesmo que assim o desejasse. Hugh abandonou a esposa e foi para o continente, onde morreu pouco tempo depois. Passado o período conveniente, o conde de Kent casou com a viúva. Houve grandes festas e animação na aldeia de Hendon quando o casal lá esteve pela primeira vez.

Nunca mais se ouviu falar do pai de Tom Canty.

O rei procurou o fazendeiro que fora marcado a ferro e vendido como escravo e resgatou-o da vida horrível com o bando de criminosos, proporcionando-lhe uma existência condigna.

Também tirou o velho advogado da prisão e perdoou-lhe o resto da sentença. Providenciou lares decentes para as filhas das duas mulheres batistas que vira

serem queimadas vivas e puniu severamente a autoridade que ordenara a aplicação dos açoites imerecidos nas costas de Miles Hendon.

Salvou da forca o menino que pegara o falcão extraviado e também a mulher que roubara um pedaço de pano. Mas chegou tarde demais para salvar o homem que fora condenado à morte por matar um veado na floresta real.

Demonstrou o seu favor para com o juiz que dele se apiedara quando o acusaram de roubar um porco e teve a satisfação de vê-lo conquistar a estima pública e tornar-se um homem famoso e honrado.

Enquanto o rei viveu, sempre gostou de relatar suas aventuras, desde o momento em que o sentinela o expulsara do portão do palácio até a noite em que se misturara com um grupo de trabalhadores e entrara na Abadia de Westminster, subindo até o túmulo do confessor e ali se escondendo, dormindo e quase perdendo a hora da coroação. Dizia que a constante repetição da lição preciosa mantinha-o firme no propósito de tirar proveito do que aprendera, em benefício de seu povo. Assim, enquanto sua vida fosse poupada, continuaria a contar a história, reavivando em sua memória os espetáculos lamentáveis que presenciara e mantendo sempre acesa em seu coração a chama da compaixão.

Miles Hendon e Tom Canty foram dois favoritos do rei durante o breve reinado, chorando-o sincera e profundamente quando ele morreu. O conde de Kent tinha bom-senso suficiente para não abusar do privilégio que lhe fora concedido. Mas o exerceu duas vezes, depois da primeira ocasião, anteriormente relatada: por ocasião da subida ao trono da rainha Mary e, depois, da rainha Elizabeth. Um descendente dele exerceu o direito por ocasião da subida ao trono de James I. Quase um quarto de século se passou e o “privilégio dos Kent” já fora esquecido por quase todos. Assim, quando o filho do Kent que usara o privilégio com James I sentou-se na presença de Charles I, diante de toda a corte, para reafirmar e perpetuar o direito de sua casa, houve uma terrível comoção. Mas o caso foi imediatamente explicado e o direito confirmado. O último conde da linhagem tombou nas guerras do reino, lutando por seu rei, e o estranho privilégio terminou com ele.

Tom Canty viveu por muitos anos, um ancião bonito, de cabelos brancos, rosto grave e bondoso. Enquanto viveu, recebeu as honrarias que lhe eram devidas. Era também reverenciado, pois seu traje estranho e desconcertante fazia com que as pessoas lembrassem que, “no seu tempo, já fora rei”. Onde quer que ele aparecesse, a multidão se abria para dar-lhe passagem e um sussurrava para outro:

– Tire o chapéu, pois ele é o Pupilo do Rei!

E assim todos o saudavam e recebiam em retribuição um sorriso bondoso.

O pobre rei Edward VI viveu apenas por uns poucos anos, mas os viveu dignamente. Mais de uma vez, quando algum vassalo importante da Coroa, algum alto dignitário argumentava contra sua indulgência e dizia que a lei que ele estava alterando era branda demais e que só por meio do sofrimento e da opressão é que o povo se submetia e obedecia, o jovem rei exibia a eloquência triste de seus olhos dominados por profunda compaixão e respondia:

– O que *você* pode saber de sofrimento e opressão? Eu e meu povo sabemos, mas você, não!

O reinado de Edward VI foi singularmente misericordioso, para aqueles tempos cruéis. E agora que o estamos deixando, devemos pelo menos tentar jamais nos esquecermos disso, dando-lhe o crédito que merece.

fim

Posfácio

No verão de 1876, Mark Twain começou a escrever uma continuação para *As aventuras de Tom Sawyer*. Tencionava dar ao novo livro o título de *As aventuras de Huckleberry Finn*. Estava convencido de que seria um livro tão fácil de escrever quanto o anterior. Os primeiros 16 capítulos foram realmente escritos com a maior facilidade, mas depois as palavras lhe faltaram. Posteriormente, ele pensou diversas vezes em queimar o original incompleto, mas acabou guardando-o, na esperança de que a inspiração retornasse. Sete anos se passaram, no entanto, antes que ele conseguisse concluir a obra-prima recalcitrante. Durante esse período sabático de improdutividade, Mark Twain escreveu outras obras. *A Tramp Abroad (Um vagabundo no exterior)* foi publicado em 1880, *O príncipe e o mendigo* em 1882 e *Vida no Mississippi* em 1883. O primeiro era um livro de viagens sobre a Europa, no mesmo estilo cômico que se tornara famoso com *The Innocents Abroad (Os inocentes no exterior)*, publicado em 1869. O terceiro abordava um dos assuntos prediletos de Twain, o rio Mississippi, mais do ponto de vista autobiográfico do que de ficção. As duas são obras bastante semelhantes. Mas *O príncipe e o mendigo* é ainda mais expressivo do gênio de seu autor. Nenhuma outra obra que Mark Twain escreveu, nem mesmo *Huckleberry Finn*, nos oferece um quadro mais nítido dos temas que ocuparam sua imaginação como a história de Tom Canty e Edward Tudor.

Antes de mais nada, há a coincidência em torno da qual gira toda a narrativa: o pária de Offal Court e o Príncipe de Gales são extraordinariamente parecidos.

Durante toda a sua vida de escritor, Mark Twain sempre foi fascinado pelo tema dos gêmeos, pois tal condição tornava possível (ou pelo menos literariamente plausível) que duas pessoas trocassem de identidade. A ideia de viver a vida de outra pessoa sempre exerceu um fascínio persistente sobre o ex-piloto de barcas do Mississippi, Samuel Clemens, que se tornou famoso no mundo inteiro com o nome de Mark Twain. Em *O príncipe e o mendigo*, escrito no período mais feliz da vida de Twain, a troca de identidade acarreta perigos, mas produz também grande felicidade. A troca liberta os dois meninos do controle de pais tirânicos (uma fantasia que se repete na ficção de Mark Twain e indubitavelmente reflete seu próprio relacionamento torturado com John Marshall Clemens), amplia-lhes os horizontes intelectuais, aguça-lhes o senso moral, torna-os seres humanos melhores, sob todos os aspectos. Mas nos últimos anos de Mark Twain o período do declínio até a invalidez permanente de sua esposa, a morte de Susie Clemens (uma das duas filhas a quem ele dedicara alegremente *O príncipe e o mendigo* e era sua predileta entre todos os filhos) e o seu desastroso envolvimento financeiro com as máquinas tipográficas Paige, a que se seguiu a falência e o total desencanto com o sórdido materialismo da vida americana (um desencanto que se tornou ainda mais profundo pelo sentimento de culpa por saber que também sucumbira à sedução da “deusa-cadela”),¹ ele passou a conceber a troca de identidades como um horror, uma armadilha, um beco sem saída moral, do qual não havia escapatória. Foi com esse ânimo que escreveu *Pudd’nhead Wilson* (*O pateta Wilson*), publicado em 1894, em que contava a história de um bebê negro e outro branco que tinham sido trocados ainda no berço e cresceram em lares trocados, o que resultou em consequências desastrosas. Ao fim da década de 1890, Mark Twain, em sua imaginação torturada, concebeu uma visão depois de outra de crianças com temperamentos de meninos aprisionadas em corpos de meninas, de homens aprisionados em corpos de animais, de incontáveis criaturas dignas de compaixão, lutando em vão para se libertarem de personalidades que abominavam. O universo aberto que permitira a Huck Finn entrar e sair das

identidades de Sarah Mary Williams, George Jackson e um camareiro inglês, que possibilitara a Tom Canty e Edward Tudor trocarem de papéis por um curto período, mas bastante instrutivo, fechara-se abruptamente, como uma vingança.

Assim, a ideia básica para a história de *O príncipe e o mendigo* antecipa muitas das obras do período posterior de Mark Twain. A novela também utiliza algumas das realizações anteriores de Twain, especialmente de *As aventuras de Tom Sawyer*. Em *O príncipe e o mendigo* também temos um herói cujo nome é Tom, cuja imaginação foi estimulada pela leitura de livros românticos e cujo comportamento foi fundamentalmente influenciado por essas leituras:

Pouco a pouco, as leituras e os sonhos de Tom sobre uma vida de príncipe foram causando forte efeito sobre ele, a tal ponto que começou a se comportar como um príncipe, inconscientemente. Suas maneiras e seu modo de falar foram se tornando curiosamente cerimoniais e cortesões, para imensa admiração e divertimento de todos que o conheciam.

A cena é a Inglaterra do século XVI, mas a situação é igualmente remanescente dos divertimentos infantis naquele mundo encantado de St. Petersburg, à margem do Mississippi, o mundo da turma de Tom Sawyer, em que todos os meninos eram cavalheiros. A única diferença entre Tom Sawyer e Tom Canty, nesse particular, é que Tom Canty tem a oportunidade de transformar a fantasia em realidade. Tom Sawyer tem que exigir o máximo de sua imaginação, durante todo o tempo, para manter a ilusão de que Cardiff Hill representa as ameias de um castelo medieval ou qualquer outra coisa e de que Joe Harper é realmente um membro da Távola Redonda. Mas Tom Canty é transportado do reino de fantasia que criou na sordidez e miséria de Offal Court e colocado no centro da pompa e esplendor de uma corte autêntica. Tom Sawyer, a inveja de todos os meninos de St. Petersburg, teria certamente invejado esse seu equivalente do século XVI.

No entanto, a partir do momento em que o sonho romântico do herói se converte em realidade, Mark Twain começa a desmascarar todo o seu encanto. Tom Canty, como logo se descobre, não é apenas um Tom Sawyer inglês, pois

também possui alguns traços marcantes de Huck Finn. Refletindo o curioso amálgama de romantismo e antirromantismo de Mark Twain, Tom Canty fica, ao mesmo tempo, emocionado e desiludido com o novo ambiente em que de repente se descobre. Como Huck Finn, Tom verifica que a respeitabilidade pode ser tediosa, que o protocolo é cansativo, que as roupas suntuosas servem para reprimi-lo. Como Hank Morgan, essa versão adulta de Huck Finn que é o herói de *Um ianque na corte do rei Arthur* (1889), Tom não consegue deixar de aplicar algumas alfinetadas de bom senso popular na pomposidade real:

Outro secretário de Estado começou a ler um relatório sobre as despesas domésticas do falecido rei, que tinham sido de 28 mil libras nos seis meses anteriores, uma soma tão vasta que Tom Canty ficou espantado, deixando escapar um suspiro de surpresa...

Tom pôs-se a falar, impetuosamente:

– Parece evidente que estamos quase arruinados. Por isso, é necessário que arrumemos uma casa menor e que sejam dispensados os criados que não são absolutamente indispensáveis...

Novamente como Hank Morgan, o que nos faz recordar o antirromantismo de Twain, Tom não demora a descobrir que toda a pompa da corte não passa de uma fachada a esconder uma ordem social terrivelmente injusta, baseada na exploração sistemática e no assassinato legalizado. Sob muitos aspectos, é claro, *O príncipe e o mendigo* pode ser considerado um livro para crianças; foi inicialmente concebido para divertir as filhas do autor, e, desde então, tem encantado crianças do mundo inteiro. Mas o que ergue o livro acima de simples entretenimento para mentes ainda não formadas é a seriedade da sátira social. Como um americano democrata, fervorosamente orgulhoso das conquistas de seu país, Twain não podia admitir que muitos dos seus compatriotas, inclusive o colega escritor Henry James, parecessem preferir as instituições da vida inglesa, decidindo-se a denunciá-las como realmente eram. (O que Twain não compreendia era que os americanos anglófilos não eram necessariamente cegos às injustiças sociais da sociedade do Velho Mundo; se Twain tivesse se dado ao trabalho de ler *The Princess Casamassima*, de James, publicado na mesma década

que *O príncipe e o mendigo* e *Um ianque na corte do rei Arthur*, teria encontrado algumas das denúncias contra a Inglaterra hierárquica que ele próprio estava formulando.)

A Inglaterra não era o único alvo do desdém antirromântico de Twain. Sua sátira era uma faca de dois gumes, cortando em ambos os lados do Atlântico. Twain nascera e fora criado num estado escravista. Durante breve período, servira como oficial de uma companhia de milicianos confederados, no início da Guerra Civil americana. Mas por ocasião de seu casamento com uma jovem do Norte e quando fixou residência em Hartford, Connecticut, Twain já se tornara havia muito o que seu amigo íntimo William Dean Howells chamou de “um sulista dessulizado”. Ou seja, Twain se convencera de que a instituição da escravidão era a maior tragédia da história americana e que o Sul cometera um erro terrível ao defendê-la. Procurando explicar para si mesmo como o Sul pudera incorrer em tal erro, Twain chegara à conclusão de que as ilusões românticas da sociedade eram responsáveis por tal situação. Na frase sucinta de Twain, Walter Scott “causara a Guerra Civil”. Com isso, ele queria dizer que os romances de Scott haviam sido a fonte coletiva da qual o Sul extraíra sua absurda crença coletiva no código dos duelos e no aparato de pseudofeudalismo, por meio do qual se iludia, acreditando que os negros no cativeiro eram servidores fiéis, estavam contentes com sua sorte e que os exploradores brancos eram a própria expressão da benevolência. Na década de 1880, que assistiu ao retorno dos Bourbons ao poder nos estados do Sul, Mark Twain utilizou seu talento de contador de histórias para alertar contra o ressurgimento de sonhos desmoralizados.

Tom Canty, o oprimido que ascende a uma posição privilegiada, proporciona uma perspectiva das injustiças da vida antidemocrática. Edward Tudor, o príncipe que é mergulhado no turbilhão dos bairros pobres de Londres e do interior miserável, proporciona outra. Ao contar essa parte da história,

Twain apoiou-se mais do que habitualmente em seu modelo literário predileto. Como tem acontecido com muitos escritores americanos, de Hugh Henry Brackenridge a William Dean Howells e William Faulkner, o imortal *Dom Quixote* de Cervantes atraía Mark Twain mais profundamente que qualquer outra obra em prosa da literatura. A forte influência sobre as próprias criações literárias de Twain pode ser verificada em *Huckleberry Finn*, *Um ianque na corte do rei Arthur* e inúmeros contos, aparecendo ainda mais nitidamente na história do príncipe que virou mendigo. Ao contrário do cavaleiro de Cervantes, o pequeno príncipe não está realmente louco, mas todos pensam que está, inclusive seu fiel companheiro ao estilo de Sancho Pança, Miles Hendon. O resultado é a ironia, pois as repetidas ordens do pequeno príncipe para que se faça justiça são universalmente encaradas como uma manifestação de insanidade, quando na verdade tais ordens derivam de uma crescente *perda* de ilusão sobre a natureza da realidade. Como a jornada de Huck Finn pelo Mississippi, as aventuras do pequeno príncipe constituem um curso completo sobre a maldade e depravação humanas. Através dos olhos espantados de um menino alienado, vemos cenas do submundo inglês que são tão realistas quanto os quadros de Hogarth e que possuem uma estranha característica de pesadelo:

Deparou com uma cena lúgubre e fantástica. Uma fogueira ardia no chão, no outro lado do celeiro. Em torno dela, iluminado de forma estranha pelo clarão vermelho, reunia-se o grupo mais variegado e assombroso da ralé das sarjetas, como o pequeno príncipe jamais vira nem sequer sonhara que pudesse existir. Havia homens imensos, corpulentos, curtidos pela exposição ao sol, de cabelos compridos, metidos em andrajos inacreditáveis. Havia rapazes de tamanho mediano, de semblantes truculentos e igualmente em andrajos. Havia mendigos cegos, com vendas sobre os olhos, aleijados com pernas de pau e muletas. Havia um mascate com aspecto de vilão e uma mochila, havia um amolador de faca, um funileiro e um cirurgião-barbeiro, todos com os instrumentos dos respectivos ofícios. Algumas das mulheres eram pouco mais que meninas, outras estavam plenamente amadurecidas, algumas eram megeras idosas e encarquilhadas; todas falavam alto, eram desbocadas e impudentes. E todos estavam sujos e desmazelados. Havia também um par de cachorros vira-latas, com cordões amarrados no pescoço, cuja função era guiar cegos.

A questão angustiante é só uma: será que tais pessoas podem ser salvas? Ao

longo de sua carreira, Mark Twain sempre acalentou o sonho de um salvador que viria redimir um mundo imperfeito. Repetidamente, ele projetou tal sonho em sua ficção. “Pudd’nhead” Wilson dedica sua vida à justiça social. Hank Morgan torna-se o “Chefão” da Inglaterra do tempo do rei Arthur e se empenha em dar ao povo uma “nova era”. A heroína de *Personal Recollections of Joan of Arc* (*Recordações pessoais de Joana D’Arc*, de 1896) empolga uma nação inteira com a vitalidade de sua visão. Huck Finn torna-se o libertador do Negro Jim. Em *O príncipe e o mendigo*, Tom Canty e Edward Tudor desempenham igualmente o papel de salvadores, o primeiro com mais eficácia, porque detém o poder durante a maior parte da história. Mas, ao fim, o pequeno príncipe também tem a oportunidade de se tornar o salvador triunfante. Em uma daquelas “cenas de circo” que Mark Twain tanto apreciava, o pequeno príncipe avança todo esfarrapado pela nave central da Abadia de Westminster e para a cerimônia de coroação – como Tom Sawyer aparecendo de surpresa em seu próprio enterro –, a fim de reivindicar seus direitos. O fim de *O príncipe e o mendigo* é realmente feliz.

Contudo, sob o tropel de acontecimentos que nos enchem a alma de satisfação, ao fim do livro há um pessimismo latente. Somos informados de que o reinado de Edward Tudor está condenado a ser breve. O salvador não ocupará o trono da Inglaterra por muito tempo. Esse fato mórbido complementava os sentimentos cada vez mais amargos de Mark Twain sobre seu próprio papel na sociedade americana depois da Guerra Civil. Como sua personagem histórica predileta, Joana d’Arc, Twain também desejava conclamar uma nação à procura e conquista da grandeza. Possuía também uma visão das possibilidades da vida que desejava partilhar com seus compatriotas. Mas nos Estados Unidos da Idade de Ouro os heróis nacionais eram os milionários. Os artistas literários não passavam de meros fornecedores de entretenimento. As opiniões deles sobre as questões sociais não eram levadas muito a sério. Condenado a ser apenas um bobo da corte da América, aos poucos Mark Twain foi descobrindo que sorrir

era algo insuportável. Descarregou suas amargas frustrações em muitas obras. Portanto, é bastante significativo que em *O príncipe e o mendigo* todos os personagens principais clamem por serem reconhecidos pelo que realmente são, o que é negado durante a maior parte da história. Miles Hendon, Edward Tudor e Tom Canty têm suas verdadeiras identidades contestadas. Todos são repudiados e a sociedade ri de suas reivindicações. Por fim, tudo acaba bem: Miles, Tom e Edward finalmente conquistam o que lhes pertence por direito. Mas a vitória deles é conquistada por uma pequena margem. O estado de espírito feliz do autor, que se refletiu nessa vitória, foi ainda mais temporário e breve que o reinado de Edward Tudor. Dois anos depois, em *Huckleberry Finn, as vozes da alienação e do repúdio são novamente ouvidas. E, depois disso, vão se tornando cada vez mais altas, até culminarem com a risada zombeteira de O estranho misterioso (1916), que ecoa através de um universo vazio.*

Kenneth S. Lynn

Historiador, biógrafo e crítico literário

Nota:

1. O culto à deusa-cadela refere-se à busca desenfreada do sucesso, do êxito; refere-se à valorização desmedida do dinheiro. O autor critica essa atitude ao escolher um termo sarcástico, depreciativo (deusa-cadela) para designar o dinheiro, o sucesso. (*N. do E.*)

ATENDIMENTO AO LEITOR E VENDAS DIRETAS

Você pode adquirir os títulos da BestBolso através do Marketing Direto do Grupo Editorial Record.

- Telefone: (21) 2585-2002
(de segunda a sexta-feira, das 8h30 às 18h)
- E-mail: mdireto@record.com.br
- Fax: (21) 2585-2010

Entre em contato conosco caso tenha alguma dúvida, precise de informações ou queira se cadastrar para receber nossos informativos de lançamentos e promoções.

Nossos sites:

www.edicoesbestbolso.com.br

www.record.com.br

EDIÇÕES BESTBOLSO

Alguns títulos publicados

1. *Paula*, Isabel Allende
2. *Baudolino*, Umberto Eco
3. *O diário de Anne Frank*, Otto H. Frank e Mirjam Pressler
4. *O caso do hotel Bertram*, Agatha Christie
5. *O segredo de Chimneys*, Agatha Christie
6. *O poderoso chefão*, Mario Puzo
7. *A casa das sete mulheres*, Leticia Wierchowski
8. *O primo Basílio*, Eça de Queirós
9. *Mensagem*, Fernando Pessoa
10. *O grande Gatsby*, F. Scott Fitzgerald
11. *Suave é a noite*, F. Scott Fitzgerald
12. *O silêncio dos inocentes*, Thomas Harris
13. *O diário de Bridget Jones*, Helen Fielding
14. *Toda mulher é meio Leila Diniz*, Mirian Goldenberg
15. *Os sete minutos*, Irving Wallace
16. *Uma mente brilhante*, Sylvia Nasar
17. *O príncipe das marés*, Pat Conroy
18. *O buraco da agulha*, Ken Follett
19. *O jogo das contas de vidro*, Hermann Hesse
20. *Acima de qualquer suspeita*, Scott Turow
21. *Fim de caso*, Graham Greene
22. *O poder e a glória*, Graham Greene

23. *As vinhas da ira*, John Steinbeck
24. *A pérola*, John Steinbeck
25. *O cão de terracota*, Andrea Camilleri
26. *Ayla, a filha das cavernas*, Jean M. Auel
27. *A valsa inacabada*, Catherine Clément
28. *Fera de Macabu*, Carlos Marchi
29. *O pianista*, Wladyslaw Szpilman
30. *Doutor Jivago*, Boris Pasternak

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

O príncipe e o mendigo

Wikipédia do autor:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Mark_Twain

Goodreads do autor:

http://www.goodreads.com/author/show/1244.Mark_Twain

Skoob do autor:

<https://www.skoob.com.br/autor/655-mark-twain>

Skoob do livro:

<https://www.skoob.com.br/o-principe-e-o-mendigo-1123ed26238.html>

Sinopse do livro:

http://www.record.com.br/livro_sinopse.asp?id_livro=23845

Perfil do autor no site da Record:

http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=2013